

11- 2.281

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

---

# OS CIGANOS

DE

## PORTUGAL

COM UM ESTUDO SOBRE O CALÃO

MEMORIA DESTINADA A X SESSÃO

DO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ORIENTALISTAS

POR

F. ADOLPHO COELHO

S. S. G. L.

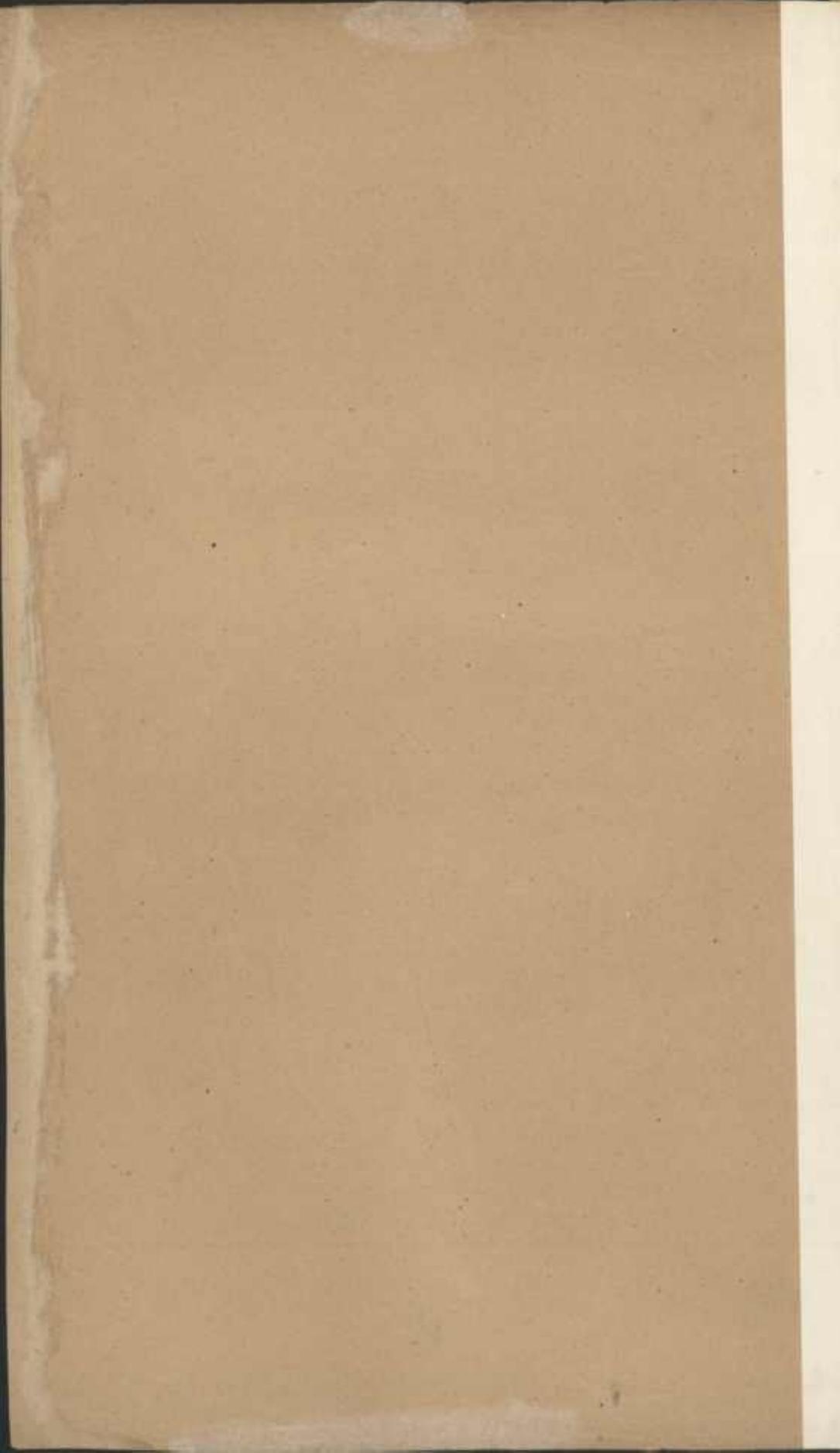
31



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1892



OS CIGANOS DE PORTUGAL

—  
COM UM ESTUDO SOBRE O CALÃO



SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

OS CIGANOS *H. G.*

DE

PORTUGAL *5926*

COM UM ESTUDO SOBRE O CALÃO

MEMORIA DESTINADA À X SESSÃO

DO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ORIENTALISTAS

POR

F. ADOLPHO COELHO

S. S. G. L.



*1133877*

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1892

Nuestra ventura, que fue cuntra nuz,  
Por tierraz estrañaz nuz tiene perdidaz.

G. Vicente, *Farça das Ciganas*.

... somos señores de los campos, de los  
sembrados, de las selvas, de los montes,  
de las fuentes y de los rios.....  
... por dorados techos y suntuosos pala-  
cios estimamos estas barracas y movibles  
ranchos.....

Cervantes, *La Jitanilla*.

16. Jan. 183

AO SENHOR

GASTON PARIS



Meu querido amigo:

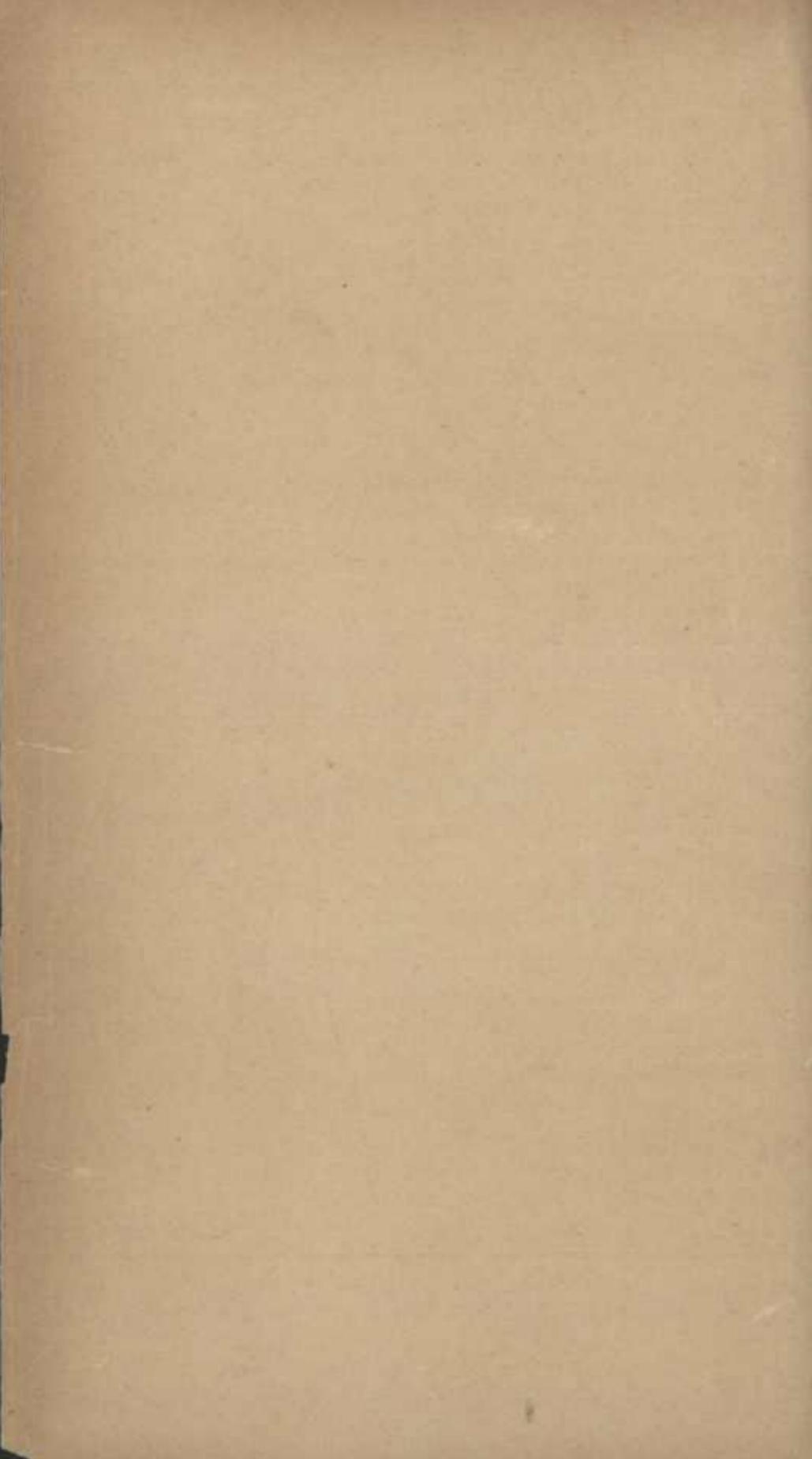
Eneontrei muitas e valiosissimas lições e direcção para os meus estudos em todos os seus escriptos, e mais de uma vez, nas horas de desalento, vieram as suas palavras affectuosas insuflar-me o animo que me fallecia. Tinha eu, pois, razão sobeja para honrar a pagina de dedicatoria de um livro meu com o seu nome illustre e venerado, não para pagar a divida, que não se paga, mas para provar que a tinha bem presente no meu espirito.

Não era este volume de modestissimas aspirações o que eu destinava a esse preito, mas obra de mais folego e por ventura menos imperfeita. Todavia as circumstancias dolorosas da minha patria, resultado previsto de causas contra as quaes combato ha mais de vinte annos, a incerteza do futuro, até o mais proximo, tiram-me a segurança da perspectiva de levar a cabo os trabalhos a que tenho consagrado mais tempo e mais sacrificios.

Agora que se me offereee ensejo de lhe enviar uma expressão publica do meu respeito e reconhecimento, aproveito-a, pedindo-lhe que, como critico a aprecie no pouco que ella vale, mas como amigo a considere só pelo que ella quer significar.

Lisboa, 1 de setembro de 1892.

*F. Adolpho Coelho.*



O presente trabalho é o desenvolvimento e complemento de uma curta noticia que ministrei aos redactores de *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques, Compte rendu de la neuvième session à Lisbonne. 1880* (Lisbonne, Typographie de l'Académie Royale des Sciences, 1884, 8.º gr.) e que elles quizeram dar-me a honra de inserir nesse volume, de pag. 667 a 681, e fazer reproduzir numa tiragem á parte de 50 exemplares.

Divido o trabalho em tres partes :

- I. A lingua dos ciganos de Portugal.
- II. O calão ou giria portuguesa e suas relações com a lingua dos ciganos.
- III. Historia e esboço ethnographico dos ciganos de Portugal com dois appendices, um contendo documentos, outro sobre os ciganos do Brasil.

Cumpre-me dizer que este trabalho teve por ponto de partida materiaes reunidos pelo intelligente e infatigavel folk-lorista de Elvas, o sr. A. Thomaz Pires, que a pedido meu investigou a lingua e a ethnographia dos ciganos do Alemtejo, já directamente, já com o auxilio de amigos seus alemtejanos.

Na *Revista Lusitana*, I (1887), pag. 3 a 20 publiquei um primeiro ensaio sobre a lingua dos ciganos do Alentejo, baseado sobre alguns curtos textos e uma lista de palavras que aquelle investigador me enviara, contendo ao todo uns 250 termos.

Depois d'aquella publicação o sr. Pires enviou-me algumas phrases novas e uma nova colleção de termos, collido tudo da boca de um cigano pelo sr. Francisco Lobão Rasquilha, lavrador da freguezia do Santa Enlalia, no concelho de Elvas. De outro lado o redactor da *Revista Lusitana*, sr. José Leite de Vasconcellos, teve occasião de estudar a lingua de um grupo de ciganos que encontrou no Cadaval (Extremadura), naquelle mesmo anno, e enviou-me o resultado d'esse estudo. Um dos ciganos, que lhe ministrou os elementos da lingua, disse que elle e a sua gente eram originarios dos arredores de Lisboa. O sr. Leite de Vasconcellos poude auxiliar-se do meu artigo, publicado na sua *Revista*, e como notou algumas differenças entre os dados alli reunidos e os que elle colheu, suppoz a existencia de um dialeto particular nesses ciganos que se diziam da Extremadura. As differenças notadas existem, em parte pelo menos, tambem entre os ciganos do Alentejo, como provam os factos novos que me deu a conhecer o sr. Pires; assim a forma *romanó*, notada pelo sr. Leite de Vasconcellos, existe tambem no Alentejo.

Com os novos subsidios, o vocabulario apresenta agora cêrca do dobro dos termos ou formas differentes que tinha naquella publicação; algumas formas não são dadas em artigos espeeiaes, mas nos mesmos artigos que as variantes. Os termos ou formas novas collidas na Extremadura pelo sr. Leite de Vasconcellos levam a abreviatura —VASC., que as distingue das recebidas do Alentejo.

O confronto dos novos materiaes com os anteriores, nova revisão dos vocabularios gitanos á minha disposição permittiram diversas correções nos textos e vocabulario, em que supprimi tambem alguns artigos ou por muito duvidosos ou por imteis.

A investigação do sr. Leite de Vasconcellos confirmou pela maior parte os dados do vocabulário publicado na *Revista Lusitana*: ao cigano por elle explorado só eram desconhecidos os seguintes termos d'aquelle vocabulário: *bocunchas* (mas conhecia a forma *boque*), *chasar*, *chupeño*, *chubelar*, *choriné*, *chiquel* (mas conhecia a forma *chuquel*), *churon*, *combisarar*, *cratiá*, *culrró*, *dicañi*, *erná*, *gajon*, *gorbelar*, *grupo*, *gustipeñi*, *istitelar* (mas conhecia *ustilar*), *jucalorro*, *llen*, *millen*, *miquelar*, *olibás*, *olipandó*, *pandelar*, *parnau* (mas conhecia *parné*), *putarró*, *paté*, *pato*, *peti*, *vaisaro*, *rebrandiñi*, *satalla* (mas ministrou o termo *asitaluna*, que é connexo com *satalla*), *sombrimé*, *sonsidelar*, *soltar*, *sorbar* (mas conhecia a forma *sobar*), *tardimen*, *taribé* (mas conhecia a forma *estariben*), *taripeñas* (cfr. *estariben*), *trupo*. Alguns desses termos não são do fundo tsigano europeu.

Das formas e vocabulos novos recebidos ultimamente do Alentejo vinham os seguintes na lista do sr. Leite de Vasconcellos: *abillar*, *chor*, *foro*, *llaque*, *mol*, *najar*, *papires*, *pallilli* (*paquilli*), *quec*, *romanó*, *tusa*.

A reconhecida competencia do sr. Leite de Vasconcellos como dialectologo, a perfeita seriedade do sr. Thomaz Pires e seus collaboradores, todos os caracteres intrinsecos do que reuniram, incluindo os erros que revelam a novidade do assumpto para elles, provau-me á evidencia a perfeita authenticidade dos textos e do vocabulário. Se nalguns rarissimos casos houve burla, essa partiu dos eiganos. O sr. Pires conta, por exemplo, que um cigano a quem perguntou o que era lua na sua lingua, lhe respondeu que era *balebá*, que aliás significa toucinho.

As relações entre o tsigano e as gírias justifica a adjuncção a este trabalho da parte II. Se mais fosse preciso para me justificar, lembraria o exemplo de Pott, que na introdução do vol. II dos seus *Zigeuner* se occupou das gírias em geral. Em verdade o assumpto tomou aqui maiores dimensões do que era meu intuito primitivo dar-lhe e ainda assim deixei de inserir muitos factos que determinei.

Os dados do esboço ethnographico dos ciganos que se acha na parte III provêm principalmente do sr. Thomaz Pires, a quem devo tambem o traslado dos documentos que descobri no Archivo da Camara municipal de Elvas.

Sem duvida mais largas investigações nos archivos e nos escriptores permittiriam alargar essa tereceira parte; mas faltando-me o tempo para essas investigações, exprimo o desejo que outrem as faça.

O fim principal d'este estudo é ministrar á sciencia os dados essenciaes de que ella carecia para completar com o conhecimento dos ciganos de Portugal o dos outros grupos irmãos, já mais ou menos estudados. O assumpto era, por assim dizer, virgem, pois apenas aqui e alli se encontrava alguma rara e accidental noticia dos nossos ciganos e ácerca da lingua d'elles nem palavra em os nossos escriptores, que até foram sempre escassos no que respeita aos ciganos em geral. Permitta-se-me que ponha em relevo, todavia, que esse mesmo estudo se liga ás minhas investigações geraes sobre as linguas mixtas, de que os dialectos tsiganos são tão frisantes exemplos, e sobre os problemas da ethnologia geral, taes como a persistencia dos caracteres ethnicos, as migrações, as formas primitivas das relações internacionaes, problemas para cuja solução a tsiganologia ministra dados importantes.

Julguei dever encerrar-me em muito modestos limites. Os problemas geraes relativos aos tsiganos (designo assim, com outros investigadores, os ciganos portuguezes e todos os grupos parentes dos outros paizes) têm sido objecto de consideraveis trabalhos, a que envio o leitor desejoso de se informar, porque poderia dar apenas a minha opinião e de modo algum materiaes novos para resolver aquelles problemas; e essa mesma opinião não offereceria nada de novo, pois eu sigo simplesmente a direcção em que se collocam os espiritos menos phantasistas e que é a que prevalecerá naturalmente na sciencia.

O presente trabalho demonstra, creio, que os ciganos de Portugal devem ser considerados como um simples ramo

dos gitanos de Hispanha; ora a lingua d'estes foi objecto de diversas publicações, conhecidas, dos principaes glottologos que se occuparam da lingua tsignana, Pott, Ascoli e Miklosich; por isso limitei-me, em geral, a comparar o cigano com o gitano, sem ir mais longe, porque se quizesse penetrar nas fontes remotas do cigano e do gitano pouco mais poderia fazer que repetir o que escreveram aquelles investigadores celebres, e esse pouco exigiria longos estudos para os quaes me faltam o tempo e os indispensaveis meios.

A quem queira instruir-se sobre os tsignanos em geral indicarei, além dos trabalhos de Pott, Ascoli e Miklosich, cujos titulos transcrevo mais abaixo, as seguintes publicações, em que, como nas d'esses glottologos, se acham abundantissimas indicações bibliographicas, que não haveria utilidade nenhuma em repetir aqui:

*Origin of Gypsies* in *Edinburgh Review*, n.º 303.

Francis H. Groome. *Gypsies* in *The Encyclopaedia Britannica*, vol. x (1879), pag. 611-618.

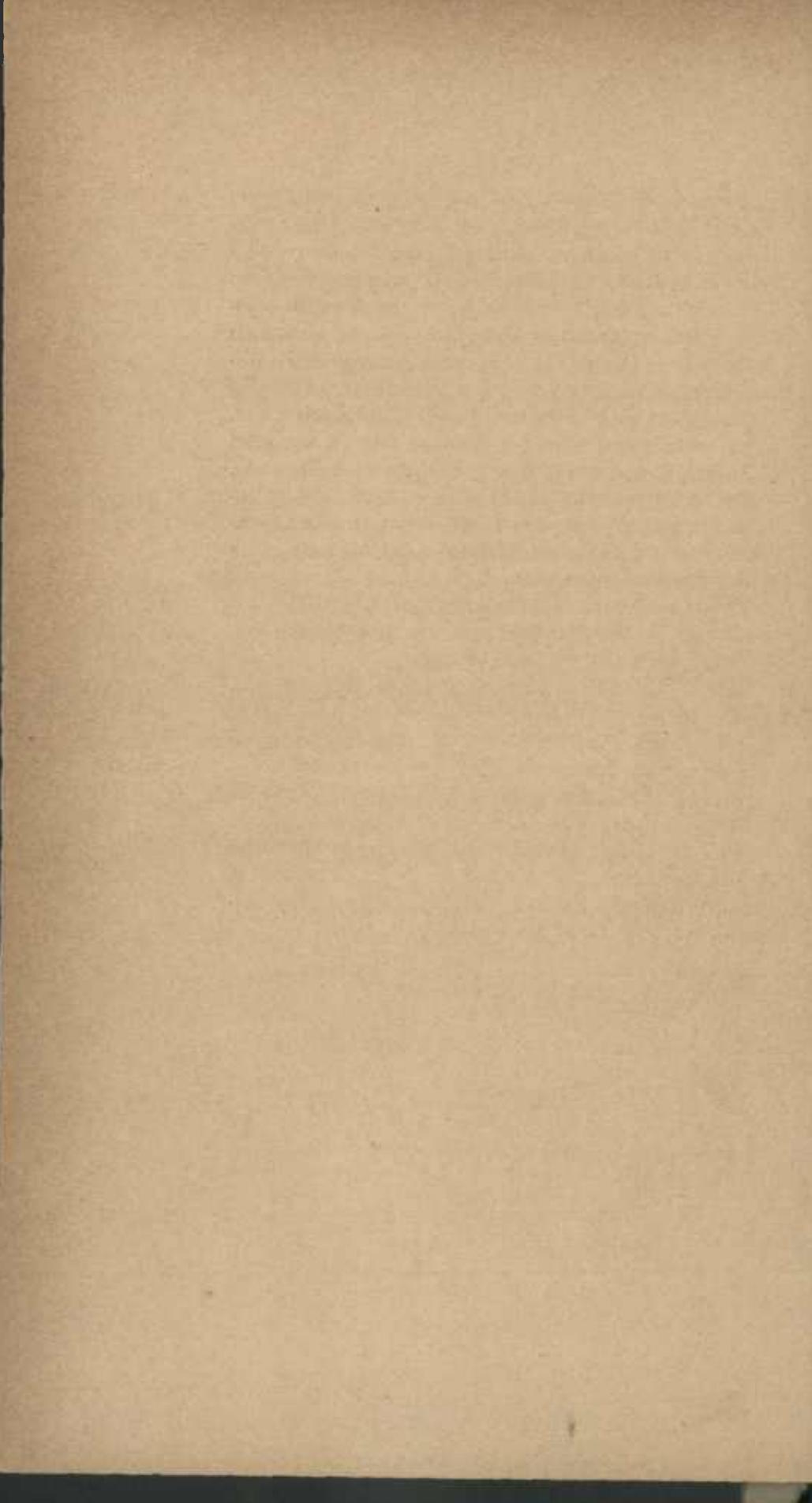
Adriano Colocci. *Gli Zingari. Storia d'un popolo errante*. Turin, 1889.

Guido Cora. *Die Zigeuner* in *Das Ausland*. Jahrgang 63 (1890), n.ºs 31, 32, 33, 34, 36.

Pischel. *Die Heimat der Zigeuner* in *Deutsche Rundschau* 1883, Sept., pag. 353-375.

Paul Bataillard. Diversas memorias, cujos titulos se acham em Colocci.

A. Pott in *Internationale Zeitschrift für allgemeine Sprachwissenschaft*, II (1885), pp. 110-115.



# I

## A LINGUA DOS CIGANOS<sup>1</sup>

### a) Textos

- |                                               |                                    |
|-----------------------------------------------|------------------------------------|
| 1. Ai chai!                                   | Ó tu! (?)                          |
| 2. Gorobon de sanacay.                        | Um cordão de oiro.                 |
| 3. Currelalo, ustitelalo.                     | Bate-lhe, agarra-o.                |
| 4. El jambo se camela ru-<br>mandiñar.        | O homem que quer casar-se.         |
| 5. Manguiñela el jambo.<br>Ustilela al jambo. | { Pede ao homem.                   |
| 6. Para jalar terela boque.                   | Para comer se tem fome.            |
| 7. Parnés de sanacay.                         | Moedas de oiro.                    |
| 8. Non li pineles.                            | Não lhe peças.                     |
| 9. Mira que te dica.                          | Repara que te olha.                |
| 10. Sonsidela qu'el gajon<br>diquela.         | Repara que o gajo está<br>olhando. |
| 11. Mira ese paio.                            | Olha esse estranho.                |
| 12. Por la tasara di calicó!                  | Pela manhã.                        |
| 13. Por la tardimen.                          | Pela tarde.                        |

---

<sup>1</sup> Como a base principal da lingua dos ciganos de Portugal é o hispanhol, ainda que influenciado pelo português, emprego a orthographia hispanhola. Represento todavia por *x* o som do port. *ch* no Sul. Sigo a disposição usual nos vocabularios portugueses.

- |                                                                         |                                                          |
|-------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| 14. Es di chibé.                                                        | É de dia.                                                |
| 15. Medio chibé.                                                        | Meio dia.                                                |
| 16. Media arachí.                                                       | Meia noite.                                              |
| 17. Plasarela el lampio.                                                | Apaga a candeia.                                         |
| 18. Si chalo.                                                           | Foi-se embora.                                           |
| 19. Aplasarelate, abaixarelate.                                         | Abaixa-te. (?)                                           |
| 20. S'está chibando airún.                                              | Está-se abanando (á lettra: está-se deitando ar).        |
| 21. Non le camelo.                                                      | Não o quero.                                             |
| 22. Ni dicalo.                                                          | Nem vê-lo.                                               |
| 23. Miquela que m'istitelan.                                            | Deixa-me que me apanham.                                 |
| 24. Miquela que lo ba ajustisarar.                                      | Deixa que o vá ajustar.                                  |
| 25. Miquelame sorbar.                                                   | Deixa-me dormir.                                         |
| 26. Estoy acharán.                                                      | Estou zangado.                                           |
| 27. Lo maráron en un castí.                                             | Mataram-no num poste, na forea.                          |
| 28. Estás machingarnó.                                                  | Estás bebado.                                            |
| 29. Por el palonó me quieren ustabar.                                   | Querem-me roubar pelo curral.                            |
| 30. Allá chalo.                                                         | Lá vou.                                                  |
| 31. Ya ehaso.                                                           | Já venho.                                                |
| 32. Non pineles eso.                                                    | Não digas isso.                                          |
| 33. Te amarelo con una ehurí.                                           | Mato-te com uma faca.                                    |
| 34. Manguñela que non é pirabada.                                       | Dize-lhe que não é roubada. (?)                          |
| 35. Pode pillar en todas las pañís.                                     | Pode beber em todas as aguas.                            |
| 36. Manguñela ó labraoresa (ou laboroçal) que te diñele.                | Pede ao lavrador que te dê.                              |
| 37. Eseusas de manguñar que non te camela diñar (ou que non te diñela). | Eseusas de pedir que não te quer dar (ou que não te dá). |

38. Meetes! Non chingare- Alto! Não ralhes mais com  
les mas con los ga- os collegas!  
chés.
39. Ai! mi patarró maró, a Ai! meu pae morreu, a quem  
quien me combisará me encommendarei eu?  
yo?
40. Chasa, manú! Ustila la Anda, homem! Toma a es-  
puer y amarila este pingarda e mata esse ho-  
jambo que bamos a ni- mem que vamos roubar-  
eobar los parnés. lle o dinheiro.
41. El sacramento Otibé sca O sacramento de Deus ve-  
el que benga en mi nha em men auxilio.  
bea!
42. Ay! el sacramento Oti- Ai! o sacramento de Deus  
bé que nos bá marar! que nos vae matar! Olha  
Mira lo que querela o que fazes, Deus!  
(sic), Otibé!<sup>1</sup>
43. Que chorró está el chibé Que carregado está o dia que  
que non pueden andar não podem andar os cães.  
los chiqueles!
44. Del posonó si chicubela Da nora se tira a agua.  
la pañí.
45. Te bas alijerar tanto Vaes abarcando tanto que os  
qui á luego los jam- homens vão-nos tirar com  
bos nos ban a ustilar o vulto do que abarcas.  
con el grupo di lo que ligarelas.
46. La dicañi está abertisa- A porta está aberta, a ver se  
ra, a ber s'el jambo o homem nos olha, a ver  
nos diquela, a ber se se o podemos roubar.  
lo podemos ustabar.
47. Entrun la calli á una Entrou a cigana nuna loja e  
camalli y ustiló dos roubou dois lenços, e os  
dielés, y los jambos homens atrás d'ella corre-

<sup>1</sup> Exclamação por occasião das trovoadas.

- destrá si la chalaban y ram e tiraram-lhe os dois  
l'ustilaran las dos di- lenços e á cadeia a leva-  
clés; á la taripeñas la ram.  
chibaran (*ou* la liga-  
raran).
48. Non quecrela baguin. Não faça caso.
49. Escusas de manguñar Escusas de pedir que não te  
que non te camela di- quer dar, *ou* que não te  
ñar, *ou* que non te dá.  
diñela.
50. Terela alguna guchí. Tem alguma coisa.
51. Terela bute parnés. Tem muito dinheiro.
52. Tu billelas ou te maque- Vens ou deixas-te (ficas)?  
las?
53. Pinelale que non es ma- Dize-lhe que não és rouba-  
ladé. da.
54. Be se te diñela. Vê se te dá.
55. Bamos pirabala. Vamos violentá-la (futurê).
56. Bamos? — Nanais, que Vamos (roubar)? — Não, que  
está narachichunga. está a noite feia, tene-  
brosa.
57. Me lo pinaran a mangue. Contaram-m'o a mim.
58. No molachí. (Diz-se de um covarde ?)
59. Guillemos araeerar. Vamos fallar.
60. Bamos junar Otebel la Vamos ouvir missa?  
eanguerí?
61. Tusa chalelas. Tu sabes.
62. Amanga non terelo. Eu não tenho.
63. Abillela, los jambos d'a- Vem; os estranhos (os não  
palé *de trás* de la ciganos) atrás da gente  
sucete. (correm).<sup>1</sup>
64. Abillela ó coi. Vem cá.
65. Pasa medio chibé. Passa de meio dia (é tarde).

<sup>1</sup> Esta phrase trazia a traducção: olha que correm atrás de ti; mas *abillelar* significa vir; *apalé* detrás; poz-se, pois, no texto a traducção d'esse adverbio cigano.

66. Posta del can. Pôr do sol.  
 67. Plajo para las naelés. Rapé.  
 68. Plar la chaborilla. Irmã.  
 69. Ron de mi plar. Cunhado (á letra: marido  
 de meu irmão ou irmã).

70. Á noche estube en chiqué<sup>1</sup>  
 Dama, para pirabar-te;  
 Pé<sup>2</sup> non ha podio sé,  
 Qu'estabas con el arate.

71. Catro calés me diñaste  
 Hermosísimo chupeño,  
 Y yo te he dicho trínca el bato  
 Qu'el arachí nos beremos<sup>3</sup>.

72. Por no haberle diñau el mando,  
 Aora serrana me beo,  
 Castigai-ta de sus manos<sup>4</sup>.

73. Enero. Se tu pañi fu- Janeiro. Se tu agua (chuva)  
 rata chicubelas, en fóra deitas (?) nos tens  
 tus mulés me jinelo; mortos me ca. . . . .; nem  
 ni el chuquel á la o cão á rua pode sair em  
 oricha puede sicabar teus dias.  
 en tus chibés.

74. Ferbruno. Como came- Fevereiro. Como queres que  
 las q'ustabele s'eres roube se és um leiteiro, se  
 un lecheruno, si non não deixas ronbar, porque  
 niquelas ustabar, as noites são penosas; as

<sup>1</sup> Em (tua) casa.

<sup>2</sup> Pero.

<sup>3</sup> Deste-me um bellissimo beijo por quatro quartos; e eu disse-te desvia (?) o pae; que nos veremos á noite.

<sup>4</sup> Texto evidentemente incorrecto.

porque las arachís son penosas; las patís non mi miquelón, del hir, desamarisar las petís.

mãos não me deixam, com o frio, desamarrar as bestas.

75. **Marso.** Como camelas, Marso, que yo baya a randar, se tus pañís son muchas, y yo non puedo colisarar? Se ustabar puedo dos grañís, los raisaros estan di tras, randalas he podido, y ora el pasisarar?
- Março.** Como queres, Março, que vá roubar, se as tuas aguas são muitas e eu não posso passar? Se roubar posso duas eguas, os ribeiros estão de trás, roubal-as pude, e agora passar?
76. **Abriluncho.** Abela con las habunchas en el mandiluncho.
- Abril.** Vem com as favas no mandil.
77. **Maió.** En las fardisaras de mi romí mi sorbelo.
- Maió.** Nas saias de minha mulher me durmo.
78. **Junioluncho.** Los sega-brunchos ban a seguir y los calés ban di tras, y nicobelan los gués, cando sorbando s'están.
- Junho.** Os segadores vão a segar e os ciganos vão detrás e furtam os burros quando dormindo s'estão.
79. **Juliuncho.** Como las grañís pones a hacer la mulla, sabiendo que acaban la mulla, y chuga, y salen los calés e se las nicobelan?
- Julho.** Com as eguas pões a fazer a debulha, sabendo que acaban a debulha, e..... e saem os ciganos e as roubam?

80. **Agostuncho.** En la huer- **Agosto.** Na horta está o  
tisara sina el julay; hortelão; adormeceu já;  
soltó se ya; los chu- os cães me ladram, eu pão  
queles me ladrisare- lhe dou, já lhe furto duas  
lan, yo manró le bestas que grandes são já.  
chubelo, ya le chieu-  
belo dos petis que ba-  
riás son ya.
81. **Setembruncho.** Como **Setembro.** Como deixas as  
miquelas las choris mulas em os curraes,  
en los palonolarés, sendo o mez mais contra-  
siendo el mesuncho rio dos roubos? Deixaste-  
más contrariuncho de las roubar, vem um eiga-  
los gustipeñís? Dejas- no e t'as ronba.  
telas choriar, biene un  
ealó y te las nicoba.
82. **Octubruncho.** Está lo **Outubro.** Está o pastor na  
pastorehuncho en su sua choça, e os cães la-  
chosimé, y los chu- dram e os eiganos lhe rou-  
queles ladrisarelan, y bam as burras.  
los ealés le nicobelan  
las ernás.
83. **Novembruncho?** **Novembro?**
84. **Decembruncho.** El me- **Dezembro.** O mez das fomes.  
suncho de las bocun- Andam os eiganos de  
chas. Andan los calés monte em monte para  
de montuncho en poder comer. Janeiro  
montuncho para po- vem, e saimos a roubar,  
der jalar. Eneruno para vir bom tempo, para  
abela, y sicabamos a os filhos poderem comer  
randar, pa benir bon  
tempisaro, pa los cha-  
borriillos poder jalar.

## b) Vocabulario

Incluo neste vocabulario todos os termos proprios da lingua dos ciganos, ainda quando são derivados de palavras hispanholas ou portuguezas, ou quando são palavras hispanholas ou portuguezas, sem suffixo novo, mas com significação propria ao cigano, excluindo ou o que é simplesmente hispanhol ou portuguez, ou ainda as formas mixtas hispano-portuguezas.

Em as notas que seguem as definições, limito as minhas comparações, como já disse, ao tzigano ou gitano da Hispanha. Essa parte comparativa seria talvez mais completa se eu tivesse á minha disposição as obras seguintes:

- R. Campuzano. *Origen, usos y costumbres de los gitanos, y diccionario de su dialecto*. 2.<sup>a</sup> edicion. Madrid, 1851.  
 E. Cruzillo. *Vocabulario del dialecto gitano*. Madrid, 1844.  
 A. de C. *Diccionario del dialecto gitano. Origen y costumbres de los gitanos*. Contiene mas de 4:500 voces. Barcelona, 1846.  
 D. A. Jimenez. *Vocabulario del dialecto gitano, con cerca de 3:000 palabras*. 1.<sup>a</sup> ed. 1846. 2.<sup>a</sup> ed. Sevilla, 1853.  
 V. de Rochas. *Les Parias de France et d'Espagne (Cagots et Bohémiens)*. Paris, 1876. (Contém palavras do dialecto dos gitanos do norte de Hispanha.)

A seguinte publicação é, segundo Pott, um extracto da de Borrow, abaixo citada:

Hudson. *Gli Zingari in Spagna*. Milano, 1878.

Os trabalhos que possuo sobre a lingua e litteratura dos tziganos da Hispanha são os seguintes:

George Borrow. *The Zincali; or an account of the Gypsies of Spain*. London, 1843. 2 vol. 8.<sup>o</sup>, vol. II. *Appendix: The Zincali. Vocabulary of their language*, pp. \*3-\*119.

*El gitanismo. Historia, costumbres y dialecto de los gitanos*, por D. Francisco de Sales Mayo. Con un epitome de gramática gitana, primer estudio filológico publicado hasta el día, y un diccionario caló-castellano, que contiene, ademas de los significados, muchas frases ilustrativas de la acepcion propia de las palabras dudosas. Por D. Francisco Quindalé. Novissima edicion. Madrid, 1870. peq. 8.º 76-76, pp.

*Colecion de Cantes flamencos*, recogidos e anotados por Demófilo (Antonio Machado y Alvarez). Sevilla. 1881, peq. 8.º

*Die Cantes flamencos*, von H. Schnhardt. Halle a/S. 1881, 8.º (Separatabdruck aus der *Zeitschrift für rom. Philologie*, v.)<sup>1</sup>

Francisque Michel. *Le pays Basque, sa population, sa langue, ses mœurs, sa littérature, et sa musique*. Paris, 1857, 8.º Cap. VII: *Les Bohémiens du pays basque*. Vocabulaire p. 144-146.

Os trabalhos scientificos de que me sirvo para o estudo dos dialectos tsiganos em geral são os seguintes:

A. F. Pott. *Die Zigeuner in Europa und Asien*. Ethnographisch-linguistische Untersuchungen, vornehmlich ihrer Herkunft und Sprache, nach gedruckten und ungedruckter Quellen. 2 vol. 8.º Halle, 1844-1845.

G. I. Ascoli. *Zigeunerisches*. Besonders auch als nachtrag zu dem Pott'sehen werke «Die Zigeuner in Europa und Asien». Halle, 1865, 8.º

Dr. Franz Micklosich. *Ueber die Mundarten und Wanderungen der Zigeuner Europa's*. I-XII in *Denkschriften der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*. Philosophisch-

---

<sup>1</sup> Não esteve á minha disposição o livro de Balsameda y Gonzalez, *Primer cancionero de coplas flamencas populares segun el estilo de Andalucía*. Sevilla. 1881. Vid. sobre esse poeta flamenco F. Rodriguez Marin, *Cantos populares españoles*, vol. III, pp. 230-234.

historische Classe. Wien, 1872 ss. Bd. XXI, XXII, XXIII, XXV, XXVI, XXVII, XXX, XXXI. — *Beiträge zur Kenntniss der Zigeunermundarten*. I–IV. Sitzungsberichte der kais. Akad. der Wissenschaften. Wien. Bd. LXXVII, LXXXIII, XC. Das tres primeiras memorias eito a paginação da separata, das ontras a paginação do corpo dos *Denkschriften*.

## A

abaixarelar, v. a. Abaixar. Vid. abaixisarelar.

abaixisarelar, v. a. Abaixar. Port. *abaixar*.

abelar, abillar, v. n. Vir, chegar. Git. *abillar*, *abillelar*, v. n. Venir, acudir. MAYO. BORROW.

abertisara, s. e adj. f. Aberta. Port. *aberta*.

abillelar, v. n. Vir. Git. *abillelar*, v. n. Venir, llegar. MAYO. To come. BORROW.

abriluncho, s. f. Abril. Port. e hisp. *abril*.

acaís, s. m. pl. Olhos. VASC. Vid. sacaís.

acharán, adj. Zangado. Git. *jacharar*, v. a. Calentar, esaldar, abrasar. MAYO. To burn. Quemar. BORROW. *jachare*, s. m. Quemazon, tormento. MAYO. Esta derivação foi-me suggerida por Demófilo, *Colecion de cantes flamencos*, p. 43, n. 1, e justifiea-se: 1.º phoneticamente, pela troea de *h* e *j* em gitano e eiganó (vid. *jambo*); 2.º morphologicamente, porque *acharán* por *\*acharanó* é uma forma do part. pret. frequente em tsgano (Miklosich, *Abhandl.* II, 14), o que se confirma ainda pela forma *achardó*, collida pelo sr. Leite de Vasconcellos, e que é um particípio pret. em *dó*, typo tambem frequente em tsgano (Miklosich, *ibid.*, p. 8 segg.; vid *pinodó*); 3.º semanticamente pelo facto, entre outros, de que o hisp. *quemarse* tem os sentidos de — queimar-se, agastar-se, impacientar-se. «*Estar acharado*, diz Demófilo, es otro modismo andalnz que significa estar con disgusto, pero disgusto que tiene mas de

pena concentrada que de ira; la palabra *acharao*, acharado, es el participio del verbo *achararse* que parece *caló*, aunque no lo hallamos en el diccionario de D. Francisco Quindalé. Este verbo se emplea mucho en Andalucía en sentido de incomodarse, enojarse, disgustarse». Demófilo correlaciona-o com git. *jacharar*.

achardó, adj. Zangado. VASC. Vid. *acharán*.

achochinar, v. a. Louvar.

acotistamente, adv. Sem ser presentado. Vid. *cotistá*.

agostuncho, s. m. Agosto. Port. e hisp. *agosto*.

agullá, s. Laranja. Vid. *gollás*.

airesuncho, s. m. Ar. VASC. Hisp. *aire*.

airm, s. m. Ar. Hisp. *aire*.

ajustisarar, v. a. Ajustar. Hisp. *ajustar*.

alijerar, v. a. Vid. *ligarar*.

almarroñas, s. f. pl. Alforjes. Git. *manroña*, s. f. Alforja.

MAYO. *manronas*, s. pl. Bags (for bread). BORROW.

alsiplesis, s. m. pl. Casas dos botões.

amanga, (amangues. VASC.), pron. pess. Eu. (Nós, nos?).

Git. *amangue*, pron. pess. Nosotros, nosotras, nos (en general). MAYO. Vid. *mangue*.

amarelar, v. a. Matar. Vid. *marar*.

ancia, s. f. T. giria. Agua. VASC. Vid. infra *caião* *ancia*.

ancian, s. m. Moinho. Git. *asiá*, s. m. Aeeña, molino.

MAYO. *azia*, s. f. Mill. BORROW. *osian*. Schuchardt, p. 12.

andantes, s. f. pl. T. giria. Meias. VASC. Port. e hisp. *andar*.

apalé, adv. Detrás. Git. *apalá*, adv. Detrás. MAYO. Behind. BORROW.

aparador, s. m. T. giria. Cão. VASC. Port. e hisp. *aparador*.

apatuscos, s. m. pl. T. giria. Aparelhos de montar. Mistura de port. *aparelho* ou hisp. *aparejo* eom port. *patusco*, associado unicamente pelo som.

aplasarelar, v. a. Pagar. Abaixar? Git. *plasarar*, v. a. Pagar, satisfazer, recompensar. MAYO, BORROW.

aracañá, s. m. Guarda, policia. VASC. Git. *aracate*, s. 2. Guarda. MAYO. s. m. Guard. BORROW. *jaracañales*,

s. pl. Guards, officers of the revenue. Guardas, carabineiros. BORROW.

aracarar, v. a. Vid. araquerar.

arai, s. m. Cavalleiro. VASC. Git. *eray*, s. m. Caballero. MAYO. Gentleman, knight. BORROW.

arachí, s. f. Noite. Git. *arachi*, s. f. Noche. adv. De noche, por la noche. MAYO. Last night. Anoche. BORROW.

araquerar, v. a. Fallar. Git. *araquerar*, v. a. Hablar, señalar, proclamar. MAYO. To speak, talk, call. BORROW.

arate, s. m. Sangue. Git. *arate*, s. m. Sangre, menstruacion. MAYO.

arboléo, s. m. Arvore. VASC. Hisp. *arbol*, *arboledo*; port. *arvore*, *arvoredo*.

archí, s. f. Noite. VASC. Vid. *arachi*.

aricañas, s. m. pl. Botões.

ascuno, s. m. Abysmo? (Asco, nojo. VASC. Port. e hisp. *asco*.)

asitalluna, s. f. Azeitona. VASC. Vid. *satalla*.

atracay, s. f. Uva. Git. *traquia*, s. f. Uva. MAYO. BORROW.

## B

baguim, s. m. Caso (importancia, consideração). Git. *bajin*, s. m. Respeto, atencion. MAYO.

balabá, (balbá. VASC.), s. m. Toneinho. Git. *balebá*, *balibá*, s. m. Tocino. MAYO.

bale, s. m. Cabello. *Los bales del mui*, bigode. Git. *bal*, *bale*, s. m. Pelo, cabelo. MAYO. s. f. Hair. Pelo. Borrow.

balebá, s. m. Vid. balabá.

(balichó. VASC.), balichú, s. m. Porco. Git. *baliché*, s. m. Cerdo, puerco. MAYO. *balichó*, s. m. Hog. Marrano. BORROW. Cf. *bato* 2.

balul, s. m. Azinheiro.

(balulas. VASC.), balules, s. pl. Vid. *balunes*.

balunes, s. m. pl. Calças. Git. *baluñé*, s. m. Calson corto. *balunés*, s. pl. Pantaloons. Pantalones. BORROW.

bancuncho, s. m. Banco. VASC. Port. e hisp. *banco*.

1. bar, s. f. Pedra. VASC. Git. *bar*, s. f. Piedra, roca. MAYO. Stone. BORROW.
2. bar, s. Horta. Git. *bal*, s. f. Garden, kitchengarden. Jardin. Huerta. BORROW. Noutros dialectos tsganos *bári*, *bar*, sebe, jardim. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 175.
- barbaló, adj. Rico. Git. *barbaló*, í, adj. Rico, exquisito. MAYO. Rich, strong. Rico, fuerte. BORROW.
- barbuna, s. f. Barba. VASC. Port. e hisp. *barba*.
- barcó, s. m. Carneiro. Vid. *barquí* e *branquiá*.
- baró, adj. Grande. Git. *baré*, *baró*, *barí*, adj. Gran, grande, superior, excellente. MAYO. Great. BORROW. A forma *barías* do texto n.º 80 é o feminino plural, em git. *barías*, com translação do accento.
- barquí, s. f. Ovelha. Vid. *barcó* e *branquiá*.
- barr, s. Horta. Vid. bar 2. :
- basisaro, s. m. Copo. Hisp. *raso*.
- basñí, basñó, s. Gallinha, gallo. Git. *basnó*, s. m. Gallo. MAYO. Cock. BORROW.
- baste, s. m. Mão. VASC. Git. *bate*, *baste*, s. f. Mano. MAYO. *bas*, s. f., *bastes*, pl. The hand. Mano. BORROW.
- bata, s. f. Mãe. Git. *bata*, s. f. Madre. MAYO.
1. bato, s. m. Pae. Git. *bato*, s. m. Padre. MAYO. Father. BORROW.
2. bato, s. m. Porco. Bisc. *baticho*, *balicho*, cochon. Fr. Michel, p. 144.
- bea, s. m. Auxilio. (Justiça. VASC.) [Git. *bea*, s. f. Medida. MAYO].
- bibiora, s. f. Abelha. Tsig. bisc. *bedeyo*, abeille. Fr. Michel, p. 144.
- bicha, s. f. Cobra. Port. *bicha*.
- billelar-se, v. refl. Vir. Vid. *abillear*.
- binar, v. a. Vender. Git. *linar*, v. a. Vender. MAYO. To sell. BORROW.
- blancaera, s. f. T. giria. Cal. VASC. Hisp. *blanco*.
- bohe, s. f. Fava. Git. *bohi*, s. f. Haba. MAYO. *bóbes*, s. pl. Beans. Habas. BORROW.
- bocunchas, s. f. Fome. Vid. *boque*.

boque, s. f. Fome. Git. *boquí*, s. f. Hambre. MAYO. *boqui*, *boquis*, s. f. Hunger, famine. BORROW.

brancuncho, adj. Braneo. VASC. Port. *branco*.

branquiá, s. m. Carneiro; borrego. s. f. Cabra. Git.

*bracó*, s. m. Carnero. *braquí*, s. f. Oveja. *braquiló*, *í*, s. Cordero, a. MAYO. *bracuñí*, s. f. A sheep. Oveja. BORROW.

*braquí*, s. f. Ovelha. VASC. Vid. *barquí* e *branquiá*.

1. bregue, s. m. Monte. Git. *brejí*, s. m. Field, mountain. Campo, monte. BORROW.

2. bregue, s. m. Anno. Git. *breje*, s. m. Año. MAYO.

bucharron, s. m. Tiro. Git. *bucharrar*, v. a. Echar, arrojar, lanzar, etc. MAYO. *bucharar*, v. a. To shoot. BORROW.

budar, s. Porta. Git. *burda*, s. f. Gate, door. Puerta. BORROW.

bul, s. m. Membro viril (?). Git. *bul*, s. m. Orificio, ano. MAYO. The anus. BORROW.

bute, adv. Muito. Git. *but*, adv. Muy. MAYO. *buter*, *butré*, adv. More. Mas. BORROW.

## C

eabruncha, s. f. Cabra. VASC. Port. e hisp. *cabra*.

cachas, s. f. pl. Tesoira. Git. *catcha*, s. m. Tijera. MAYO.

*cachás*, s. f. pl. Scissors. BORROW.

caique, pron. indef. Ninguem. Git. *caique*, pron. indef. Nadie. adj. 2. Ninguno, a. MAYO.

cajuquí, s. f. Lua (?). (adj. f. Surda. VASC.) [Git. *cajuquy*, s. f. File. Lima. BORROW. *cajuquí*, adj. f. Surda. MAYO. A lua seria chamada a surda?]

calduncho, s. m. Pão. Port. e hisp. *caldo*.

calé, s. m. Moeda de eobre. Git. *calé*, s. m. Cuarto de nario, moneda. MAYO.

callardí, s. f. (Preta. VASC.) Lueto. Moreella. Git. *callardí*, adj. f. Negra. Vid. *callardo*, adj. Black. Negro. BORROW.

callicó, calicó, s. m. Manhã. Git. *callicó*, s. m. y adv. Mañana. MAYO. *callicó*, s. m. Dawn. Madrugada. BORROW.

caló, calé, adj. e s. m. Cigano. *callí*, adj. e s. f. Cigana. Git. *caló*, *callí*, adj. Gitano, a. Atezado, moreno, a. MAYO. *caló*, *caloro*, s. m. A Gypsy, a black. *calli*, s. f. A Gypsy woman. BORROW.

camallí, (camellí. VASC.), s. f. Loja, casa de venda. Git. *camení*, s. f. Shop. Tienda. BORROW.

cambelés, s. m. Camarada (?).

camelar, v. a. Querer, amar. (VASC. dá *camelo*, como s. m. amor, amizade; mas é talvez 1.<sup>a</sup> pess. pres. ind.) Git.

*camelar*, v. a. Querer, consentir, enamorar. MAYO. To love. BORROW.

camelí, s. f. Prima (?).

camina, s. f. Caminho. VASC. Hisp. *camino*.

can, s. m. Sol. Git. *cam*, s. m. Sol. MAYO. *cam*, *can*, s. m. Sun. BORROW.

cangré, (cangrí. Vasc.), canguerí, s. f. Igreja. Git. *cangari*, *cangrí*, s. f. Iglesia. MAYO. BORROW.

caní, s. f. Orelha. Git. *cané*, s. m. Oído. MAYO. *cani*, s. f. Ear. Oreja. BORROW.

carruncho, s. m. Carro. VASC. Port. e Hisp. *carro*.

cascabes, s. f. Tigella. Git. *cascarabí*, s. f. Caldera. MAYO.

castende, s. m. Varapau. VASC. Vid. castí.

(casté. VASC.), castí, s. m. Pau, pedaço de lenha. Git. *casté*, *caté*, s. m. Palo, baston; árbol. MAYO.

centenate, s. m. Centeio. VASC. Hisp. *centeno*.

chadí, s. f. Feira. VASC. Vid. chedé.

chaborrí, chaborilla, s. f. Menina. chaborron, s. m. Menino. chaborrillo, s. m. Filho. Git. *chabó*, *í*, s. Niño, muchacho, a. *chabaró*, *í*, s. Hijo, a. MAYO.

chagué, s. f. Couve. Git. *chaja*, s. f. Cabbage. Col. BORROW.

chai. A phrase ai chai! veiu com a traducção: ó tu! Mas Git. *chai*, s. f. (de *chabi*). Niña, mocita. MAYO. *chai*, s. pl. Children, fellows, Gypsies. Niños, muchachos. Jitános. BORROW.

chal, s. m. Herva. Git. *cha*, s. m. Yerba. MAYO.

chalar, v. n. Ir, andar, caminhar, correr. *chalar se*, v. refl. Fugir. Git. *chalar*, v. Ir, andar, caminhar, marchar; meter; pasar. MAYO. To walk, to go. BORROW.

chalelar, v. a. Saber. Git. *chanar*, v. a. Saber. MAYO. *chancelar*, v. a. Entender, saber, conocer. MAYO. To know. BORROW.

chardó, s. m. Cobertor.

charibéo, s. m. Cama. VASC. Git. *cheripen*, s. f. Lecho, cama. MAYO. *charipé*, s. f. Bed, bedstead. BORROW.

charó, s. m. Prato. Git. *charó*, s. m. Plato. MAYO.

chasar, v. n. Vir, andar. Git. *chasar*, v. a. Pasar, trasladar, conducir. MAYO.

chechipen, adv. Sim. Git. *chachipé*, *chachipen*, s. m. Verdade, realidade. MAYO. Truth. BORROW.

chedé, s. f. Feira. Git. *chardí*, s. f. A fair, a market.

Feria. *chati*, s. f. fair. Feria. BORROW.

chi, pron. indef. Nada. Git. *chi*, s. f. y adv. Nada. MAYO.

chibar, v. a. Pôr, deitar. Git. *chibar*, v. a. Poner, posar; echar, tender, postrar; esconder, sembrar. MAYO. To cast, shoot. BORROW.

chibé, s. m. Dia. Git. *chibé*, s. m. Dia. MAYO. BORROW.

chichobo, s. m. Gato. Git. *chichoji*, s. Cat. Gato. BORROW.

chicubelar, v. a. Tirar, furtar. Git. *sicobar*, *sicobelar*, v. a. Sacar; repartir; saltar. MAYO. *sicobar*, v. a. To extract, pull out. BORROW.

chindos, s. m. pl. (Cegos. VASC.) Oculos. Git. *chindó*, í, adj. Ciego, a. MAYO. BORROW.

chingarar, v. a. Ralhar. (Briçar. VASC.) Git. *chingarar*, v. a. Disputar, reñir; reprender; guerrear. MAYO. To fight. BORROW.

chingarelar, v. n. Vid. chingarar.

chingle, s. m. Cabrão. Chavelho. Git. *jingalé*, s. m. Cabron, cornudo. MAYO. *sungaló*, s. m. Traitor, he goat. Traidor, cabron. BORROW.

chinutra, s. f. Estrella. Git. *chinutrí*, s. f. Lua. MAYO. *chimutra*, s. f. Moon. BORROW.

chiqué. Esta palavra occorre numa quadra cigana (n.º 70). O sr. Pires traduz: tua casa. O sr. Leite de Vasconcellos verificou o sentido: casa. Pelo som só acho para comparar gitano *chique*, s. m. Lodo, fango. MAYO. s. f. Earth, ground. Tierra, suélo. BORROW.

chiquel, s. m. vid. *chuquel*.

choi, chol, s. m. Cevada. Git. *chor*, s. m. Cebada.

MAYO.

chor, s. m. Ladrão. Git. *chor*, s. m. Pecador. MAYO. Thief. Ladrón. BORROW. Vid. *choriar*.

1. *chorí*, s. f. Mula. Femea (em geral). Git. *choré, í*, s. Mulo, a. MAYO. BORROW.

2. *chorí*, s. f. Navalha. Git. *churí*, s. f. Cuchillo, puñal. *chorí*, s. f. Knife. Cuchillo, navaja. BORROW.

*choriar*, v. a. Roubar. Git. *chorar*, v. a. Robar. MAYO.

*choró*, s. m. Macho. Vid. *chorí*.

*chororó*, adj. Pobre. VASC. Git. *choror*, *chororó, í*, adj. Pobre, indigente. MAYO. *chororo*, adj. Poor. BORROW.

*chorrés*, s. m. pl. Policias. Git. *chorré*, adj. Feo, deforme, malo, perverso, pecador. MAYO.

*chorró*, adj. Frio, carregado, fallando do dia. (Zangado. VASC.). Git. *chorré, í*; adj. Feo, a, deforme. Malo, perverso, pecador, a. MAYO, *choro*; s. f. adj. Thief, thievish, evil. Ladrón, malo. BORROW.

*chosimé*, s. f. Choça. Der. de port. *choça*, com o suffixo *tsig. men* (= *mé*).

*chubelar*, v. a. Dar? [Git. *chobelar*, v. a. Rociar, mojar, lavar. MAYO. *chobar, chobelar*, v. a. To wash. Lavar. BORROW].

*chuchás*, s. f. pl. Seios de mulher. Git. *chuchai*, s. f. Teta, pecho. MAYO. *chucha*, s. f. Breast, pap. Pecho. BORROW.

*chuga*? Significação incerta. *Textos*, n.º 79.

*chunga*, s. f. Mulher feia. Vid. o seguinte.

*chungo*, adj. Feio. Git. *chungalo, chungo*, adj. Ugly, heavy. Feo, pesado. BORROW. A palavra falta em MAYO, que traz todavia os derivados *chungalipen, chungaló*, s. m.

Tentacion, maldad de pensamiento; significa tambien: malo.

Como rebienta un cañon,  
A fucrsa e chungas partias  
Teugo e rebenta yo.

Demofilo, *Cantes flamencos*, p. 13, n.º 63.

Yo no se porque motibo  
Tan chungamente me pagas,  
Jasiéndolo bien contigo.

Ibid., p. 74, n.º 389.

- chupa, s. f. Jaqueta. VASC.  
 chupeño, s. m. Beijo. Git. *chumendó*, *chupendó*, s. f. Beso. MAYO. BORROW.  
 chuquel, s. m. Cão. Git. *chuquel*, s. m. Perro. MAYO.  
*chuque*, *chuquel*, s. m. Dog. Perro. BORROW.  
 chunqueia, s. f. (Cadella. VASC.) Ralhona. Vid. chuquel.  
 churdiñí, s. f. Facada. Git. *churdiña*, s. f. Dagger-blow. Puñalada. BORROW.  
 churí, s. f. Navalha. Git. *churí*, s. f. Cuchillo, puñal. MAYO. Vid. chorí 2.  
 churon, s. Arvore. Provavelmente do portuguez *chorão*, especie de salgueiro.  
 chute, s. m. Leite. Git. *chutí*, s. f. Leche. MAYO. Milk. BORROW.  
 cicubar-se, v. refl. Vid. cicubelar-se.  
 cicubelar-se, v. refl. Retirar-se, ir-se embora. Cf. chicubelar.  
 clalles, s. m. Rei. VASC. Git. *crally*, s. m. Rey. MAYO.  
*crallis*, s. m. King. BORROW.  
 clalleza, s. f. Rainha. VASC. Vid. clalles. Git. *crallisa*. s. f. Reina. MAYO. Queen. BORROW.  
 clechí, s. f. Bolsa (?). VASC. [Git. *clichí*, s. f. Llave, clave. MAYO. Key. BORROW.]  
 coi, adv. Cá, aqui. Git. *acoi*, adv. Aqui, acá. MAYO. Here. Aqui. BORROW.  
 colcorró, adj. Sósinho. Git. *colcoré*, *colcoró*, *í*, adj. Solo, unico. MAYO. *colcoro*, adj. Alone, BORROW.

colisara, v. a. Passar (o rio) (?)

colpiche, s. m. Arroz. Git. *corpiche*, s. m. Arroz. MAYO.

*corpichí*, s. f. Rice. Arroz. BORROW.

combisara, v. a. Encomendar (?)

contrariuncho, adj. Contrario.

coró, s. m. Cantaro. Git. *coró*, s. m. Cantaro. MAYO.

Pitcher. BORROW.

correllar, currelar, v. a. Bater, trabalhar. Git. *curelar*, v. a. Castigar, penar; trabajar. MAYO. *cureló*, s. m. Trouble, pain. Trabajo, pena. *curarar*, v. a. Ultrajar, golpear, pegar. MAYO. *curar*, v. a. To strike, do, work. Pegar, haer, trabajar. BORROW.

costiñar, v. a. Montar. Git. *costunar*, v. a. Levantar, alzar, colmar. MAYO. v. n. To mount. Montar. BORROW.

costiñelar, v. a. Vid. costiñar.

cotistá (a), loc. adv. Sem ser presentido. Cf. acotistamente.

cotobillo, s. m. Cotovello. VASC. Port. *cotovello*, com troca de suffixo port. *ello* por hisp. *illo*.

cratiá, s. f. Laranja. O cigano do Brasil tem *gerta*, laranja; o gitano tem *gerta*, orelha (MAYO), que é propriamente um termo de germania. O hisp. *naranja* ter-se-ha tornado *aranja* (cf. fr. *orange*) e *aranja* assimilado a *oreja* e esta substituída por *gerta*, synonymo, pelos processos da formação das gírias. O endurecimento da pronuncia do *g* (cf. git. *gi* e *gui*, etc.) poderia ser o ponto de partida de uma forma *gretá*, *cretá*. Mas dou isto como simples hypothese.

cribó, s. m. Compadre. Git. *quiribó*, s. m. Compadre. MAYO. Godfather. BORROW.

culebra, s. f. Cinta. Germania: *culebra*, s. f. Faja, ceñidor. MAYO.

curajañi, s. f. Abbadessa. (Ama de padre. VASC.) Vid. o seguinte.

curajay, s. m. Padre (cura). [Git. *corajai*, s. pl. The Moors. Los Moros. BORROW. Melhor git. *arajay*, s. m. Friar. Frayle. BORROW. MAYO. Houve talvez confusão das duas palavras.]

enruchelo, s. m. Braço. VASC.

enlurró, s. m. Abegão. Git. *curaró, í*, s. Obrero, trabajador, ejeutor, a. MAYO.

enrrar, v. a. Açoutar. Git. *curarar*, v. a. Ultrajar, golpear, pegar. MAYO. enrar, v. a. To strike, do, work. Pegar, haer, trabajar. BORROW. Vid. correllar.

## D

dai, s. f. Mãe. Git. *dai*, s. f. Madre (en general). MAYO. Mother (*properly*, Nurse). BORROW.

daues. s. m. pl. Alhos. Sem duvida = dañes; cf. port. *dentes d'alho*.

dañes, (dañés. VASC.), s. m. pl. Dentes. Git. *dañi*, s. f. Diente. MAYO. BORROW.

debel, s. m. Deus. Git. *debel*, s. m. Dios (en general). MAYO. God. BORROW.

desamarisar, v. a. Desamarrar. Port. e hisp. *desamarrar*.

decembruncho, s. m. Dezembro. Port. *dezembro*, hisp. *diciembre*.

deuncho, s. m. Dedo. Hisp. dialectal *deo* por *dedo*. VASC.

dicañí, s. f. Porta, janella. Git. *dicañi*, s. f. Mirada. MAYO. *dicañi*, s. f. Window. Ventana. BORROW.

dicar, v. a. Ver. Git. *dicar*, v. a. Ver, percibir, aeechar. MAYO. To see. BORROW.

dielé, s. m. Lenço. Git. *dieló*, s. m. Lienzo, pañal. MAYO. Handkerchief, elout. Pañuelo, pañal. BORROW.

dieló, s. m. Lenço. Vid. o anterior.

dineló, í, s. Peru, a (?). Git. *dincló, lí*, adj. Necio, louco, desatinado, disoluto, a. MAYO, *dincló*, s. e adj. Fool. Tonto. BORROW. No argot *dinde* significa tolo.

diñar, v. a. Dar. Git. *dñar*, v. a. Dar, entregar. MAYO. To give. BORROW.

diñelar, v. a. Dar. Git. *dñelar*, v. a. Dar, conceder, ofrecer. MAYO. To give. BORROW.

diquelar, v. a. Ver. Git. *diquelar*, v. a. Attender, mirar.  
MAYO.

donares, s. m. Soldado. Git. *jundunar*, s. m. Soldado.  
MAYO. Soldier. BORROW. Cf. *hundunal*.

dondésearo, s. m. Candieiro. Git. *dundisqueró*, s. m.  
Candilon, velon. MAYO. *dandesquero*, s. m. Lamp, candle.  
Candil. BORROW.

dron, s. m. Caminho. Git. *druu*, *druné*, s. m. Camiño,  
viaje. MAYO. Road. BORROW.

## E

ejeró, s. m. Cabeça. Git. *jeró*, s. m. Cabeza, enmbre,  
etc. MAYO. Head. BORROW.

enermo, s. m. Janeiro. Git. *inerin*, s. m. Enero. MAYO.  
BORROW. Hisp. *enero*.

eragar, s. m. Padre. Git. *erajay*, *í*, s. Saeerdote, isa.  
Fraile. MAYO. *arajay*, s. m. Fraile. MAYO. Friar. BORROW.  
Cf. *eragay*.

eresí, s. f. Eira (?). Git. *eresí*, s. f. Viña. MAYO. *eresia*,  
s. f. Vine, vineyard. BORROW.

erná, s. f. Burra. [Git. *erihé*, s. m. Cerdo. MAYO. *erihés*,  
s. pl. Hogs. BORROW.]

estache, s. m. Chapen. Git. *estache*, s. m. Sombrero  
(hongo, chambergo). MAYO. Hat. BORROW.

estaña, s. f. Estrebaria. Git. *estaña*, s. f. Tienda, eo-  
vacha, puesto de vender. MAYO.

(*estariben*. VASC.), *esteribin*, s. m. Cadeia, prisão. Git.  
*estaribel*, *estaripe*, s. m. Carcel, prison. MAYO. *estaripe*,  
s. f. Prison. BORROW.

estripanulés, s. m. Coveiro. Palavra composta, cujo pri-  
meiro elemento é sem duvida o port. *estripar*, v. a. *estripar*,  
e segundo o git. *muló*, *lí*, adj. Muerto, defunto, a. MAYO.  
*mulo*, s. m. A dead man. BORROW. Vid. *mulé*.

## F

- fajuna, s. f. Faixa. Hisp. *faja*.  
 fardisara, s. f. Saia. Git. *fardi*, s. m. Ropa, ropage. Cf. port. *farda*.  
 ferbruno, s. m. Fevereiro. Hisp. *febrero*.  
 floruncha, s. f. Flor. Port. e hisp. *flor*.  
 foro, s. m. Cidade. Git. *foro*, s. m. Ciudad. MAYO. City. BORROW.  
 frumachos, s. m. pl. Cabellos. De port. *pluma*, *plumacho*. Vase.  
 furata, adv. Fora. Port. *fora*, hisp. *fuera*.  
 fusca, s. f. Espingarda. Git. *pusca*, s. f. Escopeta, MAYO. BORROW. Vid. puca.

## G

- gaché, s. m. Collega. (Um quidam. VASC.). Git. *gaché*, *gachó*, s. m. Varon, mancebo. MAYO. *gachó*, s. m. A gentleman. Caballero.—*Properly*, Any kind of person who is not a Gypsy. Cualquiér hombre que no sea Jitáno. BORROW.  
 gajon, s. m. Gajo. Git. *gachó*. Vid. *gaché*.  
 gallardí, s. f. Polvora (a negra). Git. *gallardó*, *í*, s. Negro, a. MAYO.  
 galler, s. m. Figo. VASC.  
 galluncho, s. m. Gallo. Hisp. *gallo*.  
 gañí, s. f. Burra. Git. *greñí*, s. f. Burra. MAYO. *grañi*, s. f. Mare. Iegua. BORROW.  
 garabar, v. a. Guardar. Git. *garabar*, v. a. Enterrar, sepultar, guardar. MAYO. *garabelar*, v. To be on one's guard, to guard. BORROW.  
 garbó, s. m. Relogio. Git. *pajardo*, s. m. Watch. Re- loj. BORROW.  
 gate, s. m. Camisa. Git. *gaté*, s. m. Tunica, camisa. MAYO. Shirt. BORROW.  
 gatuncho, s. m. Gato. (Cão. VASC.). Port. e hisp. *gato*.

gau, s. m. Aldeia. Git. *gau*, s. m. Logar, pueblo, aldea, granja. MAYO. *gao*, s. m. Town, village. Pueblo. BORROW.

gaubarí, s. Cidade: gau + baró.

goi, s. f. Moreella. Git. *gojí*, s. f. Salchicha. MAYO.

gollás, s. f. pl. Laranjas. VASC. Propriamente: doces. Git. *guló, lí*, adj. Dulce. MAYO. Em tsig. bohemio *gullo*, café.

gorbelar, v. a. Apanhar. Git. *golberi*, s. f. Crop, harvest. Cosécha. BORROW.

gorobó, gorobon, s. m. Cordão.

gorocs, s. pl. Pernas. Git. *goró*, s. m. Potro. MAYO.

grai, s. m. Cavallo. Git. *gra*, s. m. Bestia. Caballeria. MAYO. Horse. Caballo. BORROW.

grañí, (gresñí. Vasc.). Egua. Git. *grañi*, s. f. Mare. Iegua. BORROW. *grasñi*, s. f. Yegua. MAYO.

grupo, s. m. Vulto. Comp. trupo.

guchí, s. f. Coisa. Git. *buchí*, s. f. Cosa, vision. MAYO. Anything. etc., BORROW.

gué, s. m. Vid. guer.

guenassuertes, s. f. pl. Fortuna. Hisp. dialectal *gueno*, por *bueno*, e *suerte*.

guer, s. m. Burro. Git. *gel, grel*, s. m. Asno, burro. MAYO. *guel*, s. m. Donkey, ass. Borrico, asno. BORROW.

gucriñí, s. f. Burra. Vid. guer.

guillabar, v. a. Cantar. Git. *guillabar*, v. a. To sing. BORROW. *guiyalar, quiyabelar*, v. a. Cantar. MAYO.

guillar, v. n. Ir. Git. *guillar*, v. n. Ir aprisa ó de repente, echar a andar. MAYO.

guil, guir, s. m. Trigo. Git. *gi, gui*, s. f. Trigo. MAYO. *gi, jil*, s. m. Wheat. BORROW. Esta palavra foi dada na *Revista lusitana*, I, 12, com a significação de «toucinho», que supprimo por duvidosa.

gurui, s. m. ou f. Boi, vacca. Git. *goruy, gruy*, s. m. Buey. MAYO. Ox. BORROW.

gustipeñí, s. m. Roubo.

## H

- habuncha, s. f. Fava. Hesp. *haba*.  
 hacais, s. m. pl. Vid. sacais.  
 haller, s. m. Vid. galler.  
 haramc, s. Jaqueta.  
 haron (*h aspirado*), s. m. Pê. Cp. goroes. VASC.  
 her (*h aspirado*), s. m. Burro. VASC. Vid. guer.  
 (hil. VASC.), hir, s. m. Frio. Git. *jil*, s. m. Cold. Frio.  
 BORROW. adj. 2. Fresco, a. MAYO. *jir*, s. m. Cold. Frio.  
 BORROW.  
 horobar, s. Trovoada grande (?). Vid. orobelar.  
 huertisara, s. f. Horta. Hesp. *huerta*.  
 hundunal (*h aspirado*), s. m. Soldado. VASC. Git. *jundó*,  
*jundunar*, *junduné*, s. m. Soldado. MAYO. *jundunar*, s. m.  
 Soldier. BORROW.

## I

istitelar, v. a. Apanhar. É talvez erro por ustilelar;  
 vid. ustilar.

## J

- jalar, v. a. Comer. Git. *jalar*, v. a. comer, absorber;  
 disipar. MAYO. To eat. Comer. BORROW.  
 jamar, v. a. Comer. Git. *jamar*, v. a. Comer. MAYO.  
 To eat. BORROW.  
 jamba, s. f. Mulher estranha, que não pertence á tribu.  
 Vid. jambo.  
 jambo, s. m. Homem estranho, que não pertence á tribu.  
 Git. *hambé*, s. m. Gente, muchedumbre. MAYO. *hambo*,  
 s. m. One who is not a Gypsy. El que no es Jitáno. BORROW.  
 jambobaró, s. m. Auctoridade superior, juiz. jambo +  
 baró.  
 jinelar, v. a. Caare. Git. *jñar*, v. u. To exonerate the  
 belly. Descargár el vientre. BORROW.  
 jogar, adj. Bonito. Vid. jucalorro e ojacá.

jojoy, s. m. Lebre. Git. *jojoy*, s. m. Conejo. MAYO.  
A hare. BORROW.

jucalorro, adj. Bonito. git. *jucal*, *í*, adj. Lovely, generous. Hermoso, generoso. BORROW. *jucal*, *juncal*, adj. 2. Generoso, liberal, esplendido, a. MAYO.

julay, s. m. (Dono. VASC.) Hortelão. Git. *julay*, s. m. Amo, dueño, mesonero. MAYO. Master. BORROW.

juliuncho, s. m. Julho. Hisp. *julio*.

jumar, v. a. Escutar. Git. *jumar*, v. a. Oír, escuchar. MAYO. To hear, listen. BORROW. Vid. *junelar*.

junelar, v. a. Escutar, ouvir, saber. Git. *junelar*, v. a. Oír, percibir, atender. MAYO.

junioluncho, s. m. Junho. Hisp. *junio*.

## L

labincho, s. m. Labio. VASC. Port. e hisp. *labio*.

laborosal, labrosal, s. m. Lavrador. Vid. *labraoresa*.

labraoresa, s. m. Lavrador. Hisp. *labrador*.

ladrisarelar, v. n. Ladrar. Port. e Hisp. *ladrar*.

lampio, s. m. Azeite. Candeia. Candieiro. Git. *lampio*, s. m. Oleo. MAYO.

? las dos pimbrés. Meias. Vid. *pimbré*.

lecherino, s. m. Leiteiro. Hisp. *lechero*.

lechute, s. m. Leite. Hisp. *leche*.

liás, s. f. Carta. Git. *lia*, s. f. Carta; credencial, patente. MAYO. *li*, s. f. Paper, a letter. BORROW.

libanó, s. m. Administrador (auctoridade). Git. *libanó*, s. m. Escribano, escriba. MAYO. Notary public. BORROW.

ligarar, v. a. (Levar. VASC.) Prender. Git. *liquerár*. v. a. To carry. Llevár. BORROW. *legerar*, *liquerar*, v. a. Llevar, MAYO. ou de port. hisp. *ligar*? Vid. os seguintes.

ligarelar, v. a. Vid. *ligarar*.

ligerar, v. a. (Levar, agarrar. VASC.) Abarear. Vid. o precedente e conf. as significações do git. *liquerar*, v. a. Llevar, conducir, cargar. MAYO.

liles, s. Carta de jogar. Git. *lel*, s. m. Librito, cartera. MAYO. *li*, s. f. Paper, a letter. BORROW.

linguncha, s. f. Lingua. VASC. Port. *lingua*.

livruncho, s. m. Livro. VASC. Port. *livro*.

llaque, s. m. (Lume. VASC.) Phosphoro. Git. *yaque*, s. m. Fuego, lumbre, etc. MAYO. Fire. BORROW.

llen, s. m. Rio, ribeira. Git. *len*, *leste*, s. m. Rio, corriente, inundacion. MAYO. *len*, s. f. River. Rio. BORROW.

llierbisá, s. f. Herva. Hisp. dialectal *llierba* por *yerba*. VASC.

lolé, s. m. Pimentão. Git. *lolé*. s. m. Tomate, MAYO. Love apple. BORROW.

lon, s. m. Sal. Git. *lon*, s. m. Sal, MAYO. Salt. BORROW.

lumí, s. f. Prostituta. Git. *lumí*, *lumica*, s. f. Muchacha, querida, manecba. MAYO. *lumí*, *lumía*, *lumiaca*. Hárlot. Raméra. BORROW.

## M

machingarnó, adj. e s. Borracho, bebado. Git. *mata-garnó*, *mató*, *í*, adj. Borracho, a. MAYO. *machingaño*, *machargarno*, s. m. A drunkard. Borracho. BORROW.

machó, s. m. Bacalhau. Git. *maché*, *machó*, s. m. Pez, pescado. MAYO. *macho*, s. m. Fish. BORROW.

magreña, s. f. Egua.

majarí, s. f. Santa. Virgem. Git. *majaro*, adj. Holy. Santo. *majarí*, s. f. The beatic one, *i. e.*, The Virgen. La Virgen. BORROW.

majaró, adj. e s. m. Santo. Vid. *majarí*.

maladé, adj. Roubado? Antes assassinado. Cp. git. *mulabar*, v. a. Matar, exterminar, ahorcar, ajusticiar. MAYO. No cigano do Brasil, *muladar*, assassinar.

mandiluncho, s. m. Mandil. Port. e hisp. *mandil*.

mangar, v. a. Pedir. Git. *mangar*, v. a. Pedir, rogar, mendigar. MAYO.

mangue, (manges. VASC.), pron. pess. Me, mim. Git. *mangue*, pron. pes. Me, mi. MAYO. The accusative of the pron. pers. *man*. BORROW. Cf. *amauga*.

manguñar, v. a. Pedir. (Vid. mangar). Git. *manguelar*, v. a. Orar, suplicar, pedir. MAYO. To entreat, beg. BORROW.

manguñclar, v. a. Pedir. Dizer. Vid. manguñar.

maniscobar, v. a. Descontar. Parece composto com sicubar.

manró, mñorron, s. m. Pão. Git. *manró*, s. m. Pan. MAYO. Bread. BORROW.

manú, s. m. Homem da tribu. Git. *manú*, s. m. Hombre, varon. MAYO. Man. BORROW.

maquelar, v. a. Vid. miquelar.

marar, v. a. Matar, assassinar. v. n. Morrer. Git. *marar*, v. a. Matar, destruir. MAYO. To kill. BORROW.

marelar, v. a. Matar. Vid. marar.

más, s. m. Carne. Git. *maús*, s. m. Carne, vianda. MAYO. Meat, flesh. BORROW.

masanuncha, s. f. Maçã. VASC. Port. *maçan*, hisp. *manzana*.

matagañanes, s. f. Estrella d'alva.

mecar, v. a. Deixar. Abandonar. Git. *mecar*, v. a. Dejar, permitir. MAYO. Conf. miquelar.

mecles, interj. Pára, alto lá! Git. *mecli*, interj. Calle, vaya, en paz.

mesuncho, s. m. Mês. Port. *mês*; hesp. *mes*.

milla, s. f. Legua. Git. *milla*, s. f. League. Legua. BORROW. Hisp. *milla*, port. *milha*.

millen, s. m. Laranja (?)

minche, s. f. Pudendum muliebre. Git. *minchi*, s. f. Pudendum feminae. BORROW. *minchabar*, v. a. Parir, MAYO.

mindai, s. f. Mãe (propriamente, minha mãe). Git. *dai*, s. f. Madre. MAYO. *min*, por git. *minrí*, minha.

miquelar, v. a. Deixar. Git. *mequelar*, v. a. Dejar, soltar, despedir. MAYO.

mistó, adv. e s. m. Bem. VASC. Git. *mistó*, s. m. Bien, beneficio, conveniencia. adv. Bien, bueno, convenientemente. MAYO. *mistós*, adv. Well. BORROW.

mistós, s. m. pl. Phosphoros (?).

molimunteho, s. m. Moinho. VASC. Hisp. *molino*.

molachí, adj. Significação incerta. Vid. Textos, n.º 58.

mol, mon, s. m. Vinho. Vid. *moro*.

montanés, s. m. Monte. VASC. Hisp. *montanés*, adj.

montucho, s. m. Monte. Port. hisp. *monte*.

morehada, s. f. Burra (Burra fraca. VASC.). Pelo som só acho que comparar git. *morchás*, s. Skin, hide. Pelléjo. BORROW. No calão ha *pileca*, cavallo magro, de *pelle* (vid. parte II), que permite ligar o termo cigano ao gitano.

*moro*, s. m. Vinho. Git. *mol*, s. m. Vino. MAYO. Wine, BORROW.

*mui*, s. f. Cara, Git. *muí*, s. f. Boca, MAYO. Mouth, face. Boca, cara. BORROW.

*mmlé*, adj. e s. Morto. Git. *muló*, *mulli*, adj. Muerto, difunto, a. MAYO. *mulo*, s. m. A dead man. Muerto. BORROW.

*mulla*, s. f. Debulha. É sem duvida a palavra portugueza *debulha*, a que se tirou o prefixo, mudando o *b* em *m*, som muito proximo d'aquelle; cp. port. pop. *belancia* por *melancia*, *baraço* de arabe *maras*, comquanto aqui a modificação seja inversa.

## N

*naclés*, (*nacles*. VASC.), s. m. Nariz. Git. *nacri*, *naquí*, s. f. Nariz. MAYO. *naquí*, s. f. Nostril. BORROW.

*najar*, v. n. Fugir. Git. *najar*, v. n. Marchar, parar, correr; llejar, desaparecer; huir, evitar. MAYO. To flee, BORROW. Vid. *najelar*.

*najelar*, v. n. Fugir. Git. *najar*, *najalar*, v. n. Marchar, pasar, correr; alejar, desaparecer; huir, evitar. *najalelar*, v. n. Huir, fugir, escapar. MAYO.

*nanais*, adv. Não. Git. *Nanai*, adv. No, de ningun modo. MAYO. No. BORROW.

*narachichunga*, s. f. Noite escura, tenebrosa. Será erro por *rachichunga*? *rachí*, git. *rachí*, s. f. Noche, tiniebla (vid. *arachí*) e *chungo* (vid. este). No git. *ne* é prefixo

negativo: *nabelar*, carecer, de *abelar*, poseer, *nebaró*, pequeno, de *baró*, grande. No cigano do Brasil *na* apparece como prefixo indifferente: *nabasnão*, gallo; vid. *basñi*.

*nicobar*, v. a. Roubar. Git. *nicobelar*, *nicabar*, v. a. Apartar, desembaraçar; destruir, invalidar; vedar; dissipar. MAYO. *nicabar*, v. a. To take away, steal. Quitar, robar. BORROW.

*nicobelar*, v. a. Vid. *nicobar*.

*nasaló*, adj. Enfermo. *nasaló si ya*, está enfermo. Git. *nasaló*, *lli*, adj. Malo, enfermo, adj. MAYO.

## O

*ojacá*, *ojocá*, adj. Bonito. Por *jocar* = git. *jucal*; vid. *jucalorro*. Um *o* prosthetico tambem em git. *oclaye* = \**clallis*, *crallis*, rei. BORROW; vid. *elalles*.

*olibás*, s. pl. Meias. Git. *olibias*, s. pl. Stockings. Médias. BORROW. Falta em MAYO.

*olicha*, s. f. Rua. VASC. Vid. *oricha*.

*orejuncha*, s. f. Orelha. Hisp. *oreja*.

? *olipandó*, s. m. Sol.

*oricha*, s. f. Rua. Git. *olicha*, s. f. Street. Calle. BORROW. *ulicha*, s. f. Calle. MAYO. BORROW.

*orobar*, v. a. Chorar. Git. *orobar*, *orobiar*, v. a. Llorar, lamentar, gemir. MAYO. To weep. BORROW.

*orobelar*, v. impress. Chover. Conf. o precedente.

*orocal*, s. m. Oliveira. Git. *erulé*, *eriqué*, s. m. Arbol. *orucal*, *urucal*, s. m. Olivar. MAYO. *eru*, *erucuel*, s. m. Olive-tree. Olivo. *erucar*, s. m. Olive-ground. Olivar. BORROW.

*otebel*, *otibé*, s. m. Dens. Git. *ostebé*, s. m. Dios, MAYO. *ostebel*, s. m. God. Dios. BORROW. Parece haver aqui fusão de git. *osté* = hisp. *usted*, pl. *ostclende* (BORROW) e git. *debel*, s. m. Dios. MAYO. *ondebel*, *undebel*, s. m. Dios, unico ser supremo. MAYO. *un-debél*, s. m. God. Dios. BORROW. Fr. Michel, pag. 145. Cf. Pott, *Die Zigeuner*, II, 40.

*octubruncho*, s. m. Outubro. Port. *outubro*, hisp. *octubre*.

## P

paguillí, s. f. Dinheiro em prata. Git. *paquillí*, s. f. Silver. Plata. BORROW.

paio, s. m. Homem extranho, que não pertence á tribu. Companheiro. Git. *paillo*, s. m. One who is not a Gypsy. El que no es Jitáno. BORROW. *pailló*, s. m. Individuo, sujeito, hombre, jornalero. MAYO.

pajé, s. f. Sorte. Git. *pajin*, s. f. Part. Parte. BORROW.

pajo, s. m. Cigarro. Vid. plajo.

pallillí, s. f. Prata. VASC. Vid. paguillí.

palonó, s. m. Curral. (Palheiro. VASC.). Git. *palunó*, s. m. Corral. MAYO. A wood, farm-house. Bosque, también cortijo. BORROW.

palonolaré, s. m. Curral. Vid. o precedente.

pandelar, v. a. Amarrar. Git. *pandar*, v. a. Atar, liar, arrollar, estrechar; cerrar; encubrir; *pandelar*, v. a. Oprimir, apretar, sujetar. MAYO. *pandar*, *pandelar*, v. a. To inclose, to tie, to shut. Atar, cerrar. BORROW.

pañí, s. f. Agua. Git. *pañí*, s. f. Agua. MAYO. *pani*, s. f. Water. Agua. BORROW.

papires, s. m. Papel. Git. *papiri*, s. m. Paper. Papel. BORROW. *papira*, s. f. Carta, naípe. *papiri*, s. f. Vale, bono. MAYO.

pareau, s. f. Parede. VASC. Port. *pavede*, hisp. *pared*.

parga, s. f. Choça.

parnau, s. m. Dinheiro. Vid. o seguinte.

parné, s. m. Dinheiro, moeda. Git. *parné*, s. m. Dinero (haber). MAYO. White or silver money. Diñeros blancos. BORROW.

parrogar, v. a. Trocar. Git. *parugar*, v. a. To exchange, barter. Cambiar, trocar. BORROW. *parugelar*, v. a. Traficar, negociar. MAYO.

pasabelar, v. a. Enterrar.

posonó, s. m. Palheiro. Vid. posonó, pusonon.

passisarar, v. a. Passar. Port. *passar*, hisp. *pasar*.

pastorchuncho, s. m. Pastor. Port. hisp. *pastor*.

patarró, s. m. Pae. Git. *bato, batú*, s. m. Padre. *batorré*, s. m. Padrino. MAYO.

paté, patí, s. f. Mão. Git. *bato, baste*, s. f. Mano. MAYO.

pato, s. m. Pae. Vid. patarró.

patuquê, (patusco. VASC.), s. m. Albarda. Vid. apatuscos.

peliche, s. m. Velho da tribu que tira a prova da virgindade (entre os gitanos). [Git. *pelichó, í*, s. Huevero, a. MAYO. *pele*, s. pl. Eggs, the genitals. Huevos, los jinitales. BORROW].

penré, s. m. Vid. pimbré.

peperes, s. m. pl. Tomate. Git. *pepéres*, s. m. Pepper. Pimento. BORROW.

peruna, s. f. Pera. VASC. Port. e hisp. *pera*.

petí, s. f. Besta.

petuno, s. m. Peito. VASC. Port. *peito*.

pillar, v. a. Beber. Git. *piyar*, v. a. Beber. MAYO. BORROW.

pinar, piñar, v. a. Dizer. Pedir. Vid. pinelar.

pinelar, v. a. Dizer, pedir. Git. *penar*, v. a. Deeir; hablar; eontar, mandar. MAYO. To say. BORROW. *penelar*, v. a. Referir, decir, narrar. MAYO.

pimbré, s. m. Pé. Git. *pindro, pinró*, s. m. Foot. Pié. pl. *pinrés*. BORROW.

pinodó, adj. Contado. Vid. pinar, de que pindó é um particípio regular tsigano (Miklosich, *Abhandl.*, II, 8).

pinon, s. m. Pinheiro. VASC. Hisp. *pino*.

pimré, s. m. Pé. VASC. Vid. pimbré.

pirar, v. a. Andar. Git. *pirar, pírelar*, v. n. Andar, eaminar, pisar. MAYO. To walk. Andar. BORROW.

pirabar, v. n. Futuere. Git. *pirabar*, v. n. Cooperar, eohabitar. MAYO. To copulate, to heat. BORROW. *pirabelar*, v. n. Forniear. MAYO.

pirabaor, s. m. Ladrão (?). Talvez violentador. Vid. pirabar.

pisquesuno, s. m. Peseço. VASC. Port. *pescço*.

- piticar, s. f. Piteira. VASC. Port. *pita*, *piteira*.  
 plajo, s. m. Tabaco, cigarro. Git. *placo*, s. m. Tobacco. Tabaco. BORROW. *plajorró*, s. m. Tabaco. MAYO.  
 plar, s. m. Irmão. Git. *plal*, s. m. Hermano, confrade. MAYO. Brother. BORROW.  
 plasasar, v. a. Apagar. Git. *plasarar*, v. a. Pagar, satisfacer, recompensar. MAYO. BORROW.  
 plasarelar, v. a. Vid. *plasarar*.  
 plasta, (plata. VASC.), s. f. Capa. (Lengol. VASC.) Git. *plasta*, *plastami*, *plata*, s. f. Capa corta, talma, esclavina. MAYO. *plata*, *platumugin*, s. Cloak. Capa. BORROW.  
 pocachiní, s. f. Pistola. Git. *prucatiñi*, s. f. Escopeta.  
 pol, s. f. Barriga. VASC. Git. *poria*, s. f. Entraña. *poriá*, s. f. Barriga, vientre, panza. MAYO. *porias*, s. pl. Bowels. Entrañas. BORROW.  
 posabar, v. a. Enterrar. Cf. *pasabelar*.  
 posonó, s. m. Nora. Cf. *pusuñon*.  
 pu, s. m. Palha. Git. *pus*, s. m. Paja. MAYO, BORROW.  
 puy, s. m. Straw. Paja. BORROW.  
 puca, s. f. Espingarda. Git. *pusca*. s. f. Escopeta. MAYO. Musket. BORROW.  
 pus, s. m. Vid. *pu*.  
 pusca, s. f. Vid. *puca*.  
 pusnó, s. m. Rapazinho. Será o mesmo que git. *busné*, *busnó*, s. m. Extraño, barbaro, gentil? MAYO. *busnó*, s. m. A gentil, a savage, every person who is not of the Gypsy sect. BORROW.  
 pusuñon, s. m. Abegoaria. Git. *pusanó*, s. m. Cortijo, MAYO. *posuno*, s. m. Court, yard. Corral. BORROW.

## Q

- qué, quer, s. m. Casa. Git. *quer*, s. m. Casa. MAYO. House. BORROW.  
 quehonche (*h* aspirado), s. m. Odio. VASC.  
 quehucar, adj. Bonito. VASC. Será qué hucar, que bonito? hucar, pode estar por *jucar*, *jucal*; vid. *jucalorro*.

querelar, v. a. Fazer. Git. *aquerar*, v. a. Hacer, ejeetar. *querar*, v. a. hacer. *querelar*, v. a. Ejereer, hacer, etc. MAYO. *querar*, *querelar*, v. a. To do, to make. BORROW. quimera, s. f. Desordem. VASC. quintalzincho, s. m. Quintal. VASC. Port. *quintal*. quiral, s. m. Queijo. Git. *quirá*, *quirális*, s. f. Cheese. Queso. BORROW. *quirá*, s. m. Queso. MAYO.

## R

raisaro, s. m. Rio, ribeira. Port. e hisp. *rio*. ran, s. m. Bordão, vara. Git. *ran*, s. m. Vara. MAYO. ran, s. f. Rod. Vara. BORROW. ramlar, v. a. Furtar. Git. *randar*, v. a. To rob. Robar. BORROW. *randelar*, v. a. Hurtar, robar, arrebatar. MAYO. rebranliñi, s. m. Licor. Proveniente talvez do ingl. *brandy*, com o prefixo *re* e terminação gitana. redundes, randundes, s. m. pl. Grãos. Git. *redundí*, *rejudí*, s. f. Garbanzo. MAYO. *redundis*, s. pl. Chick-peas. BORROW. remendiñar, remondiñar, v. n. Casar. Vid. rumañiñar. reñundes, s. m. pl. Grãos. (Feijões. VASC.) Vid. reñundes. repañi, s. f. Aguardente. Git. *repañi*, s. f. Brandy. Aguardiente. BORROW. Bebida (espírituosa). MAYO. rilaora, s. f. Batata. ríle, s. m. Flatus ventris. Git. *rilo*, s. m. Pedo. MAYO. BORROW. rois, s. m. Colhér. Git. *roin*, s. m. Cuchara. MAYO. Spoon. BORROW. romanó, s. m. Língua dos eiganos. Vid. rumaño. romí, s. f. Mulher da tribu, eigana. Git. *romí*, s. f. A married woman, a female Gypsy. Mujér casada. Jitána. BORROW. Esposa, mujer (casada). MAYO. ron, s. m. Marido. Git. *rom*, *romá*, s. m. Marido, hombre, varon (casado). MAYO. *rom*, s. m. A husband, a mar-

ried man, a Gypsy. *roma*, s. m. pl. The Husbands; the generic name of the nation or sect of the Gypsies. BORROW.

*rucó*, s. m. Burro. VASC. [Cf. *tsigano grego rukonó, rikonó, cão*; *rumeno rikonó, hungaro rikonó, polaco rykonon*. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 58.]

*rumí*, s. f. Vid. *romí*. VASC.

*rumandiñar*, v. a. Casar. Git. *romandiñar; romandiñelar*, v. a. Casar, desposar, enlazar. MAYO. *romandiñar*, v. n. To marry. BORROW.

*rumaño*, s. m. Lingua dos ciganos. Git. *rom*, s. m. A husband, a married man, a Gypsy. BORROW. *romaño, ñí*, adj. Familiar, domestico, proprio, de casta gitana. MAYO. *romaní*, s. f. The Rommany or Gypsy language. Lengua de los Jitános. BORROW.

## S

*sacais*, s. m. pl. Olhos. Git. *sacais*, s. m. pl. Ojos. MAYO. Cf. *acais*.

*salbaña*, s. f. Sardinha.

*sanacay*, s. m. Ouro. (Libras. VASC.) Git. *sonacai*, s. Gold. Oro. BORROW. MAYO.

*sanou*, s. m. Chouriço. Git. *sané*, s. m. Sausage. Chorizo. BORROW.

*sapuna*, s. f. Videira. VASC.

*sapuñes*, s. m. Sabão. Git. *sampuñi*, s. f. Jabon. MAYO. Soap. BORROW.

*satalha*, s. f. Azeitona. Git. *chetalli*, s. f. Olive. Oliva. BORROW. Cf. *letaya*, s. f. Azeituna. MAYO.

*se*, pron. relat. Que. Git. *sos*, pron. rel. 2. Que, qual, cuales. MAYO. Who, that. BORROW.

*segabruncho*, s. m. Segador. Port. e hisp. *segar*.

*seguisarar*, v. a. Segar. Port. e hisp. *segar*.

*senelar*, *señclar*, *sinelar*, *siñclar*, v. Ser. Do sr. Pires recebi a phrase: 1. no señaela caique, com a traducção — um cobarde; do sr. Leite de Vasconcellos a phrase: 2. si-

ñela damangues, com a traducção — pertence-me; do sr. Pires ainda a phrase quasi identica a essa: 3. senela la mangue com a traducção — primo. O sr. Vaseoncellos dá tambem siñel com a significação — elle, ella; o sr. Pires enviou-me demais a traducção de uma phrase em que esse sentido é dado a señcla: 4. señela terela callardó, elle está de luto. De outro lado tem o git. *sinar*, *sinelar*, v. aux. Ser, estar. MAYO. *sinar*, v. n. To be. BORROW. É esse verbo que temos na phrase 1., que deve traduzir-se — não é ninguém (= não é um homem, é um cobarde; vid. caique); na phrase: 2., que deve traduzir-se — é de nós ou de mim (sinela de amanges; vid. amanga, mangue); a phrase: 3. parece ser uma alteração de 2. ou estar por senela a mangue — é a mim (= é dos meus, é meu parente). Não acho no gitano nada que justifique o sentido attribuido a siñel, siñcla, como pronome; ha aqui sem duvida erro de interpretação. Em señcla terela juntaram-se ao que, parecee, dois verbos que separadamente se ligam a callardó, na linguagem corrente. O texto n.º 80 trazia *sin na* com a traducção sósinho, por *sina*, está, o que corrige por não me parecer exacto.

seresí, s. f. Vinha. Vid. eresí.

setembrucho, s. m. Setembro. Port. *setembro*, hisp. *setiembre*.

sicabar, v. a. Sair. Git. *sicabar*, v. n. Salir. MAYO.

sicubar, v. a. Furtar. Vid. chicubelar.

sicubelar-se, v. refl. Retirar-se, ir-se embora. Vid. sicabar.

silá, s. f. Força: a silas, á força. Git. *silá*, s. f. Virtud, facultad, potencia, impeto, porfia. MAYO.

silbar, s. m. Freio.

sinar, v. Vid. senelar.

sobar, v. n. Vid. sorbar.

sombrimé, s. f. Arvore. Port. e hisp. *sombra*.

sonacay, s. m. Vid. sanacay.

sonsidclar, v. a. Olhar, reparar? [Git. *sonsibelar*, v. Cal- lar, enmudecer. MAYO. BORROW].

soltar, v. n. Adormecer.

- sorbar, v. n. Dormir. Git. *sornibar*, v. a. Adormecer, MAYO. *sornar*, v. n. To sleep. Dormir. BORROW.  
 sorbelar, v. n. Vid. sorbar.  
 sungolí, s. f. Melancia. Git. *sunglí*, s. f. Sandia. MAYO.  
 suete, s. f. Gente. Git. *suetí*, s. f. Gente, familia, generation, universo. MAYO. World, people. BORROW.  
 sungló, s. m. Melão. Git. *sungló*, s. m. Melon. MAYO. BORROW. Cf. *sungolí*.

## T

- tallardí, s. f. Moreella. O mesmo que callardí: nos dialectos tsiganos ha outros exemplos de substituição de c por t; vid. Aseoli, *Zigeunerisches*, index.  
 tardimen, adv. Tarde. Port. e hisp. *tarde*.  
 tarelar, v. a. Vid. terelar.  
 taribé, s. f. Cadeia. Vid. o seguinte.  
 taripeñas, s. Cadeia, carcere. Git. *taripen* não tem analogia de significação; MAYO traduz por — astrologia; vid. *estariben*.  
 tarní, s. f. Burrinha. Falta em MAYO e BORROW; mas parece ligar-se ás formas eiganas *tyrnó*, novo, joven (Miklosich, *Abhandl.*, II, 26), *ternipe*, mocidade (II, 58), etc., comp. *novillo*, *anejo*.  
 tarrosa, s. f. Batata. VASC. Talvez por *terrosa*, do portuguez.  
 tasalda, s. f. Madrugada. Vid. *tasara*.  
 tasara di calicó. Manhã. A. TH. PIRES. Mas *calicó* significa manhã (vid. *calicó*) e git. *tasala* significa tarde (MAYO, BORROW). Zingaro *lači tosára*, buona mattina. (Miklosich, *Abhandl.*, II, 81), *tosára*, mattina, (pag. 82).  
 tejauncho, s. m. Telhado. VASC. Hisp. *teja*.  
 tempisaro, s. m. Tempo. Port. *tempo*.  
 terelar, v. a. Ter. Git. *terelar*, v. aux. Haber. v. a. tener, poseer, existir. MAYO. To hold, have, possess. BORROW.

ternegal, adj. Valente. Git. *ternejal*, adj. 2. Valiente. resuelto. MAYO. *ternejá*, adj. Valiant. BORROW.

testuncha, s. f. Testa. VASC. Port. e hisp. *testa*.

tiragais, s. m. pl. Sapatos. Git. *tirajay*, s. m. Zapato. MAYO. *tirajai*, s. pl. Shoes. Zapatos. BORROW.

tremuche, s. f. Lua. Git. *tremúcha*, s. f. Moon. Luna. BORROW. É, ao que parece uma simples alteração de *chimutra* (vid. *chimutra*) por troca de logar de consoantes, processo vulgar nas girias. Vid. Pott, II, 194-5.

triguisate, s. m. Trigo. VASC. Port. e hisp. *trigo*.

trincar, v. a. Apanhar (?). Git. *trinquelar*, v. a. Apre-  
tar, comprimir; apurar. MAYO.

trupo, s. m. Corpo. Git. *trúpo*, s. m. Body. Cuerpo. BORROW. Vientre, cuerpo. MAYO.

tusa, pron. pess. Tu. Cf. git. *tuc*, contr. de *tucue*, *tute*,  
pron. pess. Tu, te, ti. MAYO.

## U

ua, adv. Sim. Git. *unga*, conj. Si. MAYO. adv. Yea,  
truly, yes. BORROW.

ustabar, v. a. Furtar, roubar. Git. *ustibar*, *ustibelar*, v.  
a. Tomar. MAYO.

ustabelar, v. a. Vid. *ustabar*.

ustilar, v. a. Tomar; furtar. Git. *ustilar*, *ustitelar*, v. a.  
Coger, llevar, prender; tomar, pereibir, cobrar, exigir,  
grangear, hospedar, aeoger; alzar, arrebatar. MAYO.

ustitelar, v. a. Vid. *ustilar*.

## V

vinagruncho, s. m. Vinagre.

## c) Considerações geraes

Os eiganos do Alemejo, segundo os dados precedentes e os que me communicou o sr. Pires, fallam o portugûês, o hispanhol, e esse fallar a que elles chamam *rumaño*, *romanó* ou ainda *romano*, de que pode fazer-se ideia pelos textos e vocabulario acima impressos. Como se vê, o rumanho não é mais do que o hispanhol influenciado pelo portugûês e semeado de palavras particulares, a maior parte das quaes se encontram tambem no gitano ou linguagem dos eiganos de Hispanha. Noutros paizes da Europa os tsiganos fallam verdadeiros dialectos ou antes sub-dialectos particulares aparentados com os dialectos neo-hindus, saidos da mesma base popular de que o sanskrito se elevou á categoria de lingua litteraria. Esses dialectos tsiganos apresentam algumas peculiaridades phoneticas archaicas que os approximam especialmente de linguas ainda pouco conhecidas do noroeste da India, do Kafiristão e do Dardistão<sup>1</sup>. Miklosich enumera treze dialectos ou fallas tsiganas na Europa: grego, na Turquia da Europa; rumeno, na Rumenia, Siebenbürgen, Bueovina, Serbia e Russia; hungaro, na Hungria e Sirmia; bohemio, na Bohemia e Moravia; allemão, na Allemanha; polaco, na Polonia e Lituania; russo, na Russia septentrional; finno, na Finlandia; escandinavo, italiano, baseo, inglez o hispanhol. Miklosich não teve conhecimento do importante dialecto tsigano do paiz de Galles (tsigano welsh), o qual, nesse meio de lingua celtica, conserva muitas particularidades perdidas noutros seus co-irmãos.

O gitano conserva ainda particulas, pronomes, numeras, a inoção, certos processos de derivação e outras formas grammaticaes da lingua tsigana, representada por os mencionados dialectos ou sub-dialectos extra-hispanicos;

---

<sup>1</sup> Miklosich, *Beiträge*, iv, p. 287 segs.

mas doutro lado perdeu quasi por completo a antiga declinação, adoptou a conjugação hispanhola em *-ar*, conservando algumas formas tsiganas do verbo *sinar* ser (*sis, sisle, sin, sou, es, é*). Alguns numeracs gitanos mostram já influencia das formas hispanholas (*jobenta* sessenta, *otorenta* oitenta, junto de *otordé*; comp. *ostardí* quarenta, *panchardí* cincoenta, *esterdí* setenta). Ao lado de *amaró*, nosso, de origem tsigana, apresenta o gitano *nonrió* derivado do hisp. *no(s)*<sup>1</sup>.

O rumanho, a julgar pelos documentos que publico, perdeu quasi todas as particulas e pronomes (vid. no vocabulario *apalé, amangue, mangue, mindai, se*), e outras formas grammaticaes que ainda conserva o gitano<sup>2</sup>; representa pois um estadio mais adiantado na ruina da lingua tsigana primitiva que o gitano, e offerece por esse lado interesse particular para o estudo de um dos processos de substituição da lingua de um povo por outra. Nos dialectos tsiganos europeus extra-hispanicos conserva-se em geral a base indica primitiva do vocabulario e da grammatica; no gitano os elementos tsiganos da grammatica reduzem-se consideravelmente, perdendo-se quasi por completo a antiga declinação e conjugação, apenas representada por tenues vestigios; no rumanho os vestigios tsiganos reduzem-se quasi unicamente a vocabulos feitos e alguns processos de derivação: o hispanhol e ainda o portugûes occupam o logar abandonado pela grammatica tsigana. Assim por misturas successivas o elemento romanico foi eliminando o tsigano. Se tivéssemos documentos da linguagem dos gitanos provenientes dos seculos XVI e XVII, ainda mais de perto poderíamos seguir esse processo, que, como mostrarei

<sup>1</sup> Schuehardt, *Slavo-deutsches und — Slavo-italien.*, Graz, 1885, 4.º, p. 8-9.

<sup>2</sup> Todavia achamos ainda no cigano *si, é, está* (vid. *nasaló*). É possível que ultteriores investigações descubram mais uma ou outra forma verbal tsigana no cigano. Notem-se ainda as formas femininas e do plural como *caló m., callí f., calés pl.* Vid. p. 53.

noutra parte, está longe de ser o unico pelo qual um povo perde a sua propria lingua para adoptar a alheia.

Os 484 termos ou formas do rumanho reunidos em o nosso *Vocabulario* classificam-se, em quanto á sua origem proxima, do modo seguinte :

353 encontram-se tambem no gitano, em geral sem differença consideravel de sentido ou de forma ;

3 não se encontram nos vocabularios gitanos que temos á mão, mas occorrem noutros dialectos tsiganos (*bato, bi-biora, tarní*);

63 são derivados de palavras hispanholas ou portuguesas ;

8 são palavras portuguesas ou hispanholas de significação alterada ou especializada (*andantes, aparador, arboleo, bicha, churon* (?), *frumachos* (?), *guenassuertes, tarrosa*). Vid. tambem *apatuscos, patuque* (c *patusco*).

1 (*culebra*) provém da germania.

1 (*ancia*) provém da germania ou do calão.

1 é uma forma portuguesa muito alterada phoncticamente : *mulla*.

47 são de origem para mim incerta ou desconhecida. Talvez que nova investigação do gitano e dos outros dialectos tsiganos prove a origem tsigana de alguns desses termos, parte dos quaes tem aspecto que a faz suspeitar.

**Palavras do rumanho derivadas de palavras hispanholas ou portuguesas**

1. Derivados com o suffixo *-sar*<sup>1</sup>:

a) verbos.

*abaixisarelar* (\* *abaixisar*), port. *abaixar*.

*ajustisarar*, port. e hisp. *ajustar*.

*desamarisar*, por \**desamarrisar*, port. e hisp. *desamarrar*.

<sup>1</sup> Sobre esse suffixo tsigano, vid. Miklosich, *Abhand.*, x, p. 480-481

*seguisarar*, port. e hisp. *segar*.  
*ladrisarelar* (\**ladrisarar*), port. e hisp. *ladrar*.  
*passisarar*, port. *passar*, hisp. *pasar*<sup>1</sup>.

b) substantivos :

*abertisara*, port. *aberta*, hisp. *abierta*.  
*basisaro*, hisp. *vaso*.  
*huertisara*, hisp. *huerta*, port. *horta*.  
*labrosal* (por \**labrosaro*), hisp. *labraor*, *labrador*, port. *lavrador*.  
*llierbisá* (por \**llierbisar*), hisp. dialect. *llierba* por *yerba*.  
*raisaro* (por \**riisaro*) port. e hisp. *rio*.  
*tempisaro*, port. *tempo*, hisp. *tiempo*. — Vid. também *far-disara*, no *Vocabnlario*.

2. Derivado com o suffixo *-ela* :

*abaixarelar*, port. *abaixar*.

3. Derivados com o suffixo *-men*, *-me*<sup>2</sup> :

*chosimé*, port. *choça*, hisp. *chosa*.  
*sombrimé*, port. e hisp. *sombra*.  
*tardimen*, port. e hisp. *tarde*.

4. Derivados com o suffixo *-uncho*<sup>3</sup> :

*bancuncho*, port. e hisp. *banco*.  
*brancuncho*, port. *branco*, hisp. *blanco*.  
*cabruncha*, port. e hisp. *cabra*.  
*calduncho*, port. e hisp. *caldo*.  
*carruncho*, port. e hisp. *carro*.

<sup>1</sup> As fórmãs *abaixisarelar*, *ladrisarelar*, teem o duplo suffixo *-sar* + *-ela*.

<sup>2</sup> Sobre o suffixo *-men*, vid. idem, *ibid.*, p. 445.

<sup>3</sup> O suffixo *-uncho* é de origem romanica; acha-se também no gitano : ex. *gostuncho*. MAYO. Nas formas *pastorchuncho*, *quintalzuncho*, *segabruncho* complica-se com outros elementos.

*contrariuncho*, port. e hisp. *contrario*.  
*deuncho*, hisp. *dco*, *dedo*, port. *dedo*.  
*floruncha*, port. e hisp. *flor*.  
*galluncho*, port. e hisp. *gallo*.  
*gatuncho*, port. e hisp. *gato*.  
*habuncha*, hisp. *haba*, port. *fava*.  
*labiuncho*, port. e hisp. *labio*.  
*linguncha*, port. *lingua*, hisp. *lengua*.  
*livruncho*, port. *livro*, hisp. *libro*.  
*mandiluncho*, port. e hisp. *mandil*.  
*mesuncho*, port. *mês*, hisp. *mes*.  
*molinuncho*, hisp. *molino*, port. *moiuho*.  
*moutuncho*, port. e hisp. *monte*.  
*orejuncha*, hisp. *oreja*, port. *orelha*.  
*pastorchuncho*, port. e hisp. *pastor*.  
*quintalzuncho*, port. *quintal*.  
*segabruncho*, port. e hisp. *segar*.  
*tejauncho*, hisp. *teja*, port. *telha*.  
*testuncha*, port. e hisp. *testa*.  
*vinagruncho*, s. m. port. e hisp. *vinagre*.  
*abriluncho*, port. e hisp. *abril*.  
*juniluncho*, hisp. *junio*, port. *junho*.  
*juliuncho*, hisp. *julio*, port. *julho*.  
*agostuncho*, port. e hisp. *agosto*.  
*setembruncho*, port. *setembro*, hisp. *septiembre*.  
*octubruncho*, hisp. *octubre*, port. *outubro*.  
*novembruncho*, port. *novembro*, hisp. *noviembre*.  
*decembruncho*, port. *dezembro*, hisp. *diciembre*.

5. Derivados com o suffixo *-uno*, *-un*<sup>1</sup>:

*barbuna*, port. e hisp. *barba*.  
*eneruno*, hisp. *enero*, port. *janeiro*.  
*fajuna*, hisp. *faja*, port. *faixa*.

<sup>1</sup> Esse suffixo é de origem tsigana. Pott, 1, p. 123-124.

*ferbruno*, hisp. *febrero* (troca de suffixo), port. *fevereiro*<sup>1</sup>.  
*lecheruno* (suffixo composto -er-uno), hisp. *leche*, port. *leite*.  
*peruna*, port. e hisp. *pera*.  
*petuno*, port. *peito*, hisp. *pecho*.  
*pisquesuno*, port. *pESCOÇO*, hisp. *pescuezo*.

6. Derivados com o suffixo -esa:

*labraoresa*, hisp. dialectal *labraor* por *labrador*, port. *lavrador*.

7. Derivados com o suffixo -ata:

*furata*, port. *fora* adv., hisp. *fuera*.

8. Derivados com o suffixo -ate:

*centenate*, hisp. *centeno*, port. *centeio*.  
*triguísate*, port. e hisp. *trigo*.

9. Derivados com o suffixo -ute:

*lechute*, hisp. *leche*, port. *leite*.

10. Derivados diversos:

*blancaera*, hisp. *blanco*, port. *branco*.  
*pareau*, port. *parede*, hisp. *pared*.  
*pinon*, hisp. *pino*, port. *pinho*.  
*cotovillo*, port. *cotovello* (troca da forma port. do suffixo -ello pelo hisp. -illo).  
*piticar*, port. *pita*, *piteira*.

---

<sup>1</sup> Os nomes de mês *março* e *maio* do rumanho (do port. *março* e *maio*, hisp. *marzo* e *mayo*) completam a lista acima. Como se vê, os eiganos perderam inteiramente os nomes particulares de meses tsiganos, que os gitanos conservam ainda pela maior parte como *quirdaré*, *março*, *alpandy* e *quiglé*, *abril*, *quindalé*, *maio*.

## Palavras do rumanho de proveniencia incerta

Referindo-nos só á proveniencia immediata (gitano, hispanhiol e portuguez), e não á proveniencia remota dos termos do gitano, do hispanhol e do portuguez, que se encontram no rumanho ou de que derivam termos que neste se encontram, reduz-se a lista aos seguintes, no estado actual da minha investigação:

<i>achochinar.</i>	<i>combisarrar.</i>	<i>molachí.</i>
<i>alsiplesis.</i>	<i>cratiá.</i>	<i>parga.</i>
<i>acotistamente (a cotistá).</i>	<i>curchelo.</i>	<i>petí.</i>
<i>agullá (gollás).</i>	<i>erná.</i>	<i>pusnó.</i>
<i>aricañás.</i>	<i>galler (haller).</i>	<i>pasabelar.</i>
<i>balul.</i>	<i>gorobon.</i>	<i>quehonche.</i>
<i>bea.</i>	<i>gustipeñí.</i>	<i>quimera.</i>
<i>cambelés.</i>	<i>harame.</i>	<i>rebrandiñi.</i>
<i>cameli.</i>	<i>harou.</i>	<i>rilaora.</i>
<i>chardó.</i>	<i>magreña.</i>	<i>soltar.</i>
<i>chubelar.</i>	<i>maniscobar.</i>	<i>rucó.</i>
<i>chuga.</i>	<i>matagañanes.</i>	<i>salbaña.</i>
<i>chupa.</i>	<i>millen.</i>	<i>sapuna.</i>
<i>clechi.</i>	<i>olipandó.</i>	<i>silbar.</i>
<i>colisarrar.</i>	<i>mistós.</i>	

## Observações phoneticas

Apesar de os vocabulos eiganos terem sido collidos na maior parte por pessoas estranhas aos estudos linguisticos, apresentam em geral muito poucas differenças phoneticas apreciaveis com relação aos correspondentes gitanos.

**Accentuação.** Algumas palavras, agudas no gitano, apparecem graves no eigano; taes são:

Gitano	Eigano
<i>balunés</i>	= <i>balunes</i>
<i>chetalli</i>	= <i>satalla</i>
<i>chichojí</i>	= <i>chichobo</i>

<i>chimutri</i>	=	<i>chinutra</i>
<i>chindés</i>	=	<i>chindos</i>
<i>chupendó</i>	=	<i>chupeño</i>
<i>chuti</i>	=	<i>chute</i>
<i>corpichí</i>	=	<i>corpiche</i>
<i>gaté</i>	=	<i>gate</i>
<i>jingalé</i>	=	<i>chingle</i>
<i>minchi</i>	=	<i>minche</i>
<i>pailló</i>	=	<i>pajo</i>
<i>poriá</i>	=	<i>pol</i>
<i>sueti</i>	=	<i>snete</i>

O part. pass. cig. *acharan* está por *acharanó*.

Inversamente temos cig. *churdiñi* = git. *churdiña*; cig. *baté* = git. *bato*, *baste*.

Em gitano ha tambem essas variações de accento: assim temos nelle *corpiche* ao lado de *corpichí*; *poria*, entranha, ao lado de *poriá*, barriga.

Algumas formas femininas do plural que em gitano terminam em *ías* apparecem em cigano com a desinencia *íds* ou *ás*: *bariás* = git. *barías*; *gollás* = git. *gullias*, *olibás* = git. *olibias*.

**Vogaes accentuadas.** Um cig. *é* corresponde a git. *á* em *chagué* = *chajá*; *apalé* = *apalá*. Tambem *é* alterna com *ó*: *gaché* e *gachó*, *calé* e *caló*, cig. *patarró* = git. *batorré*. Em *sanou*, ou corresponde a *é* de git. *sané*.

**Vogaes atonas.** 1. Modificações: *sonacay* ao lado de *sanacay*; *balabá* = git. *balebá*. 2. Suppressão: *archí* ao lado de *arachí*; *cribó* = git. *quiribó*; *ballá* ao lado de *balabá*; *chingle* = git. *jingalé*; *gollás* = git. *gullias*; *olibás* = git. *olibias*; *pol* = git. *poriá*.

**Consoantes.** 1. *t* por *k*: *tallardi* = *callardi*; 2. *p* por *b*: *paté*, *patí* = git. *bato*, *baste*; *patarró* = git. *batorré*. 3. *g* (*gu*) por *j*: *bregue* = git. *breji*; *bregue* = git. *breje*; *garbó* = git. *pajardó*; *tiragais* = git. *tirajay*. Mayo escreve *gi* e *gui*, trigo. A substituição da continua palatal castelhana *j* pela momentanea guttural *g* dá-se em regra

na boca dos portuguezes e gallegos que fallam hispanhol, sem reflexão previa sobre a differença dos sons. É possível que a substituição nas palavras ciganas provenha dos colleccionadores. 4. *b* por *d*: *garbó* = git. *pajardó*. 5. *α*) A aspiração forte *h* substituo o *j* gitano (pronunciado como *j* castelhano) nalgumas palavras: *her* ao lado de *guer* = git. *gel*; *hil*, *hir* = git. *jil*, *jir*; *hundunal* = git. *jundunar*; *aracañá* por *\*haracañal*. Inversamente apparece em gitano *hambo* = eig. *jambo*. β) A mesma aspiração substitue *s*: *hacais* ao lado de *sacais*; *nohotros* = hisp. *nosotros* (VASC.). Por fim perde-se a aspiração: *acais* = *hacais*. 6. O som representado no *Vocabulario* por *j* é o mesmo do hispanhol e gitano *j*. Esso som está por *ill* em *pajo* = git. *pailló*. 7. O som representado por *ch* é o mesmo que em hispanhol se representa por esse signal (*tch*); apparece por *j* gitano em *chingle* = git. *jingalé* e por *s* em *chicubelar* = git. *sicobelar*. Inversamente *s* por *ch* gitano em *satalla* = git. *chetallí*. 8. *r* paragogico (ou substituindo *i* final no dipthongo *ai*): *eragar* = git. *eragay*. *rr* = git. *r*: *currelar* = git. *curelar*. Metathese de *r*: *barquí* e *braquí*; *budar* = git. *burda*. Suppressão de *r*: *chadí*, *chedé* = git. *chardí*, *chatí*; *gañí* ao lado de *grañí*; *cascabes* = git. *cas-carabí*; *qué* ao lado de *guer*, git. *gel*, *grel*. 9. *α*) *l* por *r*: *chol* = git. *chor*; *clalles* = git. *crully*; *colpiche* = git. *corpiche*; *pol* = git. *poriá*; *moro* = git. *mol*; *hundunal* (ao lado de *donares*) = git. *jundunar*. Inversamente *bar* (horta) = git. *bal*. β) *l* por *ll*: *calicó* ao lado de *callicó*. γ) *l* por *n*: *chalelar* de git. *chanar*, influenciando talvez *chalar*, *ir*). δ) Suppressão de *l* final: *aracañá* = git. *jaracañal*; *ojacá* = git. *jucal*. 10. *α*) *ll* por *y*: *pillar* = git. *piyar*; *llaque* = git. *yaque*. β) *ll* por *l*: *llen* = git. *len*. γ) *ll* por *n*: *camallí* = git. *camení*. δ) *ll* por *gu*, *qu*: *pallilí* = *paguillí* = git. *paquillí*. 11. *α*) *n* por *m*: *chinutra* = git. *chimutrí*. β) *n* por *l*: *estariben* = git. *estaripele*; *mon* = git. *mol*. 12. *ñ* por *nd*: *chupêno* = git. *chupendó*.

Suppressão de syllaba. *donares* = git. *jundunar*; *garbó* = git. *pajardó*.

**Varia.** *almarroñas* = git. *manroña*; *ansian* = git. *asiá*, *aziá*, *osian*; *rois* = git. *roin*; *charibeo* = git. *cheripen*<sup>1</sup>; *ua* = git. *unga*; *atrakai* = git. *traquia*; *choi* ao lado de *chol* = git. *chor*; *seresí* = *eresí*; *pocachimi* = git. *pruscatiñi*.

#### Formação do feminino e do plural

As formas femininas em *í* apparecem ainda no cigano, como no gitano; *chinutra* e *satalla* apresentam uma adaptação ao typo feminino hispanhol e portuguez.

Em gitano as palavras femininas em *í* têm o plural em *ías*; *buchí*, coisa, *buchías*; *tatí*, febre, *tatías*. Mas «el uso admite que, para evitar la cacofonia, de muchos *a a* seguidas, sobre todo em poesia, el plural de *í* se forme tambien con *s* sólo: *Puñí*, pena, *puñís*<sup>2</sup>». Os nossos textos apresentam-nos as formas femininas do plural: *pañís*, *avachís*, *grañís*, *petís*. Houve translação do accento em *bariás*, *gullás* e *olibás* (nas duas ultimas com perda do *í*).

Em gitano *chibé* tem o plural *chibeses*; os textos dão-nos no cigano *chibé*, *chibés*.

<sup>1</sup> É possível que seja antes *chariben*, que, mal escripto, fosse lido *charibeu* e reproduzido *charibeo*.

<sup>2</sup> Mayo, p. 52.



## II

### O CALÃO E A LINGUA DOS CIGANOS <sup>1</sup>

Tem-se confundido muitas vezes a linguagem dos tsiganos em geral com o calão. Sabemos já o que é a primeira; vejamos o que é o segundo e se entre uma e outro existem quaesquer relações.

*Calão, gira, giria* ou *geringonça* são os termos com que em portuguez se designa o vocabulario especial dos criminosos de profissão, fadistas, contrabandistas, garotos e outra gente de habitos duvidosos, que por aquelle meio buseam não ser entendidos da sociedade geral. Por extensão dão-se ainda aquelles mesmos nomes á terminologia especial de uma classe, de uma profissão licita, e sobretudo ao conjuncto de termos particulares, muitas vezes de caracter comico, que usam certos grupos sociaes, como os estudantes, os actores, os pintores, os pedreiros, os typographos, os soldados.

O calão ou giria não é um dialecto: tem palavras alteradas phoneticamente, sem duvida, mas por processos geralmente distinctos dos que caracterizam a alteração phonetica dialectal; não tem em regra nem morphologia

---

<sup>1</sup> Esta parte, que foi prommettida em 1887 na *Revista Lusitana*, 1, 3, não pretende de modo nenhum ser um estudo completo sobre o calão, o qual exigiria um volume, para cuja elaboração me faltam tempo e alguns subsidios.

nem syntaxe que o separem da lingua geral em que por assim dizer se encrava. Uma outra differença fundamental separa demais o calão dos dialectos; naquelle as transformações proprias são geralmente queridas, intencionaes; nestes as transformações são geralmente espontaneas, inintencionaes.

Ha duas especies de giria: numa as alterações são puramente phoneticas — só a materia da palavra se modifica; noutras accrescem ás transformações dessa especie, que então se tornam menos numerosas, modificações morphologicas e semanticas (de significação).

Da primeira especie é uma giria usada entre nós pelas creanças nos collegios, que consiste em accrescentar a cada syllaba de uma palavra uma outra constituida por um *g* (*g*) ou *p* seguido da vogal daquella syllaba; assim *tu queres ir a casa* torna-se *tu-pu qué-pé-rés-pés ir-pir a-pa cá-pá-za-pa*.

Os caixeiros da Baixa, em Lisboa, usavam e usam ainda provavelmente uma giria do mesmo genero, mas mais perfeita, que consistia numa inversão de consoantes: *não quero ir passear hoje* tornava-se *ãon' reco ri sapear johe*. Essa giria era fallada e entendida com muita facilidade pelos iniciados.

Os principaes processos das girias do segundo genero serão estudados abaixo. Essas girias podem ser denominadas — de vocabulario particular.

Tendo definido o que deve entender-se por *calão* ou *giria*, examinemos agora a origem d'estas palavras.

Os hispanhoes denominam as mesmas linguagens artificiaes com o termo *germanía*, e tinham o synonymo antiquado *gerigonza*, *giringonza*, *xeringonça*; os francezes com os termos *jargon* e *argot*; os italianos com os termos *gergo* e *lingua furbesca*; os inglezes com o termo *cant*; as allemaes com o termo *Rothwelsch* (á letra — italiano vermelho), os hollandezes com a expressão *bargoensch* ou *dieventael* (á letra — lingua de ladrões), os russos com o vocabulo *afinskoe*, os teheques com a palavra *hantyrka*.

O termo *calão* como synonymo de *gíria* parece não ter correspondente phonetico fora de Portugal; a sua etymologia é todavia muito transparente: *calão*, propriamente, quer dizer cigano, lingua de cigano; é um termo com que os eganos do nosso país ainda hoje se designam (vid. *Vocabulario*, s. v.).

A palavra *gira*, *gíria* liga-se, ao que parece, a *gerigonça*, *giringonça*, que como vimos se encontrava tambem em hispanhol, ao francez *jargon*, provençal *gergonz*, e ao italiano *gergo*, *gergone*. A etymologia desses termos offerece bastantes difficuldades. A hypothese mais favorecida é a que considera o francez *jargon* como derivado de uma forma *jergue*, de \**gergo*, de \**gargo*, thema de que derivam fr. *gargatte*, port. *garganta*, *gargalo*. Effectivamente em antigo fr. dizia-se *gargonner* por *jargonner*, *gargonni* em antigo inglez<sup>1</sup>. A forma *giringonça* parece ter resultado de uma \**giryonça*, \**gergonça*, derivado de *gergo* (intercalação swarabactica de *i*); *giringonça* é uma forma em que a nasal do suffixo produziu a nasalisação do *i* precedente, phenomeno não raro (ex.: *faijões* por *feijões*). A forma *gira* teria nascido de \**girionça* pela suppressão do suffixo *-onça*.

Os termos estrangeiros acima transcriptos revelam já por si a existencia de gírias nos principaes países da Europa. Mas em verdade a existencia de *gíria*, de uma ou de outra natureza, é um phenomeno por assim dizer universal e por toda a parte os processos applicados são muito similares. Assim os tsiganos espalhados nos Pyreus baeos, que adoptaram a lingua do país, empregam a alteração com as syllabas principiando por *p*, como na *gíria* das nossas creanças e fazem, por exemplo, de *janna*, senhor, *jau-pau-na-pa*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Diez, *Etymologisches Wörterbuch*, 1, s. v. *gergo*. Littré e Scheler, s. v. *jargon*.

<sup>2</sup> Francisque Michel, *Études de philologie comparée sur l'argot*. (Paris, 1856), p. xxviii.

Os theg (thugs) ou *phânsîgâr* da Índia têm uma gíria em que se notam mudanças de significação, ao lado de modificações phoneticas e morphologicas; assim os numeroes hindustanicos *pânč* cinco, *čeh* seis, *sât* sete, *des* dez, o persa *jek* um (= hind. *ek*); tornam-se nessa gíria respectivamente: *pančúrú*, *serlú* ou *čerú*, *satúrú*, *desrú*, *jelú*. Os theg adoptam ainda palavras de linguas estranhas<sup>1</sup>.

Ascoli repete de uma noticia de Klaproth, citada por Pott, o facto da existencia de uma gíria dos salteadores circassios, chamada *faršîpé* e cujo artificio consiste em introduzir *ri* ou *fé* depois de cada syllaba<sup>2</sup>. O mesmo eminente glottologo italiano extracta de uma memoria de Richardson sobre os Bâzîgar, gente nomada da Índia, uma passagem relativa a duas gírias por elles empregadas, uma pelos chefes, a outra commum a homens, mulheres e creanças. «O hindustani é a base de ambas; a primeira resulta, em geral, da mera transposição ou inversão de syllabas, e a segunda é patentemente uma conversão systematica de algumas poucas letras.» Eis um especimen:

Hindustani	Bâzîgar I	Bâzîgar II	
<i>ag</i>	<i>ga</i>	<i>kag</i>	fogo
<i>bans</i>	<i>suban</i>	<i>nans</i>	bambú
<i>dum</i>	<i>mudu</i>	<i>num</i>	folego
<i>lumba</i>	<i>balum</i>	<i>kumba</i>	longo
<i>mas</i>	<i>samu</i>	<i>nas</i>	mês
<i>omr</i>	<i>nuroo</i>	<i>komr</i>	idade
<i>peer</i>	<i>reepu</i>	<i>cheer</i>	santo
<i>qeella</i>	<i>laqeh</i>	<i>rulla</i>	um forto
<i>rooburoo</i>	<i>buroo roo</i>	<i>kooburoo</i>	opposto
<i>sona</i>	<i>na-so</i>	<i>nona</i>	oiro <sup>3</sup>

<sup>1</sup> G. I. Ascoli, *Studj critici* (Milano, 1861), p. 384, n. 1.

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*, p. 385.

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*, p. 385-6.

G. W. Leitner estudou a gíria dos ladrões dos países do noroeste da lingua nma publicação inacessível para mim<sup>1</sup>. Francisque Michel fez referência a uma lingua artificial asiatica, o *balaïbalan*, que fôra objecto de investigações da parte de Silvestre de Saey<sup>2</sup>.

#### As fontes do calão

O calão ou gíria portugueza, propriamente dita, pertence á segunda das especies acima referidas, isto é, á das gírias de vocabulario proprio, que tambem podem chamar-se complexas, por apresentarem um conjuncto de processos varios. Essa gíria tem sido muito pouca estudada, e a sua historia anterior ao seculo XVII é, por assim dizer, inteiramente desconhecida.

No seculo XVI Jorge Ferreira de Vasconcellos fez uma referencia á *germania*: «Quando elles querem falão Germania». *Eufrosina*, acto V, scena II. O mesmo auctor empregou tambem a palavra *geringonça*, mas não no sentido de *gíria*: «os honrados são pobres, os rícos vilões são roíns, concertai-me esta geringonça». *Ibid.*, acto III, scena II.

No seculo XVIII D. Jeronymo de Argote nas *Regras de lingua portugueza* (p. 300, 2.<sup>a</sup> ed. 1725) disse: «Tambem em Lisboa entre os homens, a que chamão de ganhar, ha um genero de Dialecto a que chamão *Gíria*, de que os taes usão algumas vezes entre si. E assim tambem os Siganos tem outra especie de *Gíria*, por que se entendem huns com os outros».

<sup>1</sup> Apud Pott in *Internationale Zeitschrift für allgemeine Sprachwissenschaft*, II, 110.

<sup>2</sup> Fr. Michel, *Études de phil. comp. sur l'argot* p. 487. Pott in *Internat. Zeitschrift f. allgemein. Sprachwissenschaft*, I, 60, n. 2, reproduz os titulos de dois estudos, um sobre termos de gíria no *Minahassa*, outro sobre um calão malaio e allude a uma nota de Crowther, *Yoruba Vocab.*, sobre uma gíria africana, consistindo em inversão de letras, syllabas, palavras ou proposições.

Uma investigação bastante extensa no theatro portuguez dos seculos XVI e XVII não me deu elementos seguros para o estudo da historia do calão. Outros talvez sejam mais felizes do que eu. Gil Vicente e J. Ferreira de Vasconcellos offerecem grande numero de termos populares, mas não me atrevi a considerar nenhum como de calão.

É nma obra do notavel escriptor do seculo XVII D. Francisco Mannel de Mello (fallecido em 1666) que encontramos talvez os mais antigos termos indisputavelmente de giria<sup>1</sup>, alguns dos quaes são dados como taes por auctores do seculo seguinte.

Nessa obra acha-se a palavra *giria*, como adjectivo, num sentido que parece ser — *proprio da giria*: « Bem encaixava sobre as ordens aqui agora o *bispar*; que é palavra giria a respeito do vêr (p. 70) ». Noutro logar *girió* significa astucioso: « Como vocês são *giriós!* (p. 155) ». Nesse mesmo sentido occorre a palavra noutros auctores e na boca do povo, assim como substantivamente com a significação de astucia. *Giria*, como substantivo, significando forma particular de linguagem, vem numa passagem abaixo citada, s. v. *calcorrear*.

Os termos de giria contidos na *Feira dos Anexins* são os seguintes:

*arames*, armas. « Pois parece bem um homem com os *arames* atravessados, mui direito (pag. 117). » Vid. infra *Giria do seculo XVIII*.

*bispar*, ver. Vid. acima.

*cachucho*, anel de ouro. « Não me aponte com o dedo, já lh'o disse; bem sabemos que tem anel, e eu *ca-chucho* no dedo (p. 179) ».

*calcorrear*, correr. « Enquanto não recorrerem a pulhas, que é quem melhor os soccorre, porque concorre com o

---

<sup>1</sup> *Feira dos Anexins*. Obra posthuma de D. Francisco Manuel de Mello. Agora dada á luz pela primeira vez. Edição revista e dirigida por Innocencio Francisco da Silva. Lisboa, 1875. Ha varias copias manuscriptas dos seculos XVII e XVIII.

resto de todos os equívocos jocosos, e em se lhes acabando, botam a correr a outra materia, ou metaphora, e vão *calcorreando* com a giria que trazem estudada (p. 95).

*gabeo*, chapeo. «Elle é anexirista de arromba; traz chapeu d'abalroar. Girio equívoco de *gabeo* esteve aquelle (p. 119)».

*lanterna*, garrafa de vinho. «Da adega gosta você, que o vi est'outrò dia todo arrodellado com a *lanterna* feito Marcos, juiz da taverna (p. 117)». «... já o Joanico (que ainda não perdeu a confraria da camaldola) estará com as *lanternas*. Tambem você lhe resa pela conta benta? Nunca esse bebedo me encheu as medidas (p. 176)».

*marabuto*, marinheiro, homem do mar. «Antes é rapazio, e bom para marabutos (p. 117)». Olhem os poias (tornaram os *marabutos*) com que nos apoiam? (p. 205)». «Basta serem do mar para não serem gente; e senão olhe: os homens do mar como se chamiam? *Marabutos*, que vale o mesmo que *mar* e *brutos* (p. 217)».

*monteira*, como adjectivo, mas evidentemente em jogo de palavra com allusão a *monteira*, carapuça (vid. *Giria do seculo XVIII*): «Tambem para Turquia se vae de barrete vermelho: mas ella em campo com chapeu de sol, vae mais a proposito para a sua belleza. Indo de monte a monte, a formosura *monteira* não lhe havia de estar mal (p. 118)».

*moscar-se*, safar-se, ir-se embora. «Se lhe deu a mosca, vá-se *moscando* (p. 175)».

*moscovia?* «Ao cheiro da *moscovia?* (p. 176)».

*rostir*, masear, comer. «Vossê tem trazido nella os equívocos de rastos. Isso, é i-los assim *rostindo* ás marchadellas (p. 9)». «Tenha mão: vossê suppunha, que sou boeado mal mastigado, que o atravesso? Que arenga é essa, que vossê vai *rostindo?* (p. 88: Em metaphora de comer).

*sorna*, somno. «Metaphora de dormir, é boa para os sete dormentes. Quem duvida que havia de ser uma *sornia?* (p. 100)».

A mais antiga lista de termos de ealão conhecida é a que deu o padre D. Raphael Bluteau no seu *Vocabulario*

portuguez e latino (Coimbra, 1712-1721, 8 vols. fol.) e no *Supplemento* á mesma obra (Lisboa Occidental, 1727, 2 vols. fol.), respectivamente s. vv. *gira* e *giria* ou *gira*. «*Gira*, diz o erudito theatino, que tomou em consideração a linguagem viva, he o mesmo, que a linguagem dos marotos».

Fr. Luiz do Monte Carmelo, no seu *Compendio de Orthographia* (Lisboa, 1767), pp. 613-614, reproduziu parte dos termos reunidos por Bluteau (os dados no corpo do *Vocabulario*) e juntou apenas uns quatro novos.

A litteratura do seculo XVIII parece dar tambem poucos elementos para a historia do ealão. São bem conhecidos dois romances de Alexandre Antonio de Lima, publicados nos seus *Rasgos metricos* (Lisboa, 1742), em que se encontram muitas alterações populares de vocabulos, e algumas talvez apenas pretendidas populares e fabricadas simplesmente pelo auctor, junto com uns 17 termos de ealão, dos quaes sómente 4 não se encontram em Bluteau. A leitura de varias comedias do seculo XVIII ministrou-me apenas alguns termos de *giria*, quasi todos já conhecidos desses dois auctores citados. Por exemplo, na *Piquena peça intitulado o alfaiate e Adella ou o Careca e Carcunda na Praça* (1792) e noutras da mesma epocha occorrem os termos *gimbo*, dinheiro, e *gebo*, velho. A expressão *china* que é empregada na mesma peça no sentido de dinheiro (A mim *china* não me falta) era talvez do ealão, e *ginja* velho (na mesma peça) saiu tambem talvez do ealão.

Nas *Infirmidades da lingua e arte que a ensina a emmudecer para melhorar*. Author Sylvestre Silverio da Silveira e Silva. *Invoca-se a protecçam do glorioso Santo Antonio de Lisboa*, por Manuel Joseph de Paiva, Lisboa 1759, 4.º, ha de pp. 104 a 153 uma colleção de palavras e phrases da linguagem popular, que o auctor condemna, e entre as quaes surgem alguns termos de ealão, em parte reproduzidos, ao que parece, de A. Antonio de Lima, como se conclue, por exemplo, da expressão *cloris de cachimbo* (metríz), commum aos dois e que é provavelmente da fabrica

de Lima<sup>1</sup>. Infelizmente Paiva não deu a significação dos termos e phrases que colligiu, o que torna em grande parte inutil a sua lista. O termo *china*, já mencionado, occorre tambem nessa lista na phrase *tem muita china*.

João Baptista da Silva Lopes, *Historia do cativoiro dos presos d'estado na Torre de S. Julião da Barra de Lisboa* (4 vols. Lisboa, 1833-34) deu uma lista de termos do *calão* ou *algaravia dos malandros*, colhidos por elle na prisão.

Depois da publicação dos *Mysterios de Paris*, de Eug. Sue, e da sua traducção portugueza publicada no Porto (1843-1846, 8 vols.), começaram a introduzir-se em romances, em que figuravam individuos das classes anti-sociaes, termos de *calão*, verdadeiros ou fabricados pelos auctores e traductores. Já o traductor dos *Mysterios de Paris* (o fallecido dr. José Pereira Reis, facultativo distincto) dizia: «A linguagem dos nossos ladrões não é tão rica como a dos francezes; e por isso em alguns logares teremos de aporuguezar certos vocabulos». As *aporuguezasções* do dr. Pereira Reis e de outros traductores foram repetidas posteriormente como productos insuspeitos do *calão*, e o que é mais curioso é que pode admittir-se que alguns d'esses termos mal adaptados tenham entrado por fim no *calão*, por influencia das traducções, sendo todavia difficil determinar ao certo quaes elles são.

No romance *Fr. Paulo ou os doze misterios* (Lisboa 1844, 8.º, tomo I e unico), collheu Francisque Michel os 38 termos ou phrases do *calão* que inseriu a p. 441 dos seus *Études de philologie comparée sur l'argot*, e os quaes devem ser considerados como genuinos.

Alguns jornaes tẽem publicado listas, geralmente muito curtas, de termos de *calão*. Extractei duas d'essas listas publicadas uma no *Jornal da Manhã*, do Porto, ali por 1886, outra num periodico de Lisboa, mas infelizmente extraviou-se-me o extracto.

---

<sup>1</sup> *Clori* no sentido de amante vem já na *Feira dos Anceiros*.

Na *Revista do Minho*, 1.<sup>o</sup> anno (1875, Barcellos), encontram-se os dois seguintes artigos que interessam ao nosso assumpto:

Candido A. Landolt. *Vocabulario popular de alguns termos especiaes usados pelos fadistas do Porto* (pp. 54-55). Contem 53 termos dos quaes *lazeira*, *piugas* e *versas* são populares e não do calão.

J. Leite de Vasconcellos. *Gíria portuguesa* (pp. 62-64). Reproduz a lista de Monte Carmelo, que suppoz ser o collecter de todos os termos, e dá 18 novos ouvidos aos garotos do Porto. De um philologo, como é o auctor, havia que esperar mais.

A lista mais extensa, muito mais extensa que todas as anteriores, dos termos de calão acha-se no artigo seguinte:

J. M. de Queiroz Velloso. *A giria (vocabulario, etymologia e historia)* in *Revista de Portugal*, novembro de 1890 (pp. 153-183), Porto.

Alem de varias considerações geraes e de indicações sobre as fontes do calão, contem uma lista com 1337 artigos (contei-os rapidamente, mas não pode ter havido senão muito pequeno erro); todavia o numero de termos distinctos é menor, porque o auctor, seguindo o exemplo, a meu ver, criticavel de varios collectores de girias, separa em artigos diversos as differentes acepções de uma mesma palavra: é assim que o termo *macaco* tem quatro artigos, o termo *pae* tres, *ralé* tres. O auctor servin-se de Bluteau, A. Antonio de Lima, Silva Lopes; examinou varios romances, traduzidos e originaes, e outras fontes que não indica; mas a maior parte dos termos que publica foram colligidos da traducção viva ou directamente por elle ou por outras pessoas, o que dá á lista valor particular, sem comtudo ser possivel para nós a absoluta certeza de que não se tenham introduzido nella alguns productos espurios, apesar da critica que o sr. Queiroz Velloso se exforçou por exercer sobre os materiaes á sua disposição. Ha outra ordem de termos que não por serem espurios, de falsa giria, mas sim por serem genuinamente populares, da linguagem geral

do povo não deviam figurar, como figuram na lista. Taes são :

*Alapar-se*, esconder-se, muito usado nas provincias, derivado aparentemente de *lapa*, mas muito mais provavelmente modificado por dimissilação de \**alaparar-se* (cf. pela forma *coltar* vb. por *coalatar*, do s. *coalatar*, do inglez, e pelo sentido *agachado*, propriamente escondido, de *cacha*, fr. *cacher*, e *acaçapado*, *acachapado*, abaixado, encolhido como o caçapo na toca). Temos tambem a forma *alapar-dado*, com um *d* epenthético, tambem de *laparo*.

*Alhada*, compromettimento, etc. Vem já em Bluteau no sentido de embrulhada. É perfeitamente popular.

*Almiscarado*, janota, como o antigo *alfeninado*, adj. e s., é termo familiar (um *almiscarado*).

*Asophisma* é um arranjo popular de *sophisma*.

*Badejo*, bacalhau, propriamente bacalhau vivo ou fresco, é termo perfeitamente geral, do hisp. *abadejo*, de *abbad*, *abbade*, como *bacallao* de *baccalarío*, segundo D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos<sup>1</sup>.

*Baralha*, tumulto, desordem, etc., é um velho termo, sempre vivo na boca do povo. Nos antigos documentos era principalmente usado na forma tautologica á *volta e baralha*: «Quem com alguém baralha e depós a baralha a sa cassa entrar e hy auudo conselho fuste pera ele firir pcyte XXX.<sup>a</sup> soldos.» *Foral de Santarem in Portugal. mon. hist. Leges*, I, 408. Cp. *Foral de Lisboa*, pag. 413, *Foral de Almada*, p. 476, *Foral d'Aguiar*, p. 714, *Foral de Extremoz*, p. 681. «Alcaldés ó iurados que a bolta ó baralla sobreueneren e uiren ferir ó mesar e lo uire alkalde ó iurado firme fasta en v morabitanos.» *Costumes e foros de Castel-Rodrigo*, ibid. p. 888. «Ningud ome que fugir de bolta ó

---

<sup>1</sup> «Certas Agulhas ferrugentas, tinham entre o Badejo e Bacalhao mettido tal enredo que dizia o Bacalhao: Ha quem faça melhor cozimento ao estomago que eu? Arre com o Badejo, que a puro azeite é que vai escorregando.» *Feira dos Anexins*, p. 215.

de rebata tresquilenlo e pierda el quinen.» *Costumes e foros de Castel-Melhor*, *ibid.* p. 932. «Em aquelles dias crecia muyto o conto dos dicipulos, e levantouse muy gram volta e muy gram baralha antre os diciples Judeus.» *Actos dos Apostolos* (in *Ineditos d'Alcobaça*) VI, 1.

Encontramo-lo ainda nos proverbies colligidos por Bluteau :

Boca fechada,  
Tira-me da baralha.

Não bulas baralhas velhas;  
Não mettas mãos entre pedras.

*Estilha*, bocade, porção, propriamente *lascá*, é popular.

*Fallar d'otivo*, fallar sem saber de que, propriamente fallar do que não se conhece directamente, mas só por ouvir fallar os outros, d'ahi *fallar á toa*, é alteração de *fallar d'outivo* ou antes *fallar d'outiva* (*outiva* = *auditiva*); é popular e foi classico na ultima forma, como pode ver-se dos exemplos reunidos por Moraes, *Dicc.*

*Maochās* era simplesmente um velho plebeismo, conservado até ao seculo XVIII, como se vê de A. Antonio de Lima, e que anteriormente se encontra, por exemplo, no seculo XVI em Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Comedia Ulysippo*, acto III, scena VI: «Ai *maochas*, todo vós estais cortado».

De modo nenhum podem ser considerados como termos de giria os seguintes tambem popularissimos: *pança*, *bar-riga*; *copasio*, copo (grande), *cimeiro*, que está no cime, e outros que figuram na lista referida.

Sem duvida ha, nas girias dos diversos países, velhos termos que pertenceram á lingua geral, mas que esta abandonou (*matelote*, p. ex., na lista do sr. Queiroz Velloso parece estar nesse caso; a palavra significa marinheiro como o fr. *matelot*, de que provém, e foi empregada pelos escriptores do seculo XVI no sentido de companheiro nas

lides do mar: (quem não sabe que Diogo do Couto chamava a Luiz de Camões seu *matalote!*); em muitas partes, como tem sido observado, os limites entre a linguagem popular e as gírias são indefinidos; todavia isso não impede que a historia e o uso actual das palavras nos permitam separar nitidamente em muitos casos o que é da linguagem popular geral e o que é das gírias.

O sr. Queiroz Velloso introduziu com razão na sua lista os termos antiquados ou que tendem a sê-lo das listas de Bluteau e Silva Lopes e dos *romances* de A. A. de Lima, unicas fontes que cita anteriores a 1830; deveria ter notado todavia *todos* os termos que se acham nessas fontes, para assim apresentar no seu trabalho os poucos dados que possuímos para a historia do calão. Igualmente teria feito bem o auctor do trabalho a que me refiro dando indicações rapidas (por meio de abreviaturas) das fontes litterarias que examinou, alem das já indicadas. Apesar de todos esses reparos, deve-se reconhecer que elle prestou um apreciavel serviço, que naturalmente será completado com a segunda parte promettida do seu trabalho.

Da minha parte tinha eu já ha annos formado uma lista de termos de gíria contemporanea, acrescentada depois e que continha 695 artigos. Tendo comparado essa lista com a do sr. Queiroz Velloso, eliminei della tudo o que era common e ficou assim um residuo que abaixo publico. A maior parte d'esses termos que faltam na collecção do referido escriptor tem ainda emprego e não foram puros caprichos do momento, o que prova que o sr. Queiroz Velloso foi demasiado longe na seguinte asseveração: «É possível, é mesmo mais que provavel — sobretudo para o sul do paiz — que ainda existem outros termos de gíria, além dos aqui incluídos: nem nós temos a estulta pretensão de exgotar completamente o assumpto. Poucos serão, no entanto, em absoluto: e d'estes, rarissimos os que passarem d'uma extravagancia ephemera da moda — que as tem tambem e consideravcis — o calão criminal».

Observei que muitos dos termos da lista do sr. Queiroz Velloso como da minha, teem adquirido certa generalisação na linguagem do povo, alguns até na litteratura, phenomeno que se dá noutros paizes relativamente ás girias. As duas listas comtêm tambem termos de girias de classes não eriminosas.

Ha pois que distinguir, o que muitas vezes é difficil: 1.º Termos antigos populares que se reduziram a termos de gíria (ex. *matelote*); 2.º Termos primitivamente de gíria que se tornaram termos populares, familiares (ex. *gajo*); 3.º Termos populares geraes que, por serem empregados pelos que fallam o calão, podem ser erroneamente considerados como proprios do calão (ex. *baralha*); 4.º Termos das diversas girias.

As fontes da minha lista são:

1. Uma lista manuseripta que me ministrou ha annos o fallecido escriptor Leite Bastos; os termos aproveitados d'esta lista não levam nota particuliar.

2. Os termos da lista de Landolt (abreviatura LAND.).

3. Os termos da lista de Leite de Vasconcellos (abreviatura VASC.).

4. O romance *Eduardo ou os mysterios do Limoeiro*, pelo padre João Candido de Carvalho (Lisboa, 1865-1866. 4 vols.); indicado pela abreviatura M. L.

5. A minha audição casual nas ruas de Lisboa e Porto; os termos colhidos por mim proprio levam a nota C.

Da lista de Leite Bastos tive que excluir muitos termos de genuidade suspeita; mas é possivel que algum me escapasse que devesse ser tambem riseado.

O padre Carvalho (conhecido popularmente pela alcunha de padre Rabecão) colheu sem duvida da tradição viva alguns termos, mas outros revelaram-me que não merecia sempre confiança. Assim encontrei nelle, além de alguns termos repetidos da tradueção dos *Mysterios de Paris*, a palavra *ancia* no sentido de *egua*, o que parece devido a um apontamento mal tomado, pois *ancia* significa, não *egua*, mas sim *agua* (M. L., I, 139).

- abancado, adj. Preso. C.  
 abuçar, v. a. Cercar.  
 abridor, s. m. Alçapão.  
 acanhotado, adj. Triste. C.  
 ? acha-chumbada, s. f. Phosphoro.  
 aguaruça, s. f. Fim, extremidade; rol do esquecimento.  
 1. alar, v. n. Ir. C.  
 2. alar, v. n. Viver.  
 alcide, s. m. Pão.  
 alcilante, s. m. Relógio de senhora. LAND.  
 algodão-em-rama, s. m. Pão alvo. C. Porto.  
 alho, adj. e s. Espertalhão. C.  
 alisar, v. a. Furtar.  
 altar, s. m. Mesa de jantar.  
 alumuada, s. f. Fogueira.  
 ambria, s. f. Fome.  
 amoiñar, v. n. Pedir esmola. C. *moinar*. QUEIROZ.  
 amostradora, s. f. Lanterna. — com antrolhos. Lanterna de furta fogo.  
 aparar, v. a. Aceitar, receber. C. Tem também o sentido de — ser sodomita passivo.  
 aparelho, s. m. Mordaça. M. L., I., 134.  
 aparelhado, adj. Preso. M. L., I., 143.  
 apertante, s. f. Corda.  
 ar, s. m. Falta d'ar. Falta de dinheiro. C.  
 aranhota, s. f. Sardinha. C.  
 archeiro, s. m. Homem ebrio. C.  
 ? arifes, s. f. pl. Tesouras. Cf. *drifes*. QUEIROZ.  
 armar, v. n. — á raposa. Evacuar. C.  
 arrezimar-se, v. refl. Horrorisar-se.  
 arrombada, s. f. Meretriz vilíssima. PORTO.  
 asas, s. f. pl. Braços. C.  
 asca, s. f. Qúrsilia, zanga.  
 assentar, v. a. — á mesa. Denunciar.  
 assoprar, v. a. Denunciar. C.  
 assorda, s. f. Bebedeira. C.  
 ? atiçar, v. a. Picar (o cavallo).  
 ? atrimar, v. a. Vender.  
 atroços, adv. Atrás.  
 az-de-copas. Nade gas, podex.  
 badejo, s. m. Pudendum mulieris. C. (Bacalhau. QUEIROZ, VASC. Vide p. 65).  
 badona, s. Cavallo.  
 bagata, s. f. Bruxaria. C.  
 baguines, s. m. Dinheiro. Estar a troços de —. Estar sem real. C.  
 bailharote, s. m. Feijão. C.

*arame - in a  
cavallos.*

- bailique**, s. m. Quarto de prisão. M. L., I, 400. Presentemente significa tarimba. C.  
**balharote**, s. m. Vid. bailharote. M. L., I., 129.  
**baldo**, adj. — ao naipe. Que não tem vintem. C.  
**balsamo**, s. m. Vinho.  
**balsar**, v. n. Ladrar. FR. PAULO.  
**banano**, s. m. Bofetada. C.  
**bater**, v. n. — certo. Estar de accordo.  
**benzer**, v. a. Pedir.  
**besugo**, s. m. Pudendum mulieris. C.  
**bieudo**, s. m. Alfinete de peito.  
**bilontra**, s. m. Maroto, biltre. C.  
**bogalhão**, s. m. Valentão. C.  
**bola**, s. f. Melancia. VASC.  
**bomba**, s. f. Podex. C.  
**borga**, s. f. Pandega, orgia. VASC. Passeio nocturno. LAND.  
**borla**, s. f. De —. Gratis. C.  
**bote**, s. m. Podex. C.  
**botica**, s. f. Cara. C.  
**brechar**, v. n. Pagar a patente.  
**broi**, broia, adj. Bom, boa. C.  
**bufo**, s. m. Policia secreta.
- buldra**, s. f. Podex mulieris. LAND. Cf. *bundra*, barriga. QUEIROZ.  
**bunsilhão**, s. m. Thesouro, dinheirama. C.  
**butes**, s. m. pl. Botas. C. (Pés. QUEIROZ.)  
**cabeça**, s. f. — de preto. Queijo. VASC.  
**cabo**, s. m. Quatro soldados e um —. A mão, os cinco dedos. Fazer quatro soldados e um —. Roubar. C.  
**cachorros**, s. m. pl. — de proa. Seios de mulher. C.  
**cachucho**, s. m. Anel de oiro.  
**caganefa**, s. f. Espingarda. M. L., I, 142. Cf. *cagar-rufa*. QUEIROZ (de SILVA LOPES.)  
**cagarrão**, s. m. Prisão. C.  
**caido**, adj. Que não tem real. C.  
**cair**, v. n. — no pau. Revelar um segredo. C.  
**caixilhos**, s. m. pl. Olhos.  
**caldaga**, s. f. Vinho.  
**caleço**, s. m. Quartilho.  
**calmeirão**, adj. Preguiçoso. C.  
**calona**, s. f. Mulher desprezível.  
**cambão**, s. m. Ir no —. Ir preso.

*arrelaque - bo*  
*nem fardo.*  
*liqua "*  
*membr*  
*virat*

- camelote, s. m. Espolio.  
 cantar, v. n. Padeecer, sofrer.  
 cábito, s. m. Capitão do ladrões.  
 cara, s. f. Moeda de oiro do valor de 2\$000 réis. C. LAND.  
 cardar, v. a. Furtar. M. L., I, 129. (Cf. *cardenho*, roubo. QUEIROZ).  
 careta, s. f. Moeda de 500 réis. Cf. *carinha*. QUEIROZ). C.  
 carochia, s. f. Ponta de cigarro.  
 carnunheiro, s. m. Fadista traidor, em que não ha que fiar. C.  
 casca, s. f. Japona.  
 catraio, s. m. Criança. Rapaz. (Cf. *catraia*, egua. QUEIROZ). C. LAND.  
 cavallinho, s. m. Libra esterlina (especialmente as que têm cunhado um cavallo). C. LAND.  
 cavallo, s. m. Vid. cavallinho. C.  
 chaleira, s. f. Podex. C.  
 chalrear, v. a. Cantar. Cf. *chalrador*, fallador. QUEIROZ. Vid. *chelra*.  
 chalupas, s. f. pl. Botas. C.  
 chamborgas, s. m. O que quer passar por valentão; fanfarrão.  
 Chão-grande, s. m. O Terreiro do Paço (praça de Lisboa).  
 chapar, v. a. Futuere. C.  
 chato, adj. Que não tem vintem. C. *Massador*.  
 chavelho, s. m. Copo.  
 chegadinha, s. f. Bofetada.  
 cheira, adj. e s. 2 gen. Mettediço, a.  
 chelra, s. f. Palavra. *Chelra, a. - dinheiro*  
 chibo, s. m. Alavanea.  
 chimpár, v. a. — o olho. Bater de chapa.  
 chinfrim, adj. Que tem pouco valor, que é de qualidade ordinaria. C. Como s. m. em QUEIROZ. *Fazer chinfrim - atumar de...*  
 chinoca, adj. f. Muito boa.  
 cifra, s. f. Podex. *chinoca - 24...*  
 clisar, v. a. Ver. — á palma. Ver a geito, á vontade. C. *tem*  
 cocar, v. a. Vid. eucar.  
 cochicho, s. m. Moeda de 50 réis, de prata. Chapen de amolgar. Casa pequena. C. *forpelo que se mere...*  
 coco, s. m. Copo. C. *checo*  
 colla, s. f. Fechadura. *cairo - cairar - ...*  
 collegio, s. m. Prisão, cadeia.  
 contado, s. m. Anno.  
 cópadas, s. m. Ir ás —. Ir ao café. LAND.  
 coragem, s. f. Dinheiro. Sem —. Sem vintem. C. *cheir feia*

- cordante, s. f. Forca.  
 corrida, s. f. Mês.  
 córte, s. m. Roubo. Cf. *cor-tar-se*, furtar. QUEIROZ.  
 C.  
 cortesão, s. m. Chapeu fino.  
 corveta, s. f. Caachimbo.  
 coveiro, s. m. — altanado.  
 Procurador regio.  
 cozinha, s. f. Esquadra de policia.  
 cucar, v. a. Ver. C.  
 culatra, s. f. Pødex.  
 culatrona, s. f. Meretriz vilissima. C.  
 cunha, s. m. Empregado que verifica passaportes.  
 darona, s. f. Mãe. — lá de cima. Mãe de Deus.  
 derrubador, s. m. Faca.  
 descarregar, v. a. — o madeiramento. Andar ligeiro.  
 desconfiar, v. n. Ir-se embora.  
 ?deza, s. f. Moeda.  
 dia, s. m. Fazer —. Andar toda a noite em folgança.  
 C.  
 doente, adj. Comprometido.  
 dor, s. m. Ciume. Familiarmente a expressão dor de cotovello tem o mesmo sentido. C.  
 dorminhoco, s. m. Opio.  
 doutora, s. f. Cabeça.  
 embeigar, v. a. Atracar. C.  
 empandeirado, adj. Preso. C. Cp. *empandeirar*, matar, assassinar. QUEIROZ.  
 encabrestar, v. n. Apresentar a ceia.  
 encaixotar, v. a. Enterrar.  
 encalhar, v. n. Parar; entrar.  
 encanar, v. n. Mandriar, preguiçar.  
 entrames, s. m. Entrada. C.  
 envergadura, s. f. Vestuario.  
 envergar-se, v. refl. Vestir-se.  
 escaralhida, s. f. Excremento. C.  
 escovadinho, s. m. Chapeu.  
 esfolado, adj. Zangado.  
 esganador, s. m. Gravata.  
 esganar, v. a. Eseonder.  
 espantar-se, v. refl. Zangar-se. C.  
 espinheira, s. f. Mata, bosque.  
 esquilha, s. f. Sardinha.  
 esteira, s. f. Estrada.  
 Fabiano, s. m. Nome valendo como *fulano* que se dão os fadistas para não empregarem o nome verdadeiro. LAND.  
 faia, s. m. Fadista. C.  
 faiante, s. m. Fadista. C.  
 falso, s. m. Buraco da fechadura.

*lar do busto  
 fugir*

- farar, v. a. Apanhar.  
 faxar, v. a. Abrir.  
 ferramental, s. m. Ferros para arrombamento.  
 ferro, s. m. Dinheiro.  
 fila, s. m. Official de justiça. C. Cp. *filante*, agente de policia, guarda civil. QUEIROZ. Una quadra do tempo da guerra liberal allusiva a um certo meirinho de Coimbra dizia:  
     Morreu Custodio,  
     Meirinho fino,  
     Filante mór,  
     Desde menino.  
 filé, s. m. Palpite; esperança num ganho. C.  
 fina, s. f. Astucia.  
 finfar, v. a. Aplicar, dar. Bater. Futuere. C.  
 fofa, s. f. Mentira.  
 forty-two, num. Quarenta e dois. C.  
 francisquinho, s. m. Copo de vinho. M. L., I, 6.  
 fundo, s. m. Prisão. Cp. *fundo*, soldado, sentinella. QUEIROZ.  
 funeral, s. m. Elogio.  
 fungágá, s. m. Philarmónica. C.  
 furacão, s. m. Morte d'homem.  
 gabinardo, s. m. Gabão. Capote. C.  
 gadachim, s. m. Unha. M. L., I, 129.  
 gaio, s. m. Cavallo.  
 galdrana, s. f. Meretriz vilissima.  
 galdrapinha, s. f. Meretriz.  
 galdropar, v. n. — da corda. Comer da ceia d'outrem.  
 gandaiar, v. n. Vadiar. Diz-se tambem no mesmo sentido andar á gandaia. C. Vid. infra, na *Giria do seculo XVIII*, p. 81.  
 gandaieiro, s. m. O que anda á gandaia.  
 gando, s. m. Piolho. Cp. *gao*. BLUTEAU. *ganau*. VASC. QUEIROZ.  
 ganfar, v. a. Vender. *ganfar* — *ganar*  
 gangarina, s. f. Igreja. Cp. *cangarina*. SILVA LOPES.  
 garganta, s. f. Garrafa. M. L. I, 136. Cp. *gargantosa*, garrafa. QUEIROZ.  
 garnella, s. f. Á —. Á vontade.  
 garulla, s. f. Perua. *garulla* — *garulla*  
 gateira, s. f. Bebedeira. Vid. *gata*. QUEIROZ.  
 gauderio, s. m. Vadio. Patusco. Malandro.  
 gaudinar, v. n. Andar na pandega, á boa vida, folgar. C.  
 gelfa, s. f. Velha. Cp. *gelfo* (= *belfo*), cão. QUEIROZ.

- gesso, s. m. Vinho. VASC.  
 Já nas côrtes de Almeirim de 1544 foi prohibido deitar gesso no vinho. Dessa falsificação vem a significação da palavra.
- gimboiinha, s. f. Aguardente.
- gingão, s. m. Coxo. C.
- giraldinha, s. f. Patiscada.
- giribato, s. m. Vinho. LAND.
- giripiti, s. m. Aguardente.  
 C. *geripiti*, cacharolete: bebida composta de diferentes licores. QUEIROZ.
- girote, s. m. Vadio. C.
- grané, s. m. Cavallo. *grane*, *graní*. QUEIROZ.
- grão, s. m. Arroz. VASC.
- gregorio, s. m. Penis. C.
- grelha, s. f. Peru.
- griso, s. m. Frio. *gris*, BLUTEAU.
- grossa-casca, s. f. Caixa de prata.
- grosso, s. m. Bebado. C.
- grossura, s. f. Bebedeira.
- grudar, v. n. Convir. Adaptar-se, accomodar-se. Estar de accordo. C.
- grulha, s. m. Poreo. Nos M. L., 1, 135, peru. Em QUEIROZ, com outras significações.
- güelar, v. n. Gritar, palrar.
- guesso, adj. Caricato, desajitado. C.
- guibo, s. m. Artelho.
- horar, v. n. Fazer horas. C.
- ilhoz, s. m. Podex. C.
- inglez, s. m. Preevejo. C.
- irmo, s. m. Irmão. C.
- kioske, s. m. Podex. C.
- labita, s. f. Casaca.
- lamira, s. f. Libra. VASC.  
 Cf. *lamiro*. QUEIROZ.
- lanterna, s. f. Sapato. Garrafa de vinho.
- largar, v. n. Mentir.
- larias, s. f. Laranja. VASC. *lanca*
- lascar, v. n. Evacuar. C.
- latingar, v. a. Comer.
- lavado, s. m. Quartilho de vinho.
- linguado, s. m. Letra commercial. C.
- liré, s. m. Vinho.
- lirias, s. f. Vid. *larias*. VASC.
- livraria, s. f. Repertorio grande de cantigas.
- lixar-se, v. Futuere.
- lofo, adj. Pateta.
- lostra, s. f. Escarro. Bofotada. C. *sal forte*
- lupa, s. f. Cantar a —. Vomitar.
- luzente, s. m. Pedra preciosa. *luzos - alhos*
- luzida, s. f. Festa.
- lyra, s. f. Guitarra. LAND.
- macote, s. m. Sacola. M. L., 1, 143. Cf. *maco*. QUEIROZ.

*lutar mais fresco - mais bebado.*

- maçote, s. m. Podex hominis. LAND.
- madrinha, s. f. Testemunha.
- maduro, adj. Tolo, demente. C.
- magal, s. m. Soldado.
- major, s. m. Pae. Ir para o —. Não prestar, não servir.
- malafaia, s. m. Significação analoga á de melcatrefe.
- malva, s. f. Chapeu (de amolgar).
- Mandamentos, s. m. pl. Dez —. Os dedos da mão. C.
- mandigula, s. f. Bebida narcotica.
- mandil, adj. Preguiçoso.
- mangalhado, adj. Preguiçoso.
- mangalho, s. m. Penis.
- maquineta, s. f. Cabeça. Ter macacos na —. Ter mania, loucura.
- marinheiro, s. m. O que traz diuheiro eomsgo e diz que não o tem. LAND.
- marosca, s. f. Ardil, logro.
- marrão, adj. Apanhado, deseoberto (num erime).
- marreta, s. f. Sapato.
- martelinho, s. m. Copo de meio quãrtillo. Penis. C.
- ? martyrios, s. m. pl. Ferramentas.
- mascovia, s. f. Casaca. Vid. *macovia*. QUEIROZ.
- masquir, v. a. Mastigar. LAND.
- mata, s. f. Logar onde se vende fato velho.
- matar, v. a. Prender. *maia casa - de*
- meio-bordo, s. m. Façada. *grat -*
- melcatrefe, s. m. Sujeito de profissão duvidosa. Termo vago de desprezo eom que se designa um rapaz, um homem.
- menesa, s. f. Coneubina. LAND. Cf. *manesa*, mulher. QUEIROZ. *Menesa*, abbadessa. Id.
- miar, v. n. Gritar.
- midea, s. f. Cabeça. *mit hancas - 1000*
- milhafre, s. m. Mil réis. «Consultei a *pera* e achei só um milhafre» abri a bolsa e achei só mil reis.
- mimoso, s. m. Chapeu fino.
- minhocas, s. f. pl. Sopa de macarrão. LAND.
- mistico, adj. Aeordado. M. L., I, 134. Homem alto.
- mitra, s. Na giria dos pedreiros, coelho. VASC. *A evolução da linguagem*, p. 53.
- moca, s. f. Tolice. Traição.
- mocar, v. a. Enganar. Trahir.
- moco, s. m. Tolo, pedaço de asno.

mofa, s. m. De —. Gratis. C.

moina, s. f. Andar á —. Andar a pedir esmola.

Vid. amoinar. C.

moleque, s. m. Bofetão. C.

moneoso, s. m. Lenço de assoar.

money (pron. móni), s. m. Dinheiro.

monte, s. m. — de pedras. Edifício da prisão.

monteira, s. f. Prisão.

morder, v. a. Fazer mal a.

moscardo, s. m. Bofetão. C.

moscar-se, v. refl. Fugir com roubo. C.

mosco, s. m. Roubo. C.

mosqueiro, s. m. Casa.

moxingueiro, s. m. Juiz da prisão. M. L., I, 40, etc.

nadar, v. n. Justificar-se.

narro, s. m. Gato.

nasio, s. m. Nariz. C.

nicar, v. n. Futuere. C.

nicola, s. f. Ação de nicar. C.

noscar, v. a. Quebrar.

noz, s. f. Cabeça.

official, s. m. — de hoca aherta. Cantor.

olho, s. m. Na giria dos pedreiros, tostão. VASC.

*A evolução da linguagem*, p. 53. — de hoi. Cruzado novo.

padrinho, s. m. Testemunha.

*da niga*  
paiol, s. m. Estomago. C.

palito, s. m. Punhal. LAND. (Cigarro. QUEIROZ). pl. Pontas de boi.

pandego, s. m. — nocturno. Guarda nocturno, sereno.

panella, s. f. Carruagem. Podex. C.

pantufa, adj. Gordo. C.

parelhar, v. a. Divertir.

pardal, s. m. Espião policial.

parrameiro, s. m. Pudendum mulieris.

parrançar, v. n. Mandriar. C.

patrona, s. f. Pudendum mulieris.

patao, s. m. Tolo. Asno. Nos dicionarios como popular.

patrajona, s. f. Meretriz de soldados, que segue um regimento de terra em terra. C.

patrazana, s. m. Soldado da guarda municipal. VASC.

patuno, s. m. Pudendum mulieris.

péga, s. f. Verdade.

peixe-na-costa, s. m. Gente suspeita.

peneira, s. f. Fome (Lisboa). C. Sede (Porto).

pente, s. m. Anasia. Meretriz. C.

pevide, s. m. Podex.

- philarmónica, s. f. A policia apitando. C.  
 piegas, s. m. Penis. C.  
 pilula, s. f. Cama. Cp. *piltra*. QUEIROZ.  
 pinto, s. m. Criança. C.  
 pirata, s. m. Cabo de policia. C. — *libra de*.  
 pire, s. m. Prato. VASC.  
 pitada, s. f. Prostituta. LAND. — *man chon*  
 placa, s. f. Moeda de prata de 500 réis. (Moeda de prata de 240 réis. QUEIROZ).  
 ponis, s. f. Mulher.  
 presunto, s. m. Pessoa morta. LAND.  
 quebrado, s. m. Copinho.  
 queijo, s. m. Negocio.  
 querer, v. a. — meça. Pôr duvida, *haper fino*  
 quilhar, v. n. Futuere. C.  
 quinhames, s. m. Sapato grosso. Pé. C. Cp. *canhantes*, botas. SILVA LOPES.  
 quinta, s. f. Enfermaria de meretrizes.  
 rabão, s. m. Diabo.  
 ralé, s. f. Genio, indole. Pouco differente do uso commum da palavra.  
 rapiaça, s. f. Patuscada.  
 ratoeira, s. f. Casa onde se reuñem ladrões.  
 refeita, s. f. Ceia.
- regulado, s. m. Relogio.  
 remedio, s. m. Explicação.  
 reninicar, v. n. Queixar-se.  
 replicar, v. n. Voltar.  
 respo, s. m. Excremento humano. C.  
 risca, s. f. Desordem. C.  
 riscar, v. n. Manobrar com a navalha antes de dar a facada. C.  
 roca, s. f. Bengala.  
 roçar-se, v. refl. Rir-se. C.  
 rodellinha, s. f. Annel.  
 rodilha, s. f. Gravata. C.  
 roedura, s. f. Pesar, tristeza. C.  
 rola, s. f. Caldo. Criada de servir chegada da provincia.  
 rolha, s. f. Juizo, bom senso.  
 ruiva, s. f. Policia.  
 rustideira, s. f. Aeição de comer. Coisa que se come.  
 saltante-picado, s. m. Dado elumbado.  
 samatra, s. f. Penis. (Bebedeira. QUEIROZ).  
 sarambia, s. f. Masturbação.  
 sebastião, s. m. Tolo. C.  
 sem-luzios, adj. Cego. *serra - d'ubira*  
 servido, adj. Preso. C.  
 servir, v. a. Espancar. C.  
 sinhama, s. f. Senhora. Cf. *sinhá*. QUEIROZ.  
 sobremoseovia, s. f. Sobrecasaca. Cf. *sobre-macovia*. SILVA LOPES.

- soldados, s. m. pl. Vid. cabo.  
 sona, adj. Preguiçoso.  
 sondar, v. n. Morrer.  
 sondeque, s. m. Bofetada.  
 C.  
 sonhar, v. n. — com o pae.  
 Embriagar-se.  
 sorna, s. f. Cama.  
 sovelão, s. m. Avaro, pou-  
 pado. C.  
 subideira, s. f. Escada.  
 sulipa, s. f. Jogo de alçapé.  
 tacho, s. m. Cara. C.  
 tapor, s. f. Na giria dos  
 pedreiros, porta. VASC.  
*A evolução da linguagem,*  
 p. 53.  
 tardós, s. m. Podex.  
 tefe, s. m. Podex. Puden-  
 dum mulieris. C.  
 temposa, s. f. Caixa. M.  
 L., 1, 135. Vid. tamposa,  
 QUEIROZ.  
 tento, s. m. Bofetada.  
 tenéne, pron. pess. Na  
 giria dos pedreiros, teu.  
 VASC. *A evolução da lin-*  
*guagem,* p. 53.  
 tocador, s. m. Bebedor.  
 tocar, v. a. — trombeta ou  
 simplesm. tocar, beber.  
 todas, s. f. pl. Umas —.  
 Uma bofetada. C.  
 torcida, s. f. — grossa. Pe-  
 chinecha. M. L., 1, 120.  
 tosse, s. f. Fome. C. Falta  
 de dinheiro. LAND.  
 traidor, s. m. Sapato. *Trinca*  
*ma*  
 triques, adj. Todo — á bei-  
 rinha. Todo liró. C. (Todo  
 triques á marinha. QUEI-  
 ROZ). *beirinha*  
 tronco, s. m. Homem.  
 uga, s. f. Fazer —. Conti-  
 nuar. M. L., 1, 135.  
 ugar, v. n. Gritar, dar alar-  
 me.  
 um-sete, s. m. Navalhada.  
 LAND.  
*Na de valetar a valer.*  
 vegete, s. m. Amante ve-  
 lho. C. Este termo é  
 muito usado no theatro.  
 verde, s. m. Frio.  
 veronica, s. f. Cara. C.  
 xarifa, s. f. Pudendum mu-  
 lieris. C.  
 zachael, s. m. Burro.  
 zarear, v. n. — a mona.  
 Zangar-se.  
 zona, s. f. Noite.  
 zouca, s. f. Na giria dos  
 pedreiros, coisa. VASC.  
*A evolução da linguagem,*  
 p. 53.  
 zuncho, adj. Que está d'ae-  
 cordo. C.

*de tão te ma  
com no-*

*bebido - bebe  
deira*

*lutar na tinta -*

*Tascar - ver -  
fazer -*

Tem sido notado noutros países que, apesar das modificações que as gírias experimentam, ás vezes num curto espaço de tempo no seu material de termos e ainda nalguns processos secundarios, ha nellas uma unidade fundamental que não se perde, um certo fundo de termos e de processos que escapa a todas as innovações. Aqui, como em toda a linguagem, observa-se o que nota Horacio:

*Multa renascentur quae iam cecidere, cadentque  
Quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus.*

A comparação das duas listas seguintes, uma de termos do seculo XVIII, a outra de termos em uso no calão na epocha da guerra constitucional (Silva Lopes) com a minha lista e a do sr. Queiroz Velloso mostra a persistencia de boa parte d'esses termos. É possível até que alguns termos indicados como antiquados persistam ainda nas gírias provinciacas.

#### Gíria do seculo XVIII

Os termos colhidos por Bluteau não levam indicação de fonte; os de Monte Carmelo vão indicados pela abreviatura M. C.; os de A. A. de Lima com o appellido Lima, os das *Infermidades da lingua* com o appellido do auctor, Paiva. A significação attribuida aos ultimos é conjectural.

alfarreca. Cabelleira.	avesar, avesar-se. Estar presente. Antiquado.
altenado. Amo.	bagulho. Dinheiro. PAIVA.
alvada. Carapça.	Estão em uso as formas <i>bago</i> e <i>bagalhoça</i> , no mesmo sentido.
aramc. Espada, adaga. Usa-se ainda no sentido de — navalha.	banza. Guitarra. PAIVA.
artife. Pão.	bastos. Dedos.
asea. Quisilia. Zanga. PAIVA. É antes um termo popular.	bayuca. Taverna. Termo popular.

- bayuqueiro.** Taverneiro.  
 Termo popular.  
**basaruco.** Moeda de cobre  
 ou bronze? PAIVA. Usado  
 no sentido de — pataco.  
**beque (dar ao —).** Fallar?  
 PAIVA. Beque significa-  
 ria aqui *boca*, como hoje  
 significa nariz; cf. argot  
 fr. *bec*, boca.  
**bico, s. m.** Bebedeira. Fa-  
 zer o bico ao faxo, embe-  
 bedar-se. Vid. a passa-  
 gem citada s. v. faxo.  
**bola.** Cabeça.  
**bolonio.** Simples, pobrete.  
 É antes um termo popu-  
 lar, ainda vivo.  
**cachimbos.** Pés. Antiquado.  
**cachucho.** Anel de oiro.  
 PAIVA.  
**calcorrear.** Correr.  
**calcos.** Sapatos.  
**calmar.** Dar (bater, espan-  
 ear). Antiquado.  
**caseunhar.** Ver. Antiquado.  
**casebre.** Casa. É propria-  
 mente termo popular,  
 empregado ainda hoje no  
 sentido de casa pequena  
 e velha.  
**catropéo.** Cavallo. É mais  
 usada hoje a forma *catra-  
 pós*.  
**chelpa, s. f.** Dinheiro<sup>1</sup>.  
**cheta.** Vintem.  
**china.** Dinheiro. PAIVA.  
 Antiquado<sup>2</sup>.  
**cosque morrosque?** PAIVA.  
*Cosque* no calão moderno  
 é casa.  
**cria.** Carne de vacca. Anti-  
 quado.  
**criar.** Ter alguma coisa.  
 Antiquado. — minas de  
 caroço, ter ou possuir  
 muito. Minas de caroço  
 usa-se ainda no sentido  
 de fortuna, riqueza.  
**crivantes.** Dentes.  
**dez-bofas.** Dez réis. Anti-  
 quado.

<sup>1</sup> Tem grande *chelpa* escondida,  
 e de tudo quanto tem,  
 he herdeira sua filha.

*O damno dos miseraveis* (entremez). Lisboa, 1784.

... o noivo era fama que media  
 aos alqueires a *chelpa*...

*Segunda parte da viagem sonhada, que fez hum  
 homem dormindo.* Lisboa, 1785.

<sup>2</sup> Oh! tomara-lhe eu a china!

*O damno dos miseraveis* (entremez). Lisboa, 1784.

- encanhas. Meias. Antiquado? **galfarro**. Vadio. Beleguim? PAIVA. O termo **galfarro** é dado por Bluteau como chulo no sentido de gigante, soberbo, valente.
- entrujir. Entender. Antiquado. **galga**. Fome. M. C. Antiquado.
- espigas. Bigodes. **galradeira**. Lingua.
- estardato. Estoque. Antiquado. **galrar**. Fallar.
- falso. Lenço. Antiquado. **gambias**. Pernas.
- fanfar. Fallar? PAIVA. **ganchorra**. Mão. Antiquado?
- faxo. Pau. Antiquado. No sentido de cara, num escripto jocoso, (hoje **faxa** no mesmo sentido). Vid. **gandaia** (andar á —). Vadiar, viver ao Deus dará. Em Lisboa andar á **gandaia** é propriamente revolver os lodos do Tejo na baixa-mar para apanhar algum objecto aproveitavel que por lá haja. PAIVA. Vid. **gandaeiro**.
- fumélio. Tabaco para fumar. LIMA. Antiquado. **gandaeiro**, s. m. O que anda á **gandaia**<sup>2</sup>.
- gabio. Chapeu. Antiquado.
- gabrinaldo. Gabinardo, gabão. PAIVA. Usa-se a forma *gabinardo*.
- ganhos. Dedos, mãos. PAIVA.

<sup>1</sup> ... tendo de dia feito ao *faxo*  
O bico muito bem, ficando hum caxo.

*Raio poetico de Matusio Mattoso Matos das Matas. Lisboa, 1786.*

<sup>2</sup> Deste cano real hoje te saco,  
Qual saca o *gandaeiro* um prego torto  
Dentre os chichelos velhos da enxurrada.

Correia Garção, *Theatro novo*, scen. 5.

... e estes peraltas,  
tristissimos *gandaeiros*,  
e outros *cjusdem furfuris*,  
pobretões já ex professo,  
não veem junto um só tostão.

*Incisão anatomica ao corpo da Peraltice.*  
Lisboa, 1771.

- ganiços. Dados. Antiquado.  
 gao. Piolho. Usam-se as  
 formas *ganau*, *gando*.  
 garrocha. Unha, mão. An-  
 tiquado.  
 gateira. Bebedeira. PAIVA.  
 gaudiperio, s. m. Injuria  
 que se faz tendo relações  
 amorosas com a mulher  
 ou amante de outrem<sup>1</sup>.  
 geba. Mãe velha.  
 gebo. Velho. Em varias  
 comedias<sup>2</sup>.  
 gimbo. Dinheiro. LIMA.  
 Antiquado<sup>3</sup>.  
 gisar. Furtar. M. C. Anti-  
 quado.
- golpe. Algibeira.  
 grão. Cruzado novo.  
 gris. Frio. Parece estar  
 ainda em uso a forma  
*griso*. *griso* - 5<sup>re</sup>  
 janisaro. Tunante, maga-  
 não. M. C. (BLUTEAU es-  
 creve *ganisaro*.) Anti-  
 quado.  
 jorna. Vagar. Antiquado.  
 jornando. Estou —. Não  
 quero sair. BLUTEAU.  
 M. C. Antiquado.  
 justa. Casaca. Usa-se no  
 sentido de jaqueta.  
 laucho. Penedo. Antiqua-  
 do.  
*Cepis - 10 reis*

<sup>1</sup> Assim como no leito foi pillhado (Marte)  
 Fazendo *gandiperios* ao coitado  
 Do ferreiro Vulcano, a que a mulher  
 Armas contra seu gosto faz trazer.

*Raio poetico de M. M. Matos das Matas.*

Toda essa gritaria, e apupada,  
 Que te fere os ouvidos, he causada  
 Do feio *gandiperio*, que pregou  
 A hum Ginja, que ha pouco se casou  
 Sua mulher...

*Segunda parte da viagem sonhada, que fe  
 um homem dormindo. Lisboa, 1785.*

<sup>2</sup> ...mal pillhou  
 O seu *Gebo* a dormir...

*Segunda parte da viagem sonhada, que fez  
 um homem dormindo. Lisboa, 1785.*

<sup>3</sup> Eu lhe buscarei idea  
 para lhe sacar o *gimbo*.

*O damno dos miseraveis (entremez). Lis-  
 boa, 1784.*

- lima. Camisa. Usa-se a forma *limosa* no mesmo sentido.
- lostra. Bofetada. PAIVA.
- luzios. Olhos. LIMA.
- marca. Puta. Antiquado.
- marco. Homem. Antiquado.
- marimbar, v. n. Os dicionarios trazem este termo no sentido chulo de enganar, lograr. Colligi algumas passagens em que equivale a — rir-se de, não fazer caso de<sup>1</sup>.
- meco, s. m. Homem, espectralhão, finorio, libertino, etc.<sup>2</sup> Vid. p. 100-101.
- monteira. Carapuça. Antiquado?
- moquideira. Boca.
- nantesnem. Parece ser identica no sentido a niente. Antiquado.
- niente. Não sabes (sic). Usa-se a forma *nente*, não, nada.
- pilra. Cama. Usam-se as formas *peltra* e *piltra*, no mesmo sentido.
- pio. Vinho.
- purrio. Bebado. Usa-se no sentido de reles, vil.
- rafa. Fome. Antiquado?
- rafar. Sumir. Furtar. M. C. Antiquado.
- rata. Fome. Usa-se a expressão *ter um rato no estomago, na barriga*, no sentido de ter fome.
- raso. Frade.
- rede. Capa. Usa-se no sentido de roupa.
- rifar. Furtar. M. C.
- roda. Tostão.
- rustir. Comer.
- sonar. Dormir.
- soquir, suquir. Comer.
- sorna. Cama? Preguiça? PAIVA.
- sornar. Dormir? PAIVA.
- tardar. Vestido de mulher. Antiquado.

<sup>1</sup> Então no tal casamento  
Desde já estou *maribando*.

*O damno dos miseraveis (entremez). Lisboa, 1784.*

Ora eu estou *maribando* em vossa alteza.

*Novo entremez das regateiras bravas. Lisboa, 1786.*

<sup>2</sup> Nesta certeza os *mecos* conloizados  
A seu salvo as saudes repetião.

*Raio poetico de M. M. Matos das Matas. Lisboa, 1786.*

terne. Costas. Antiquado.	unhante, s. 2 gen. O, a que
Terragosa. Lisboa. Antiquado.	deita a unha ás coisas, rouba <sup>1</sup> .
tirantes. Calções.	veronica. Rosto. PAIVA.
ugar. Andar, continuar?	vinorica (= veronica).
PAIVA. Vid. p. 86 nga,	Rosto. LIMA.
continuar.	vulto. Corpo. LIMA. Ant.

### Calão do primeiro terço do século XIX

José Daniel Rodrigues Costa, na *Camara optica*, folheto III (Lisboa, 1807) traz uma lista de termos que pretende terem sido então introduzidos na linguagem dos tafues: *pizorga*, embriaguez, bebedeira; *pechincha*, lucro, ganho; *cuquenha*, acerto, felicidade; *chalaça*, zombaria, esearneo; *moafa*, perturbação de sentidos, impertinencia; *embofea*, logro, altivez; *caurim*, logro, calote; *grifaria*, exotico (sic), ridicularia; *pimpão*, valente, destemido; *matuco*, tonto, doudo; *pitéo*, quinhão, interesse; *petisco*, ninharia, boeadinho; *matuto*, teimoso, parvo; *vispere*, desaparecer, fugir, (diz-se propriamente: fazer *vispere*); *pinto*, cruzado novo; *caçoquim*, meio tostão; *grazinador*, loquaz; *espelunca*, ganho de jogo; *embaçar*, engano, trama (sic).

Alguns d'esses termos não eram por certo novos; outros saíram talvez da giria, como *pizorga*, *cuquenha*, *caurim*, *pinto* (ep. *ganso*, cruzado novo).

*Cuquenha* é provavelmente o mesmo que *cucanha*, do fr. *cocagne*: *pays de cocagne*, *pays imaginaire où tout abonde, où l'on trouve tout à souhait*. LITTRÉ.

<sup>1</sup> E por isso não pára em parte alguma  
Nem com ella tambem coisa nenhuma,  
Por ser dotada de tal ar d'unhante,  
Que excede a qualquer rapinante.

*Caurim* vem de *cauri*, nome das conchas que na costa de Africa servem de moeda. A palavra parece ter tomado o sentido de moeda falsa; d'ahi *impingir um caurim*, passar uma moeda falsa, e, por extensão, pregar um logro.

Calão ou algaravia dos malandros <sup>1</sup>.

ádica, ao pé.	bramar, queixar.
afiançar, pregar.	cabra, denunciante.
amarra, cadcia de relógio.	cagarrufa, espingarda.
amarra de lodo, cordão de oiro.	calcantes, sapatos.
altanado, juiz.	calcos, sapatos.
ardose, aguardente.	canhantes, botins.
archote, quartilho de vinho.	cantante, gallo.
archote, meio quartilho de vinho.	cangarina, igreja.
artão, pão.	cheta, vintem.
avela, tem.	chona, noite.
avesa, tem.	elizes, olhos.
avoador, pombo.	cornante, boi.
balda, algibeira de mulher.	euclle, casa.
baquesim, bolsa.	diluvio, caldo.
barra, garrafa de vinho.	entrujão, comprador de roubos.
barraca, chapéu de sol.	entrujar, perceber.
batas, mãos.	espaldar, lençol.
berrar, denunciar.	espinha, punhal.
belfo, cão.	escamar, sentir.
bocanhim, clavina.	escamou-se, sentiu.
bocanhim, trabuco.	estarim, cadeia.
boia, toucinho.	face, cinta.
botelha, garrafa.	falhas, cartas de jogar.
	farpela, manta.
	femca, fechadura.

<sup>1</sup> Modifiquei a orthographia de Silva Lopes.

filho do golpe, ladrão de lenços.	maração, morte.
foi feito, foi roubado.	Matta, Lisboa.
fundanarios, soldados da policia.	maxa, fechadura.
fundos, soldados.	medunha, dedos.
fusca, justiça.	menina, chave.
gadé, dinheiro.	mimosa, camisa.
gage, mulher.	misto, bom.
gajo, homem.	nentes, não.
gamar, furtar com subtileza.	nuvem, capote.
gansos, cruzados novos.	pac, capitão de ladrões.
ganau, piolho.	paivo, cigarro.
geba, velha.	parné, dinheiro.
gebo, velho.	pasma, sentinella.
gomarra, gallinha.	penante, chapéu.
golpe, bolso.	penduras de uvas ferraes, lampadas de prata.
grane, eavallo.	piar, beber.
graní, egua.	pirar, fugir.
grego, peru.	ratanhí, gazua.
grillo, relógio.	respalde, lençol.
guines, cinco réis.	roda, tostão.
ir na pirezza, safar-se.	ruço, burro.
justo, collete.	safo, lenço.
laia, prata.	sarda, faca.
laivo, lenço.	senhor, dono de alguma coisa.
legante, pistola.	serralhas, peças de 7500.
lepes, dez réis.	sobre-macovia, sobre-ca-saea.
lodo, oiro.	sonnar, dormir.
lúmia, meretriz.	tamposa, caixa.
macanjo, falso.	tinente, esperto.
maco, sacco.	trallia, capote.
macovia, easaca.	troses, calsas.
magano, relógio.	nga, continuar (sie).
malandro, ladrão de casas.	ventana, janella.
mão, chave.	xelro, galé (prisão).
maquino, ladrão de estrada.	

Junto o seguinte *exercício do piolho*, collido da tradição, mas conhecido nessa forma no tempo a que remonta a lista supra: «Metter a *beta* (mão); — tirar o *gao* (piolho); — levar ás *entaladeiras* (os pollegares apertados pelo lado das unhas); — ás competentes *cuspidoras* (euspir-lhe); — limpar aos *tirantes* (calças); — dar passagem aos que ficam».

Á identidade dos elementos fundamentaes do calão no tempo, junta-se a sua identidade no espaço: assim a maioria dos termos do calão do norte de Portugal encontram-se ao sul. O mesmo facto repete-se com as diversas gurias nos outros países. «Tandis que chaque région de l'Italie, diz Lombroso, a un dialecte propre, et qu'il serait impossible à un calabrais de comprendre un lombard, les voleurs de Calabre ont le même lexique que ceux de Lombardie. Dans les deux pays, on appelle *chiaro* le vin, *arton* le pain, *lensa* l'eau, *crea* la viande. L'argot de Marseille n'est pas autre que celui de Paris<sup>1</sup>».

#### Calão dos contrabandistas de Albergaria-a-Velha

Para confirmar essa observação darei uma lista, infelizmente muito curta, de termos usados numa guria de gente de Albergaria-a-Velha, districto de Aveiro, a qual negociava em cavalgadas, faz contrabando, e tem contracto com eiganos, sendo até conhecida pela denominação impropria de eiganos. Devo o conhecimento d'esses termos aos srs. coronel Brito Rebello e medico Lemos (de Alquerubim). A maior parte de taes termos é-nos conhecida de outros pontos do paiz (especialmente de Lisboa e Porto); alguns que parecem especiaes ao calão de Albergaria devem ter tido maior extensão no uso: só assim se explica como *piôvês* (do argot francez *pivois*), *stockfish* (do inglez,

<sup>1</sup> Cesare Lombroso, *L'homme criminel*, trad. fr. Paris, 1887, p. 465.

em que a palavra significa bacalhau secco) chegaram até essa gente de Albergaria. A lista faz crer que o estudo das gírias semelhantes das nossas provincias teria muito interesse.

arames, s. m. pl. Esporas.	lupar, v. a. Ver.
artife, s. m. Pão.	malurdia, s. f. Mãe.
befe, s. m. Podex.	manez, s. m. Homem.
broi, broia, adj. Bom, boa.	maneza, s. f. Mulher.
cachilras, s. m. pl. Seios.	moinar, v. n. Dormir.
calique, s. m. Dinheiro.	moletos, s. m. pl. Pés ou dedos.
catroio, s. m. Cavalgadura.	monteira, s. f. Cabeça.
catruchas, s. f. pl. Botas de agua.	moquideira, s. f. Boca.
chavelho, s. m. Copo de vinho.	mosquir, v. n. Comer.
choina, s. f. Cama.	mosco, s. m. Roubo.
choinar, v. n. Dormir.	o-da-eira. Padre.
coco, s. m. Copo.	palurdio, s. m. Pae.
cosque, s. m. Casa.	piar, v. a. Beber.
croia, s. f. Dona da casa.	piar-do-ventre. Flatus ven- tris.
descoufiar, v. n. Retirar-se.	piovês, s. m. Vinho.
duque, s. m. Cão.	porcó, s. m. Porco.
escaruhida, s. f. Excremen- to humano.	quilhar, v. a. Futuere.
esquilha, s. f. Sardinha.	raso, s. m. Padre.
estoio, s. m. Cavalgadura.	reco, s. m. Porco.
faufar, v. a. Apanhar, rou- bar.	reichelo, s. m. Porco.
fardelhas, s. f. pl. — de trigo. Pão de trigo.	respo, s. m. Excremento humano.
froiua, s. f. Broa.	stockfish, s. m. Presunto.
ganhos, s. m. pl. Dedos.	suquidora, s. f. Boca.
gelfo, s. m. Cão.	suquir, v. a. Comer.
gomarra, s. f. Gallinha.	telo, s. m. Jumento.
irmo, s. m. Irmão.	tó, s. m. Porco.
lupante, s. m. Olho.	trigo, s. m. Pão.
	vezer, v. a. Ver.
	zagrão, zagré, s. m. Vinho.

## Fado do calão

Nos *Romances de germania* de Juan Hidalgo (vid. infra) ha um em que uma serie de termos da giria hispanhola é dada com a traducção :

habla nueva Germania  
 porque no sea descornado,  
 que la otra era muy vieja  
 y la entrévan los villanos.  
 A la Cama llama *Blanda*,  
 donde sornan en poblado.  
 A la Fresada *Vellosa*,  
 que mucho vello ha criado.  
 Dice á la Sabana *Alba*  
 porque es alba en sumo grado.  
 A la Camisa *Carona*,  
 Al Jubon llaman *Apretado* :  
 dice el Sayo *Tapador*,  
 porque le lleva tapado.  
 etc., etc.

O seguinte *fado* é no genero do referido romancee :

Ao fadista chamam *faia*  
 Ao agiota *intrujão*,  
 Ao coreovado *golfinho*,  
 Ao valente *bogalhão*.

Entre o povo portuguez  
 Ha calões tão revesados  
 Que deixam muitos pintados  
 Por mais de cento e uma vez.  
 Lá vão alguns — trinta e tres  
 (Não sei se nelles dou raia)  
 Á prata chamam-lhe *laia*,  
 Ás nossas cabeças *pinhas* ;  
 Aos porcos chamam *sardinhas*,  
 Ao fadista chamam *faia*.

Às nossas mãos chamam *batas* ;  
 Ao genio chamam *ralé* ;  
 À esperança chamam *filé* ,  
 Às bruxarias *bagatas* ;  
 Às velhas chamam *cascatas*  
 Ao poupado *sovclão* ,  
 Um *gabinardo* ao *gabão* ;  
 Ao caldo chamam-lhe *rola* ;  
 A um relógio *cebola* ,  
 Ao agiota *intrujão* .

Ao fugir chamam *raspar* ;  
 Chamam á casa *mosqueiro* ;  
 Ao ebrio chamam-lhe *arheiro* ,  
 Ao comprehender *toscar* ;  
 Ao roubo chamam *cortar* ,  
 À guitarra *pianinho* ,  
 Ao chapéo *escovadinho* ;  
 Ao jogo chamam *batota* ,  
 A uma sardinha *aranhota* ,  
 Ao coreovado *golfinho* .

À fome chamam *peneira* ;  
 Também lhe chamam *larica* ;  
 Chamam á cara *botica* ,  
 À agnardente *piteira* ;  
 Chamam *bico* á *bebedeira* ;  
 A uma mentira *palão* ;  
 E também é de *calão*  
 Chamar-se ao vinho *bríol* ,  
 Ao nosso bucho *paiol* ,  
 Ao valente *bogalhão* .

### Historia do calão

Em o nosso país o interesse, quer de simples curiosidade, quer de caracter scientifico, por um grande numero de objectos, não se despertou se não mais tarde e em geral de modo menos completo que noutros países. Não admira portanto que só possamos seguir directamente a historia do calão até ao seculo XVII, a não ser que alguns proces-

sos judiciais venham revelar a existencia de mina, até hoje desconhecida, de termos de antigo calão. Noutros países o investigador acha-se em melhores condições. Na França, graça ás celebres *Ballades de Jargon ou Jobelin* de François Villon, esse *escroc* genial do seculo xv, do processo da confraria anti-social dos Coquillars em 1455 e outras fontes, pode seguir-se até aquelle seculo, com sufficiente segurança de dados, a historia do *argot* ou *jargon*.

O *jargon* do seculo xv foi objecto, entre outros, dos seguintes trabalhos, dos quaes só tenho presentes os dois primeiros:

Auguste Vitu. *Le Jargon au xv<sup>e</sup> siècle. Étude philologique*. Paris, 1884.

Marcel Schwob. *Le Jargon des Coquillars en 1455, in Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, tome VII, fasc. 2<sup>o</sup>, 3<sup>o</sup> (à suivre).

Lucien Schöne. *Le Jargon et Jobelin de François Villon, suivi du jargon au théâtre*. Paris, 1888.

Pierre d'Alheim. *Le Jargon jobelin de maistre François Villon*. Paris, 1892. (Ignoro inteiramente que valor tenha este ultimo).

Ao fim do seculo xvi (1596) remonta a mais antiga edição conhecida de um livro attribuido a um Pechon de Ruby (nome argotico) em que se acha um «dictionnaire en langage blesquin (argot), avec l'explication en vulgaire»<sup>1</sup>.

Na Italia, no seculo xv, já Luigi Pulci, o auctor do poema *Il Morgante maggiore*, introduziu nas suas obras poeticas alguns termos furbescos, assim como nuua carta dirigida a Lorenzo il Magnifico pelo anno de 1472, e fez uma pequena lista de termos furbescos, que se acha publicada com aquella carta em *Nuove lettere di Luigi Pulci a Lorenzo il Magnifico*, messe fuori da Salv. Bonge e Leone Prete (Lueca, 1882), e reproduzida in *Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, I, (1882), pp. 295-296.

<sup>1</sup> Francisque Michel, *Études sur l'argot*, p. XLVI.

Ha tres vocabularios do *gergo* ou furbeseo do seculo XVI, nenhum dos quaes consegui ver <sup>1</sup>.

A Inglaterra apresenta já no seculo XVI o vocabulario de *Rogue's Words* de Harman (1556), reimpresso modernamente em *The Slang Dictionary, Etymological, Historical and Anecdotal*. A New Edition, revised and corrected with many additions. London, 1873.

Na Hispanha publicaram-se no começo do seculo XVII (1609) os *Romances de germania de varios autores* com um vocabulario, por Juan Hidalgo, de que temos presente a edição mais vulgar, com o seguinte titulo:—*Romances de Germania de varios autores, con el vocabulario por la orden del a. b. c. para declaracion de sus términos y lengua. Compuesto por Juan Hidalgo: El discurso de la expulsion de los Gitanos, que escribió el Doctor Don Sancho de Moncada, Catedratico de Sagrada Escritura en la Universidad de Toledo, y los romances de la Germania que escribió Don Francisco de Quevedo*. Con licencia. En Madrid, 1779.

A comparação do calão com as outras gírias europeas, especialmente das dos países de linguas romanicas, prova que nellas ha um fundo commum antigo, a par de emprestimos mais recentes: d'este modo colhem-se para a historia do calão preciosos dados indirectos. Não procederei aqui a uma comparação completa d'essas gírias, pelos motivos já apontados, contentando-me com indicar o caminho que deve ser seguido. Começarei pela germania, mais proxima geographicamente do calão e com a qual este tem realmente numerosos elementos communs.

#### O calão e a germania

Os termos de germania apontados são os do vocabulario de Juan Hidalgo. Os termos de calão que não levam indicação de facto acham-se na minha lista acima estampada.

---

<sup>1</sup> Ascoli, *Studi critici*, p. 380.

germ. *alar*, ir. — cal. *alar*, ir. germ. *alon*, es irse. Propriamente *vamos*, sem duvida do fr. *allons*. Na linguagem popular portugueza reproduz-se ainda *allon*, sobretudo na locução *allon*, *allon*, *que é terra de gaiteiros*, que significa — vamo-nos que aqui não temos que fazer, que aproveitar. Uma alteração d'essa phrase por etymologia popular deu — a *Londres*, *que é terra de gaiteiros*.

germ. *ansia*, agua. — cal. *ancia*, agua. QUEIROZ. Termo muito espalhado nas girias, como veremos abaixo.

germ. *anublar*, cobrir; *nube*, capa. — cal. *anubo*, capa, capote. QUEIROZ.

germ. *artife*, *artifara*, *harton*, pan. — cal. *artão*, *artife*. Termo muito espalhado.

germ. *banco*, carcel. — cal. *abancado*, preso.

germ. *ballestas*, alforjas. — port. *balhestros*, termo popular, não colligido nos dictionarios, que significa os haveres (roupas, etc.) que cada um pode levar comsigo, pequena somma de dinheiro; diz-se assim: *elle foi-se com os seus tristes balhestros*, isto é, com o pouco que tinha. Em hisp. *alforja* significa alforge, provisão de viagem. *Balhestros* acha-se em PAIVA, *Infirmidades da lingua*, p. 109, e foi talvez um termo de giria.

germ. *bola*, feria. — cal. *bola*, feira. QUEIROZ.

germ. *buho*, es descobridor, ó soplón. — cal. *bufo*, policia.

germ. *blanco*, bobo, ó necio. — cal. *branco*, estúpido, imbecil, lorpa. QUEIROZ.

germ. *brechar*, meter um dado falso. — cal. *brechar*, pagar a patente. Os sentidos são muito diversos para que os dois termos se liguem.

germ. *cachucho*, oro. — cal. *cachucho*, anel de oiro. Já em PAIVA, *Infirmidades da lingua: tem hum bom caxucho no dedo*, p. 149; ainda no uso popular.

germ. *calcorrear*, correr. — cal. *calcorrear*, correr, ir. QUEIROZ. Já em BLUTEAU.

germ. *calcorros*, zapatos. — cal. *caleos*, sapatos. QUEIROZ. Já em BLUTEAU.

germ. *carduzador*, el que desea la ropa qui hurtan los ladrones. — Comp. eal. *cardanho*, furto, roubo. QUEIROZ. O termo do ealão liga-se evidentemente a *cardar*, que significa pentear com earda e tirar, ganhar a alguém uma coisa por fraude, astúcia. Em hisp. ant. *carduzador*, *carduador*. Emprega-se em português a expressão *cardar a lã* no sentido de obter astuciosamente dinheiro de alguém :

Mas com labia

Tudo se vence, tudo se consegue;  
Porque a gente ordinaria agasalhada  
Com uma tal lhaneza, facilmente  
Deixa eardar a lã.

Correla Garção, *Assembleia*, scena III.

germ. *chilrar*, hablar. — eal. *chelra*, palavra.

germ. *cerda*, euchillo. — eal. *sarda*, faca; *sardinha*, punhal, faca. QUEIROZ. Em hisp. *cerda* = port. *cerda*, seda do javali; ep. eal. *espinha*, faca, navalha, punhal. QUEIROZ. Os termos do eal. *sarda*, *sardinha* têm talvez o mesmo ponto de partida que germ. *cerda*, mas foram influenciados por os nomes de peixe portuguez *sarda*, *sardinha*. Lembremos a anedota do homem que na obscuridade nocturna se defendeu de um assaltante, empunhando uma sardinha, que o meliante julgou ser um punhal.

germ. *cica*, bolsa. — eal. *sica*, bolsa. QUEIROZ.

germ. *crioja*, carne. — eal. *cria*, carne. BLUTEAU.

germ. *despalmar*, quitar por fuerza; *palmar*, dar por fuerza. — eal. *palmar*, furtar, roubar. QUEIROZ.

germ. *enreixado*, preso. — eal. *enreixado*, preso. QUEIROZ.

germ. *entruchar*, entender. — eal. *entrujir*, entender. BLUTEAU. *intrujar*, entender, perceber. QUEIROZ.

germ. *esclisiado*, herido en el rostro. — cp. eal. *clises*, olhos. QUEIROZ.

germ. *espia*, el que atalaya. Ligeira modificação do sentido de *espia* no hispanhol geral. — eal. *espia*, agente de policia. QUEIROZ.

germ. *fazo*, pañuelo de narices. — eal. *falso*, lenço. BLUTEAU.

germ. *gamba*, pierna. — cal. *gambia*, perna. BLUTEAU. QUEIROZ.

germ. *gao*, piojo. — cal. *gao*, piolho. BLUTEAU. *ganau*. SILVA LOPES. *gando*. C.

germ. *garlar*, hablar. — cal. *garlar*, fallar. BLUTEAU. QUEIROZ.

germ. *gelfe*, esclavo negro. — ep. (?) cal. *gelfo*, *belfo*, cão.

germ. *gomarra*, gallina. — cal. *gomarra*, gallinha. SILVA LOPES.

germ. *grano*, es ducado de once reales. — cal. *grão*, cruzado novo. BLUTEAU.

germ. *gruñente*, puercio. — cal. *grunhidor*, porco. QUEIROZ.

germ. *guido*, bueno. — cal. *gidio*, bello, bom. QUEIROZ.

germ. *justo*, jubon. — cal. *justa*, casaca. BLUTEAU. *jaqueta*. QUEIROZ. *justo*, collete. QUEIROZ.

germ. *lima*, camisa. — cal. *lima*, camisa. BLUTEAU. *limosa*, camisa. QUEIROZ.

germ. *maco*, vellaco. — cal. *macanjo*, falso, fingido, patao falso. QUEIROZ. *macareno*, falso. QUEIROZ. ordinario, vil. C.

germ. *malcante*, burlador. — port. *meliante*, sujeito sem credito, de más obras, maroto; palavra que começou talvez por ser um termo de giria.

germ. *mandamentos*, dedos de la mano. — cal. *os dez mandamentos*, os dedos da mão. C.

germ. *mandil*, criado de Rufion, ó de muger publica. — ep. cal. *mandil*, preguiçoso.

germ. *marquida*, *marca*, *marquisa*, muger pública. — cal. *marca*, meretriz. BLUTEAU. *marco*, homem. Idem.

germ. *mechosa*, cabeça. — cal. *michosa*, cabeça. QUEIROZ.

germ. *moa*, moneda. — cal. *moia*, moeda. QUEIROZ.

germ. *mocante*, lienzo de narices. — cal. *moncoso*, lenço. C.

germ. *muquir*, comer. — cal. *moquir*, comer. QUEIROZ.

germ. *piar*, beber. — cal. *piar*, beber. QUEIROZ.

germ. *picar*, es irse à pricsa. — ep. cal. *picar*, furtar, roubar. QUEIROZ.

germ. *piltra*, cama. — cal. *pilra* (BLUTEAU), *pildra*, *peltra*, *perola*, cama. QUEIROZ.

germ. *pio*, viño. — cal. *pio*, vinho. BLUTEAU.

germ. *quatropéo*, quartago. — cal. *catropéo*, cavallo. BLUTEAU.

germ. *raso*, abad. — cal. *raso*, padre, abbade, frade. QUEIROZ.

germ. *rede*, capa. — cal. *rede*, capa. BLUTEAU. roupa. QUEIROZ.

germ. *redonda*, basquiña de muger. — cal. *redonda*, saia. QUEIROZ.

germ. *rufon*, eslabon com que sacan fuego. — cal. *rufo*, fogo. QUEIROZ.

germ. *safarse*, escaparse, librar-se. — port. *safar-se*. O termo da germania não veiu do francez *se sauver*, como se pretendeu, mas sim do port. *safar-se*, de *safo*, do lat. *salvus*.

germ. *sombra*, justicia. — ep. cal. *sombra*, prisão. QUEIROZ.

germ. *sornar*, dormir. — cal. *sornar*, dormir. QUEIROZ.

germ. *taragoza*, pueblo. — cal. *Terragoza*, Lisboa. BLUTEAU.

germ. *tirantes*, calzos. — cal. *tirantes*, calções. BLUTEAU.

germ. *turco*, vino. — cal. *turca*, bebedeira.

germ. *trabajar*, hurtar. — cal. *trabalhar*, furtar, roubar. QUEIROZ.

### O argot e o calão

Para o conhecimento do argot moderno tenho á minha disposição, alem da obra já citada de Francisque Michel, *Études de philologie comparée sur l'argot*, as seguintes:

Lorédan Larchey. *Dictionnaire historique d'argot. Septième édition des Excentricités du langage*. Paris, 1878.

Lucien Rigaud. *Dictionnaire d'argot moderne*. Paris, 1881.

Marcel Schwob et Georges Guicysse. *Étude sur l'argot français* in *Mémoires de la Société de linguistique de Paris*, vol. VII (1889), 33-56.

Não vi de Lorédan Larchey. *Supplément au Dictionnaire d'argot*. Paris, 1882<sup>1</sup>.

Na lista seguinte, por simplificação, indico ordinariamente só um dos autores, que traz os termos referidos, geralmente Larchey.

arg. *aile*, *aileron*, bras. LARCHÉY. — ep. cal. *asa*, braço port. *asa*, com a mesma significação que lat. *ala*, fr. *aile*.

arg. *ance*, *lance*, eau. MICHEL. — cal. *ancia*, agua.

arg. *artie*, *artif*, *artiffe*, *arton*, *lartie*, *lartif*, *lartón*, pain. LARCHÉY. — cal. *artão*, *artife*, pão. BLUTEAU. QUEIROZ.

arg. *attrimer*, prendre; expression du jargon. MICHEL. — ep. (?) cal. *atrimar*, vender, na minha lista, termo cuja genuidade não posso afirmar.

arg. *blé (du)*, de l'argent. LARCHÉY. — ep. cal. *milho*, dinheiro. QUEIROZ.

arg. *boche (tête de)*, tête dure, individu dont l'intelligence est obtuse, c'est-à-dire, tête de bois, dans le jargon du peuple. Dans le patois de Marseille une boule à jouer est une *boche*. RIGAULT. — ep. cal. *mócha*, cabeça. QUEIROZ. A cabeça humana poderia ser chamada *mócha* (o fechado), isto é sem pontas; mas *mócha* tem, segundo a graphia transcripta, o aberto.

<sup>1</sup> Na historia do argot maream-se os seguintes periodos: 1.º *le jargon*, do seculo xv ao xvi; 2.º *le langage blesquien*, de que o livro de Pechon de Ruby contém o repertorio, e *le langage narquois*, do seculo xvi ao xvii; 3.º *l'argot*, propriamente dito, de 1617 até hoje. Vid. A. Vitu, *Le Jargon du xv<sup>e</sup> siècle*, p. 52. Essas divisões não tem nada de essencial; referem-se principalmente aos nomes, em vigor, da giria franceza, coineidindo em parte com modifiações mais ou menos numerosas no vocabulario do argot, que continuou a experimentar mudanças, sem mudar de nome, desde o fim do primeiro quartel do seculo xvii.

arg. *bougre*: mot à noter comme ayant perdu sa portée antiphysique. Ce n'est plus qu'un synonyme de garçon. LARCHEY. *bougre à poils*, homme déterminé, solide, courageux. RIGAULT. *Bougre*. Nom de certains hérétiques que l'on assimilait aux Albigeois. Terme de mépris et d'injure, usité dans le langage populaire le plus trivial et le plus grossier, etc. Etym. *Bulgarus*, habitant de la Bulgarie. Dans le moyen-âge, des doctrines religieuses semblables régnaient parmi les Bulgares et les Albigeois. LITTRÉ, *Dict. de la langue française*, s. v. — cal. *bogre*, inglez (QUEIROZ) parece ligar-se a *bougre*.

arg. *boule*, foire. LARCHEY. — cal. *bola*, feira. QUEIROZ.

arg. *boule*, tête. LARCHEY. — cal. *bola*, cabeça.

arg. *camelotte*, marchandise volée. LARCHEY. — cp. cal. *camelote*, espolio.

arg. *chantage*, extorsion d'argent sous menace de révélations scandaleuses; *chanter*, être victime d'un chantage; *faire chanter*, rendre quelqu'un victime d'un chantage. LARCHEY. — cal. *fazer cantar*, obligar a dar diuheiro, sob ameaça de fazer revelações. QUEIROZ. É phrase introduzida talvez no calão por influencia de traduções. No calão jornalístico usa-se já *chantagem* = arg. *chantage*.

arg. *chenoc*, mauvais, avarié et par extension «vieil infirme». C'est l'antithèse de *chenu*, excellent. LARCHEY. — cal. *chinoca*, muito boa.

arg. *chouriner*, donner des coups de couteau: *chourin couteau*. Formé des mots *surin* et *suriner*, usités dans le même sens. LARCHEY. — cal. *churinar*, esfaquear, dar facadas. QUEIROZ.

arg. *cigale*, *cigue*, pièce d'or. LARCHEY. FR. MICHEL. — cal. *sica*, bolsa; germ. *cica*, *cigarra*, bolsa.

arg. *clou*, Mont-de-Piété. Mot-à-mot: prison d'objets engagés (*clou*, prison). LARCHEY. — cal. *prego*, casa de penhores; termo muito popularizado, que é sem duvida uma simples tradução do francez.

arg. *cornant*, *cornante*, boeuf, vache. LARCHEY. — cal. *cornante*, boi. QUEIROZ.

arg. *crie*, *crignolle*, viande. FR. MICHEL. — cal. *cria*, carne de vacca. BLUTEAU.

arg. *dabe*, Dieu, père, maître. LARCHEY. Au XVI<sup>e</sup> et au XVII<sup>e</sup> siècle, *dabo* était employé dans le langage populaire avec la signification de *maître du logis*. . . Dans le cant anglais, *dabe* a le sens d'*expert*, de *consommé dans l'art de mal faire*. FR. MICHEL. — cal. *dabo*, pae.

arg. *daron*, *daronne*, patron, patronne, père, mère. LARCHEY. — cal. *daronna*, mãe, na lista manuscrita de que me servi, termo que reproduzi na impressa acima, apesar de suspeitar d'elle, comquanto não haja que admirar se realmente é empregado no calão, como *dabo*, etc.

arg. *enquiller*, entrer. Mot-à-mot : jouer des quilles dans. Cacher entre ses jambes un objet volé. LARCHEY. Do arg. *quille*, jambe — cp. cal. *quilha*, futuere (Albergaria-a-Vella).

arg. *fassolette*, mouchoir de poche. LARCHEY. — Ital. *fazzoletto*, *fazzoletto*; germ. *fazo*. — cal. *fulso*, lenço. BLUTEAU.

arg. *filer la carte*. Les joueurs honnêtes du baccarat se servent de l'expression *filer la carte*, *filer* pour désigner l'action de découvrir par degrés, très lentement, une des deux cartes qu'ils ont en main; c'est un moyen comme un autre de se procurer une émotion, et l'on sait que le joueur vit d'émotions. RIGAULT. — cal. *filé*, palpites, esperança. Os jogadores do monte (os banqueiros) descobrem também ás vezes lentamente a carta para terem e fazerem ter aos pontos palpites; a palavra *filé* liga-se pois á referida expressão francesa.

arg. *foutriquet*, homme nul. «Tous les *foutriquets* à culottes serrées et aux habits carrés (1793, Hébert)». LARCHEY. «*Petit foutriquet*», sobriquet donné par le maréchal Soult en pleine Chambre à un de nos plus petits hommes d'État, sous le rapport de la taille. RIGAULT. — Cp. port. pop. *futre*, homem desprezível, *futrica*, s. m., paisano, o que não é estudante (na giria dos estudantes de Coimbra), e s. f., loja pequena, baiuca.

arg. *gabelou*, employé des contributions indirectes.

LARCHEY. Lembra pelo som cal. *gabiru*, fanfarrão sem dinheiro, parasita, jogador, rapaz vadio. LAND. e QUEIROZ. (Porto).

arg. *gambille*, diminutif du vieux *gambe*. LARCHEY. — cal. *gambia*, perna.

arg. *gau*, *got*, pou. FR. MICHEL. — cal. *gao*, *ganao*, *gando*.

arg. *gaudineur*, décorateur. Du vieux mot *gaudiner*, s'amuser. LARCHEY. — cal. *gaudinar*, divertir-se, vadiar; *gauderio*, patuseo (sujeito que se diverte), vadio, malandro.

arg. *goualer*, chanter. FR. MICHEL. — cal. *güclar*, gritar, palrar. *goualer* não deriva provavelmente de lat. *gula*, fr. *gueule*; emquanto *guclar* deriva por certo de *gucla*; o parenteseo é pois só aparente.

arg. *grain*, écu (GRANDVAL). C'est un vieux mot qu'on rencontre souvent. LARCHEY. — cal. *grão*, cruzado novo. BLUTEAU.

arg. *guibe*, *guibolle*, *guibon*, jambe. Vieux mot, car on disait jadis *guiber* pour se débattre des pieds. LARCHEY. — cal. *guibo*, artelho (se é genuino).

arg. *latin*, argot, dans le jargon des voleurs. RIGAULT. — cal. *latim*, giria, calão. Na litteratura encontrei *bigorne* no mesmo sentido; mas creio que é uma simples translação do argot *bigorne*; sem raizes no calão.

arg. *limace*, *limasse*, *lime*, chemise (VIDOCQ, GRANDVAL). LARCHEY. — cal. *lima*. BLUTEAU. *limosa*. QUEIROZ.

arg. *malade*, arrêté, inculpé. RIGAULT. — cal. *doente*, compromettido.

arg. *marque*, prostituée (HALBERT). LARCHEY. — cal. *marca*, meretriz; *marco*, homem. BLUTEAU.

arg. *mec*, maître, chef, patron, souteneur; *mecque*, homme. LARCHEY. — cal. *meco*, homem, espertalhão. QUEIROZ. Os dicionarios portuguezes dão todavia o termo como da lingua geral: «Adultero, dissoluto, devasso». Diz-se: *perdoaste ao meco?* phrase plebea por injuria aos gallegos. Na *Ulissipo*, f. 108 v., fallando dos boticarios vem: «esses *mecos* conjurados contra o mundo?», e a f. 236 v.: «esse

*meco* não he de bons porretos, que grosão: retrahida está la infante.» MORAES. Os sentidos em uso na boca do povo são: «homem de maus costumes; atrevido, maganão», e o mais vago de: «pessoa, individuo, com intenção mais ou menos pejorativa». Considera-se como reprodução do lat. *moechus*. A semelhança com o arg. *mec* é talvez casual; FR. MICHEL dá-lhe a significação de maître, roi.

arg. *menesse*, prostitúe, maîtresse. LARCHEY. — cal. *meneza*, mulher, meretriz; ábbadessa.

arg. *michaud*, la tête... Quelle peut-être l'origine de cette expression? Je n'en trouve pas d'autre qu'une allusion aux balles ou boulets, que l'on appellait autrefois, par plaisanterie, *miches du couvent militaire*: or, le peuple de nos jours ne dit-il pas, en parlant d'une tête: *Quelle balle! voici une bonne balle?* FR. MICHEL. — cal. *michosa*, cabeça. QUEIROZ. Se FR. MICHEL, que foi muitas vezes infeliz nas suas etymologias, acertou nessa de *michaud*, palavra que occorre já no seculo XVII, o termo do calão e o correspondente da germ. *mechosa* devem ser separados, porque é mais natural ligá-los a *mecha* (de cabellos): *mechosa* designaria a cabeça como a que tem mechas. Em verdade *michaud* poderia do seu lado derivar de *mèche*.

arg. *nase*, *naze*, *nez*. Vieux mot. LARCHEY. — cal. *nasio*, nariz; lat. *nasus*.

arg. *niente*, rien. Italianisme. LARCHEY. — cal. *niente*, não sabes (?). BLUTEAU; *ntentes*, nada. QUEIROZ.

arg. *paumer*, perdre. LARCHEY. — cal. *palmar*, morrer.

arg. *piáu*, *picu*, lit. FR. MICHEL, que liga o termo ao fr. *peautre*, segundo Littré «vieux mot signifiant lit, mauvais lit, grabat; inusité, sauf dans cette locution populaire, qui tombe elle même en désuétude: envoyer quelqu'un au peautre ou aux peautres, le brusquer, pour le congédier, pour le chasser». — cal. *peltra*, *pildra*, *perola*, cama. BLUTEAU, QUEIROZ. Colhi a forma *pilula*.

arg. *pie*, vin. FR. MICHEL. — cal. *pio*, vinho. BLUTEAU.

arg. *pier*, boire. FR. MICHEL. — cal. *piar*, beber. QUEIROZ.

arg. *pivois*, vin. FR. MICHEL. — cal. *piovez* (Albergaria-a-Velha)<sup>1</sup>.

arg. *plumer*, dépouiller un homme dans l'intimité. Gagner au jeu l'argent d'un imbécile. LARCHEY. — cal. *depennado*, que não tem vintem. A phrase argotica *plumer la poule* tinha o sentido de roubar (FR. MICHEL, *Études*, p. 131). No calão dos nossos jogadores *gallinha* é o jogador pechote, a quem se ganha facilmente.

arg. *rasé*, prêtre, curé. FR. MICHEL. — cal. *raso*, padre, abbade. QUEIROZ. O encontro é talvez casual; vid. infra p. 160.

arg. *rousse*, *roussin*, agent de police. LARCHEY. — cal. *ruiva*, a policia (se o termo é genuino).

arg. *rif*, *rifle*, feu. FR. MICHEL. «De *rif* . . . est venu *riffauder* ou *riffoder*, que Bombet traduit par *se chauffer*. . . On trouve dans le *Jargon* un article consacré aux *ruffez* ou *riffodez*, classe de gueux «feignans d'avoir eu de la peine à sauver leurs mions (enfants, mioches) du riffe qui riffait leur creux (logis)». — cal. *rufo*, fogo. QUEIROZ.

arg. *roustir*, eseroquer. LARCHEY. tromper, flouter. RIGAULT. — cal. *rustir*, comer. Na linguagem popular portuguesa emprega-se *comer* no sentido de enganar e de roubar ardilosamente.

arg. *rup*, *rupart*, *rupin*, *rupiné*, élégant, homme riche. LARCHEY. — cal. *rupim*, *rupino*, rico.

arg. *sorne*, noir. LARCHEY. nuit. RIGAULT. — cal. *sornar*, *sornir*, *sonar*, dormir; *sorna*, cama.

arg. *tirant*, bas. On le tire pour le mettre. LARCHEY. *tirantes*, chausses. FR. MICHEL. — cal. *tirantes*, calções. BLUTEAU.

arg. *trêfle*, anus. LARCHEY, que o deriva de *trou*. — cp. cal. *tefe*, mesma significação.

---

<sup>1</sup> O termo *pivoês* está por \**pivoês*. A palavra devia ter chegado a Portugal quando em francês a graphia *oi* representava ainda o diphthongo *oè*, isto é, antes do século XVIII. O mesmo se deu com *framboesa* de fr. *framboise*, *oboé* de fr. *haut-bois*, *toesa* de fr. *toise*.

arg. *travailler*, tuer, voler. LARCHEY. — cal. *traballar*, furtar, roubar. QUEIROZ.

arg. *tuer le ver*, boire de l'eau-de-vie ou du vin blanc; libation matinale désignée par ces mots. LARCHEY; port. pop. *matar o bicho*, mesmo sentido da phrase fr. «On s' imagine que, pris à cette heure (le matin à jeun), diz Littré a respeito da phrase, le vin ou l'eau-de-vie tuent les vers intestinaux».

arg. *zona*, fille publique, dans le jargon des marchands juifs. RIGAULT. — cal. *zoina*, meretrix. QUEIROZ. É uma palavra puramente hebraica: זֵנוּן, que se encontra na Biblia, p. ex.: *Genesis*. 38, 15. *Deuter*. 23, 19. *Levit*. 21, 7.

### O furbesco e o calão

Os subsidios que tenho á mão para o conhecimento do furbesco reduzem-se ás palavras avulsas dadas por diversos auctores e á lista inserida por Fr. Michel nos seus *Études*, p. 425-434. A Bibliotheca Nacional de Lisboa não possui nenhum dos vocabularios furbescos do seculo XVI.

furb. *ala* (asa), braço. — cal. *asa*, braço.

furb. *ancroia*, rainha. Segundo Fr. Michel «nom d'une reine amazone, dont on a fait un poëme généralement intitulé: *Libro della regina Ancroja*». — cp. cal. *croia*, patroa, dona da casa (Albergaria-a-Velha). — Cp. arg. *dabe*, p. 99, roi, père, maître.

furb. *artone*, *artibrio*, pão. — cp. cal. *artão*, *artife*.

furb. *bolla*, cidade — cp. cal. *bola*, feira.

furb. *bolfo*, cão. — cp. cal. *belfo*, cão. Ascoli observa com razão (*Studj critici*, p. 408, n. 1): «Il *belfo* del gergo portoghese, che si trova presso Francisque-Michel (p. 441: o *belfo balsa* (?), il cane abbaja), sarà tutt'altro che il nostro *bolfo*. *Belfo*, aggettivo, mi dice il Vieyra (*Dict. port. and angl.*), é uno che ha il labbro inferiore pendente, alla guisa per cui si distingue Casa d'Austria».

furb. *calcioso*, pé. — cal. *calcante*, pé.

furb. *calcosa*, sapato. — cal. *calcos*, sapatos. QUEIROZ.

- furb. *cornante*, boi, vacca. — cal. *cornante*, boi.  
 furb. *cosco*, casa. — cal. *cosque*, casa. (Alberg.)  
 furb. *crea*, *creata*, *creatura*, *criulfa*, carne. — cal. *cria*,  
 carne de vacca. BLUTEAU.  
 furb. *gelfo*, gato. — ep. cal. *gelfo*, cão. QUEIROZ. Cf.  
*bolfo*, acima.  
 furb. *grugnante*, porco. — cal. *grunhidor*, *grunho*, porco.  
 QUEIROZ.  
 furb. *guallino*, piolho. — cal. *gao*, *ganao*, *gando*.  
 furb. *lampante*, luzente, olho, na expressão *lampante di*  
*civetta*, escudo (moeda), á lettra, olho de coruja. — ep. cal.  
*lupante*, olho; *lupar*, ver (Alberg.), que fazem pensar tam-  
 bem no fr. *loupe*, lente convergente.  
 furb. *lenza*, agua. — cal. *ancia*, agua.  
 furb. *lima*, camisa. — cal. *lima*, *limosa*, camisa.  
 furb. *marcona*, mulher. — cal. *marca*, meretriz; *marco*,  
 homem.  
 furb. *nicolo*, não (alargamento da negação por assimi-  
 lação ao nome proprio Nicolas). — cal. *nicles*, nada.  
 furb. *poltro*, cama. — cal. *peltra*, *pilra*, *perola*, *pilula*.  
 furb. *ruffo*, fogo. — cal. *rufo*, fogo. QUEIROZ.  
 furb. *tasca*, estalajem. — ep. port. *tasca*, taberna, que se  
 suppoz connexo com *tasca*, *tasquinhar*, morder, roer (hisp.  
*tasca*), propriamente separar o tasco ou tomentos do linho  
 com a espadella ou tasquinha. Em ital. *tasca* significa pro-  
 priamente bolsa, alforge. Em portugûês a palavra come-  
 çaria por ser um termo da giria. (Vid. infra *Relações do*  
*cigano com o calão*, p. 161).  
 furb. *tascosa*, estalajadeira; *tascheroso*, estalajadeiro. —  
 ep. cal. *tascente*, taberneiro. MYST. PARIS. QUEIROZ.  
 furb. *tirante*, calções. — cal. *tirantes*, calções. BLUTEAU.

#### Observações sobre as tres listas precedentes

Não ficam notadas, por certo, todas as relações existen-  
 tes entre os termos das quatro girias — calão, germania,  
 argot e furbesco; mas os exemplos dados bastam para ver

qual a natureza d'essas relações. Na maior parte dos casos estamos em presença de verdadeiras identidades de vocabulos; noutros casos os vocabulos podem ter-se produzido independentemente sobre uma base commum, por um mesmo processo semantico, por ex.: *calco*, *cornante*. Nos casos em que um termo do calão parece traducção de um termo de outra giria pode ter havido realmente traducção ou simplesmente coincidência de modificação semantica nas palavras correspondentes. Assim ha por certo simples coincidência entre cal. *milho* e arg. *blé*, dinheiro, cal. *bola* e arg. *boule*, cabeça; port. pop. *matar o bicho* e arg. *tuer le ver*, que provêm de uma mesma erva; cal. *asa* e arg. *aile*, furb. *ala*, braço. Mas parece já haver traducção em cal. *prego* relativamente a arg. *clou*, casa de pênhoes. Os termos *grão* (*grano*), uma moeda, e *tirantes*, calções, podiam ter passado de giria em giria ou ter-se produzido nas quatro gurias ou em algumas d'ellas independentemente.

Rigault traz o seguinte artigo: *Six et trois font neuf*. Boiteux. Allusion à l'allure inégale des boiteux dont les pas semblent marquer des nombres différents. Em Coimbra os gaiatos designavam tambem os coxos pela expressão *cento e dez* (110 réis), *quatro e meio* (90 réis ou quatro vintens e meio). Os hispanhoes dizem: Uno, dos, tres, cogito de un pié.

Coincencias de desenvolvimento semantico notam-se entre todas as gurias e entre todas as linguas geraes do mundo. Assim no calão *queijo* significa lua, como na hantyrka (giria da Bohemia) o mesmo planeta é designado pela palavra teheque *bélák*, queijo (Pott, *Zig.*, II, 8): lembre-se a fabula da raposa que tomou por um queijo a imagem da lua num poço. No Rothwelsch *weisshulm*, gente tola, é formado de *weiss* branco e *hulm*, que parece ser o all. *holm*, outeiro, cabeça (Pott, II, 8); do mesmo modo no eal., etc., *branco* significa estúpido, imbecil, ingenuo. Na mesma giria allemã *krunickel*, *kronickel* (o grunhidor) significa porco, exactamente como *grunhidor*, *grunho* no calão, *gruñente* na germania, etc. (Pott, II, 11).

O quadro seguinte comprehende uma serie de termos que se encontram em mais de duas das gírias romanicas comparadas :

calão	germania	argot	furbeseo	
<i>asa</i>		<i>aile</i>	<i>ala</i>	braço
<i>ancia</i>	<i>ansia</i>	<i>ance</i>	<i>lenza</i>	agua
<i>artão</i>	<i>harton</i>	<i>arton</i>	<i>artone</i>	pão
<i>artife</i>	<i>artife</i>	<i>artif</i>	<i>artibrio</i>	pão
<i>bola</i>	<i>bola</i>	<i>boule</i>	( <i>bolla</i> , eida- de)	feira
<i>branco</i>	<i>blanco</i>	<i>branc</i>		toló
<i>sicu</i>	<i>cica</i>	( <i>cigue</i> , moeda d'oiro)		bolsa
<i>calcos</i>	<i>calcorros</i>		<i>calcosa</i>	sapato
<i>cornante</i>		<i>cornant</i>	<i>cornante</i>	boi
<i>cosque</i>	<i>cuesca</i>		<i>cosco</i>	casa
<i>cria</i>	<i>crioja</i>	<i>crie</i>	<i>crea</i>	carne
<i>gambia</i>	<i>gamba</i>	<i>gambe</i>		perna
<i>gao</i>	<i>gao</i>	<i>gau</i>	<i>quallino</i>	piolho
<i>grão</i>	<i>grano</i>	<i>grain</i>		nome de moe- da
<i>grunhidor</i>	<i>gruñente</i>		<i>grugnante</i>	poreo
<i>lima</i>	<i>lima</i>	<i>lime</i>	<i>lima</i>	camisa
<i>marca</i>	<i>marca</i>	<i>marque</i>	<i>marcona</i>	rapariga, etc.
<i>michosa</i>	<i>mechosa</i>	<i>michaud?</i>		cabeça
<i>palmar</i>	<i>palmar</i>	<i>paumer</i>		roubar, etc.
<i>piar</i>	<i>piar</i>	<i>pier</i>		beber
<i>pio</i>	<i>pio</i>	<i>pie</i>		viulho
<i>peltra</i>	<i>piltra</i>	<i>peautre</i>	<i>poltra</i>	cama
<i>rufo</i>	<i>rufon</i>	<i>rif</i>	<i>ruffo</i>	fogo, etc.
<i>tirantes</i>	<i>tirantes</i>	<i>tirantes</i>	<i>tirante</i>	calças, calções
<i>trabalhar</i>	<i>trabajar</i>	<i>travailler</i>		roubar

Todos aquelles termos comparados da germania remontam pelo menos ao começo do seculo XVII, pois elles figuram no vocabulario de Hidalgo (1609); os termos do argot encontram-se tambem pela maior parte nos seculos XVI e XVII, alguns como vamos ver já no seculo XV; os termos do furbeseo eram já usados todos no seculo XVI ou XVII, pois se encontram no *Nuevo modo da intendere la lingua zerga*, publicação de 1619, e reprodução, pelo menos em

parte, de um vocabulário estampado em 1549, e nas *Recherches italiennes et françaises* de Oudin<sup>1</sup>; alguns remontam, com certeza, até ao século xv, como se mostrará.

Os seguintes termos do *jargon* francez do século xv correlacionam-se real ou aparentemente com termos do calão; de quasi todos elles dei já os correspondentes no argot mais recente.

*arton*, pain.

Tant qu'il n'y eust de l'*arton* sur les cars.

Ballade xi, A. Vitu, p. 163-4.

«*arton*, c'est pain». *Processo dos Coquillars*. M. Schwob, *Mém. de la Soc. de ling.*, VII, 180. 301. — cal. *artão*.

*bec*, nez, figure.

Luez au *bec* que ne sois greffis.

Ballade I, A. Vitu, p. 180. Schwob, p. 305.

cp. cal. *beque*, *bique*, nariz.

*belistre*, mediant, gueux qui vit d'aumône et de rapine. A. VITU, p. 183. — germ. *belitre*, picaro; port. *biltre*; cal. *bilontra*.

*blanc*, sot, niais. «Ung homme simple qui ne se congnoit en leurs sciences c'est ung *sire* ou une *duppe* ou ung *blanc*.» *Processo dos Coquillars*. SCHWOB, p. 179. 310. *Blanc coulou* [*colomb*, *pombo*] paraît au contraire être pris en sens inverse: dans le jargon de la Coquille, e'est eelui qui joue le niais. Ibid. «Ung *blanc coulou* e'est celluy qui se couche avec le marchand ou aultre, etc., [et luy desrobe son argent, ses robes et tout ce qu'il a et les gette par une fenestre a son compaignon qui l'attent hors de la chambre].» *Proc. dos Coquillars*. SCHWOB, p. 179. — cal. *branco*, estúpido, ingenuo.

<sup>1</sup> Vid. Fr. Michel, *Études de philologie comparée sur l'argot*, p. 425

*gaudins*, brigands ou petit-maîtres.

C'est tout son fait d'engandrer les *gaudins*  
A hornangier

Ballade ix. A. Vltu, p. 326-8.

Vid. acima p. 100 arg. *gaudineur* c cal. *gaudinar*, *gauderio*.

*grain*, écu, monnaie.

Et n'abater de ces grains neufs et vieulx

Ballade vii. A. Vltu, p. 344.

cal. *grão*, cruzado novo. BLUTEAU.

*gris*, froid.

Et vous gardez bien de la roe  
Qui aux sires plante du *gris*,  
En leur faisant faire la moc.

Ballade vi. A. Vltu, 347-8.

cal. *gris*, frio. BLUTEAU; mod. *griso*.

*marque*, fille, ribaude.

*Marques* de plant, dames et audinas

Ballade xi, etc. A. Vltu, p. 405-408.

cal. *marca*, meretriz. BLUTEAU.

*paulmer*, voler.

Puis, dist ung gueulx, j'ay paulmé deux florins

Ballade ix. A. Vltu, p. 434-5.

cal. *palmar*, roubar.

*pye*, boisson, vin.

Pour avaneer au polliceur de *pye*.

Ballade ix. A. Vltu, p. 467-470.

cal. *pio*, vinho. BLUTEAU.

*pyer*, boire.

Babille en gier en *pyant* à la fye

Ballade, ix. A. Vltu, p. 470-471.

cal. *piar*, beber:

*quille*, jambe. «Les jambes ce sont les *quilles*.» *Proc. dos Coquillars*. SCHWOB, p. 180.

Poussez de la *quille* et brouez.

Ballade v. A. Vltu, p. 472-3.

ep. cal. *quilhar*.

*rouhe*, justiee. «Ils appellent la justiee de quelque lieu que ce soit la *marine* ou la *rouhe*.» *Proc. dos Coquillars*. SCHWOB, p. 179. — Cp. acima arg. *rousse*, cal. *ruiva*.

*ruffle*, feu. «*rufle* c'est le feu Saint-Antoine.» *Proc. dos Coquillars*. SCHWOB, p. 180. — Cp. acima arg. *rif*. cal. *rufo*.

*sorne*, la nuit, la brune.

Sur la *sorne* que sires sont rassis.

Ballade vii. Vltu, p. 503-505.

cal. *sornar*, *sonar*, *sornir*, dormir.

Na carta de Luigi Pulci<sup>1</sup> lê-se: dove si petinó quello lustro la brigata sopra la *lenza*», em que *lenza* parece ser o termo furbeseo da lista acima. Na curta lista do mesmo Pulci noto: *cosco*, casa (cal. *cosque*, casa); *caccose* (leia-se *calcose*), le scarpette (cal. *calcos*, sapatos); *gualdi*, i pidoechi (furb. *guallino*; cal. *gao*).

Assim pela comparação com as gírias estrangeiras, estudadas nos seus mais antigos documentos, pode alargar-se a historia do calão além dos limites que os documentos proprios nos impõem; todavia não é possível dizer quando é que em Portugal se começou a usar esse calão de que acabamos de passar em revista alguns dos elementos mais antigos.

Emquanto ás origens mesmas d'esses mais antigos elementos das gírias farei ainda as observações seguintes.

<sup>1</sup> Vid. acima pag. 91.

Alguns d'esses termos são já produções proprias das gírias, feitas á custa dos materiaes das linguas geraes; taes são *asa* (*ala*), *branco* (*blanco*), *calcos* (*calcese*), *cornante*, *gunhidor* (*gruñente*), *palmar*, *rufo* (ital. *ruffo*, ruivo, fulvo), *tirantes* (de *tirar*, ital. *tirare*, fr. *tirer*), *traballar* e talvez *mechosa*.

Outros dos referidos termos são palavras tornadas archaicas nas linguas geraes, ou vindas de outras linguas vivas, ou de origem incerta.

*ancia*, agua, é considerada por Pott, *Zig.*, II, 4, como identico a hisp. *ansia*: «Da *ansia* in Span. nicht bloss Schmerz, sondern auch ein heftiges Verlangen bezeichnet, führt letztere leicht auf den Durst und das, womit er am gewohnlichsten gelöscht wird, oder *Wasser*;—eine Qual, die man in heissen Klimaten noch mehr zu würdigen weiss, als anderswo.» Mas a existencia da palavra no argot e no furbesco fazem duvidar d'essa explicação.

*artona*, pão, occorre num texto latino medieval cit. por Ducange, s. v., mas como diz Schwob, p. 301, trata-se de um «texte qui n'a rien de populaire, un texte ecclesiastique où *artona* semble une mauvaise transcription greeque». Fr. Diez, *Etymologisches Wörterbuch*, II<sup>3</sup>, 208, diz: «*Artoun* neupr. brot, ein it. *artone* kennt Veneroni; dazu kommt noch sp. *artalejo* oder *artaleta* pastetchen, und *artesa*, pg. *arteça* backtrog. Man vermutet darin das gr. ἄρτος, aber nähere ansprüche hat wohl das bask. *artoa* maisbrot s. Larramendi, *Diccion.*, I, p. xvi, nach Humboldt, *Urbew. Hisp.* p. 155, urspr. eichelbrot, von *artea* art eichen. P. Monti rechnet auch das comask *adro-basto* (brot) hierher.» Se a palavra é realmente de origem basca, fica, todavia, incerto. O gitano tem *harton*, pão, em que Miklosich (*Abhandl.*, II, 42) não hesita em ver reflexo do gr. ἄρτος; a palavra podia ter passado do hisp. para o gitano; mas este tem tambem *artifero*, padeiro, em que não podemos deixar de ver com Miklosich, l. e., reflexo do

gr. ἀρτεφίσιον (Ducange), e do qual é difficil separar a forma *artife* das girias, acima mencionada <sup>1</sup>.

*belitre* (fr., port. *biltre*) não é nestas duas linguas termo de gíria; figura como tal na lista de Hidalgo e a elle se liga o mod. cal. *bilontra*, que foi talvez importado do Brasil, onde ha um calão que, ao lado de elementos que se encontram em Portugal, possui muitos proprios. Talvez que a forma italiana *belitrone* não seja estranha á produção de *bilontra* (no Brasil ha muitos italianos). A origem de *belitre* é incerta. Vid. Diez, Scheler e Littré, s. v.

*bola*, feira, parece ligar-se a um ant. fr. *boule*, *baule*, no sentido de — companhia que se diverte, pandiga, em diversos textos reunidos por Fr. Michel, s. v.

*cosco* (furb., cal. *cosque*) é considerado por Pott, *Zig.* II, 25, como tendo sido talvez modificado do italiano *casco*, caduco, velho, para não lembrar facilmente *casa*; a forma da germ. *cuesca* (*cuesca*) mostra, porém, ao que parece, que a palavra é velha na Hispanha; ep. port. *cosco*, *coscorrão*, e hisp. *cuesco*, que o sentido não permite ligar a cal. *cosque*.

<sup>1</sup> São 48 as palavras do grego (moderno), incluindo quatro numeracs, que Miklosich, *Abhandl.* II, 42-3, acha no gitano. Com relação a quarenta e cinco d'essas palavras parece-me que não pode duvidar-se de que sejam um testemunho da residencia dos antepassados europeus dos gitanos na Grecia; sobre *harton* e as duas seguintes é que podem levantar-se duvidas. O gitano *calcó*, *calcorro* (com o suffixo iberico *-orro*) difficilmente pode separar-se dos termos de cal. *calcos* e germ. *calcorros*, para o ligar ao gr. κάλιζα, apesar da observação de Miklosich: «Die Oxytonirung weist auf nicht-span. Ursprung». Nessa accentuação pode ter havido uma influencia analogica. O git. *furnia*, *cueva*, não vem talvez da Grecia (gr. φούριος) com os tsiganos que se acham em a nossa peninsula, pois já cá havia em hisp. *furnia*, usado ainda hoje em Cuba, e em port. *furna*, ainda vivo no continente, e transplantado logo depois da colonisacão da ilha de S. Miguel (Açores) para essa ilha, onde é celebre o *Valle das Furnas*. O termo git. *drun*, *camino*, *viaje*, e tambem prudencia, *cordura*, *juicio* (Mayo), do gr. δρόμος, *caminho*, faz lembrar o termo pop. port., talvez primeiramente termo de gíria, *endromina*, *ardil*, *mentira* para defraudar.

*cria* foi ligada ao gr. κρέα; por Fr. Michel. A palavra encontra-se em Vulcanius<sup>1</sup> na forma *creu* (earo), na gíria dinamarqueza *kraeges*, e lembra., segundo Pott, *Zig.*, II, 16, o tsigano *karialo*. A origem grega da palavra está muito longe de se achar liquidada.

*gambia*, perna, é uma velha palavra, que na forma *gamba* se acha como termo da linguagem geral em hisp., catalão, provençal, no fr. *jambe*, no ant. fr., picardo e wallon *gambe*. Ao lado d'essas formas ha o ant. hisp. *camba* (poema de Alexandre), sard. e hurwelsh *comba*; no ant. hisp. tambem *cama*. A origem parece estar num radical *camb* ou *cam*, ser curvo; ep. port. *camba*, *cambaio*; lat. *camurus*, *camerus*, etc. Vid. Diez, Scheler e Littré, s. v. *ganba* e *jambe*.

*lima*, camisa, parece ser tambem uma velha palavra, como mostram os textos:

Alii fontemque ignemque ferebant  
Velati limo et verbena tempora vincti,

Vergillo, *Aeneid.*, xii, 120.

«*Limus* autem est vestis, qua ab umbilico usque ad pedes teguntur pudenda poparum. Haec autem vestis in extremo sui purpuram limam, i. e. flexuosam habet. Unde et nomen accepit. Nam limum obliquum dicimus. Servio ad *AE*n., l. e. «Sed Tiro Tullius M. Ciceronis libertus, licetorem vel a limo vel a licio dietum scripsit: Licio enim transverso, quod linum appellatur, qui magistratibus, inquit, praeministrabant, cincti erant». Aulu Gellio, XII, 3, 3. Vid. ainda Isidoro, *Etymol.*, lib. xv, 14. XIX, 22, e as passagens de Joannis de Janua e do *Gloss. Lat. Gall. Sangerm* citadas em Dueange-Henschel, s. v. *limas*.

Sem duvida *lima* não designa a mesma peça de vestuario que *limus*; mas a mudança de significação não tem aqui nada de extraordinario. Basta lembrar as variadas signi-

---

<sup>1</sup> Professor hollandez, fallecido em 1614, que colligiu termos tsiganos e do Rothwelsch. Vid. Miklosich, *Beitr.*, I, pp. 765-771.

ficações dos representantes do lat. *mantellum*, *mantelum* e seus derivados nas linguas romanicas. Só o port. *manteo* tem significado: 1) capa; 2) peça de vestuario, especie de saia curta, para cobrir o corpo da cintura para baixo; 3) peça para ornar o pescoço, especie de largo collarinho com roscas, etc. <sup>1</sup>.

*marca*, tem resistido a todas as tentativas etymologicas; foi-se até a derivá-la do celtico *marka*, egua. Em verdade ha no eal. *ponis*, mulher, que parece vir do inglez *pony*, e justificar essa etymologia.

*gao* é de origem incerta, comquanto o furb. *grisaldo* ao lado de *gualdo*, *gualino*, o arg. *bande grise*, com a mesma significação possa fazer suppor uma connexão com *griso*, pardo, d'onde port. *grisalho*.

*peltra* não pode separar-se realmente de fr. *peautre*, que Scheler liga ao ant. alto allemão *polstar*, *bolstar*, allemão mod. *polster*, enxergão, almofada.

*sorne*, noite, a que ligo cal. e germ. *sornar*, é derivada por Fr. Michel, do provençal *sorn*, sombre, obscur <sup>2</sup>. O eal. *sorna*, cama, não vem directamente de arg. *sorne*, mas de *sornar*; ep. *choina* de *choinar*, (p. 88), de hisp. *noche*.

<sup>1</sup> Pott, *Zig.*, II, 340, translada de Dorph, auctor de um trabalho sobre a giria dinamarquesa, *limes*, teia, e *limsk*, camisa; a relação com as girias romanicas pode ser apenas apparente, como suggere Ascoli, *Studj*, p. 419.

<sup>2</sup> No ant. francez havia *sorne* crepusculo: a germania tinha *sorna*, noite; esta provém d'aquella que Storm (*Romania*, v, 184, 184) deriva «de *Saturnus*, comme représentant le planète d'influence funeste, et opposé à Jupiter, d'où *jovial*, comme me fait observer M. Bugge. Angl. *saturnine*, sombre, morne, fr. du xvi<sup>e</sup> siècle *saturnien* (Littré)». Segundo o mesmo philologo o ant. fr. *sorne* está por *\*soorne*, *\*sadorne*, e, por causa da raridade da queda do *t* em provençal, a forma d'este, *sorn*, deve provir da lingua d'oïl, em que por certo existiu um adj. *\*sorne*, de que deriva *sournois*, e a que se liga port. *sorna*. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Studien zur hispanischen Wortdeutung*. Firense, 1885, p. 157) deriva port. *soturno* de *Saturnus*, sem referencia ao artigo citado de Storm.

## Termos do calão provenientes das línguas modernas estrangeiras

Alguns d'esses termos experimentaram modificações, segundo os processos de formação do calão abaixo expostos.

Do hispanhol: *baguinos*, baixo, de *bajo*; *chastre*, alfaiate, de *sastre*; *chona*, noite, *choinar*, dormir, de *noche*; *costillas*, costas, de *costillas*; *cuncharra*, colhér e gazna, de *cucharra*, colhér; *galheta*, bofetada, de *galleta*, bolacha (biscoito chato)<sup>1</sup>; *legos*, afastado, de *lejos*; *miquei*, agente de policia, de *miquelete*, fusileiro de montanha na Catalunha, soldado da antiga guarda dos capitães generaes?; *ventana*, janella, de *ventana*.

Do gallego: *naya*, mãe, de *nay*.

Do francez: cal. *alar*, ir, de *aller*, ir; *chena* cadeia, de *chaîne*, cadeia; *labita*, casaca, de *l'habit*, veste, casaca; *moa* e *moiene*, eu, de *moi*, me, mim, eu; *toiene*, tu, de *toi*, te, ti, tu; *pistão*, guarda-sol, de *piston*, embolo; *porte-borne*, de *porte-monnaie*; *trompar* de *tromper*; *lofo* de *fol* (com inversão).

Do italiano: *nantes*, *nentes*, *niente*, não, nada, de *niente*, nada.

Do inglez: *bute*, bota, pé, de *boot*; *chumeco*, sapateiro, de *shoemaker*, sapateiro; *chuzes*, sapatos, de *shoes*, sapatos; *cuté*, casa, de *cottage*, cabana, choupana; *dogue*, cão, de *dog*, cão; *fiche*, bacalháo, de *stockfish*, bacalháo, *fish*, peixe; *stockfish* no calão de Albergaria-a-Velha no sentido de presunto; *fortytwo*, quarenta e dois; *guinés*, *guine*, dinheiro de guinea, nome de uma moeda; *naifa*, faca, de *knife*, faca; *semoque*, tabaco de fumar, *simoco*, rapé, de *smoke*, fumo; *trauses*, trozes, calças, de *trousers*, calças; *tuelles*, doze vintens, de *twelve*, doze.

Do allemão: *gute*, bom, de *gut*.

---

<sup>1</sup> A palavra port. *bolacha* (biscoito chato) toma familiarmente o sentido de bofetada.

## Os processos de formação do calão

Se separarmos do calão tudo que lhe tenha vindo formado, prompto para ser empregado sem modificação essencial, já das gírias estrangeiras, já das linguas dos outros povos (separação que só parcialmente é possível), ficar-nos-ha ainda uma maioria de termos em que distinguimos duas camadas: 1) uma que immediatamente, ou depois de mais ou menos detido exame, se nos apresenta como constituída por termos da lingua geral portuguesa, junto com alguns termos pouco numerosos d'outras linguas, os quaes experimentaram modificações mais ou menos consideraveis, quer nos sons, quer na forma, quér na significação, ou em mais de um d'esses aspectos ao mesmo tempo; 2) outra camada constituída por termos que se nos afiguram irreductiveis, mas de que provavelmente uma parte entrará na outra categoria depois de novos estudos.

Passaremos agora a estudar os processos pelos quaes dos termos da lingua geral se formam termos do calão e se neste ha verdadeiras creações novas.

I. **Deformações phoneticas.** É preferivel empregar esta expressão para distinguir o processo consciente da modificação phonetica no calão das alterações phoneticas da lingua geral e dos dialectos, apesar dos pontos de contacto que se notam entre essas duas ordens de phenomenos. Um exemplo fará comprehender bem a distincção estabelecida. Quando o povo diz *inselencia* por *excellencia*, a forma culta da palavra não está no seu espirito, elle não a conhece; diz *inselencia* porque apercebem sempre a palavra com esse aspecto phonetico. Quando um creador do calão modificou *almocreve* em *almuque*, fê-lo conscientemente, tendo bem presente no espirito a forma perfeita da lingua geral, e fê-lo no intuito apenas de disfarçar, de *enigmatizar*, segundo a feliz expressão de Pott, o termo da lingua corrente. É evidente que os termos enigmatizados (quer

no som, quer na forma, quer na significação) podem ser repetidos depois por outros individuos, sem que seja conhecida a sua relação para com os termos correntes de que saíram; mas esses termos correntes serão empregados pelos mesmos individuos quando não fallam o calão, caso que não se dá (salvo circumstancias especiaes, a que terei ainda de me referir em parte<sup>1</sup>) com os termos da lingua culta na boca do povo que emprega em vez d'elles as suas formas proprias.

Vejamos as principaes especies de deformação phonetica do calão.

a) *Mudanças de accento.* Na linguagem familiar modifica-se ás vezes por gracejo a accentuação das palavras, por ex.: diz-se *tísoras* por *tesouras*. No processo evolutivo inconsciente da lingua deram-se tambem d'essas mudanças, como mostram, por ex.: *acébo* do lat. *aquifolium*, *trevo* de *trifolium*; *suta*, de fr. *sautoir*. Essa mudança de accentuação coincide nos exemplos dados, como noutros mais, com uma redução de syllabas.

No calão são raras as mudanças de accentuação que não coincidem com suppressão de syllabas, e aquellas mesmas são acompanhadas geralmente de modificações nos sons. Ex.: *cérulas* de port. *ceroulas*, *pápulo* (todo escripto, excepto carta) de port. *papel*; *irmo* de port. *irmão*; *cápito* de port. *capitão*.

b) *Suppressão de syllabas* (abreviação das palavras). Na linguagem familiar dá-se essa abreviação nos termos de carinho, especialmente nas fórmulas hypocoristicas dos nomes proprios, como podó ver-se nas observações que noutra parte consagrei a esse ponto<sup>2</sup>. Essa suppressão é geralmente acompanhada de outras modificações phoneticas. O mesmo se dá no calão, a que pertencem os seguintes exem-

<sup>1</sup> Vid. p. 141 e n.

<sup>2</sup> *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> serie, n.º 3, p. 142-149.

plos: *alcofa*<sup>1</sup>, de port. *alcaiota* ou *alcoviteira*<sup>2</sup>; *aljaba* (algibeira de mulher), de port. *algibeira*; *almuque*, de port. *almocreve*; *brasil*, de port. *brasileiro*; *fabrico*, de port. *fabricante*; *rijo*, de port. *regedor*; *tisas*, de port. *tesouras*; *trio*, de port. *theatro*; *sinhá*, de port. *senhora* (*sinhá* é também forma erioula do Brasil); *restolho* (barulho, algazarra), de port. *restolhada* (que é propriamente o ruído produzido pelo vento no restolho); *estola*, de port. *estalajem*.

Como se vê, na maior parte d'esses exemplos a palavra modificada veiu a tomar a forma de outra que nalguns casos não tem com ella a menor relação de significação, e noutras só pela interpretação secundaria pode tê-la. Se *brasil* e *restolho* se reduzem apparentemente á substituição de derivados por primitivos, *alcofa*, *trio*, *rijo*, *aljaba* existem na lingua como palavras distinctas e sem relação de radical com *alcoviteira*, *theatro*, *regedor*, *algibeira*; todavia um *regedor* póde ser denominado o *rijo* pelos meliantes e entre uma *algibeira* e uma *aljaba* concebe-se uma longiqua correlação<sup>3</sup>.

Nos exemplos citados, as syllabas supprimidas são finaes; mais rara é a suppressão das syllabas iniciaes, ex.: *taco*, de port. *pataco*; *maraca* de port. *camarada*; *croia*

---

<sup>1</sup>A fórma *alcofa* acha-se no *Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usárão*, de Santa Rosa de Viterbo, mas sem texto que prove a sua antiguidade. É um dos varios termos populares que o auctor inseriu entre os arcaísmos; figura na lista de Queiroz Velloso, a que pertencem todos os de calão citados neste estudo que não se encontram nas nossas listas acima. Fernão Lopes empregou a forma *alcouvetas*: «Quería gram mal a *alcouvetas* e feiticeiras». *Chron. D. Pedro I*, c. 10.

<sup>2</sup>Pela abreviação port. indicamos o português geral; só indicamos a significação dos termos que nella experimentaram modificação.

<sup>3</sup>Sobre factos analogos e o que os distingue da etymologia popular, vid. o meu artigo *A etymologia popular*, in *Revista lusitana*, 1 (1887), pp. 133-142.

de furbesco *aneroja* (?). Talvez *reco jumento* esteja por *burreco*, forma popular depreciativa, por *burrico*.

O argot apresenta numerosos exemplos de supressão de syllabas; taes são: *a) autor* (autorité), *achar* (acharnement), *can* (canon), *from* (fromage), *occas* (occasion), *comme* (commerce), *diam* (diamant), *magne* (manière), *pardesse* (pardessus), *poche* (pochard), *sap* (sapin); *condice* (condition); *b) chand* (marchand), *cipal* (municipal), *troquet* (matroquet), *croc* (escroc); *c) lubre* (lugubre); *d) zouzou* (zouave), *nounou* (nourrice), e *Bibi* (Bicêtre), que apresentam supressão e reduplicação. O argot apresenta sobretudo exemplos da primeira especie (supressão de finais); os das outras são raros <sup>1</sup>.

*c) Inversões de sons e syllabas.* Vimos já que este processo basta para a formação de certa ordem de girias. Nas linguas geraes portuguesa e hispanhola ou nas suas formas populares ha assás numerosos exemplos d'esse processo; no seu bello trabalho sobre a lingua portuguesa, reuniu Julio Cornu <sup>2</sup> boa collecção d'elles, d'entre os quaes escolhemos alguns: *agamo* por *amago*, *atolar* por \**alotar* de lat. *lutum*, *carrascão* por *cascarrão* de *cascarra*, *champa* por *prancha*, *manica* por *maquina*, *pouchana* por *choupana*. Alexandre Antonio de Lima, *Rasgos metricos*, p. 211, traz *quesposso* por *pescoço*, que não sei se devo considerar como termo do calão, se como termo popular.

No calão as inversões podem ser simples ou acompanhadas de outras modificações; as da primeira especie são raras. Exemplos d'inversão simples: *safo* (lenço) por \**fasso* (d'onde *falço*, Bluteau), como vimos, de origem italiana; *zouca* por *cousa*; *tapor* por *porta*.

Nos seguintes exemplos houve mais ou menos consideraveis modificações dos sons invertidos ou outras modifi-

<sup>1</sup> Vid. Larchey, p. ix, Schwob et Guieysse, p. 46.

<sup>2</sup> *Die portugiesische Sprache* in Gröber's *Grundriss der romanischen Philologie*, I, 776-77.

cações concomitantes: *soquinha* por \**zoquinha*, de port. *cozinha*; *lofo* por \**folo*, de fr. *fol*; *macallo* por \**vacallo*, de port. *cavallo* (*b* por *m*, na lingua geral em *busaranha* de *musaranha*, etc.; e *m* por *b*, talvez em *alamo*, de lat. *albus* (etymologia de Cornu); *chona*, *choina*, de hisp. *noche*; *drepa* por \**drespa*, \**trespa*, de port. *presta*; *dropa* por \**drepa*, de port. *pedra*; *drofa* por \**trofa*, \**tropa*, de port. *porta*; *Drofo* por \**Trofo*, \**Tropo*, de *Porto* (cidade). O ealão *drope*, adj., abjeeto, pobre; s. f., adversidade, desventura; pode estar portauto por \**trope*, de port. *torpe* ou port. *podre*, e talvez nelle se fundisse ainda \**brope*, de port. *pobre*.

Em português desenvolveu-se espontaneamente *dr* de *tr* latino medial; por exemplo, em *pedra* de lat. *petra*, *vidro* de lat. *vitrum*, *adro* de lat. *atrium*. Houve alteração de *p* em *v* nas palavras lat. *scopa*, *stivare*, *populus*, port. *escova*, *estivar*, *povo*; de *p* em *f* em lat. *vapore* = port. *bafo* (segundo Cornu<sup>1</sup>).

A germania antiga apresenta-nos já varios exemplos de inversão de consoantes: *chepo* por *pecho*, *greno* por *negro*, *grito* por *trigo*, *lepar* por *pelar*, *taplo* por *plato*, *tisvar* (mirar) por \**vistar* de *visto*, *toba* de *bota*. (Hidalgo, Pott, *Zig.*, II, 18).

No argot são raras essas inversões, excepto em ligação com outros processos. Já em *Pechou* de Ruby se encontra *zerver*, *server* (pleurer, erier), de *verser*, e um ao lado do outro: *limogère*, *chambrière*, e *miloger*, *valet* (Schwob et Guieysse, p. 38-39) e remontando até mais alto, á *Ballade* v, de Villon, encontramos *Ostac* por *Costa*, nome de um chefe de policia (Ibidem). Frequente no argot moderno é o processo chamado *loucherbème*, que consiste numa inversão da consoante inicial, que se substitue por um *l*, e, posta no fim da palavra, se faz seguir de um suffixo (particularmente de *ique*, *oque*, *uche*, *atte*, ou *ème*), assim *loucherbème*

<sup>1</sup> *Ibid.*, p. 769.

é formado de *boucher*: *oucherb-*, *l-oucherb-ème*; *lemmefoque* de *femme*: *emmef-*, *l-emmef-oque*. Esse processo é característico do argot dos *bouchers* (carneiros), e já antigo no argot das classes eriminosas, de onde passou em menor grau para o argot geral.

d) Alguns termos apresentam outras deformações phoneticas, tendendo em regra a aproximá-los ou confundi-los no som com termos da lingua geral. Exemplos: *mostro*, vinho, de *mosto*; *perola* e *pilula*, cama, de cal. *peltra*, *chimpar* de *chapar*; *porte-borne* de *porte-monnaie*; *mamão* de *melão*; *elimo* de *animo* (cf. port. *alma* de lat. *anima*); *chiloras* de *ceroulas*; *falso*, lenço, por \**fasso*, germ. *fazo*, do italiano *fazzolo*, *fazzoletto* (vid. acima *safo*, lenço, por \**fasso*).

II. Deformações morphologicas. A derivação propriamente dita consiste na formação de uma palavra nova, tendo por base uma raiz ou thema já existente, a que se juntam um ou mais suffixos, palavra que exprime uma representação ou conceito mais ou menos distincto do expresso por aquelle thema: assim *ama-r* exprime uma acção verbal, *ama-dor* o agente, *ama-vel* a qualidade do que merece que aquella acção o tenha por objecto, *ama-torio*, que respeita ao amor, etc. Cada uma d'essas palavras tem pois emprego especial, não são synonymos. Ha, porem, muitos derivados que são mais ou menos synonymos com relação a outros da mesma raiz; p. ex.: *ama-nte* e *amador*. Muitas vezes um derivado fez desaparecer o seu synonymo da mesma raiz: assim em portugûes *altivez*, *calçado*, *calva*, *cambista*, *conhecimento*, *embrulhada* (*emborilhada*), *falsidade*, *lastimoso*, *perdão*, fizeram cair em desuso *altividade*, *calçamento*, *calveira*, *cambador*, *conhecença*, *emborilho*, *falsura*, *lastimeiro*, *perdoança*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Vid. *Questões da lingua portuguesa*, pp. 44-50.

Nalguns casos houve, pelo meos aparentemente, troca de suffixos <sup>1</sup>:

<i>activ</i> { -ez -idade	<i>conhec</i> { -ença -imento	<i>calça</i> { -do -mento
<i>fals</i> { -idade -ura	<i>lastim</i> { -oso -eiro	<i>oliv</i> { -edo -al

«Não deve esquecer-se, diz Diez, que muitas vezes a derivação nas linguas romanicas tem apenas em vista reforçar a forma ordinaria da palavra sem fazer caso do sentido, quer, como é mais frequente, para dar mais peso a uma palavra curta, quer para distinguir formas identicas ou semelhantes. Visto que se expulsaram da lingua, como muito breves, numerosas palavras simples para as substituir por outras de mais corpo, porque não se salvariam tambem essas mesmas palavras allongando-as? Mas só podiam ser empregados com esse fim suffixos de significação incerta, obscurecida; outros teriam influido muito elaramente no sentido. O fr. *menton* ou *rognon*, p. ex., não diz mais que o simples latino *mentum* ou *ren*. Empregaram-se, sobretudo para esse fim, antigas formas deminutivas cujo sentido já não era sensível. Assim como se preferiram aos simples *apis*, *auris*, *ovis*, por causa de sua pequenissima dimensão, os diminutivos *apicula*, *auricula*, *ovicula*, parece ter o francez allongado tambem *sol*, *taurus* em *soleil* (= *soliculus*), *tau-reau* (= *taurellus*), sem pensar em ver nelles deminutivos, como *petit soleil*, *petit taureau*, porque *culus* e *ellus* lhe eram conhecidos por numerosos exemplos como simples formulas de derivação <sup>2</sup>.»

<sup>1</sup> Digo pelo meos aparentemente, porque as formas podiam ter-se produzido independentemente, isto é, *lastimoso* podia não ter sido derivado de *lastimeiro*, ou vice-versa, mas sim qualquer d'elles de *lastima*.

<sup>2</sup> *Grammatik der romanischen Sprachen*, II<sup>2</sup>, 262-3; trad. fr. da 3.<sup>a</sup> ed., II, 260-261.

Proponho chamar indifferentes esses suffixos que não dão origem a uma palavra de significação nova.

Ha certos suffixos que podem chamar-se falsos, porque se formaram á custa de um suffixo com a parte thematica de uma palavra e depois ganharam independencia como verdadeiros suffixos. Em latim, por exemplo, o suf. *-lo* (*-la*), juntando-se a themas em *-r*, *-u* ou *-ro* (*-ra*), *-no* (*-na*), deu lugar á formação de derivados em *-ellum*, *-illum*, *-ullum*, pela assimilação (depois da syncope de *o*, *a*, terminal), em que *-ellum*, *-illum*, *-ullum* foram tomados como suffixos independentes, que depois serviram para derivações novas: assim de *puero-* derivou-se *puerulo-*, d'onde *puel-lo-*; de *vinu-*, *vinulo-*, d'onde *villo-*; de *hom-en-* (*homin-*) \**homon-lo-*, *homul-lo-*<sup>1</sup>. Visto que havia outros derivados semelhantes, sentiam-se em formas como *pu-ella*, *v-illum*, *hom-ullus*, *pu*, *v*, *hom* como radicaes.

No calão encontramos factos das mesmas ou semelhantes categorias dos que acabamos de examinar com referencia á linguagem geral, ainda que se apresentem por vezes com aspecto proprio.

No calão ha alguns verdadeiros derivados, isto é, termos formados de outros por meio de um suffixo (real ou apparente), simples ou composto, com significação distincta da dos themas de que são formados. Taes são:

*alampar*, ver, de cal. \**lampo* ou \**lampio*, olho, port. *lampada*, *lampião*; ep. cal. *luzio*, olho, de port. *luz*.

*arcoso*, anel; á letra: o que tem formá d'arco, de port. *arco*, com o suffixo *-oso*, muito frequente em português.

*ardina*, aguardente; á letra: a que *arde*, de port. *arder*, com o suffixo *-ina*, frequente em português, mas que não se applica em a nossa lingua directamente a themas verbaes, caso que aliás se dava em latim, como mostram, por exemplo, *ruína* de *rue-re*, *sentina* de *senti-re*.

<sup>1</sup> W. Corssen, *Ueber Aussprache, Vokalismus und Betonung der lateinischen Sprache*, II<sup>2</sup>, 149. 527-530. Cf. H. Paul, *Principien der Sprachgeschichte*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 203-204.

*ardosa*, aguardente, de port. *arder*, com o suffixo *-oso*, que é muito frequente em derivados da lingua geral, mas não se applica nella directamente a themas verbaes, mas sim a themas nominaes.

*bagaceira*, aguardente; á letra: a que se extrahe do bagaço, de port. *bagaçõ* com o suffixo *-eira*.

*calmeirão*, mandrião, de port. *calma*, com o suffixo composto *-eirão*, como port. *espadeirão* de *espada*, *largueirão* de *largo*, *lingueirão* de *lingua*, *regueirão* de *rego*, *toleirão* de *tolo*; ep. *trigueirão* de *trigueiro*, de *trigo*. Emquanto ao sentido, ep. hisp. *calmoso* na significação de—preguiçoso, indolente.

*canhantes*, botas, de port. *eano* ou *eanna* (da perna)? o suffixo *-ante* serve na lingua geral para formações de character participial enfraquecido, mas tendo sempre por base themas verbaes. Cp. *encanhas*, meias. BLUTEAU.

*chapeca*, moeda de dez réis, que tambem se encontra com a forma *sapeca*, naquelle mesmo sentido e no de pancada de clapa com a mão, bofetada; de *chapa*, com o suffixo *-eca*, que se encontra, por exemplo, em port. *eueca* de *cu*, *folheca* de *folha*, *sonneca* de *somno*.

*embromar-se*, irritar-se; á letra: fazer-se grosseiro; com posto e derivado de port. *brõna*, homem grosseiro.

*escamanta*, peseada (peixe), de *escamar*, com o suffixo frequente *-nte*, que se encontra na forma feminina *-nta* em port. *governanta*; mas, emquanto nas palavras da lingua geral esse suffixo indica um agente, aqui significa: que tem (escamas).

*faveco* (feijão), de *fava*, com o suffixo *-eco*; cp. *chapeca*.

*gargantosa*, garrafa; á letra: a que tem garganta, gargalo, de *garganta*, com o suffixo frequente *-osa*.

*gatasios* (mãos, dedos) de *gato*; cp. *balasio* de *bala*, *copasio* de *eopo*, *durasio* de *duro*; *gatasio* é antes termo popular.

*gereiro*, açougue, de cal. *gera*, carne.

*grunhideira*, lingua, de *grunhir*, com o suffixo frequente *-deira*.

*piadoiro*, ealix de igreja, de *piar*, beber, com o suffixo *-doiro*; ep. *bebedeiro* de *beber*, *comedeiro* de *comer*.

*pileca*, cavallo magro, por *\*pelleca*, de port. *pelle*.

Nalguns derivados apparecem-nos suffixos estranhos á lingua geral e que são devidos apenas a más analogias; isto dá-se por exemplo em:

*loduso*, ourives, de eal. *lodo*, oiro; pela analogia das terminações de port. *abuso*, *infuso*, *parafuso*, etc.

*dentrêmes*, bolso interior do casaco ou collete, pela analogia das terminações de *creme*, *estreme*, *leme*, etc. A forma, aparentemente do plural, encontra-se em expressões populares como *um bigorrilhas*, *um bolas*. O calão junta noutros casos ainda um *s* a certos derivados seus, como se verá mais abaixo.

*moiene* do fr. *moi*, *toiene* do fr. *toi*, *teuene* do port. *teu*, apresentam um suffixo *-ene* não usado em português. Cp. *mitene* (do fr. *mitaine*).<sup>1</sup>

Em eal. *administraute*, por port. *administrador*, temos a substituição de um derivado da lingua geral por outro também da lingua geral e do mesmo thema, mas do sentido um pouco diverso.

Em muitos casos, no calão, a adjunção de um suffixo ou elemento com aspecto de suffixo, a um thema da lingua geral, tem apenas por fim o disfaree da palavra, não havendo differença de significação entre o primitivo e o derivado<sup>2</sup>; taes são:

eal. *pipuncha*, de port. *pipa*; *chegaduncho*, de *chegado*; *faduncho*, de *fado*; *tarduncho*, de *tarde*; *seduncha*, de *sedá*;

<sup>1</sup> No argot é frequente a adjunção de suffixos deformativos aos pronomes: *nouzaille* por *nous*, *vouzaille*, *vouzigaud*, *vozière*, *vozigue* por *vous*. RIOAULT. *mèzigue*, *mèzigo*, *loimique* pour *moi*; *tezière*, *tezingaud*, *loitrique*, *loitrème* por *toi*; *sèzigue*, *sezière*, *sezingaud* por *lui* (*soi*); *nozière* por *nous*. Schwob et Guicysse, *Mem. Soc. ling.*, vii, 46.

<sup>2</sup> Nas linguas romanieas, como vimos acima, a adjunção de um suffixo sem valor derivativo ou indifferente tem um fim diverso — a conservação de uma palavra de pouco corpo.

*mesuncha*, de *mesa*; todos com o suffixo *-uncho*, tão frequente no cigano (vid. p. 47-48) e que se encontra na lingua geral em *caruncho*, *zarguncho*.

cal. *notante*, de port. *nota* (de banco); *alforjante*, de *alforje*; *caixcirante*, de *caixeiro*; *paivante*, de cal. *paivo*; *lonjantes*, de *longe*; *horante*, de *hora*; todos com o suffixo *-ante*, applicado porém a nomes, emquanto na lingua geral só serve para derivados de temas verbaes.

cal. *maciosa*, de *maçã*; *branquioso*, de *branco*; *paivote*, de cal. *paivo*; *scdaite*, de *scda*; *baguines*, de cal. *bago* (dinheiro); *parrclo*, de cal. *parné* (dinheiro), com assimilação de *m* em *rr*; *tolinciro*, de *tolo*; *perunca*, de cal. *perna* (bebadeira); *baguinos*, de hisp. *bajo*; *vintangos*, de *vinte*; *sinhama*, de *sinhá* (cal. e creoulo por *senhora*); *chibeco*, de cal. *chibo* (espião, denunciante; cp. cal. *cabra*, espião, denunciante); *briol*, de cal. *breu*; *patego*, *patola*, *patáo*, todos de cal. *pato* no sentido de *tolo*, ingenuo (cp. *cair como um pato*, na lingua geral); são outros exemplos do emprego de processos de derivação da lingua geral sem haver formação de palavras de sentido novo.

Nos seguintes exemplos os processos de derivação adverbial aparente são mais irregulares.

cal. *acache*, de port. *aqui*; *allache*, de *alli*; *aquera*, de *aqui*; *allimes*, de *alli*; *antrel* (adeante) de *ante*; *arribatis*, de *arriba*; *cimantes* (acima), de *cima*; *dentrávias* (dentro de casa), de *dentro*; *forantes*, de *fora*; *lonjantes*, de *longe*. Cp., por causa do *s* final de algumas d'essas formas, os adverbios port. *antes*, *algures*, *nenhures*, etc.

cal. *agadancanhir* por port. *agadancar*, cal. *agadancar*, é uma formação sem analogia na lingua geral, e que lembra certas accumulações de suffixos noutras gírias, como no argot *chiquoquandard* de *chic*, *rupiquandard* de *rupin*, no slang *slandingcular* (pela analogia de *perpendicular*)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Schwob et Guieysse, *Mém. Soc. Ling.*, vii, 43; J. Storm, *Englische Philologie*, i, 156-157.

Um suffixo, real ou apparente, é substituído por um outro suffixo, real ou apparente. Exemplos:

cal. *catr-aia*, egua, por cal. \**catr-opia*, *catropéa*; ep. *arraia*, *atalaia*, *cabaia*, *lacaia*, *malafaia*, *zumbaia*, etc., de um lado, e de outro *copia*, *Procopia*.

cal. *carol* por \**carrol*, de port. *carrasco*; ep. de um lado os nomes em *-ol*, como *anzol*, eal. *bríol*, *crisol*, *paiol*, *reí-nol*, *rouxinol*, e de outro os nomes em *-asco*, como *penhasco*, *varrasco*, *Velasco*.

cal. *rabeco*, nome dado aos barqueiros de cima do Douro, que vêm ao Porto, pelo pop. *rabello*; ep. de um lado os nomes em *-eco*, como *chaveco*, *faneco*, *jaleco*, *marreco*, *tareco*, do outro os nomes em *-elo*, *-ello*, como *cabedello*, *cabello*, *cadello*, *capello*, *modelo*, *novello*, *rodelo*, *sarampelo*.

cal. *almazio*, *alimazio*, por port. *armazem*, com influencia, ao que parece, de pop. \**alimal*, *alimaria*.

cal. *armanço*, por eal. *armadella*, dinheiro para jogar, de port. *armar*; ep. de um lado os nomes em *-anço*, como *avanço*, *balanço*, *picanço*, e do outro os nomes em *-adella* como *apalpadella*, *furtadella*.

cal. *entrames*, por port. *entrada*; ep. de um lado os nomes em *-ame*, como *arame*, *velame*, e do outro os nomes em *-ada*, como *estrada*, *camada*, *pancada*.

cal. *marigoto*, por port. *marinheiro*, pelo typo de *perdigoto*, sendo *-igoto*, sentido como suffixo substituído a *-inheiro*<sup>1</sup>, influindo também *maragota*, nome de peixe.

Muitas vezes uma palavra toma inteiramente a forma de outra ou antes funde-se com outra com que tem apenas de commum alguns sons iniciaes ou até um só som inicial, conservando-se em regra a significação d'aquellas primei-

---

<sup>1</sup> É menos certo se cal. *cachilras*, seios de mulher, se liga a eal. *cachorros*, com a mesma significação, influindo *chilra* (ep. ainda *bívro*, pela terminação); e se cal. *carraspana*, bebedeira, está por \**carraspana*, de *carrascão*, vinho ordinario, forte e aspero ao paladar, influindo *raspar*.

ras palavras ou experimentando apenas alguma ligeira modificação. Exemplos:

cal. *palurdio*, por port. *pae*, por fusão com *palurdio*, estúpido, parvo. Por analogia formou-se cal. *malurdia*, mãe <sup>1</sup>.

cal. *mandil*, preguiçoso, por port. *mandrião*, por fusão com *mandil*, panno grosso de esfregar.

cal. *maribundo*, brasileiro, por port. *marinheiro*, pela fusão com pop. *maribundo* por *moribundo* (*maribundio* em A. Antonio de Lima, *Rasgos metricos*, p. 209).

*marabuto* (p. 61) parece ser uma formação do mesmo genero, um resultado da fusão de *marinheiro* com *marabuto*, nome de religiosos musulmanos da Africa septentrional, o qual apparece em os nossos escriptores quinhentistas e de que por certo os nossos marinheiros tiveram conhecimento. Em francez *marabout* tomou o sentido pejorativo de homem feio, mal feito.

cal. *milhafre*, por *mil* (*réis*), pela fusão com *milhafre*, nome de ave.

cal. *pontifice*, por *pontu* (*de cigarro*), pela fusão com *pontifice*, papa, etc.

cal. *lojibeira*, por port. *loja*, apresenta uma fusão incompleta com *algibeira*, tendo-se essas palavras associado pelas consoantes iniciaes *l-j*.

cal. *atroços*, por port. *atrás*, como se fosse uma expressão adverbial *a troços*.

Nos exemplos seguintes houve fusão de palavras que só tẽem de commuin uma consoante ou grupo de consoantes inicial:

cal. *baia*, por cal. *bata*, mão, fusão com *baia*, trave que separa as cavalgadas na cavallariça.

cal. *faia*, por *fadista*, fusão com *faia*, nome de uma arvore.

---

<sup>1</sup> Cal. *polaco*, por *pae*, é sem duvida devido ao mesmo processo; mas aqui em vez de \* *malaca*, por *mãe*, temos simplesmente *polaca*.

cal. *beta*, por cal. *bata*, mão, fusão com *beta*, lista num vestido, etc.

cal. *buco*, por port. *burro*, fusão com *buco*, bojo do navio?

cal. *bufo*, por port. *buraco*, fusão com *bufo*, nome de ave.

cal. *chita*, por cal. *cheta*, vintem, fusão com *chita*, nome de estofo.

cal. *grelha*, por cal. *grulha*, peru, fusão com *grelha*, instrumento, em forma de grade, para assar ou torrar comestiveis.

cal. *grego*, peru, de cal. *grulha* ou *grelha*, mesma significação, pelo fusão com *grego*, nome ethnico.

cal. *beu* por \**veu*, por port. *vinho*, fusão com *veu*, peça de tecido para cobrir um objecto, etc. Poder-se-hia tambem pensar em que *beu* fosse uma modificação de *breu*; mas o termo é do Porto e tem *e* aberto.

cal. *leria*, por port. *laranja*, fusão com *leria*, palavriado astucioso; modificado depois em *larias* e *lirias*.

cal. *duque*, por cal. *dogue* (do ingl. *dog*), fusão com *duque*, titulo nobiliarchico.

cal. *golfo*, por port. *gordo*, pela fusão com *golfo*, braço do mar, sargaço? No sentido de afdalgado, por germ. *godo*, rico ó principal (Hidalgo), pela fusão com a mesma palavra *golfo*?<sup>1</sup>

cal. *laivo*, por port. *lenço*, fusão com *laivo*, mancha.

cal. *laia*, dinheiro, por cal. \**lata*, por port. *prata*, fusão com *laia*, casta?

cal. *osga* por port. *odio*, fusão com *osga*, nome de um saurio.

Vimos já que numa palavra como *villum*, *illum* podia ser tomada como suffixo, ficando assim o conceito do radical ligado unicamente ao som *v*. Pode dar-se factio semelhante em muitas palavras: assim em *tosa*, *rosa*, ao lado de *mimosa*, *religiosa*, etc. *t* e *r* podem ser respectivamente

---

<sup>1</sup> Cal. *metter golfas* significa lisonjear, e é sem duvida originado da locução popular *mettê-las gordas*, mentir, dizer grandes mentiras.

sentidos como constituindo a parte radical. O conceito do radical não existe só no espirito dos grammaticos: actua tambem, comquanto obscuramente, como categoria psychologica, no espirito de todos os que fallam uma lingua em que ha distincção entre raiz e elementos de derivação. No espirito as palavras associam-se pelos sons, pela significação, pelas formas de derivação, pelos radicaes, pelas categorias grammaticaes, etc.

Muitos individuos associam com facilidade as palavras pelas rimas, outros pelas syllabas iniciaes. Eu associo os nomes proprios pela sua inicial: não me lembrando muitas vezes de um d'esses nomes por inteiro, lembro-me todavia do seu som inicial e por ensaios successivos chego a restitui-lo na memoria.

A redução do radical de uma palavra a uma consoante ou um grupo de consoantes inicial, a que se ligam diversos suffixos, é um processo conhecido do argot; ex.: *tranche*, *tronche*, *trogne* (d'ahi *trognasse* e *gnasse*), todos com a significação de cabeça; fr. *froc*, \**froque* (*défroquer*), arg. *frusquin*, habit, *fringue*, *fripe* (*fripier*); *chaper*, prendre, ao lado de *choper*, *chiper*<sup>1</sup>.

O cal. *beto* por port. *botão* explica-se, não por uma fusão de palavras, mas por uma troca de suffixos, pois não ha uma palavra *beto*, em portuguez: *-otão*, sentido como suffixo (cp. *borbotão*, *marotão*, *pelotão*, *paparrotão*); foi substituido pelo suffixo *-eto*, que se encontra por exemplo, em *carreto*, *coreto*, *folheto*.

Poderiamos ver analogamente uas palavras acima, que se empregam no sentido de outras que com ellas só tẽem de commum uma syllaba ou um som inicial, o resultado de um processo semelhante de substituição de suffixos ou sons tomados por suffixos; p. ex.: em *baia* por *bata*, troca de *-ata* por *-aia* (cp. de um lado *camarata*, *cantata*, *novata*, etc., e de outro *cabaia*, *lacaia*, *malafaia*, *zumbaia*,

<sup>1</sup> Schwob et Guicysse, *Mém. Soc. ling.*, vii, 40-42.

etc.); em *buco* por *burro* troca de *-urro* por *-uco* (ep. de um lado *esturro*, *susurro*, *zaburro* e de outro *abelharuco*, *caduco*, *maluco*, etc.); mas a explicação dada acima parece-me preferível. Essa explicação pode enunciar-se também nos seguintes termos: uma palavra sugere outra (geralmente do mesmo numero de syllabas) que tem com ella de commun um ou mais sons iniciaes e a ultima passa a ser empregada no sentido da primeira. Nas linguas geraes ha factos analogos. Em português, p. ex., *punar* (= lat. *pugnare*), tomar a defesa de alguem, chama por associação phonetica *punir* (= lat. *punire*), e esta toma o sentido de aquella, que desaparece (*punir por alguem*). Em francês *souffreteux*, do ant. fr. *souffraite* (disette, manque), toma o sentido um pouco modificado de *souffrant*, pela influencia da associação dos sons communs *souffr*<sup>1</sup>.

O termo de calão *arçheiro*, bebado, o que tem o habito de beber vinho, apresenta-nos o resultado de um processo complicado: *archote*, eopo de vinho, lembra pelos sons iniciaes *arçheiro*; mas este pelo seu suffixo *-eiro* dá ideia de um derivado; d'ahi o seu emprego como se fosse um verdadeiro derivado de *archote*, o qual seria *archoteiro*.

É rara a fusão de palavras determinada por uma terminação commun; um exemplo é cal. *presunto* por *pessoa morta*, *defunto*. Uma historieta popular serve de commentario a esse termo. Conta-se que uma velha surda teve o seguinte dialogo com uns forasteiros:

- Donde vindes vós, meus fillos?
- De Salvaterra, minha avó.
- Ai! de debaixo da terra, louvado seja Deus!
- Que trazeis vós nesses saeos, meus fillos?
- Presntos, minha avó.
- Ai! defuntos, louvado seja Deus!

---

<sup>1</sup> Arsène Darmesteter, *La vie des mots*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 131. Littré, s. v. *souffreteux*.

cal. *malaco*, por *pataco*, parece ser devido a um processo similar; todavia *malaco* não se encontra como termo da lingua geral<sup>1</sup>.

Concluirei a exposição d'esses curiosos processos de formação, cujos productos apresentam á primeira vista enigmas indecifráveis ou podem ser tomados como metaphoras atrevidas, invenções extraordinariamente burlescas, etc., com as seguintes observações de Ascoli:

«Più volte, nello svisare la terminazione d'un vocabulo, i gerghi riescono a trasformarlo in uno di senso affatto diverso; così *l'argôt* dice *arsenal* per *arsenic*, *batelier* per *battoir*, *prophète* per *profonde*, ossia, secondo la metafora di quel greco, *cantina* o *tasca*. Questo *prophète* potrebbe dirse voce gergale innalzata alla seconda potenza; e l'importanza furbesca degli oggetti ch'essa accenna, ben ci dà il perchè della squisita elaborazione. Da *orfèvre* si fece *orphelin*, da *Guibray*: *Giberne*, da *poisson*: *poivre*; *filou* s'è amplificato a *Phillibert*, *nez* a *Nazareth*, e *navet* a *Navarin*. Nella germania, per *catenaccio* si dirà *cerron* in luogo di *cerrojo*, mentre il vero valor di *cerron* è *tela grossolana*. L'alterazione fonetica involve spesso del significativo, sia col ricordare un sinonimò, sia col ritrarre qualche attinenza della persona o della cosa che è nominata, sia coll' offerire allusioni o travestimenti burleschi, sarcastici<sup>2</sup>.»

<sup>1</sup> Ter-se-ha produzido *malaco* primeiro por *maluco* e depois substituido a *pataco*. A ideia de mau, falso, pode ter influido (ep. *macanjo* pag. 95); ha tambem cal. *maluco* por *pataco*. Doutro lado parece que *tabaco* foi igualmente assimilado a *malaco*, em seguida mudado em *maloque* e *maleque* para evitar a confusão com *malaco* = *pataco*. Temos assim uma serie de formações *mal-aco*, *mal-eque*, *mal-oque*, *mal-uco* para substituirem os usaes *pataco* e *tabaco*.

Cal. *medulla*, seda, estará por um *sedulla* não documentado? Cp. cal. *seduncha*, seda.

Cal. *medunha*, dedos (sic.), SILVA LOPES, estará por *dedunho*?

<sup>2</sup> *Studj critici*, p. 388.

Quando os efeitos burlescos existem, o que como se vê dos nossos exemplos é raro, são em geral um resultado secundario, na minha opinião.

III. Modificações de significação <sup>1</sup>. O processo pelo qual uma palavra como *palurdio* vem a significar *pae* no calão não pode de forma nenhuma ser considerado como o resultado do que ordinariamente se chama modificação semantica, pois que o ponto de partida é uma associação puramente phonetica, e uma palavra se substitue por outra, segundo esse processo, sem a minima consideração pela significação d'aquella; por isso foram examinados na secção anterior os exemplos d'esse genero. Passemos agora ao estudo das modificações semanticas no calão, que explicam a maior parte talvez do seu vocabulario.

a) «Todo o substantivo, diz Darmesteter, designa na origem um objecto por uma qualidade particular que o determina. Assim, a coisa que o latim chama *fluvius*, rio, apresenta diversos caracteristicos: aspecto das margens, movimento da agua, etc., cada um dos quaes poderia servir para a denominar; o movimento da agua foi escolhido, e essa qualidade de agua *corrente, quod fluit*, deu o seu nome á coisa. Assim tambem o que francez chama *vaisseau*, por assimilação de forma a um grande vaso, ou *bâtiment* por allusão ao trabalho de construcção, chama-o o latin

---

<sup>1</sup> Sobre as mudançãs de significação em geral, vid. Ludwig Tobler, *Versuch eines Systems d. Etymologie* in *Zeitschrift f. Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft*, 1 (1860), 349-387; Herman Paul, *Principien der Sprachgeschichte*, 2.<sup>a</sup> ed., Halle, 1886; W. Wundt, *Logik* 1, 34-36. Stuttgart, 1881; A. Rosenstein, *Die psychologischen Bedingungen des Bedeutungswechsels der Wörter*. Danzig, 1884; Arsène Darmesteter, *La vie des mots étudiée dans leurs significations*. 2.<sup>a</sup> ed. Paris, 1887; Kurt Bruchmann, *Psychologische Studien zur Sprachgeschichte*, (Leipzig, 1886), p. 306 e segs. Para o meu fim restricto não careço de um schema completo de mudançãs de significação.

*navio (navigium)*, isto é, o que nada, fluctua ao cimo da agua (*natat*).» Esses exemplos podem multiplicar-se indefinidamente; assim em latim *serpente* é o que se arrasta (*serpere*), ep. *reptil*; *aurora* é a *brilhante* (raiz *us*, brilhar); *nubes*, nuvem, é a que vela, cobre (ep. *nubere*, velar, cobrir).

No caalão é muito frequente o processo que consiste em substituir um nome usual por um adjectivo (ou participio), designando um caracteristico, que muitas vezes está longe de ser o essencial; exemplos: *altanado* (o que está, se senta *alto*, no tribunal), por *juiz*; *amarella* (da côr do oiro), por *libra*; *andante*, por *carteiro*, *comboio*, *cavallo*; *apalpador*, por *guarda-barreira* (*apalpadeira* é a denominação official de mulheres que nas barreiras apalpam as forasteiras, para ver se trazem contrabando sob os vestidos); *apertante*, por *corda* (da forea); *chiante*, por *carro de bois*; *cantante*, por *gallo*; *crivantes*, por *dentes*; *dentosa*, por *serra*; *espumante*, por *sabão*; *ferrugenta*, por *espada* (velha); *filante*, por *agente de policia*; *luzente*, por *pedra preciosa*; *massudo*, por *pão de trigo*; *passante* (a que passa de um lado a outro do rio, serve para se passar sobre ella), por *ponte*; *preta*, por *garrafa* (de vidro preto); *rasteiros*, por *chinelos*; *rasantes*, por *sapatos*; *piolhosa*, por *cabeça*; *palmilhante*, por *viandante*, *passageiro*; *redonda*, por *saia*; *roncante*, por *porco*; *tamposa*, por *caixa*; *sonante*, por *dinheiro* (cf. a expressão *metal* sonante); *moncoso*, por *lenço* (ep. fr. *mouchoir*).

Em todos esses exemplos a denominação é perfectamente simples e natural; noutros casos intervem um certo espirito comico ou depreciativo, ou estabelece-se uma correlação metaphorica por vezes pouco natural; assim o *advogado* é chamado não o *discursante* ou o *defensor* ou mesmo o *fallante*, mas o *palrante*, com um termo depreciativo; o *vinagre* é o *raivoso*, o que tem raiva, por uma especie de personificação determinada pelo seu effeito adstringente, quando é forte; o *moinho*, por isso que agita os seus braços como em furor, quando o vento o move, é chamado o *doido*; a *espingarda* é chamada a *fungante*, assimilada a sua explosão ao ruido de um nariz que *funga*; o *chapeu*

da cabeça, sujeito a muitos accidentes, é denominado o *penante*, o que pena, padece; a *camisa* que, lavada e engommada, exige cuidados para não se sujar de prompto, é a *mimosa*.

Porque razão a *sardinha* é chamada *tinhasa* não é facil de dizer; talvez porque a tinha foi comparada a escamas.

O calão *legante*, pistola, é, segundo se me affigura, um derivado de cal. *lejos*, longe (do hisp.), a que se deu o sentido de — a que atira de longe.

Os adjectivos podem ser modificados na significação que rigorosamente resulta da sua forma, ao serem convertidos em substantivos; assim *vagaroso* significa — que procede com vagar, vae de vagar; *vagarosa*, significando — em que ha vagar — designa a prisão.

b) A *metaphora*, é muito frequente nos desvios de significação do calão; já varios dos exemplos dados acima entram nesta categoria. A metaphora do calão diverge em muitos casos da metaphora da linguagem geral em não ser espontanea e transparente, o que resulta do character geral das gurias, que já indiquei. Eis uma serie de exemplos: *alfarreca* (*alforreca*, medusa), cabelleira, pela comparação dos cabellos com os tentaculos do animal; *ameixa*, bala, pela semellhança de forma; *apagar-se a lamparina*, morrer (a vida é frequentemente comparada pelo povo a uma luz; ha um conto popular em que velas accesas representam vidas de pessoas); *archote*, copo, quartilho de vinho, (á mesa diz-se comicamente: estou ás escuras, accende-me a luz, quando não se tem ainda vinho no copo); *barraca*, guarda-sol (por causa da forma e destino); *cesto da gavia*, forca (por causa da forma e altura); *cortiço*, carne de porco, propriamente a carne coberta immediatamente pelo coiro, que se compara á cortiça (o povo chama *encortiçada* á carne dura); *cortiços*, botas; *gallinheiro*, varanda, catafalso; *gata*, meretriz (por causa da lubriedade do animal); *breu*, vinho (por causa do aspecto); *lastro*, comida (sobre a qual se bebe, como no navio sobre lastro se põe a carga); *cabelleira*, *touca*, *penacho*, bebedeira (diz-se que o vinho

sobe á cabeça, que os fumos do alcohol sobem á cabeça: compara-se o que se suppõe haver dentro ao que cobre a cabeça); *lingua*, bolsa de prata (por causa da forma); *linguado*, lettra, (na giria dos typographos: tira de manuscrito); *massa*, milho, dinheiro; *pianinho*, guitarra; *rama*, cadeia de relógio; *algodão em rama*, pão alvo (por causa do aspecto); *rede*, capa, roupa; *ripa*, espada; *rouxinol*, apito; *saca*, prisão, cadeia; *esponja*, bebado; *rufar*, bater (como se bate rufando tambor); *chaleira*, *panella*, podex; *cachimbo*, pé; *panella*, *capoeira*, carruagem; *cebola*, relógio d'algibeira, pessoa com muitas vestes sobrepostas.

No calão dos criminosos occorrem expressões que têm por fim adoçar, attenuar, por assim dizer, o que significam os correspondentes usuaes: assim por *furtar*, *roubar*, diz-se *picar*, *abafar*, *abotoar-se com uma coisa*; por *sova*, *pancada*, diz-se *calor*; por *prisão*, diz-se *collegio*, *gaveta*; por *afogar*, diz-se *fazer abojar*; por *matar*, diz-se *estafar*, *virar*, *vindimar*; por *morrer*, diz-se *sondar*; por *espancar*, diz-se *escovar*, *ensinar*; *negar-se*, diz-se por *fugir*.

c) Algumas mudanças de significação que nos apresenta o calão resultam de simplificações de phrases; assim *falho*, que não tem dinheiro, provém de *falho ao naipe*, que de termo de jogo passou a ter aquella significação; *esticar* e *espichar*, no sentido de morrer, provêm das phrases *esticar* ou *espichar a canella* (a perna; isto é, entrar na rigidez cadaverica); *espírrar*, insultar, provém da phrase *espírrar canivetes* que se diz de quem se eneolerisa facilmente; *lagosta*, bofetada, provém da expressão *pôr a cara vermelha como uma lagosta*<sup>1</sup>; *mão* por *chave* foi suggerido pela expressão *chave da mão*, palma da mão, espaço entre o pollegar e o index.

d) Alguns nomes ethnicos ou proprios de pessoas, experimentaram modificações de sentido ou applicações ás vezes

---

<sup>1</sup> Se *lostra*, no mesmo sentido, é alteração de *lagosta* fica no dominio da pura hypothese. Na significação de escarro, *lostra* é sem duvida *la ostra*.

curiosas; assim *inglês* significa perevejo, por causa da côr do insecto ser semelhante á das fardas dos soldados da marinha inglesa; *chamborgas* (p. 71) parece provir do nome do marechal conde de Schomberg <sup>1</sup>; *malafaia*, sujeito de profissão duvidosa, é uma adaptação do nome de familia *Malafaia*, determinada sem duvida pelas syllabas *mala*, que lhe fizeram attribuir o valor pejorativo. No termo *gallo*, significando francês, ha um vestigio que não é o unio da antiga denominação dos habitantes da França. Eu colligi da tradição popular o seguinte enigma do gallo (ave).

Á meia noite  
 Se levanta o francês;  
 Só sabe d'horas,  
 Não sabe de mês.  
 Tem esporas,  
 Não é cavalleiro;  
 Tem serra,  
 Não é carpinteiro;  
 Tem picão,  
 Não é pedreiro;  
 Cava no chão,  
 Não acha dinheiro.

Como *janisaro* (sem duvida o nome dos soldados da guarda do sultão) veiu a significar tunante na giria do seculo XVIII não deve causar estranheza, quando se note de que maneira o povo se apropria de palavras novas, imprimindo-lhes sentidos que nem de longe se correlacionam com os que ellas tẽem, isto independentemente dos processos do calão que acima ficaram estudados <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Cf. a seguinte passagem de Monte Carmelo, p. 505: «*á chomberga*, pela calada, occultamente, etc. *Chomberga* foi certa moda de bigodes, que trazia o marechal Conde de Schomberg; mas a Plebe e os Comicos trocarão a significação deste vocabulo».

<sup>2</sup> A palavra *obvio* foi ouvida já no sentido de estranho, censuravel; *plantaforma*, por *plataforma*, é empregada pelo povo correntemente no sentido de apparatus para illudir; por exemplo: se antes de umas

No calão o nome *vicente* designa o gato, enquanto na linguagem popular designa o corvo, por allusão á lenda dos corvos de S. Vicente.

É incerto se cal. *narro*, cão, provém de *navarro*; este nome significa na germania antiga ansaron (ganso).

Lembremos que o povo chama tambem ao macaco *Simão* (suggerido sem duvida por *simio*); á burra *Joanna*; á cocci-nella septempunctata *Joanninha*<sup>1</sup>.

e) Um outro processo que podemos chamar da substituição synonymica (falsa ou verdadeira) dá logar tambem a mudança de significação.

No calão, p. ex., havia *cria*, carne de vacca, cuja origem, como vimos, é incerta; suppoz-se derivado de *criar* e como *gerar* é synonymo de *criar*, produziu-se o derivado sem suffixo *gera*, carne de vacca.

Desde o momento em que uma pancada na mão, cara ou cabeça foi assimilada ironicamente a um *bolo* (*bola* ou *bolo*, palmatoada), desenvolveu-se a serie synonymica de *bolacha*

eleições se emprega o conhecido processo de mandar proceder ao estudo de uma estrada para uma localidade descontente, applica-se ao caso o termo, que (quem sabe?) talvez fosse suggerido por esses levantamentos illusorios de plantas. A palavra *parodia* designa na boca do povo innumeradas coisas variadas, a começar pelas danças e mascaradas carnavalescas e a acabar numa figura qualquer caricata; um d'estes dias ouvi um cocheiro dizer para um sujeito que estava parado a uma esquina observando o quer que fosse: «não estejas ahi de *parodia*.» Ouvi já empregar *laudemio* no sentido de *presumpção*, *vaidade*. Num annuncio d'um açongue li: «O responsavel d'este talho tem que *ser licito* nas transacções que faça com o publico»; aqui *licito*, o que é permittido, adquiriu o sentido de probo, hourado, por um processo facil de comprehender. Fallar ou ser *pespauterio*, é fallar senhor de si, com importancia, bacharelar, e vem sem duvida de \**fallar pelo Despauterio*; isto é, conforme a grammatiea de *Despauterio*; enquanto d'outro lado *despauterio* veiu a significar disparate, tolice. O termo *badameco*, rapazote atrevido, originou-se de *bademeco* = *vade-mecum*.

<sup>1</sup> Encontram-se factos similhantes noutros países; vid., por ex., os nomes da pèga em Rolland, *Faune pop. de la France*, II, 132, seg.

(bofetada) ou *galheta* (do hisp.)<sup>1</sup>, *biscoito* (pancada com as costas dos dedos na cabeça), *tabeje* (pancada ligeira de baixo do queixo, propriamente leite cozido com ovos e assucar). Este processo é tanto das girias como da linguagem popular. Ha pouco deram-me a conhecer uma locução usada no Algarve que talvez se explique por elle: é *estar em cação* por *estar nu*. Diz-se no mesmo sentido: *estar em coiro*; ora *coiro* e *cação* empregam-se no sentido de *rameira sordida*, que já não é nova, e como se comprehende mais facilmente que a pelle dura do cação motivasse a ultima designação do que a que se nos offerece naquella locução, pode pensar-se que no espirito do povo *coiro* e *cação* se associassem como se fossem perfectos synonymos<sup>2</sup>.

No argot encontram-se exemplos d'esse processo. Assim produziu-se um termo *marmite* no sentido de *femme*, talvez, como crêem Schwob e Guicysse, não por metaphora, mas por derivação de *mar*, como supposto radical de *mar-que* (vid. p. 100), *mar-quoise*, *mar-lon*, *mar-paut*. *Marmitte* dá logar a duas series synonymicas: d'um lado temos: *poêlon* e *casserole*, *femme*; d'outro *marmite*, mudado em *marmotte*, chama *taupe*<sup>3</sup>. Concebe-se até onde pode levar esse processo e quão difficil deve ser descobrir muitos dos seus productos, principalmente nas girias, que como a portuguesa, têm poucos documentos historicos.

---

<sup>1</sup> Como *galheta* significa, no sentido português proprio, garrafinha para azeite, vinho ou vinagre e que na igreja se usa um par de galhetas, para o vinho e agua do sacrificio, e nas mesas o vinagre e o azeite se apresentam num par de galhetas, diz-se um *par de galhetas* por duas bofetadas, uma do lado direito, outra do lado esquerdo. A que sentido da palavra se liga a expressão burlesca *volaverunt galhetas*, expressiva do estado colerico de alguém, é difficil de determinar.

<sup>2</sup> Cp. lat. *scortum*, coiro e meretriz. O hebreu סְוֵרָה, de que provém cal. *zoína* (vid. p. 103) tem tambem a significação fundamental de *scortum*. Na phrase *estar em cação*, alludir-se-ha antes ao cação a que se tirou a pelle?

<sup>3</sup> Schwob et Guicysse, *Mém. Soc. ling.*, vii, 50.

Attendendo ás difficuldades que levantam á etymologia esse e outros processos das girias, vê-se com que inteira razão Aseoli escreveu: «Chi pensi agli innumerevoli enimmi che in sè racchiude il favellio d'una intera nazione, ogni città, ogni borgata, ogni contrada starei per dire, avendo in ogni epoca le sue peculiarità idiomatiche, ingenerate da mille specie d'accidenti assai spesso imperscrutabili; non maraviglierà per certo allo scorgere nè varj gergli un buon contingente di dizioni che sembrano voler perennemente restare quesiti etymologici insoluti. La quintessenza della parte parte piú recondita dei vernacoli, messa in serbo, chi sa da quanta generazioni, dalla società furfantina, e sottoposta per soprassello ad artifizj gergali, quanto mai di stravagante e d'impenetrabile non potrà offerire? <sup>1</sup>»

Relativamente ao calão ou gíria portuguesa, o meu estudo creio que me permite afirmar todavia que dos termos de mim conhecidos apenas cêrea de um sexto não é susceptível de explicação ou de etymologia immediata<sup>2</sup>, geralmente certa, no menor numero de casos apenas verosimil; e naturalmente a lista dos problemas, agora insolutos, diminuirá com novas investigações.

IV. **Creação original.** Em todos os processos anteriormente examinados, vemos o calão, como as outras girias, partir dos termos existentes e ligar a elles os seus productos por um nexo phonetico, morphologico ou semantico. Dir-se-hia que os creadores das girias ou não têm faculdade ou não se sentem impellidos de necessidade para fazer uma linguagem de sua inteira invenção. Examinemos succintamente esse problema.

Nada nos impede de crer na possibilidade da criação de novas linguas, já por processos espontaneos, como os

<sup>1</sup> *Studj critici*, p. 396.

<sup>2</sup> Chamo aqui etymologia immediata a que liga um termo de gíria a um termo da lingua geral, ou do país a que pertence essa gíria ou de outro.

que produziram as creações primitivas, em grupos de individuos que não tenham adquirido ou só tenham adquirido muito imperfeitamente uma lingua tradicional, já reflectidamente por individuos senhores de uma ou mais linguas tradicionaes.

Do ultimo caso temos um exemplo no projecto de lingua philosophica do bispo inglez Wilkins, no seculo xvii<sup>1</sup>. Os projectos diversos de lingua universal, que nestes ultimos tempos tõem apparecido, como o Volapük, soccorrem-se do material das linguas existentes, modificando-o segundo principios convencionaes, porque se tem em vista partir d'elementos já conhecidos por um numero mais ou menos consideravel d'individuos, afin de facilitar a aquisição do novo idioma<sup>2</sup>.

Concebe-se a formação de uma lingua artificial: 1) pelo processo de Wilkins, inventando combinações phoneticas novas (raizes e suffixos) para exprimir as representações mentaes, quer segundo uma classificação scientifica d'estas, quer sem essa classificação; 2) pelo systema do Volapük, em que a relação entre o som e a significação se baseia sobre a já existente; 3) por um processo em que o mais arbitrariamente possivel se empreguem palavras já existentes, mas com significações que não tenham relação nenhuma com a usual; como se faria, por exemplo, dizendo *mar* por *pão*, *gritar* por *fugir*, etc.

Como vemos não é assim que se formam as girias.

Os dois primeiros processos exigem um grau adeantado de reflexão, de que não são capazes os individuos que constituem os grupos creadores das girias. Apesar das produc-

---

<sup>1</sup> *An Essay towards a Real Character and a Philosophical Language* (London, 1668); Max Müller, *Lectures on the Science of Language*. Second Series. II Lect. Sobre outras tentativas semelhantes, vid. alem d'essa lição de M. Müller, Teohmer in *Internationale Zeitschrift für allgemeine Sprachwissenschaft*, iv, 339-340.

<sup>2</sup> Sobre a legitimidade das tentativas volapükistas, vid. H. Schuchardt, *Aus Anlass des Volapüks* (Berlin, 1888).

ções d'estas serem, como já vimos, intencionaes, não se afastam essencialmente na sua marcha dos processos d'evolução espontanea da linguagem: a nossa investigação assentou com evidencia esse facto importante. Isto significa que aquellas producções são *intencionaes*, mas não *reflectidas*. O individuo que primeiro disse *almuque* por *almocreve* fez uma modificação intencional; mas era por certo incapaz de explicar a si proprio por que processo o fizera, que praticara uma deslocação de accento, que supprimira um *r* na syllaba *cre* e eliminara por completo a syllaba final *ve* da forma usual, ainda menos que outros termos de giria eram assim formados; ella fazia tão pouca ideia d'isso como nós fazemos, por exemplo, sem estudos, das transformações que os alimentos, que intencionalmente ingerimos, experimentam em o nosso organismo, dos movimentos complicados que são necessarios para pronunciar uma palavra qualquer, apesar de ser a nossa actividade voluntaria que está em jogo. Vimos já em que consiste a differença entre a producção propria da giria e a da linguagem espontanea (vid. p. 115-116): o povo que diz *photogro* por *photographo* não tem consciencia de que fez uma alteração, porque não sabe da existencia da forma *photographo*; o fabricante de giria que primeiro disse *almuque* sabia porém perfeitamente que a forma corrente era *almocreve* e a sua uma alteração voluntaria <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Pode objectar-se que até pessoas eultas que conhecem bem a forma das palavras as alteram por vezes, já fallando, já escrevendo. Supponhamos que eu vou para dizer *ataraxia* e digo *ataxia*. Que se deu neste caso? Em vez de me surgir no espirito a forma verdadeira que eu tinha intenção de produzir surgiu outra, o que equivale a uma *ignorancia*, que só se distingue da que o povo tem das formas eultas, que modifica, em ser momentanea: não ha no processo differença essencial. S. A. Guastella no livrinho *Vestru, scene del popolo Siciliano* (Ragusa, 1882) dá noticia de uma tripliee forma de linguagem no povo de Chiamonte: uma a colloquial, cheia de suppressões de consoantes e contracções de vogaes; outra menos con-

A substituição de palavras da lingua geral por outras da mesma que não tiveram com aquellas nenhuma relação de som, forma ou significação exigiria uma quebra muito violenta com o uso tradicional, que de um lado suporia um espirito assás reflectido, no auctor; de outro, nos imitadores, uma facilidade de accetar um emprego tão arbitrario, a qual realmente não existe: era preciso que num e noutros se perturbassem muito fundamento os noxos associativos existentes. Por mais arbitrario que pareça o emprego de *grelha*, por exemplo, por *peru*, o termo *grulha* estabelece entre elles um nexó semantico, de um lado, phonetico, do outro, que basta para a facilidade da producção e da propagação. Mais tarde o nexó pode esquecer-se, como se esqueceu na linguagem geral porque tal animal se chama *burro*, tal outro *serpente*, etc.

---

tracta, a linguagem do canto e por fim uma ainda mais perfeita que é a linguagem da poesia, e apresenta os seguintes exemplos:

- Linguagem colloquial : *Uzzumò.*  
*Cappicciavi lammassiarà.*
- Linguagem do canto : *'u zzu mònu cu 'a vo'.*  
*C' 'a za Vita l' ha massciu Arà.*
- Linguagem da poesia : *Lu zu mònu cu la voli.*  
*Ccu la za Vita mastr' Aràziu l'havi.*

Destroe esse facto interessante o meu modo de ver? Creio que não. Essas tres formas de linguagem correlacionam-se como dialectos differentes numa mesma boea e o seu emprego é determinado por necessidades diversas, de modo que em cada caso ha uma orientação particular das representações, que as mantem até certo ponto isoladas. Em cada caso surgem no espirito do que falla as representações das formas respectivas e ficam latentes na consciencia as outras. Noutra parte voltarei a este assumpto. As formas eruditas ao lado das populares na boca do povo, como *plano* e *chão*, não podem tambem constituir objecção ao que exponho no texto: essas formas duplas ou divergentes apresentam-se estranhas umas ás outras no espirito popular.

A formação das gírias não podia escapar á acção da lei do menor esforço, que acha luminosa applicação no dominio do espirito<sup>1</sup>, e da qual é uma consequencia a lei das

<sup>1</sup> Como é sabido, foi Maupertuis quem primeiro enunciou, com applicação á mechanica, o principio da menor acção, ligado no espirito d'elle a concepções teleo-theologicas, que modernamente foram postas de lado. Vid. Wundt, *Logik*, I, 579, II, 262-264 e o escripto por elle citado de A. Mayer, *Geschichte des Princips der kleinsten Action* (Leipzig, 1877). Foi sobretudo Richard Avenarius quem applicou o principio ao dominio do espirito no seu opusculo *Philosophie als Denken der Welt gemäss dem Princip des kleinsten Kraftmasses. Prolegomena zu einer Kritik der reinen Erfahrung* (Leipzig, 1876.) «Todo organismo que trabalha adequadamente para um fim deve realizar a sua tarefa com os meios relativamente menores. No pensamento deve-se por tanto trabalhar com a possivel economia de força.» Com relação ao trabalho humano em geral um economista formula o principio da seguinte forma: «The fundamental principle of human action—the law that is to political economy what the law of gravitation to physics—is that men seek to gratify their desires with the least exertion.» Henry George, *Progress and Poverty* (London, 1882), p. 184.

O principio foi applicado á linguagem em differentes direções. Max Müller nas suas *Lectures on the Science of Language*. Second Series (1864), explica a alteração phonetica (phonetic decay) por «want of muscular energy» (p. 176), «muscular relaxation» (p. 177), «muscular effeminacy» (p. 185), «relaxation of muscular energy» (p. 197), «tendency of language to facilitate pronunciation» (p. 186). Whitney falla de uma tendencia para a economia dos meios, parâ a commodidade, no dominio phonetico, nas suas obras de linguistica geral, p. ex.: *La vie du langage* (trad. fr.), cap. IV, e consagrou á questão um estudo especial: *The principle of Economy as a Phonetic Force*. Boston, 1877. *Supplement*. 1882. (*From Transactions of the American Philological Association.*)

O modo ordinario de considerar essa manifestação da tendencia para a economia na substituição de sons que exigem maior esforço por sons que exigem menor esforço é refutado por Sievers, *Grundzüge der Lautphysiologie*, (Leipzig, 1876), pp. 125-127, com quem concordam os neo-physiologos da linguagem, não admitindo esse principio como exclusivo. Já Steinthal em 1860 (*Zeitschrift für Völkerpsychologie* I, 119-120) fizera as seguintes observações: «Como notamos nas melodias populares que um povo ora carece d'estes ora d'aquelles

transições lentas: é com o menor esforço, dentro das tendências geraes da linguagem e não contra ellas, que as girias se formam.

---

accordos perfeitamente harmonicos, assim se nega elle a admittir na sua lingua determinados grupos de sons em virtude de certa idiosyncracia. Aceitando isso completamente, sou todavia da opinião que os processos phoneticos, até a alteração phonetica sob a influencia reciproca dos sons, dependem em pequeno grau de condições puramente somaticas, organico-mechanicas, e são produzidas menos do que geralmente se julga pela forma de actividade e respectiva posição dos órgãos da linguagem. Essas relações somaticas parecem-me ter acção secundaria, enquanto reconheço a causa primaria da alteração phonetica num processo psychico. . . Se a alteração phonetica resultasse somente de tendencia para a commodidade e euphonia, comprehender-se-hia bem a influencia progressiva dos sons (na assimilação), mas não a opposta, a regressiva; e todavia é esta a mais frequente, a mais regular.» Paul diz (*Principien der Sprachgeschichte*, 1886, p. 54): «É de grande importancia ter sempre presente que a commodidade representa o papel de causa muito secundaria, enquanto o sentimento do movimento (*bewegungsgefühl*) é sempre o principio propriamente determinante.» Kruszewski mantem maior generalidade do principio da economia nos seus *Principien der Sprachentwicklung* in *Internat. Zeitschrift f. allgem. Sprachwissenschaft* (vol. 1-v, vid. p. ex. 1, 301-302). Cf. ainda Misteli, *Lautgesetze und Analogie* in *Zeitschrift f. Völkerpsychologie*, xi, 370-1. 437. A tendencia economica na linguagem é representada por alguns como *vis inertiae*, applicando ao dominio psychico a expressão allemã *Trägheit* e sua correspondente latina *inertia*, que na historia da mechanica nos apparecem pela primeira vez com Kepler, a allemã na sua *Antwort an Helisäus Röslin* e a latina no quarto livro do *Epitome Astronomiae Copernicae*, para exprimirem a incapacidade de se mover por si que o grande astronomo attribue á materia. Elle que nos diz: «Soll nun diese proprietas überwunden werden, so gehört ein Beweger dazu, in des Menschen Leib ein Seel, in der grossen weiten Welt ein species immateriata, versans in actu motus», elle não admittiria essa translação do conceito da inercia ao dominio psychico. Vid. Emil Wohlwill, *Die Entstehung des Beharrungsgesetzes* in *Zeit. f. Völkerpsych.* vol. xiv e xv (xv, 370-371). Nessa translação, o conceito experimenta todavia grande modificação ou antes recorre-se áquella expressão em psychologia para designar alguma coisa que se sabe ser muito diversa do que ella designou em mechanica, por falta de

Não se sente necessidade de crear um instrumento para um fim a que pode adaptar-se com ou sem modificação um instrumento já existente. A conservação das acquisições humanas, modificando-se, accumulando-se e substituindo-se parcialmente, por trabalho lento, é a condição fundamental da historia. Para que o que surge de novo seja recebido facilmente é preciso que se ligue por nexos claros ao já existente; esse nexo pode ser externo (de forma) ou interno (de materia). É assim que no dominio das instituições politicas o partido liberal buscava mostrar no passado precedentes, como as antigas côrtes, para o systema parlamentar, e conservava a realza, ainda que reduzida a uma sombra; é assim que na substituição das antigas medidas e pesos pelas medidas e pesos do systema decimal, o povo começou por designar o metro como vara nova, o meio kilogramma como arratel novo. No dominio da moda não se procede por saltos, mas por transições insensíveis que levam, por exemplo, dos vestidos de mulher cingidos á pelle, do começo do seculo, ás monstruosas crinolines, que pouco e pouco se foram reduzindo até surgirem de novo os vestidos cingidos á pelle; é assim que os espiritos que se emancipam do seu meio, tanto quanto é possível essa emancipação, levantando-se acima dos preconceitos d'esse meio e descobrindo novos horisontes ao pensamento, são geralmente mal recebidos no começo, sendo necessaria uma infiltração lenta das

---

melhor termo, como faz Steinthal, *Abriss der Sprachwissenschaft*, 1, §§ 43, 59, 102, 117, (cujas observações se modificam no § seguinte). Com razão diz Misteli (art. cit. p. 437): «Uma inercia do espirito, tal como ha uma inercia da materia, é coisa que não existe e contém uma *contradictio in adjecto*.» Em vez de fallar de uma tal *lei de inercia* no dominio psychico é muito preferivel fallar de uma *lei de economia* ou do *menor esforço*. Karl Bruchmann occupa-se da lei da menor acção no dominio da linguagem, com referencia a parte dos auctores citados nesta nota, no seu livro *Psychologische Studien zur Sprachgeschichte* (Leipzig, 1888) pp. 177-185. 248-293; as suas observações estendem-se ainda á rethorica e á esthetica.

suas ideias para que enfim elles cheguem a ser comprehendidos. Todavia se o habito tem uma importancia capital nas coisas humanas, não é de modo algum uma barreira invencivel opposta á innovação<sup>1</sup>. Opera-se uma adaptação do não habitual, do novo, ao habitual, segundo as leis da appercepção (no sentido da escola de Herbart) e nessa adaptação é que Avenarius vê a manifestação da lei do menor esforço no dominio psychico.

É evidente que os formadores das girias não procedem consciante, reflectidamente, de modo que tenham em vista a facilidade da propagação dos seus productos entre os outros membros dos grupos a que pertencem; elles obedecem áquella lei inconscientemente, de sorte que ella domina não só a propagação, mas ainda a producção.

Considerando as coisas superficialmente poder-se-hia ver na abundancia de synonymos das girias um facto contra

---

<sup>1</sup> Sobre o habito vid. P. Radestock, *Die Gewöhnung und ihre Wichtigkeit für der Erziehung* (Berlin, 1884), onde se acham reunidas interessantes observações de diversos auctores. C. Lombroso leva ao exagero o conceito do habito na vida social no seu artigo: *Le crime politique et le misonéisme ou la loi de l'inertie dans le monde moral* in *Nouvelle revue* (février et mars 1890) e depois no seu livro sobre o crime politico, que não tenho á mão. Como se vê do titulo repete-se aqui o conceito da inercia com applicação ao dominio psychico, como nos psychologos citados em a nota precedente. S. Merlino combateu as ideias de Lombroso num artigo *La Néophobie* in *Revue scientifique* (avril 26, 1890). Note-se todavia que Lombroso escrevera: «Le misonéisme n'est pas loi de nature que quand l'innovation est trop radicale.» Merlino da sua parte pensa que: «La somme des sentiments philonéiques est toujours supérieure à la somme des sentiments misonéiques.» A verdade é que o amor do novo é um movel importante e que as contradicções appareutes se explicam perfeitamente pela lei do menor esforço. Esse amor, independentemente da necessidade, tem papel assás consideravel na formação das girias.

Em toda a questão do philoneismo e do misonéismo não se tem tido em conta um lado importante: a fadiga que causa a monotonia e que suscita a tendencia para a evitar pela variedade, pela innovação.

a theoria apresentada; para que produzir termos com o valor dos já existentes? Mas observa-se que está em a natureza mesmo das gírias serem constantemente neologicas, pois desde o momento em que um termo se propagou além dos grupos para que foi produzido, deixou de ter valor. D'accordo com o que fica exposto deve, pois, dizer-se que nas gírias a manifestação do principio do menor esforço não está pois em a não produção do novo, mas sim no modo d'essa produção, na ligação do novo para com o existente.

H. Lotze dirigiu algumas objecções ao principio da menor acção. «Nas investigações, diz elle, que têm por objecto os grandes habitos que caracterisam a acção da Natureza, trata-se muitas vezes de principios *de economia* que ella observaria; é uma ideia muito vaga que, até no principio da menor acção, não obteve fórmulação exempta de equívoco. Ella não começa a tornar-se clara senão quando se trata de fins para a realisação dos quaes, em circumstancias dadas, diversos meios são igualmente praticaveis, de modo todavia que conduzam ao mesmo fim com maior ou menor despesa. Mas então a medida a que se compara essa despesa depende ainda de circumstancias que tornam mais importante para nós a economia, quer de tempo, quer de massa, ou nos fazem preferir um modo de operar, de que temos o habito, ao emprego de um novo processo que nos fatigaria. Pois, para resolver seguramente a questão do principio da menor despesa, é preciso primeiramente fazer, na definição do fim, a indicação da direcção em que a economia tem maior valor. É o que faz ver já a ambiguidade da applicação d'essas ideias ás acções naturaes. Supposto que a Natureza mire a fins, a verdade é que não os conhecemos e não podemos indiar essa direcção da sua economia necessaria; tudo o que affirmariamos talvez é que ella não é avara nem de massas, nem de forças, nem de tempo, nem de caminho e de velocidade, coisas todas que nada lhe custam, mas que ella é sobria de principios. Tal é, com effeito, a economia de que julgamos achar o testemunho principalmente no mundo organico; pelas varia-

ções de um pequeno numero de typos de conformação, por inexgotaveis modificações do mesmo orgão, a natureza produz a diversidade das creaturas, e prevê ás suas diversas necessidades; aqui ella parece-nos, se é permittido á nossa sabedoria limitada empregar essa linguagem, ser prodiga de massas e de tempo e recorrer a longos rodeios para realisar operações que pareceriam poder ser executadas com maior promptidão, desviando-se da via typica costumada. Essas ideias não comportam applicação á mechanica, eujas leis tem que cuidar não de um typo determinado de effeito, mas da realisação de todo phenomeno qualquer <sup>1</sup>.»

É claro, em virtude mesmo d'essa exposição, que no dominio do espirito, onde ha-finalidade real, que se torna o typo de todas as outras finalidades pensadas, onde se tem indicação da direcção em que a economia tem mais valor, o conceito da menor acção acha applicação irrecusavel na sua generalidade; e não menos se manifesta naquelle dominio essa economia de principios de que falla Lotze e da qual é um exemplo mesmo a formação das girias por processos que não divergem essencialmente dos que se encontram na evolução das linguas geraes.

O facto das girias serem construidas, no todo, com materiaes das linguas tradicionaes não exelue por certo a possibilidade de haver nellas alguns productos de creação original. A opinião de que só no periodo primitivo da humanidade fosse possivel a creação de elementos da linguagem tem sido enunciada por alguns auctores, mas carece de fundamento. É sem duvida muito difficil de determinar que palavras haja nas linguas modernas que não proveham por simples modificação phonetica ou por derivação

<sup>1</sup> Hermann Lotze, *Métaphysique*, trad. fr. de Duval, revue par l'auteur (Paris, 1884), § 216.

de p alavras de linguas antigas, porque embora achemos nas primeiras um consideravel numero de termos irreductiveis a termos das ultimas, apesar de todos os esforcos da sciencia etymologica, pode-se ser inclinado a erer que nesses termos irreductiveis haja restos de antigas linguas perdidas, ou ainda representantes de termos n o documentados das linguas antigas conhecidas ou por ventura vocabulos modificados de tal modo que escondam a sua origem   pericia dos investigadores. Todos os annos, demais, se vae resolvendo um numero maior ou menor desses enigmas. Todavia ha sempre um certo numero de palavras que parecem de inteira crea o moderna, quer espontanea, quer reflectida<sup>1</sup>.   bem conhecido o caso da palavra *gaz*, inventada por Van Helmont, mas a que ainda assim os etymologistas se esforcam por achar uma etymologia<sup>2</sup>. Ha termos populares ou de giria como *especlonderifico*, *estapafurdio*, que parecem perfeitas inven es sem apoio, sen o muito vago, no existente na lingua usual.

Na linguagem das creanças podemos achar tambem crea es originaes, ainda que mais raras do que se poderia supp r, muitas de character onomatopaico<sup>3</sup>).

Ha tambem observados casos de crea o de linguas por creanças, ainda que n o exclusivamente com elementos originaes<sup>4</sup>). Deve ter-se em vista que as creanças transfor-

<sup>1</sup> Sobre a crea o original moderna nas linguas usuaes, vid. Paul, *Principien der Sprachgeschichte*, 2.<sup>a</sup> ed., cap. ix.

<sup>2</sup> Vid. Scheler e Littr , s. v.

<sup>3</sup> Vid. W. Preyer, *Die Seele des Kindes* (Leipzig, 1882), pp. 277-278; Steinthal, *Abriss*, § 510, 532.

<sup>4</sup> Ha sobre linguas d'esse genero um trabalho de Horatio Hale in *Proceedings of the American Association for the Advancement of Learning*, vol. xxxv, 1886, que s o conheço pelos extractos dados por G. J. Romanes, *Mental Evolution in Man* (London 1888) pp. 138-143, junto com uma observa o semelhante de um amigo do auctor d'esse livro. Steinthal, *Der Ursprung der Sprache*, 4.<sup>a</sup> ed., d  noticia de casos do mesmo genero, segundo leio numa noticia d'essa edio, que aindo n o vi.

mam ás vezes singularmente as palavras da lingua materna, no seu som ou na sua significação. Uma que eu conheço transformava *café* em *pavá*, *lenço* em *juço*; outra applicava a expressão *pípes* que lhe ensinavam por *pio-lhos* junto com a expressão *meninão*, que tinha primeiro conhecido para designar um certo rapaz antipathico, isto é, o composto *pípes-meninão* para designar uma immundicie.

Entre outras creações originaes indubitaveis de creanças, escolho a seguinte de observação minha. Duas creanças, que fallavam já correctamente a lingua materna, e produziam frequentes vezes derivados para substituirem as palavras correntes (p. ex. *moscata* por *mosca*) designavam uns bonecos figurando soldados da armada ingleza pelo termo *falofa*, que depois foi applicado por elles para designar os recrutas, soldados novos (*galluchos*, na designação popular) de carne e osso.

No calão, ou antes nos limites do calão e da linguagem popular, são raros todavia os termos que se possam considerar innegavelmente como creações originaes. Tal é *fungá* por *philarmonica*.

Na lista de Queiroz Velloso encontramos: cal. *fazer tefe-tefe*, fugir correndo. *Tefe-tefe* é uma expressão imitativa que parece ter designado primeiramente, na boca popular, as palpitações do coração, agitado por um sentimento ou por uma corrida.

Nas formações imitativas referidas nota-se a reduplicação syllabica, como em muitas outras populares do mesmo genero; taes são *zum-zum*; *tris-tris*; *tlim-tlim*; *cu-cu*, o canto do cuco, o proprio cuco; *pim-pam-pum* (com variação vocalica), jogo nas feiras que consiste em atirar bolas a uns bonecos fixados pelo meio do corpo num arame, de modo que ganha o que os faz volver sobre esse eixo; *tim-tim* por *tim-tim* (contar), contar miudamente, ponto por ponto. Na linguagem das amas e creanças: *tutu*, corneta; *bubu*, agua; *pipi*, gallinha; *chichi*, urina; *beu-beu* ou *bau-bau*, o ladrar do cão, o proprio cão; *mé-mé*, o balar da ovelha, a propria ovelha.

Algumas expressões das girias ligam-se a antigas onomatopeas, como *fanfarra*, lingua, na lingua geral, rennião de musicos que tocam instrumentos de cobre, verbo *fanfar* basofiar, gabar-se, ostentar valentia, *fanfarrão*, ant. hisp. *fanfa*, bazofia (vanterie). Uma variaute de *fanfar* é *fufar*, dirigir a alguem um remoque, etc. Com Littré creio que *farfante* (do ital. *furfante*) deve considerar-se como não tendo relação etymologica com *fanfarrão*.

### Relações do cigano com o calão

Como vemos de p. 46-49, a linguagem dos ciganos de Portugal contém um certo numero de termos formados pelos processos que encontrámos também no calão, e dos quaes o mais frequente no cigano é o emprego de suffixos desfigurantes. Entre os termos dos ciganos da Extremadura colhidos pelo sr. Leite de Vasconcellos ha uma parte consideravel que apresentam o suffixo *-uncho*. É de crer que, ao passo que se vá perdendo a memoria dos termos tsiganos, a linguagem dos ciganos tome de cada vez mais o aspecto de uma giria.

«A separação da lingua dos tsiganos das girias não é sempre facil. Assim o que neste artigo se designa como giria dinamarqueza (mais exactamente jutica) pode também ser considerada como tsigaua. Distingue-se notavelmente da giria allemã<sup>1</sup>.»

Pott noton já no gitano alguns termos da germania e varias formações analogas ás das girias, além de certos prodnetos muito artificiaes, como *ondinamo* por hisp. *alamo*, de *ondila* por hisp. *ala*, com troca do suffixo *-ila* por *-amo* (de *alamo*), sendo *ondila* a sen turno derivado de hisp.

---

<sup>1</sup> Miklosich, *Beiträge zur Kenntniss der Zigenermundarten*, III. *Zigenerische Elemente in den Gainersprache Europa's in Sitzber.* LXXXIII, pag. 538.

*onda*, pela comparação do vôo da ave com o movimento de nadar <sup>1</sup>.

Das relações dos eiganos com outros vagabundos, pedintes, ladrões, resultou a introdução no calão de um certo numero de termos de origem tsigana e especialmente eicana ou gitana. A lista seguinte comprehende termos em que essa origem é em geral certa, nalguns casos simplesmente provavel. O uso de alguns d'esses termos acha-se bastante generalisado.

Seguindo o exemplo de Miklosieh, considero como tsiganos não só os elementos dos dialectos tsiganos, e em especial do eicano e do gitano, que são de origem india, mas em geral todas as palavras que temos razão para julgar trazidas pelos eiganos até Portugal.

A primeira palavra de cada artigo é o termo do calão. A abreviatura Voc. indica o nosso *Vocabulario cigano* <sup>2</sup>.

*adicar*, ver. Cig. *dicar*, *diquelar*. Voc. Rothwelseh *dicken*, ver. Miklosieh, *Beitr.* III, 541. — Origem indiana: sanskrito *dr̥ṣ*, prakrito *dekkhami*. Pott, *Die Zig.*, II, 305. Miklosieh, *Abhandl.*, VII, 201.

*aguaruça*, fim, extremidade, rol do esquecimento. Lembra tsigano grego *agór* ponta, *agoré*, na orla; tsig. rumeno *agor*, fim; tsig. hungaro *jaagór*, fim; tsig. bohemio *agor*, fim. Mas o git. offereee formas mais afastadas: *gresiton*, o ultimo; *gresité*, fim. — Essas formas tsiganas ligam-se talvez ao sanskrito *agra*. Pott., II, 45. Miklosieh, *Abhandl.*, VII, 163.

*artão*, *artife*, vid. pp. 110-111.

*avelar*, *avezar*, ter. Git. *abelar*, tener, *póseer*. [Cp. eig. *abelar*. Voc. Tsig. grego *aváva*, vir, tsig. rumeno *av*, vir;

<sup>1</sup> Pott, *Die Zigeuner*, II, 38-43; cf. I, 64. Maio traz no seu vocabulario gitano alguns termos expressamente indicados como de germania.

<sup>2</sup> Não apresento as formas de todos os dialectos tsiganos, ligadas ás do calão, as quaes se encontrarão nas obras citadas.

tsig. bohemio *avav*, vir; — Origem indiana: sanskrito *ap*, alcançar. Pott, II, 52. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 170-171.]

*bagata*, bruxaria. [Cp. git. *baji*, fortuna; *penar baji*, to tell fortune; decir la buena aventura. BORROW. Tsig. grego *bacht* (*ch = j* hisp.), acaso, sorte, felicidade; tsig. rumeno *bacht*, felicidade. Pott, II, 398-9, que liga aquella palavra git. ao persa *bakht*, fortune, luck, prosperity, felicity, enquanto o persa fôra do seu lado ligado por Vullers ao sanskrito *bhanj*, frangere, dividir. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 172.]

*balsar*, ladrar. Podê estar por *bassar* e ligar-se ao seguinte *banza*, pois no tsig. russo ha *te bašés*, ladrar.

*banza*, guitarra. Git. *bachaňi*, guitarra; *basnó*, gallo (= cig. *bašňó*. VOC.). Tsig. grego *bašáva*, gritar; tsig. rumeno *baš*, soar, grallar; tsig. bohemio *bašavav*, tocar, *bašno*, gallo; tsig. russo *te bašés*, ladrar; etc. — Origem indiana: sanskrito *bhāš*, pali *bhās*, fallar. Pott, II, 426. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 176.

*banzá*, gritaria, tumulto, algazarra. Parece ligar-se a *banza*; vid. este.

*basta*, *bata*, mão. Cig. *baste*. VOC. Git. *baste*, *bate*, mano Tsig. grego, rum., hung., bohem., escandinavo *vast*; tsig. italiano *vašt*; tsig. basco *basta*. — Origem indiana: sanskrito *hasta*, pali, prakrito *hattha*, hindustani *hāth*. Pott, II, 86. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 92.

*bocachim*, *bocanhim*, clavina, trabuco. Vid. *pocachim*.

*brejina*, cereja. [Ligar-se-ha a git. *berjí*, bella? Git. *berjívia*, bellota (bolota), é uma má traducção do termo hisp., que vem do arabe *bellōtā*, mas que foi interpretado como se derivasse de *bello*.]

*buldra*, pudendum mulieris. [Ligar-se-ha a git. *bul*, ano? Pott, II, 422. QUEIROZ traz *bunda*, barriga; no Brasil *bunda* significa nadegas, podex; é talvez um termo de origem africana].

*calão*, giria. Vid. p. 57 Em hisp. *caló*, lingua dos gitanos. De um dos nomes nacionaes dos tsiganos *kaló*, que significa propriamente negro. — Origem indiana: sanskrito

e pali *kāla*, hindustani *kālā*, sindhi *kārō*. Pott, II, 106. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 229.

*calcorrear*, correr. Vid. p. 111 n.

*caleço*, quartilho. Cp. git. *calé*, euarto, denario, moeda. Pode ter influido no som port. *caleça*.

*calona*, mulher desprezível; propriamente eigana. De *calão*, eigano. Vid. *calão*.

*cangarina*, *cangra*, *gangarina*, igreja. Cig. *cangré*, *canguerí*, *cangrí*, igreja. VOC. A palavra encontra-se noutros dialetos tsiganos. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 231, compara tsig. asiático *kangri*, git. *kangalla*, carro, e lembra que os godos no seculo IV transportavam em carros imagens a que prestavam culto. Cf. Pott, II, 150-151.

*canguello*, acanhamento, timidez. Git. *canguelo*, medo, recelo, temor; *canguelar*, temer, turbar, recelar. MAYO. — Origem incerta. Pott, II, 125.

*cardina*, bebedeira. Git. *curdá*, embriaguez; *curdó*, *curdí*, ebrio. MAYO. — Origem incerta, talvez persa. Pott, II, 128.

*chala*, absolvição; *pôr na chala*, afugentar; *chalar-se*, fugir; *chalado*, amalueado, idiota (litteralmente: a que se foi o juizo). QUEIROZ. Cig. *chabar*. VOC. Git. *chalar*, ir, andar, emiñar, marchar; meter; pasar. [Cp. git. *chalar*, mover, menear, agitar. Tsig. grego *čalaváva*, bater. — Origem indiana: sanskrito *čal* (causativo), mover, bater contra, hindustani *čalna*, bater. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 185].

*chibalé*, adversario. [Cp. tsig. bohemio *čibaló*, juiz; tsig. grego *čibaló*, adj. fallador, palrador: *čibanó*, s. albanes; essas palavras provêm de tsig. *čip*, *čib*, lingua. — Origem indiana: sanskrito *čihvā*, pali *čivhā*, hindustani *džibh*. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 189-190. Com relação á forma em *é*, cp. eig. *diclé* ao lado de *dicló*, lenço; git. *baré* ao lado de *baró*, grande; *banjolé*, bandido, ao lado de *banjuló*, faufarrão, etc.; *busné* ao lado de *busnó*, estranho, etc.].

*churré*, joven. Git. *surré*, adj., anterior, antigo? A opposição no sentido está longe de ser um phenonemo raro. *Meu velho!* diz-se por carinho a um rapaz.

*churinar*, esfaquear. Git. *churinar*, acuchillar; *churi*, cuchillo, puñal. Cig. *chorí*. VOC. Argot *chouriner*. Tsig. grego, hung., bohem., escand., baseo *čuri*, faca. — Origem indiana: sanskrito: *čhuri*, *čhurika*, pali *čhurikā*, prakrito *čhuri*, hind. *čhuri*, *čhura*. Pott, II, 210. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 197.

*clises*, olhos. Git. *clisé*, ojo, agujero. *O clisé ya pandu-veri*, el ojo de la cerradura; *elisar*, ojetear, ajujerear, herir los ojos. MAYO. Tsig. grego *klidi*, *klidi*, chave; tsig. hungaro *klidin*, fechadura. — Do grego mod. *κλειδί*. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 242.

(*corripio* ou *corrupio* propriamente, movimento rapido giratorio; grande actividade, lida. Esta palavra que não é termo de giria, mas sim um termo popular muito generalizado é talvez derivado do lat. *corripere*; mas lembra o git. *curripen*, ejercicio, trabalho. MAYO. BORROW. Pott, II, 115).

*cosque*, casa. Git. *cosqué*, granja, cortijo. É possível que o termo tenha vindo de Italia por intermedio dos ciganos. Vid. p. 111.

*dabo*, pae. Suppoz primeiramente que fosse modificação do tsig. grego *dad*, pae, git. *dadá*, tsig. rumeno *dad*, avô; todavia as formas do argot (p. 99) fazem-me hesitar. — *Dad* é de origem indiana: hindustani *dādā*, avô, ep. sanskrito *tātā*. Pott, II, 308-309. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 198.

*dica* (á), perto, isto é, em logar de que se vê bem. De *adicar*, vid. este.

*empandeirado*, preso, apanhado, agarrado. «Fomos todos *impandeirados* pela policia». Jornal *O Seculo*, n.º 3:731 (19 junho 1892). Queiroz dá a *empandeirar* o sentido de matar. Git. *oprimir*, apremar, sujetar. MAYO. To inelose, to tie, to shut. BORROW. Tsig. grego *pandáva*, fazer ligar, encarcerar, atar. Tsig. hungaro *pandel*, ligar, fechar. — Origem indiana: sanskrito, pali *bhand*, armenio *band*, carcere. Houve metathese da aspiração: *phand*, *pandh*, Pott, II, 124. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 37-38. A raiz *bhand* está representada nas linguas germanicas por *band*, de que vem port. *banda*.

*endinhar*, abonar. Cig. *diñar*. VOC. Git. *diñar*, dar, derivada do part. pass. *dinó* da raiz *da*. Tsig. grego *dava*, part. *dinó*. — Origem indiana: sanskrito *dā*, pali *demi*, *dadāmi*, part. *dinno*. Pott, II, 300. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 199.

*endromina*. Vid. p. 111.

*estache*, chapéu. Cig. *estache*. VOC. Tsig. grego *stadik*, fez, barrete dos tureos. — Do grego mod. *στιάδι*. Pott, II, 243. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 66.

*estarin*, prisão, cadeia. Cig. *estariβen*, *estariβin*. VOC. Além das formas alli citadas, ep. git. *estardar*, *estardelar*, encerrar, encarcerelar; *estardó*, *í*, adj. preso, a. MAYO. Germania mod. *estaro*, prison. BORROW, II, 148. Pott, II, 246, que apresenta formas correspondentes de outros dialectos tsiganos.

*estriβelho*, tribunal. Git. *estariβel*, *estariβel*. Vid. cig. *estariβen* (VOC.) e o precedente *estarin*.

*fela*, cara. Nas phrases: *mostrar a fela*, apparecer, e *mudar de fela*, mudar de cara. QUEIROZ. Git. *fila*, face, cara. BORROW, que no-lo dá tambem como da germ. mod. II, 148. MAYO nota-o como termo de germ. «Etwa als Genthcil von: Profil?» Pott, II, 394.

*gandaiar*, vadiar, etc. Vid. p. 73-81. Cp. git. *garandar*, vagabundear. MAYO.

*gajo*, homem, sujeito, o que anda á boa vida; libertino; espertalhão. Cig. *gaché*. VOC. Tsig. grego *gadžo*, estranho, não eigano, pessoa, homem; tsig. rumeno *gažó*, homem, hospede, etc. — Origem indiana: sanskrito *gaya*, casa, a gente de casa, etc. *gadžo* é propriamente um homem da casa. Pott, II, 129. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 211-212.

*gamar*, furtar com subtileza. Cig. *jamar*. VOC. Git. *jamar*, *jalar*, comer. Tsig. grego *cháva*, comer. Ficou já estabelecida p. 102 a relação semantica entre comer e furtar. A *gamar* liga-se talvez port. pop. *grammar*, comer, engulir, que deveria separar-se portanto de *grammar*, trilhar o linho; mas ep. os sentidos de *tascar*. — A palavra tsigana é de origem indiana: sanskrito, pali *khād*, prakrito *khā*, etc. Pott, II, 157-9. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 217-218.

*ganiços*, dados. Bluteau. Cp. git. *gañiá*, juego de dados. Mayo. *ganisardar*, to gain. Gaiar. BORROW. As palavras git. provêm por certo do hisp. *ganar*. Pott, II, 145, reproduz *ganisardar* sem indicação etymologica.

*grane*, *grané*, *graste*, cavallo, *grani*, egua; *grenhi*, burro. Cig. *gañí*, *grai*, *grañí*. Voc. Git. *grasté*, cavallo; *gra*, besta, cavalgadura, cavallo; *grastí*, faea; *grasní*, egua. Tsig. grego *grast*, *gras*, *gra*, *gray*, cavallo; *grastní*, *grasní*, egua; etc. — Origem armenia: *grast*, besta de carga. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 216. Cf. Pott, II, 143-4.

*gris*, *griso*, frio. Cp. cig. *hil*, *hir*, frio. Git. *jíl*, frio, freseo. Mas *gris*, froid, já no jargon do sec. xv (vid. p. 108). Tsig. grego *šil*, frio. — O termo tsig. é de origem indiana: sanskrito *šīta*, *šītala*; pali *šīta*, *šītala*. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 70. Pott, II, 231-232.

*liró*, janota. Cp. git. *liló*, loco, extravagante. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 1, liga-o a git. *lillar* tomar (litteralmente, *liló*, inderdicto), tsig. grego *láva*, part. *linó*, tomar. Cf. Pott, II, 327. 340.

*lodo*, dinheiro, oiro. Tsig. grego *lovó*, moeda; *lové* dinheiro; tsig. allemão *lōvo*, tsig. inglez *lōvo*, etc. A palavra penetrou noutras girias, p. ex. Rothwelsch *lowi*, geld. — Origem incerta. Pott, II, 335. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 7; *Beitr.*, III, 546; *Abhandl.*, IX, 187, em que compara sanskrito «*lōpa*, Abtrennung, etwa Abschnitt.» No calão a palavra assimilou-se a port. *lodo* = lat. *lutum*, no qual todavia alguém poderia ter visto a verdadeira origem do termo do calão, por uma metaphora exprimindo o desprezo pelo tão desejado objecto. Em verdade o git. *lama*, plata, em MAYO, parece confirmar essa interpretação; mas afigura-se-me que ao gitano não seria extranha a forma *lodo*, comquanto não figure nos vocabularios que tenho presentes, e que *lama* teria sido produzido como *pendant* a *lodo*, embora este se originasse de tsig. *lovó*.

*luca*, carta. Ligar-se-ha pelos processos examinados a p. 126 segg. a cig. *liás* (VOC.), git. *liá*? A forma fundamental tsigana parece ser *liel*. Pott, II, 339-340.

*lumia*, meretriz. Cig. *lumí*. Voc. Git. *lumí*, *lumica*, mu-  
chacha, querida, manceba. MAYO. Tsig. grego *lubní*. Hure;  
tsig. allemão *lubni*, etc. A palavra penetrou no Rothwelsch  
*lupni*. Miklosich, *Beitr.* III, 546. — Origem indiana: sans-  
krito *lubh*, desejar, *lōbha*, cubiça, *lōbhīn*, desejoso, avido;  
pali *lobha*, avido, hindustani *lubhā*, ser cubiçoso, amo-  
roso. Pott, II, 334. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 7.

*manês*, homem; *manesa*, mulher; *menesa*, abbadessa;  
prostituta (arg. *menesse*, p. 101). Cig. *manu*. Voc. Git. *manu*,  
hombré, varon. Tsig. grego *manús*, homem, etc. A forma  
do calão parece provir de uma cigana *manús*, que sugge-  
riu a troca de *us* em *es*. — Origem indiana: sanskrito *ma-  
nuša*, hindustani *manus*. Pott, II, 446-447. Miklosich,  
*Abhandl.*, VIII, 10.

*mangue*, eu. Cig. *amanga*, *amangues*, *mangue*, *mangues*.  
Git. *mungue*, me, mi. Tsig. grego *amen*; etc. — Origem  
indiana: sanskrito *asmān*, pali *amhē*, hindustani *ham*, nós.  
Miklosich, *Abhandl.*, VII, 164-165.

*marar*, matar. Cig. *marar*, *marelar*. Voc. Git. *marar*,  
matar. Reflexos nos diversos dialectos. — Origem indiana:  
sanskrito *mārayati*, elle mata, hindustani *mārṇā*, ferir.  
Pott, II, 450. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 11.

*marrella*, pão. Der. de cig. *manró*. Voc. Git. *manró*,  
pan. Tsig. grego *manró*, etc. Cp., por causa da forma, cal.  
*parrella* de *parné* (vid. infra). — Origem indiana: sanskrito  
*maṇḍa*, a camada superior saborosa de comidas liquidas e  
de bebidas, *maṇḍha*, uma especie de biscoito, pali *maṇḍa*.  
Pott, II, 440-442. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 10.

*misto*, bom. Cig. *mistó*. Voc. Git. *mistó*, bien, bueno.  
Tsig. grego *mistó*, bom, etc. — Origem indiana: sanskrito  
*miṣṭa*, saboroso, doce; hindustani *mīṭhā*, sindhi *mīṭhō*,  
doce. Pott, II, 459-461. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 15.  
Pott não considerou sufficiente essa etymologia que foi  
primeiro apontada por Dicfenbach e que Mikl. accéita.

*mistico*, bom, bello, janota; *mistangueiro*, janota; *mis-  
tago*, acreditado. Ligam-se todos a *misto*; vid. o art. ante-  
rior. Cp. litterario *mystico*.

*nanai*, nada. Cig. *nanais*. VOC. Git. *nanai*, no, de ninguem modo. Tsig. grego *na*, não; duplicado *nána*; *nanay* = *nana isi*, não é. No git. ha tambem a forma *nasti*, adv.— Origem indiana: sanskrito *na* + *ásti*. Pott, I, 318. 322. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 19.

*pachacha*, pudendum mulieris. Git. *pachi*, virgindad, virgo; *pachibar*, honrar; *espachilar*, desflorar. MAYO. Tsig. grego *pakyáva*, erer, confiar, tsig. rumeno *patá*, erer, *patú*, casamento; tsig. bohem. *patav*, erer, git. *panchabar*, *pachabelar*, crer.— Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 33-34, attribue-lhe origem indiana: «Aind. vergl. *pratyayá*, Glaube, Vertrauen. sindh. *pati*, avg *pat*, Elre»; mas *Abhandl.* VI, 66, dá aquellas formas tsiganas entre as de origem armenia: «arm. *pativ*, Ebre; *patvel*, ehren». As formas arménias são aparentadas com as indianas citadas. Pott, II, 346-347.

*paivo*, cigarro. Cig. *pajo* por *plajo*. VOC. Git. *placo*, *plajorró*, tabaco; *pracos* (Pott, I, 106), *pracó* (MAYO), pó.— Origem slava: mod. slov., serbo, bulgaro, etc. *prah*, pó. Pott, II, 361. Miklosich, *Abhandl.*, I, 32, VIII, 51.

*parnau*, *parné*, *parne*, *parni*, *parneque*, dinheiro. Cig. *parnau*, *parné*. VOC. Git. *parné*, prata, dinheiro. Tsig. grego *parnú*, branco; reflexos noutros dialectos tsiganos.— Origem indiana: sanskrito *pāñdu*, pallido, branco amarelado. Pott, II, 359. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 31.

*piar*, beber; *piela*, bebedeira; *pielar-se*, embriagar-se; *pio*, s. vinho; adj. *embriagado*. Cp. argot. *pie*, etc. p. 201, etc. Cig. *pillar* por *piyar*. VOC. Git. *piyar*, beber; *piñe*, *pilli*, adj. ebrio. Tsig. grego *piáva*, beber; reflexos nos outros dialectos.— Origem indiana: sanskrito *pi*, pali *pi* (*pihati*, *pivati*), hindustani *pīnā*, beber, sindhi *piānu*. Pott, II, 342. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 44-45. Da mesma raiz *pi* vem o lat. *bibere*, d'onde port. beber. A forma *pielar*, d'onde *piela*, é derivação tsigana: hungaro *piyel*.

*peltra*, *pildra*, cama. Git. *piltra*, cama. MAYO. BORROW; o primeiro indica o termo expressamente como de germania; encontramos-lo já noutras gurias (vid. p. 106); é possível que

os ciganos o trouxessem para Portugal. Pott, II, 371, menciona-o.

*pirar-se, pôr-se na pirezca, pôr-se no piro*, fugir. Cig. *pirar*. VOC. Git. *pirar, pìrelar*, andar. Tsig. grego *piráva*, ir, tsig. rumen. *pher*, ir; etc. — Origem indiana: hindustani: *phirnā*, ir, viajar; *phiranu*, girar. Pott, II, 382. Ascoli, *Zig.*, 33. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 40-41.

*plaustra*, capa, capote. Cig. *plasta, plata*. Git. *plasta, plastami, plata*, capa corta, talma. Tsig. inglez *plasta, plochta*; tsig. allem. *blašda*, tsig. polaco *ptašços*, etc. — Origem slava: antigo sloveno *plašt*, polaco *ptaszczy*, etc. Pott, II, 368. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 46.

*pocachim*, clavina, trabuco. Cig. *puca, pusca*. VOC. Git. *puska, pruská, pruskatiñé*, pistola, cachorrillo. MAYO. Tsig. grego *puški*; tsig. rum. *púška*; etc. — Origem slava: serbo *puška*, que a seu turno provém do allemão *Büchse*, ant. alto allem. *buhsā, puhsā*. Pott, II, 365. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 51-52.

*punida*, palha. É por certo um alargamento do cig. *pu*. VOC. Git. *pus*, paja, a que se liga *pusanó*, cortigo (= cig. *pusoñon*). Tsig. grego *pus, bus*, Stroh; etc. — Origem indiana: sanskrito *busa, buša*, palha; pali *bhusa*, hindustani *bhūsi*. Pott, II, 388. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 43.

*raso*, padre. Não é inteiramente certo se a palavra se liga realmente ao tsigano (vid. argot *rasé*, p. 102). Cp. cig. *eragar*. Git. *arajay, erajay*. MAYO. BORROW. Tsig. grego *rašáy*, sacerdote christão, mestre-escola, tsig. rumeno *rašáy*; tsig. hung., bohem., allem. e russo *rašay*; tsig. escand. *rašo*, etc. A forma do calão ligar-se-hia assim a formas mais distantes geographicamente que as do gitano, caso que todavia não é unico. — O termo tsigano é de origem indiana duvidosa: cp. sanskrito *rši*, pali *isi*. Pott, II, 278-279. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 54.

*ratanhí, retanhí*, chave falsa, gazua. Git. *rotuñi*, boca, abertura, agujero. MAYO. Tsig. grego *rutuní*, nariz. Gr. mod. *ῥουθῆινι*, gr. ant. *ῥόθων*, nariz. Miklosich, III, 43. Pott, II, 281.

*rupim*, rico. Encontra-se tambem no argot (vid. p. 102). Tsig. grego *rup*, prata; tsig. rum. *rup*, *rupunó*, adj. de prata; tsig. bohem. *rup*, *rupino*, adj.; tsig. allem. *rupp*, prata, Thaler. Falta no cigano e no gitano de mim conhecidos. — Origem indiana: sanskrito *rūpa*, forma; *rūpin*, que tem uma forma, bello; *rūpya*, adj. que tem uma forma, s. oiro ou prata amoedada, rupia; pali *rūpa*, hindustani *rūpā*. Pott, II, 274–275. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 58.

*rustir*, comer. Argot *roustir* (pag. 102). Será connexo com as formas tsig. rum. *ruš*, ser mau; tsig. hung. *rušel*, encolerisar-se, *rušt'i*, encolerisado; tsig. bohem. *rušav*; *rušt'as*, elle fez-se mau; tsig. escand. *rošto*, colerico? — Origem indiana: sanskrito *ruš*, *rušta*. Pott, II, 279. Miklosich, *Abhandl.*, VIII, 58.

*sarda*, faca; *sardinha*, punhal; faca. Cp. git. *serdañi*, e vid. p. 94.

*tasca*, taberna. Furb. *tasca* (vid. p. 104). Talvez por intermedio dos eiganos: git. *tasca*, *tasquera*, taberna. MAYO.

*telo*, jumento (Albergaria-a-Velha). Cig. *guer*. VOC. Git. *gel*, *grél*, asno, burro. MAYO. *guel*, ass. BORROW. Tsig. grego *kher*, *kfer*, *fer*, burro; tsig. asiatico *kar*. — Origem erania: kurdo *ker*. Miklosich, *Abhandl.*, VII, 237. Sobre a troca de *k* e *t*, vid. Aseoli, *Zig.*, index, p. 169. Miklosich, *Abhandl.*, IX, 186. 189.

*tronga*, prostituta. Git. *tronga*, barragana, maneeba. MAYO. A origem do termo é-me desconhecida, mas é possível que viesse pelos eiganos.

---

Como se vê da lista anterior alguns dos termos notados do calão parecem provir, não directamente de formas ciganas ou gitanas, mas de formas tsignanas extrapenninsulares; o que pode ser devido a transmissão por tsignanos de outros países, que tõem cruzado ou até se tõem estabelecido em o nosso.

Alguns dos termos dados aqui como de origem tsignana foram já considerados como derivados de outras fontes;

assim *banza* foi considerado como de origem africana, conquanto não se provasse essa etymologia.

Schwob e Guyesse apresentam a conjectura de que a inversão phonetica na germania (a que se deve juntar a observada no calão) seja devida a influencia gitana. Como vimos (p. 58), encontra-se na India esse processo; mas como elle é muito frequente no hispanhol e no portugûes, não precisamos para o explicar de recorrer á intervenção gitana ou cigana.

### III

#### ESBOÇO HISTORICO E ETHNOGRAPHICO

O *Cancioneiro geral*, colligido por Garcia de Resende, começou a imprimir-se em Almeirim em 1515 e acabou de o ser em Lisboa «Aos xxviiij dias de setêbro da era de nosso senhor Jesu Cristo de mil e quynhentos e xvi annos».

Uma das peças mais euriasas d'esse famoso livro é a longa serie de apodos dirigidos ao proprio collecter, a proposito da sua proverbial rotundidade, por Affonso Valente, peça que se encontra a p. 641 e segs. do tomo III da edição de Stuttgart, e a folhas 224 e segs. da primeira edição. O humor comico de Valente parecee inexgotavel: os termos de comparação que lhe surgem no espirito lembram a maneira de Rabelais.

Entre outras coizas bastante difficeis de entender, lê-se na composição mencionada:

Pareçeyz hum pouco o frato,  
preguador da vyda eterna,  
Grega bebada, de parto,  
antre cubas em tauerna.

Assim se acha exactamente, e com a mesma pontuação, na edição de Stuttgart, o que prova que o sabio editor

Kausler não comprehendeu, pelo menos, os dois primeiros d'aquelles versos. Pelo systema das estrophes da satira de Valente, o primeiro verso deve rimar com o terceiro; corrige-se pois:

Pereccis um pouco o *farto*  
prégador da vida eterna,

o que é perfeitamente intelligivel. Valente compara Garcia de Resende a um d'esses *fartos* e rotundos ecclesiasticos, que pregam aos outros que cuidem das suas almas para evitar as penas eternas e ganhar a gloria, emquanto elles não se descuidam do corpo.

Resta saber o que é aquella «grega bebida de parto, antre cubas em tauerna»; aqui não ha, ao que parece, incorrecção de texto; de outro lado não é possivel admittir que Valente empregasse ao acaso a palavra *grega*, visto que elle se mostra forte nos recursos da lingua, bom conhecedor dos termos apropriados.

Diversas noticias mostram-nos que os tsiganos e em especial os gitanos e ciganos, isto é, os tsiganos de Hispanha e Portugal, foram considerados originarios da Grecia. É por essa razão que elles são chamados *gregos* nas Constituições da Catalunha<sup>1</sup>. Gil Vicente, na sua interessante *Farça das Ciganas* «representada ao muyto alto e poderoso Rey D. João, o terceiro deste nome, em a sua cidade d'Evora era do Redemptor 1521», a qual os meus leitores encontrarão mais abaixo transcripta por completo, põe na boca de uma das personagens as palavras:

Mantenga senhuraz y rozaz y ricaz.  
De Grecia sumuz hidalgaz por Diuz.  
Nuestra ventura que fuc cuntra nuz,  
Por tierraz estrañaz nuz tiene[u] perdiñas.

---

<sup>1</sup> Jaubert de Passa, *Essai historique sur les Gitanos* in *Nouvelles Annales des Voyages*, t. xxxiii (Paris, 1827), p. 337.

Os tsiganos em geral diziam-se vindos do Egypto o d'ahi os nomes de gitano<sup>1</sup>, que tãem na Hispanha, de Gipsies, que lhes dão os inglezes, de Γύφτοι (Αιγύπτιοι), usado pelos gregos modernos, conjunctamente com Τζιγγάνοι; mas é possível que alguns bandos se dissessem de origem grega. Num livro muito curioso do seculo XVI, especie de pequena encyclopedia ou cartilha, como as que alguns dos eruditos mais distinctos de então não desdenhavam de escrever (lembramo-nos da *Cartilha* do nosso João de Barros), intitulado *El Estudioso Cortesano* de Lorencio Palmireno<sup>2</sup>, encontra-se a seguinte passagem, em que se vê que havia fundamento para chamar *gregos* aos ciganos:

«Que son Gitanos? Responde: Esta ruyn gēte, año 1517, començo en Alemaña, adonde les llaman Tartaros, o Gentiles: en Italia Cianos. Fingēm que salieron de Egypto menor, y que tienen su perigrinacion por penitēcia: y para prouar esto muestrã cartas del rey de Polonia. Pero mienten, porque su vida no es de penitencia, sino de perros y ladrones. Vn hombre docto, año 1540, cō muitos halagos recabo dellos, mostrassen la carta dēl rey, y vio con ella ser ya acabado el tiempo de su penitencia. Hablo con elles en lengua de Egypto, dezian, que como auia mucho tiempo que eran salidos de alla, no lo entendian. Habloles en Griego vulgar, como hablan hoy en la Morea y Arcipelago, vnos entendian, otros no: ansi, que pues todos no entienden, señales, que la lengua que traen es fingida, y de la-

---

<sup>1</sup> Em hispanhol empregou-se *gitano* no sentido geral de egypcio, como, p. ex., na seguinte passagem do nosso Francisco Manuel de Mello:

Que cerastes alevê, ó aspid *Gitano*,  
Desde mi halago, ameneçó a tu vida?

*Obras metricas*, tomo II, p. 143 (Leon de Franca, 1665).

<sup>2</sup> A Bibliotheca Nacional de Lisboa tem um exemplar da edição feita *En Alcalá de Henares, en casa de Juan Iniguez de Lequerica*. Año 1587. Não é a primeira, que é uma raridade bibliographica.

drones para encobrir sus hurtos, como la girigonça de los ciegos <sup>1</sup>».

Palmireno foi um respeitavel e eruditissimo humanista, professor de grego na Universidade de Saragossa, e as suas palavras merecem todo o credito. Suppoz-se com razão que o *hombre docto* de que falla fosse elle proprio.

Significará, pois, a palavra *grega* dos versos de Valente o mesmo que eígana?

Sabendo que os tsiganos tõem fama de se darem á embriaguez não restará muita duvida de que essa interpretação seja exacta <sup>2</sup>.

«L'argent, diz, entre outros, Francisque Michel, sert aux Bohémiens à satisfaire leur goût prononcé pour l'ivrognerie: hommes, femmes, enfants, s'y livrent publiquement en toute occasion; ils en trouvent les moyens dans le gain qu'ils font à tondre les mulets, etc. <sup>3</sup>»

Uma quadra hispanhola diz:

Un gitano se murió  
Y dejó en el testamento  
Que le enterrasen en viña  
Para chupar los sarmientos <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *El estudioso cortesano*, fol. 35-36. No seculo xvii, Miguel Leitão d'Andrada escrevia a respeito dos eiganos: «sendo Gregos que se vieram fugindo dos Turcos se fazem Egipcios ou Gitanos.» Vid. o trecho inteiro d'esse auctor no fim dos *Documentos* do presente estudo. Segundo una communicação particular de M. Paul Bataillard, a mesma denominação de gregos, dada aos tsiganos, encontra-se em documentos holandezes.

<sup>2</sup> Esta interpretação da passagem de Affonso Valente foi publicada por mim no jornal *A Borboleta* (Braga, typographia Lusitana) de 1877. Num artigo *Origem dos ciganos*, publicado in *Positivismo*, 1, (Porto, 1879) 269-278, foi repetida essa minha interpretação sem indicação de fonte. Aproveito a occasião para dizer que o auctor d'esse artigo nada dá de novo para a questão dos tsiganos, excepto a invenção absurda de que elles descendem dos Hyksos.

<sup>3</sup> *Le pays Basque*, cap. vii, p. 139.

<sup>4</sup> Apud Colocci, *Gli Zingari*, p. 232. Vid. todavia o que se diz mais abaixo com referencia aos ciganos de Portugal.

Se a minha conjectura é exaeta, temos na passagem de Affonso Valente o mais antigo testemunho português, de mim conhecido, acêrea dos eiganos. A esse segue-se o de Gil Vicente na farça alludida, que é o primeiro monumento da litteratura propriamente dita em que figuram tsiganos. Cêrea de um seculo havia de passar até appareer a *Jitaniilla* de Cervantes (1612), que é geralmente conhecido, com esquecimento do nosso escriptor, como o primeiro que fez emprego artistico de typos d'esse povo errante <sup>1</sup>.

A *Farça dos eiganos* é um documento precioso, traçado com evidente fidelidade, abstraindo da invenção comica que introduz aqui e alli no quadro alguns desenvolvimentos.

Entram quatro eiganas, Martina, Cassandra, Luerecia, Giralda, que manifestam logo o caracter importunamente pedinehão das mulheres e ereanças da sua raça. Fallam um hispanhol modificado na pronuncia.

- MART. Mantenga, fidalguz señurez hermuzuz.  
 CAS. Dadnuz limuzna pur la amur de Diuz;  
 Christianuz sunuz, veiz aqui la cruz.  
 LUC. La Virgen Maria uz haga dichuzuz,  
 Dadnuz limuzna, señuruz pudruzuz,  
 Tantio de pan, haré la mezura.  
 MART. Ó preciuza rozica <sup>2</sup>, señura,  
 El cielo vuz cumpla luz deseuz vuestruz.  
 CAS. Dadme una camiza, azueal colado,  
 Nieve de eira, firmal preciuzo.  
 LUC. Dadme una saya, señur graciuzo,  
 Lirio de Grecia, mi cielo estrellado <sup>3</sup>.  
 GIR. Señura, señura, dadme un tocado,  
 Antucha del cielo, sin cera y pavilo.  
 Ó ruza nacida en ribera del Nilo,  
 La Virgen te traya buen suño y buen hado.

<sup>1</sup> A Italia offerece já no seculo XVI uma comedia, *La cingana*, de Gigio Arthemio Giancarli Rhodiginó. Vid. Aseoli, *Zigeunerisches*, pag. 122.

<sup>2</sup> Na ed. de Hamburgo: *rozua*; na ed. de 1586 *rozica*.

<sup>3</sup> *Mi cielo estrellado* é um cumprimento á pessoa a quem se dirige a cigana e não um apposto de Grecia, como já se quiz ver.

Preparam-se para dizer a buena dicha :

- LUC. Andad acá, hermanaz, y vamuz  
A estas señuraz de gran hermuzura ;  
Diremuz el siño, la buena ventura,  
Daran sus mercedes para que eomamuz.
- CLAS. Llamemuz á Claudio antes que nuz vamuz,  
Carmelio, Auricio y haremuz fiesta,  
Como hecimuz ayer por la siesta :  
Vé á llamarluz y nuz esperamuz.

Vêem os quatro ciganos, Liberto, Claudio, Carmelio, Auricio e tractam de fazer trocas de cavalgaduras, querendo receber, alem de animaes, algum dinheiro.

- CLAUD. Cual de vuz otroz, señurez,  
Trocará un rocin mio,  
Rocin que hubo de un judío,  
Ahora en páseoa de florez?  
Y tengo dos especialez  
Caballoz, buenoz que talez.
- AUR. Señurez, yo trocaré un potro  
Que tengo, por cualquier otro,  
Si mi volveiz mil realez.
- CAR. Que dos burricos compré,  
Moriscoz prietos garridoz ;  
Ya loz hubiera vendidoz,  
Mas antes loz trocaré.
- CLA. Ó señurez caballeroz,  
Mi rocin tuerto os alabo,  
Porque es calzado nel rabo,  
Zambro de los piez trazeroz ;  
Tiene el pecho muy hidalgo,  
Y cocea al eabalgar.
- AUR. Señurez, quereiz trocar  
Mi burra vieja á un galgo?

As ciganas cantam e dançam.

- MAR. No nuz euremuz desaz faranduraz.  
CLA. Puez que quereiz, Martina, que hagamos?  
MAR. Cantemos la fiesta antez que noz vamoz  
A buscar luz siñuz á estas señuraz.

## Cantiga

«En la cosina estaba el asno  
 «Bailando,  
 «Y dijéronme, don asno,  
 «Que voz traen casamiento  
 «Y os daban en axuar  
 «Una manta y un paramiento,  
 «Hilando.»

Cantando e bailando ao som desta cantiga vão ás damas  
 e pedem de novo esmola.

MART. Mantenga señuraz y rozas y ricaz.  
 De Grecia sumuz hidalgaz por Diuz<sup>1</sup>.  
 Nuestra ventura que fue euntra nuz,  
 Por tierraz estrañaz nuz tiene[n] perdidaz.  
 Dadnuz esmula, esmeraldaz polidaz,  
 Que Diuz vuz defienda del amur de engaño,  
 Que muztra una mueztra y vende otro paño,  
 Y pone en peligro laz almaz y vidaz.

Propõem-se a ensinar feitiços :

LUC. Señuraz, quereiz aprender á hechizo,  
 Que sepais hacer para muchaz cosaz?  
 GIR. Ezeuchad aquello, señuraz hermuzaz,  
 Por la vida mia qu'ez vuestro servizo.  
 LUC. Si vuz, ruza mia, holgades con izo,  
 Hechizos sabreiz para que sepaiz  
 Los pensamientoz de cuantoz miraiz,  
 Que dicen, que encubren, para vueztro avizo.  
 MART. Otro hechizo, que pozaiz mudar  
 La voluntad de hombre cualquiera,  
 Por firme que esté con fé verdadera,  
 Y vuz lo nudeiz á vuestro mandar.  
 GIR. Otro hechizo os puedo yo dar  
 Con que pudaiz, señuraz, saber  
 Cual es el marido que habeiz de tener  
 Y el dia y la hora que habeiz de cazar.

---

<sup>1</sup> Na ed. de Hamburgo *Duz*; na ed. de 1856 *Diuz*, como noutros logares.

Dizem a buena dicha ás damas :

- CAS.      Muestra la mano, señora.  
 Non hayas ninguu recelo.  
 Bendígate Diuz del cielo,  
 Tu tienez buena ventura,  
 Muy buena ventura tienez,  
 Muchuz bienez, muchuz bienez,  
 Un hombre te quiere mucho,  
 Otroz te hablan de amurez;  
 Tu, señora, no te enrez  
 De dar á muchuz esento.
- MAR.      Dadnuz algo, preciuza,  
 CAS.      Dadnuz algo, preciuza,  
 Puez que te digo tu sino,  
 Alguna poquita euza.
- LUC.      Muztra la mano, ruciña.  
 Lirio de hermozura,  
 Dirte he la buena ventura.  
 Muestra ea, señora mía,  
 Ora muestra aciña aciña.  
 Qué mano, qué siño, que flurez!  
 Qué dama, que ruza, que perla!  
 Por mi vida que por verla  
 Olvide loz miz amurez,  
 Veamuz que dice el sino,  
 El recado que te vino  
 No lo creas, alma mía.  
 Que otra mas alegría  
 Te viene ya per camino.  
 Durmiendo tu, fresca ruza,  
 Te viene el bien por la mar.  
 Luego tienez el mirar  
 De doncella muy dichuza.
- GIR.      Diuz te guarde hermozura  
 Muestra la mauo señora;  
 Porné ciento contra treinta  
 Que de los piez á la cinta  
 Tíenez la buca ventura.  
 Tu haz de ser despozada  
 En Aleazar de Zal;  
 Con hombre bien principal  
 Te vernás bien empleada.

- MAR.    Pintura de Policena,  
 Dame acá, dulce serena,  
 Esa mano cristalina.  
 Buena dicha, perla fina,  
 Tienes la ventura buena ;  
 Tu has de ser alcaideza  
 Cierta tiempo eu Moutemor ;  
 Tu marido y tu amor  
 Será bien celoza pieza.
- CAS.    Nueva ruza, nueva estrella.  
 O brancas manoz de Izeu,  
 Tu cazarás em Viscu  
 Y ternáz hornos de tella.  
 Allí haz de edificar  
 Un muy rico palomar,  
 Y doz parez de molinos,  
 Porque todoz loz caminos  
 Á la puente van á dar.
- LUC.    Diuz te guarde linda flor,  
 Bendito sea el señor  
 Que tal hermosura cria.  
 Muestra la mano, alma mía,  
 Por vida del servidor.  
 Fiosanda cazaraz  
 Aqueste año que vem  
 Eu Santiago de Cacem  
 Mucho rica, mucho bem.  
 Buena ventura hallaráz,  
 Buena dicha, buena estrena,  
 Buena suerte, mucho buena,  
 Muchas carretas, señora,  
 Y mucha buena ventura,  
 Placiendo á la Madalca  
 Que guarde tu hermosura.
- GIR.    Muestra la mano, mi vida,  
 Agnela en tierraz desiértaz ;  
 Dos personaz traez muertaz,  
 Porque erez desgradecida.  
 Tu casará en Alvito.  
 Señura, marido rico,  
 Muchuz hijos, muchos biencz,  
 Mucho luenga vida tienes,  
 Bueu siño, bueno, bendito.
- MAR.    Mis ojos d'azor mudado,

- Muestrame la mano, hermana:  
 O mi señora Sant'Anna,  
 Qué sino, qué suerte, qué hado!  
 Qué ventura tan dichuza!  
 Tu, señora graciuzá,  
 Ternáz tierras y ganados,  
 Cuatro hijos mucho honrados,  
 Mucho oro y mucha coza.
- Cas. O mi ave fénix linda,  
 Mi sibila, mi señora,  
 Dame acá la mano ahura.  
 Hermozura de Esmerinda  
 Tu tienez muchos enuidados,  
 Y algunos desviados  
 De tu provecho, alma mia.  
 Tienez alta fantasia,  
 E los mundos son mundados.  
 Un travesero que tienez,  
 De dentro del hallaráz  
 Un espejo en que veráz  
 Muy claroz todoz tuz bienez.
- Luc. Dad acá, garza real,  
 Gridonia natural,  
 Diré la buena ventura.  
 Viva tu gran hermozura,  
 Que esta mano ez divinal  
 Unaz personaz te ayudan  
 Á una coza que quierez;  
 Estas son dambas mugerez  
 Y otraz dos te desayudan.  
 Date un poquito á vagar,  
 Que aun está por començar  
 Lo bueno de tu ventura:  
 Confia en tu hermuzura  
 Que ella te ha de descanzar.
- Gir. Dad acá, Mayo florido,  
 Eza mano, Melibea<sup>1</sup>.  
 Por bien, señora, te sea

---

<sup>1</sup> Na ed. de Hamburgo: *Eza mano melibea*, como se *melibea* fosse um adjectivo; é evidente que *Melibea* é um nome proprio, empregado aqui como epitheto, e reminiscencia da *Tragicomedia de Calisto y Melibea* ou *Celestina*.

Buen marido, buen marido.  
 Na Landera eazaráz,  
 Nunea te arrepentiráz,  
 Y iraz morar á Pombal,  
 Y dentro en tu naranjal.  
 Un gran tesoro hallaráz.

El que ha de ser tu marido  
 Anda ahora trasquilado.  
 Mucho hourado, mucho honrado,  
 En muy buen siño nacido.  
 Naciste en buena ventura.

MAR. Huerta de la hermozura,  
 Cirne de la mar salada,  
 Diuz te tenga bien guardada  
 Y muy segura.

CAS. Señuraz, con benedicion  
 Oz quedad, puez no dais nada.

LUC. No ví gente taf hourada  
 Dar tan poco galardón.

Tornáráo-se a ordenar em sua dança, e com ella se forão<sup>1</sup>.

Nas peças de Gil Vicente fallam castelhano personagens muito diversas; todavia aqui não pode deixar de admittirse que essa lingua, com as suas deformações em verdade não generalisadas, é uma particularidade interessante do quadro. Os ciganos teriam vindo de Hispanha em tempos recentes; lá ainda não tinham aprendido a pronunciar bem a lingua do país e não teriam chegado a fallar a portuguesa.

---

<sup>1</sup> A Bibliotheca Nacional de Lisboa não tem a primeira edição das obras de Gil Vicente, a qual num exemplar da Bibliotheca de Goettingen serviu de base á edição de Hamburgo, de que por isso me servi, confrontando-a com a segunda edição (Lisboa, 1586). A orthographia em extremo caprichosa d'esta e o não poder determinar até que ponto essa orthographia reproduz a da primeira edição, levou-me a reproduzir com pequenas modificações a lição de Hamburgo. É muito pouco provavel que Gil Vicente tentasse representar fielmente a pronuncia cigana. Na edição de 1586 o s hispanhol, não final de syllaba, acha-se representado muitas vezes por c (e, i) ou ç.

De facto as noticias historicas até hoje conhecidas estão de accordo com esta interpretação.

Um dos melhores conhecedores da litteratura relativa aos tsiganos, Paul Bataillard, citou um documento que se julga ser o mais antigo com respeito aos tsiganos na Hispanha, e no qual se refere a chegada a Barcelona, a 11 de junho de 1847, de uma «multitud de Egypticos», que d'alli se espalharam, segundo a mesma fonte, pelo reino vizinho<sup>1</sup>.

Foi muito provavelmente no Alemtejo que Gil Vicente estudou os eiganos; a farça transcripta foi representada em Evora, como vimos. Tendo penetrado em Portugal, sem duvida, pela fronteira da Extremadura hispanhola, os ciganos achavam a provincia do Alemtejo excellentemente adaptada ao seu modo de vida, para centro de irradiação de suas excursões. Os grandes espaços despovoados d'essa provincia, os seus matagacs, protegiam-nos contra as perseguições de que em breve se tornaram objecto.

Nas côrtes de 1525 ou 1535 ou nas duas (os documentos não nos permitem resolver ao certo este ponto) pediram-se ao rei providencias contra os eiganos, o que motivou a lei de 1538, preecedida do alvará de 1526<sup>2</sup>. Por essas disposições legislativas vemos feita distincção entre eiganos e pessoas que viviam á maneira dos eiganos, algumas das quacs eram naturacs do reino; por certo vagabundos estranhos áquella raça e não representantes de uma velha camada tsigana do nosso pais, porque não ha nenhum dado historico ou supposição bem fundada que nos auctorise

<sup>1</sup> P. Bataillard, *De l'apparition et de la dispersion des Bohémiens en Europe* in *Bibliothèque de l'École des Chartes*, 1844, p. 529. Idem, *Les Gitans d'Espagne et les Ciganos de Portugal* in *Compte-rendu de la 9<sup>e</sup> Session du Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques en 1880*. (Lisbonne, 1884), p. 501. Já anteriormente Henry se servira d'esse documento in *Mém. de la Soc. des antiquaires de France* t. x (1834), apud G. Lagneau, num artigo abaixo citado (p. 184, nota 1).

<sup>2</sup> Vid. *Documentos* n.º 1 e 2.

a pensar que a primeira vinda de ciganos para Portugal fosse anterior de muitos annos ao fim do seculo xv.

Em Gil Vicente e nos mais antigos documentos legislativos por mim reunidos em appendix a esta parte, acha-se fixado o nome de *ciganos*, facto curioso, pois em Hispanha *gitanos* é o nome preferido. Nem um nem outro é nome nacional dos eiganos, que entre nós se chamam *calés* (sing. *caló*, fem. *callí*; vid. VOC.), talvez *rons* ou *rones* (vid. *ron* VOC., e *romé*).

Á forma portugueza *cigano* correspondem as seguintes estrangeiras: rumeno *cigan*; bohemio (teheque) *gigán*, *cingán*, *cikán*; magyar *cigany*, bulgaro *acigannó*, *aciganinó*, *ciganó*; grego medio *ἀσιγανός*, *σίγγανος*; em documentos latinos da Grecia *aciganus*; italiano *zingano*, *zingaro*, allemão *zigeuner*. No hispanhol occorrem raramente as formas *cingalo*, *zingaro*, por imitação directa do italiano.

Como a forma portugueza se approxima particularmente das formas da Europa oriental e central, é um problema por que caminho ella cá chegou. O mais natural era que imitassemos ou os hispanhoes ou os italianos.

As denominações de gitano<sup>1</sup> e de egypcio<sup>2</sup> foram sempre entre nós puramente eruditas.

Nenhum documento legislativo attribue aos ciganos de Portugal industrias de metaes, ou outra qualquer licita, excepto a de contratadores e tratadores de cavalgaduras. Se os bandos que se estabeleceram em o nosso país conheciã a industria de caldeireiro, cedo a perderam. Miguel Leitão d'Andrada exprime a respeito d'elles o desejo: «que não fossem ferreiros, que só vsão a fim de fazer gazuas e instrumentos de roubar<sup>3</sup>».

<sup>1</sup> Empregada, por exemplo, no Doc. n.º 16. Outros traslados do mesmo doc. têm sempre *ciganos*.

<sup>2</sup> Usada por exemplo nas *Constituições synodaes do Arcebispado de Braga de 1639*, XLIX, 1: «E declaramos que os que pedem aos Egypcios lhes digam sua boa, ou má fortuna, peccão gravemente».

<sup>3</sup> Vid. o extracto da *Miscellanea* d'esse auctor no fim do Appendix I.

Da organização social dos ciganos nada nos dizem também esses documentos. A julgar por uma passagem de João de Barros, que todavia falla de modo muito geral, elles teriam condes <sup>1</sup>.

Pouco nos dizem as disposições legislativas dos seculos XVI a XVIII sobre a vida dos ciganos.

Nas côrtes de 1525 ou 1535 accusaram-nos de «muytos furtos que fazem e feytiçarias que fingem saber<sup>2</sup>». Do alvará de 1579 se depreheende que elles procuravam viver juntos em certos bairros e tinham vestuario particular, a que se allude tambem noutros documentos posteriores <sup>3</sup>. A lei de 1592 prohibe-os de andaram vagabundos e de viverem em ranchos ou quadrilhas <sup>4</sup>. A provisão de 1573 mencionava como crimes dos ciganos «muitos furtos e outros insultos e delitos, de que o povo recebe grande oppressão, perda e trabalho<sup>5</sup>». No alvará de 1606 esses crimes são «roubos e damnos que fazem aos vassallos com geral escandalo<sup>6</sup>».

---

<sup>1</sup> A proposito dos costumes dos calandares da India, diz o nosso historiador: «como homêes santos não são buscados, nê os tocão. Nos têpos das guerras elles são os que de Reino à Reino levão todas as cartas, e avisos, e os que passão pedraria furtada aos direitos dos portos. E posto que estas cousas, e outras peores se saibão delles, tem para si, quê lhes fizer mal, que fica escomûgado, e perdido do corpo, e da alma. A parte onde se acha mais numero destes he no Reino de Delij, porque he como hum centro daquellas Provincias de Asia, aonde concorrê de todas as naçoês, e muitas vezes andão em hũa cõpanhia mais de dous mil, os quaes posto que sejão de differentes linguas, cõ a conversação que hũs cõ outros tem nestas suas peregrinaçoês, que he hum dos votos de sua regra, todos se entêdem. Não entrão nas cidades, mas ao modo dos Cyganos que andão nesta parte de Europa, pousã fora do povoado, e alli lhe traz a gente do povo sua esmola. E quando assi auda grande numero delles elegem hum à que obedecem à maneira que os Cyganos fazem à seu Conde.» *Decada* IV, 5, 5, ed. Lavanha, 1615.

<sup>2</sup> Doc. n.º 2.

<sup>3</sup> Doc. n.º 6.

<sup>4</sup> Doc. n.º 7.

<sup>5</sup> Doc. n.º 6.

<sup>6</sup> Doc. n.º 12.

O alvará de 24 de outubro de 1647 é o documento legislativo que contém mais particularidades que nos interessam<sup>1</sup>. Nelle se faz referencia ao vestuario, aos habitos de mendicidade, á lingua (geregonga), á buena dicha, ás trocas de cavaladuras, e aos jogos de corriola. Segundo Moraes e Silva, o jogo de corriola faz-se enrolando uma fita larga dobrada e mettendo nas suas voltas um ponteiro, que, para se ganhar, deve ficar preso ao desenvolver a fita. Este jogo permittia fraudes e deu logar por isso á phrase *cair na corriola*, que significa «cair num logro, deixar-se enganar».

As penas comminadas aos eiganos vão num ereseendo desde o primeiro documento legislativo conhecido até 1592. O alvará de 1526 ordena simplesmente que saiam do reino; a lei de 1538 ordena a expulsão, depois de terem sido açoutados, com baração e pregão; as leis de 1557 e 1573 accrescentam as penas com galés; enfim a lei de 1592 mandou applicar a pena capital aos que não saissem do reino dentro de quatro meses, ou não se avizinhassem nos logares. Nas leis posteriores desaparece, porém, a pena de morte, até 1694, para desapparecer de novo.

As feitiçarias, a buena dicha, a cartomancia, a irreligiosidade dos eiganos, deveriam apparentemente ser motivos para que a Inquisição não lhes poupasse perseguições. Nas minhas investigações não conseguí todavia encontrar mais que um processo inquisitorial em que seja ré uma mulher d'essa raça e nenhum em que seja reu um caló. Esse processo<sup>2</sup> não tem outro interesse alein do que resulta de nos mostrar em acção a pequena feitiçaria das eiganas para burlar um pobre homem, que, reccoso, a vae denunciar. Garcia de Mira, a cigana processada pela Inquisição em 1582, fez entre outras coisas, apparecer a figura de um defunto num papel posto em agua. Segundo a sua

<sup>1</sup> Doc. n.º 16.

<sup>2</sup> Doc. n.º 21.

confissão servira-se para isso de pedra lume, com que brunira o papel. Os inquisidores, não achando no caso a unha de Satanaz e interessando-os pouco os segredos da chimica cigana, contentaram-se com reprehender a mulher, fazer-lhe restituir o dinheiro que recebera e pagar as custas do processo. A cigana todavia burlou sem duvida o santo tribunal; se de facto as testemunhas viram o que disseram, Garcia de Mira serviu-se de alguma tinta sympathica, cujo segredo não quiz revelar.

Esse processo é por ventura o primeiro no genero que se faz conhecer das Inquisições de Portugal e Hispanha. Borrow diz não ter enconrado nenhum exemplo de interferencia da Inquisição de Hispanha com os gitanos e busea explicar esse facto, á primeira vista singular, com uma gente, cujos costumes causavam por certo horror aos bons catholicos peninsulares, que não podiam ver nelles se não atheus, vivendo em peceaminosa concubinagem, encantadores e adivinhos<sup>1</sup>. O auctor inglez communica uma conversação com um velho ecclesiastico, que fora inquisidor, personagem talvez de invenção do auctor, que lhe dá as seguintes razões da tolerancia inquisitorial para com os gitanos, que, saidas ou não da boca de um verdadeiro ex-quisidor, me parecem corresponder á realidade dos factos: «A Inquisição olhou sempre para elles com muito desprezo para que se desse ao mais leve trabalho por sua causa; porque como nenhum perigo podia derivar dos gitanos, quer para o estado, quer para a igreja romana, era materia de perfeita indifferença para o santo officio, se elles viviam sem religião ou não. O santo officio reservou sempre a sua colera para gente muito differente: os Gitanos foram sempre gente *barata y despreciable*»<sup>2</sup>. Borrow acrescenta por

<sup>1</sup> Vid. p. ex. *Discurso del Dr. Sancho de Moncada*, cit. a p. 92, Quiñones, *Discurso contra los gitanos* (Madrid, 1631), apud Borrow, I, 158-160 e o extracto da *Miscellanea* de M. Leitão d'Andrada, no fim do Appendix I.

<sup>2</sup> Borrow, I, 163-164.

sua propria conta que a religião foi apenas mascara com que se cobriam os verdadeiros motivos das perseguições religiosas, motivos que eram a enbica e a avareza. Não irei tão longe; sem negar esses motivos, não posso todavia deixar de reconhecer que outros existiam muitas vezes. O caracter accomodativo dos ciganos, que, em caso de necessidade, se casariam catholicamente, baptisariam os filhos, iriam á missa e á confissão, e confessariam, como Garcia de Mira, que as suas feitiçarias eram apenas embustes, em que o príncipe das trevas não tinha a mínima intervenção, contribuiam, com a miseria d'essa gente, para que o famoso tribunal ecclesiastico não cuidasse d'elles. Os atheus, os sectarios professos, os feiticeiros e feiticeiras que confessavam ter feito pacto com o diabo eram muito mais interessantes para os inquisidores.

O documento mais antigo conhecido em que figura um cigano com nome portuguez (João de Torres) é a provisão de D. Sebastião de 1574<sup>1</sup>.

Já no seculo XVI alguns ciganos tinham passado ao que parece á vida sedentaria; a lei de 1592 falla-nos de ciganos avizinhad<sup>2</sup>. O alvará de 1606 prohibe que se lhes passem cartas de vizinhança, como faziam os corregedores de Lisboa<sup>3</sup>. Outros documentos mencionam provisões que eram dadas a alguns para andarem ou estarem nestes reinos, taes são a provisão de 1573<sup>4</sup>, e a carta de André de Albuquerque de 1655<sup>5</sup>.

A julgar por esse ultimo documento, eram naquella epocha muito poucos os ciganos que havia no Alemtejo e esses não andavam em vida errante, em quadrilhas; mas é de crer que muitos escapassem ainda ás investigações policiaes, graças ás condições particulares da provincia. Ou

---

<sup>1</sup> Doc. n.º 5.

<sup>2</sup> Doc. n.º 7. Vid. tambem os docs. n.º 8 e 9.

<sup>3</sup> Doc. n.º 11.

<sup>4</sup> Doc. n.º 6.

<sup>5</sup> Doc. n.º 20.

esses ou novos bandos vindos de Espanha davam depois lugar á publicação de outras leis, que evidentemente não tiveram a efficacia que pretendiam, porque elles reapparecem sempre de novo onde se julgava tê-los extinguido.

Nem tudo nos documentos que reuni colloca os eiganos a uma luz desfavoravel. A carta do original e energico procurador da corôa, no tempo de D. João IV, Thomé Pinheiro da Veiga, de 1646<sup>1</sup>, e o alvará d'esse rei de 1649<sup>2</sup> revelam-nos um facto esquecido, embora do maior interesse para a historia e caracteristica dos eiganos.

Mais de 250 homens d'essa raça se acharam alistados no exercito portugûes, desde a restauração do reino, servindo nas fronteiras «com zelo e valor com que já forão muitos apremeados».

Thomé Pinheiro da Veiga, com a superioridade do seu espirito, livre de preoccupações de raças, castas, classes e fidalguias de sangue, aproveita o caso d'aquelle pobre eigano que serviu a sua patria adoptiva «tres annos continuos com suas armas e cavallo á sua custa, sem soldo», combateu «valerosamente no campo, até deixar a vida», para o antepôr ao d'aquelles, não poucos, que d'esse mesmo campo «infamemente fugiram, á vista dos que exforçadamente morreram ou pelejaram» e ao dos que vão ás fronteiras, como a Ormuz, Malaea e Sofala, a vener soldos e riquezas, com muitas condições, pedindo soldos atrasados, devidos ou não devidos, sem servir á sua eusta.

Esse facto basta para resgatar a raça cigana do opprobrio de mais de quatro seculos e para nos fazer pensar em chamar os seus actuaes descendentes, por uma politica mais racional e humana que a dos nossos antepassados, ao convivio da civilização. Os tempos novos trouxeram uma grande tolerancia sem duvida; mas essa não basta. O eigano *outlaw* subsiste ainda; subsiste ainda o seu modo de encarar o es-

---

<sup>1</sup> Doc. n.º 15.

<sup>2</sup> Doc. n.º 18.

tranhlo como uma presa. É preciso que elle vença o espaço que o separa da sua concepção primitiva das relações das gentes para desaparecer com a sua individualidade ethnica em o nosso meio. A boa politica não pode deixar existir, a titulo de curiosidade ethnologica para o estudo dos espezialistas, um punhado de individuos que não se subordinam á organização social do país em que vivem, obedecendo a habitos tradicionacs, mas que de nenhum modo são absolutamente refractarios ao progresso e têm dotes naturacs que os podem tornar proveitosos.

O estudo anthropologico e ethnographico dos ciganos offerece grandes difficuldades, em consequencia do caracter desconfiado e supersticioso d'essa gente. Pires affirma-me que elles não se deixariam medir e foi por via indirecta que elle obteve um pouco de eabello de uni. Todavia se eu pudesse viajar algum tempo no Alemtejo alguma coisa conseguiria, recorrendo ao auxilio de um d'esses proprietarios a quem os ciganos são gratos pela proteecção que d'elles recebem. Mas sem um subsidio do estado ser-me-ha impossivel proceder ás investigações que tenho em vista. Pelo momento tenho que me contentar no que respeita ao typo physico, com os dados obtidos pela simples vista, já por mim, já pelos meus collaboradores, e no que respeita aos caracteres psychicos e aos costumes principalmente com as observações que me ministraram.

**Typo physico.** A estatura dos eiganos é varia, como tenho verificado nos exemplares que por acaso tenho encontrado. L. de Vasconcellos acha-os muito altos, alguns até agigantados. Pires, que primeiro me indicara essa estatura como mais que regular, modifecou a sua observação nuna feira de Villa Viçosa, onde viu grande numero de ciganos, e ellassificou a maioria d'elles como de estatura regular. Mas o que entende elle por estatura regular?

A experiencia tem-me mostrado que o que entre nós se chama estatura regular se aproxima ou coincide (sobretudo de cima para baixo) com o que os anthropologos admittem como a estatura media, e que vem a ser 1<sup>m</sup>,65<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Vid. P. Topinard, *Éléments d'anthropologie générale* (Paris, 1885), p. 463. Como é que se estabelece o typo mental da estatura media ou estatura regular dos observadores á simples vista? Parece que esse typo deve variar segundo os paes e depender da estatura mais frequente de cada povo. Qual é essa estatura no povo portuguez? Faltam-nos dados de investigação para poder responder a essa interrogação. Segundo o art. 69.º de lei do recrutamento de 12 de setembro de 1887, são isentos do serviço militar «os que tiverem menos de 1<sup>m</sup>,54 de altura para o exercito ou 1<sup>m</sup>,50 para a armada»; mas trata-se aqui de um minimo, não de uma media. Pelos *Mappas do serviço do recrutamento* de 1888 e 1889, publicados no *Appendice ao Diário do Governo*, 1890, n.º 21 e 1891, n.º 10, vemos que foram inspeccionados no primeiro d'aquelles annos, no continente e ilhas, 63:674 mancebos, dos quaes 1:436 tinham menos de 1<sup>m</sup>,50 de altura, 2:902 de 1<sup>m</sup>,50 a 1<sup>m</sup>,53 e 59:336 1<sup>m</sup>,54 ou mais; no segundo d'aquelles annos foram inspeccionados 45:535, dos quaes 2:259 tinham de altura menos de 1<sup>m</sup>,50, 2413 de 1<sup>m</sup>,50 a 1<sup>m</sup>,53 e 41:867 1<sup>m</sup>,54 ou mais. Estes dados são insufficientes para resolver a nossa questão. Bom fôra que o serviço da inspecção organisasse tabellas contendo o numero dos inspeccionados repartidos pelas cifras de estatura, de centimetro em centimetro.

Conclue-se, pois, facilmente a difficuldade de interpretar as noticias dos auctores, que, sem medições exactas, nos fallam de homens altos, de estatura media, etc. A. Hovelacque et Hervé, *Precis d'anthropologie* (apud G. Cora in *Das Ausland*, 1890, nr. 31) consideram os tsiganos como pertencendo aos povos de estatura elevada, pois alguns attingem 1<sup>m</sup>,74; outros observadores attribuem-lhes estatura media (Cora l. c.): de que provêem essas differenças de estimativa? Dos observados ou dos observadores? As condições de vida podem influir para a differenciação das estaturas. A miseria tem acção depressiva sobre a estatura. Uma mudança de regimen alimentar basta para produzir num eurto espaço de tempo o abaiamento do nivel da estatura geral de um grupo ethnico sujeito a essa mudança; vid. os exemplos notaveis dados por Köstlin in *Das Königreich Württemberg. Zweiter Band. I. Abtheil. Das Volk*, p. 59-60.

Em geral o cigano não é inferior a essa estatura e excede-a muitas vezes. É magro, comquanto de apparencia robusta, quando novo; de movimentos faceis, ageis. Nas mulheres, mais baixas, a magreza é maior; a cintura delgada, os movimentos ainda mais ageis que os dos homens.

A cabeça é geralmente caracteristica nas principaes particularidades. Cobre-a um cabello, na mocidade, farto, negro como azeviche ou, se se preferir uma comparação já usada, como as pennas do corvo, caindo direito, isto é, não ondulado, perfeitamente semelhante ao dos canarins e que elle usa bastante comprido. A forma da cabeça não dá (a julgar por inspecções rapidas e pouco numerosas) a impressão da franca dolichocephalia, nem da franca brachycephalia, o que não destoa da observação dos anthropologos que põem o craneo tzigano nos limites da mesaticephalia e da sub-dolichocephalia. Apesar do cabello, não se apresenta essa cabeça em geral como grande, antes produz a impressão contraria.

O rosto é comprido, de maçãs geralmente um tanto salientes; enquadrado nos homens por uma barba cerrada ou em patilhas, negra como o cabello e as sobrancelhas, que são bem accentuadas; o mento em geral arredondado, mas nalguns exemplares um tanto agudo.

Os olhos são muito negros, muito vivos; nas ciganas justificam ás vezes o que se diz do tom mysterioso, alternativamente melancholico e alegre dos olhos das mulheres de outros ramos do povo tzigano.

O nariz é aquilino ou recto, não muito saliente, de dorso ora agudo, ora um pouco achatado.

A boca, pouco rasgada, deixa ver duas fileiras de dentes bem conformados e dispostos, de grande brancura.

A tez é trigueiro-pallida nuns, quasi negra noutros, já por ser a côr natural, já pelo effeito do ardor do sol. A pelle é aspera. Excepcionalmente apparecem ciganos mais claros.

Os pés e as mãos são pequenos segundo alguns observadores. Pires na resposta a esse ponto do questionario

que lhe dirigi escreve — grandes, o que conecorda em parte com as minhas observações pessoasas<sup>1</sup>.

Segundo Pires, o typo dos gitanos é o mesmo dos eiganos. O typo de uns eiganos húngaros, caldeireiros, vistos pelo mesmo observador, em maio de 1883, perto de Borba, era mais fino que o dos eiganos e gitanos<sup>2</sup>.

L. de Vaseoneellos diz com referencia ás mulheres eiganas que viu no Cadaval em 1887 e ás que viu na feira de S. João em Evora em 1888 que são feissimas. As que eu tenho visto eram feias, mas a immundicie e os farrapos que as cobriam contribuiam sem duvida para augmentar essa impressão. Mas outros observadores, entre os quaes algumas damas, dizem-me terem visto algumas (nas Caldas da Rainha, no Algarve, etc.) bonitas, uma ou outra até digna de ser chamada bella<sup>3</sup>. A belleza da eigana é porém de eurta duração: pouco depois dos vinte annos desaparece-lhe o viço da mocidade. D'ahi em parte a causa da má impressão de outros observadores, como L. de Vaseoneellos. Nos homens tambem se dá, eomquanto talvez em menor grau, a perda preeoce do viço da mocidade. Todavia Pires diz-me que os eiganos gozam da reputação de longevos. É certo que a perda do viço não é acompanhada de perda de forças. Ciganos e eiganas, de apparencia juvenil ou decrepita, resistem a grandes marehas, deitam-se e dormem na terra muitas vezes humida, lamaenta, sem tecto.

<sup>1</sup> Sobre o typo physico dos tsiganos, vid. P. Topinard, *L'anthropologie* (Paris, 1877), pp. 471-2; G. Lagneau, art. *France — Anthropologie. Race tsigane* in *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales* de A. Dechambre, 5<sup>e</sup> serie, t. v. (Paris, 1879), pp. 15-22; G. Cora, *l. c.*, e os auctores por esses citados.

<sup>2</sup> Hovclaque distinguuiu dois typos tsiganos «l'un fin, au visage plus allongé, plus ovale, aux traits plus concentrés, au nez plus aquilin; l'autre grossier, aux traits plus ramassés, au regard moins perçant.» O eigano representa talvez esse seguudo typo.

<sup>3</sup> Na resposta ao questionario que lhe dirigi escreve Pires a respeito das eiganas: Ha verdadeiras bellezas. Extremamente formosas algumas.

Alguns dão saltos e pulos prodigiosos. Um correspondente de Barbacena conta que um, chamado Joaquim Canhoto, com dois pulos fez cair de um telhado uma navalha que lá tinham posto.

Dormem pouco. Deitam-se, de ordinario, ás 11 horas da noite e em rompendo o sol estão a pé.

**Alimentação.** Não parece haver nenhuma particularidade nas suas comidas, que são as usuaes no Alemtejo. Um observador diz-me que comem pedaços de toucinho cru com pão, o que eu já vi fazer a hispanhoes da Extremadura (não eiganos). Comem toda a carne de poreo, deitando-a, quando a tẽem na sua caldeira onde (pelo menos certos bandos) lançam carne e peixe, tudo misturado, com alguma ave morta que encontram pelo caminho, ainda que em decomposição, e que suspendem a tres varas ensarilhadas. Refere-me o sr. Ferreira Deusdado que, em Trás-os-montes, os eiganos, numa epoeha de fome, chegaram a desenterrar poreos, que tinham succumbido a uma epizotia, para os comerem<sup>1</sup>.

Comem bem quando tẽem dinheiro, como se vê pelas compras que fazem quando atravessam as povoações.

Relativamente a bebidas as testemunhas são divergentes. Um observador não os erê bebedos habituaes, comquanto bebam bem por occasião da feira de S. João em Evora. Uma observadora julga-os amigos do vinho (cf. p. 166). Pires diz que são amigos de bebidas, principalmente de licores, mas que raras vezes se embriagam<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Diversos auctores fallam da nenhuma repugnancia dos tsiganos por animaes mortos de doença. Vid. Colocci, *Gli Zingari*, p. 189, n. 1 e F. Michel, *Le pays basque*, p. 138: «d'autres fois ils ramassent les animaux morts de maladie, n'importe laquelle, les désinfectent au moyen d'herbes à eux seuls connus, et s'en repaissent impunément.»

<sup>2</sup> «Amamo poco il vino, preferiscono la birra e soprattutto gli spiriti. Uno dei più gran regali, che lor si possa fare, è di offrire ad essi mastie, vodka, rak, un alcool qualunque: nè sapprebero senza acquavite celebrare alcuna cerimonia o festa.» Colocci, p. 189.

Gostam muito de doces de que fazem grande consumo na feira do S. João em Evora<sup>1</sup>. (Comunicação do sr. Gabriel Pereira, director da Bibliotheca Nacional).

Finam muito, homens e mulheres. Eu tenho já encontrado ciganas de cachimbo na boca.

**Caracteres psychicos.** O espirito do cigano é vivo, perspicaz relativamente ao circulo estreito de relações em que vive, susceptivel talvez de o ser num circulo mais complexo de relações. (Pires acha-os muito intelligentes.)

São analfabetos. Esta qualidade todavia não significa por si, como se figura a muitos, um estado de profunda miseria intellectual. A leitura e a escripta por si sós são apenas instrumentos de cultura, não a cultura mesma, instrumentos indubitavelmente necessarios para uma verdadeira cultura, mas que podem tambem exercer uma acção puramente negativa quando não se ligam a um bem entendido systema de educação. Faltam-nos infelizmente dados para apreciar bem o intellecto do cigano<sup>2</sup>. Tem elle uma

---

<sup>1</sup> Esse gosto pelos doces parece ser geral nos tsiganos. Vid. Colloci, p. 188.

<sup>2</sup> Não se faz ordinariamente ideia do desenvolvimento intellectual possivel sem o conhecimento da leitura e da escripta, tão costumados estamos o considerá-lo como condição de toda cultura. Citemos alguns factos que provam o que ha de illusorio nesse modo de ver. Os esquimós, analfabetos, sem terem recebido nenhum ensino de desenho, são notaveis cartographos (Francis Galton, *Inquiry into the human Faculty*. Londres, 1883, p. 103-104). Grande numero de homens analfabetos fazem calculos mentaes prodigiosos. A esse proposito lê-se no periodico *La Nature*, 1891, juin 20, extrahido de um artigo de Pincott in *Knowledge*: «Il est parfaitement vrai que les Indiens comptent plus sur leur mémoire que sur les procédés artificiels, et personne ne peut se mettre en rapport avec ce peuple sans être étonné de ses facultés prodigieuses à ce point de vue. Il est de notoriété que la plupart des hommes les plus habiles de ce pays étaient incapables de lire et d'écrire, mais ces connaissances leur faisaient généralement peu défaut, car leur mémoire était chargée de plus de connaissance toujours à leur disposition, que

boa memoria? Quaes as representações particulares que mais facilmente reproduz? As visuaes? As auditivas? Tem a memoria numerica que permite o calculo mental? Sem duvida elle tem a memoria topographica, condição *sine qua non* das suas translações constantes. Tambem possuem boa memoria para os cantos (lettra e musica). Falla o seu rumanho, o hispanhol e o portuguez. Tem um certo numero de conhecimentos tradicionaes, que aproveita nas suas industrias. Conhece ainda, como seus irmãos doutros paises, as propriedades medicinaes, os effeitos narcoticos de certas plantas? Tem alguns conhecimentos astronomicos?

Pouco pudemos apurar da sua capacidade para conservar tradições. Poude-se affirmar, que não ha tradição historica oral<sup>1</sup>, todavia a asserção é talvez um pouco absoluta<sup>2</sup>.) Em verdade os ciganos nada contam hoje do seu passado aos estranhos; quando esmolam dizem «somos do

---

celles que possèdent ceux qui étudient dans des livres. — On sait que Rangit Singh ne pouvait ni lire ni écrire, mais il savait tout ce qui se passait dans un royaume aussi grand que la France. C'était un financier fort capable, qui connaissait à chaque instant l'état de ses richesses, les ressources de ses provinces variées, la nature de leurs revenus, la puissance de ses voisins, les points forts et faibles de l'Angleterre, et, en un mot, à tous les points de vue, un parfait administrateur. Nous commettons l'erreur de croire que les moyens de connaître constituent la connaissance elle même. Cela nous conduit à attribuer le plus grand prix à la lecture, et à l'écriture, et à traiter avec quelque mépris les peuples qui n'ont pas pris la routine de coucher leurs idées sur le papier. Nous devons modifier notre opinion sur ce point en nous rappelant que les merveilles de l'architecture indienne sont dues à des hommes qui ne savaient ni lire ni écrire». Seguem outros factos interessantes.

<sup>1</sup> Gaston Paris in *Revue critique*, 1882, 2<sup>e</sup> série, p. 257.

<sup>2</sup> Os tsiganos chegados a Forli no sec. xv conservavam a tradição da sua origem indiana, como se acha consignado no *Chronicon Fratris Hieronymi Froliviensis* em Muratori, *Scriptores Rer. Italic.* t. xix, col. 890: «Et, ut audivi, aliqui dicebant, quod erant de India». Os ciganos do Brasil conservam a tradição de uma emigração de Portugal em 1718 e dos nomes de alguns emigrantes (Mello Moraes Filho, *Os ciganos no Brazil*, p. 25).

Egypto, da terra do Menino Deus.» Convem insistir na investigação do que os eiganos possam conservar de tradições do seu passado, principalmente de lembranças das perseguições de que nos seculos anteriores foram objecto. O resultado, ainda quando seja puramente negativo, terá por certo interesse.

O eigano tem a paixão do seu modo de vida, em que não sente outras obrigações alem da de acudir á sua sustentação immediata e á da sua familia, pode dizer-se sobretudo á sua sustentação, pois a mulher é a principalmente encarregada do cuidado dos filhos. (As nossas noticias sobre essas relações familiares não são em verdade sufficientes.) A imprevidencia e a aversão a todo o trabalho regular resultam d'aquella paixão e da sua falta de ambição, no sentido em que ordinariamente se entende essa palavra, porque elle tambem tem uma ambição — a d'essa vida livre.

Concebe-se facilmente como essas tendencias dos eiganos os tornem improprios para a vida militar, apesar dos factos contrarios que já foram notados (p. 180). Pelas informações que obtive, sei que um eigano compellido em Elvas ao serviço militar desertou ao segundo dia e que os domiciliados em Elvas que são recrutados desertam tambem em regra.

Parece que não são muito vaidosos. O gosto da ornamentação no vestuario liga-se, não a um sentimento de engrandecimento pessoal, mas sim a sentimentos estheticos. Todavia a humildade que o eigano tantas vezes manifesta ante os estranhos não é expressão de um sentimento espontaneo, mas de um habito de precaução. A hypoerisia é arma de defesa para elle; é ella e nada mais em geral que o faz adaptar, ainda que incompletamente, ás praticas religiosas do povo em que vive. Veja-se o que abaixo dizemos dos baptisados, casamentos e enterramentos.

É muito nervoso e emoeionavel; mas as suas emoções são pouco persistentes.

É absolutamente irreligioso o eigano, como muitas vezes se tem asseverado dos seus irmãos extra-peninsulares e

dos gitanos?<sup>1</sup> Como um povo originario da India, d'essa terra onde quasi tudo tem impresso o eunho religioso, poderia chegar a ser irreligioso? A primeira vista a asserção affigura-se absurda e está-se no direito de pedir d'ella uma rigorosa demonstração<sup>2</sup>.

Os eiganos tẽem, como vimos no *Vocabulario*, os termos *debel* e *otebel* ou *otibé*, que designam Deus. Nos textos ha algumas phrases (n.<sup>os</sup> 41, 49 e 60, p. 9, 10) em que figura a palavra *otibé*. Mas o termo basta para que julguemos demonstrada a existencia de concepções religiosas a elle ligadas? Toda religião se manifesta principalmente em ritos. Tẽem-nos os eiganos? São pagãos ou christãos?

De culto pagão não se indicam entre elles nenhuns elavros vestigios. L. de Vasconcellos dizia em 1887, numa carta, que «adoram os mortos», isto é, tẽem o culto dos antepassados; mas, consultado, não me deu razões para poder-se aceitar isso como averiguado<sup>3</sup>. Da seriedade das crenças dos eiganos como christãos temos motivos para duvidar.

<sup>1</sup> Num artigo do periodico *Das Ausland*, XLIX Jahrg., p. 838 e seg., busca-se refutar a these da irreligiosidade dos tsiganos. O auctor funda-se principalmente na existencia, na lingua dos tsiganos, da palavra *devel*, que Leland e Breitmann supposeram identica ao inglez *devil*: aquella palavra tsigana significa realmente deus. Os tsiganos possuem uma palavra particular para diabo, *beng*, que não ocorre no que reuni do *Vocabulario* dos eiganos. A demonstração dada no artigo não é sufficiente.

<sup>2</sup> Na India ha todavia grupos humanos, como os tchangar do Panjab, os quaes tẽem sido comparados aos eiganos e parecem estranhos a quaesquer usos religiosos. Vid. Trumpp apud Miklosich, *Abhandl.*, III, 2.

<sup>3</sup> Em verdade Colocci diz p. 230: «... certo é che essi (os tsiganos) hanno per i morti lo stesso superstizioso rispetto, che si riscontra in tutti i popoli primitivi, come dimostra lo Spencer». O mesmo auctor italiano cita (ibid.) as palavras de Leland: «The real religion of the Gipsies, as I have already observed, consists like that of the Comteists, in devotion of the dead.» Mas do simples temor supersticioso e do respeito dos mortos a um verdadeiro culto dos antepassados, como o encontramos em diversos povos, a distancia é ainda grande.

Os ciganos não sedentarios não se casau catholicamente e se baptisam os filhos (varias vezes) é por motivos de interesse. Segundo uma informação dada a Pires: «Não consta ver-se um cigauo na missa. (Mas vid. o texto n.º 60 que se refere precisamente a ovvir *otebel*, isto é, o padre a dizer missa.) Frequentam, porém, as igrejas ruraes, fazem oração e deitam esmolos nas caixas.» Das antigas disposições ecclesiasticas parece resultar que alguus se confessavam, com vontade ou sem ella<sup>1</sup>.

Dos factos referidos parece concluir-se que os ciganos não são absolutamente irreligiosos, mas que nelles o sentimento e o conceito religioso se reduzeu a muito pouco<sup>2</sup>.

São supersticiosos, como se indica abaixo; mas a superstição é distincta da religião. Crer, por exemplo, que duas

<sup>1</sup> *Primeiras constituições Sinodaes do Bispado de Elvas*. Feitas e ordenadas pello Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Dom Sebastião de Matos de Noronha, etc. (Feitas em 1633. As licenças são de 1634 e 1635). Tit. xxxxi: «*Dos vagabundos, comediantes e Siganos*. Os vagabundos aqui declarados sejam assentados no rol dos confessados, na freguezia em que se acharem ao tempo da Quaresma.»

<sup>2</sup> Borrow diz com referencia aos gitanos: «All, therefore, whiel relates to their original religion is shrouded in mystery, and is likely so to remain. They may have been idolaters, or atheists, or what they now are, totally neglectful of worship of any kind; and though not exactly prepared to deny the existence of a Supreme Being, as regardless of him as if he existed not, and never mentioning his name, save in oaths and blasphemy, or in moments of pain or sudden surprise, as they have heard other people do, but always without any fixed belief, trust, or hope.» *The Zingali*, I, 150-151. Nós os portugueses empregamos a expressão *oxalá* como una interjeição, sem sabermos (salvo os cruditos) que ella significa: *queira Allah*; mas aqui o termo é estranho á lingua, enquanto *debel* pertence ao nucleo primitivo do vocabulario tsigano, em que necessariamente significou o conceito de una divindade.

Que o tsigano não tem incapacidade absoluta para a religião prova-se pelo facto de que em varios paizes do Oriente o vemos mussulmano ou christão. Essa adopção de crença religiosa coincide com uma mais ou menos adeantada assimilação ao povo de que a receberam e em geral com o sedentarismo. Vid. Miklosich, *Abhandl.*, III, 10-11 e *Das Ausland.*, t. XLVIII (1875), p. 282.

peçoas que lavam as mãos na mesma agua terão rixa nesse dia não se liga a nenhum conceito religioso, mas resulta do mecanismo psychologico, que aproxima as duas representações de mãos que agitam a agua e mãos que se agitam em lucta umas contra as outras, e admite sem reflexão um nexo causal entre os dois casos<sup>1</sup>.

A chiromancia, a cartomancia e outros processos divinatorios podem ser tambem independentes de toda crença religiosa.

É difficil ou antes impossivel resolver a questão se o indifferentismo ou quasi indifferentismo religioso dos tsiganos os caracterisava já ao sairem da India ou se elles chegaram a esse estado, atravessando povos com crenças e ritos religiosos diversos, a que parcialmente pelo menos tiveram que adaptar-se, para escaparem a perseguições.

Onde se revela por completo o estadio primitivo de cultura do cigano é na differença profunda dos seus sentimentos e modo de acção, de um lado para com os da sua raça, os *calés*, de outro para com os estranhos, os *jambos* ou *païos* (*paillos*).

Para com os da sua raça reconhece o cigano direitos e deveres; para com elles tem até virtudes; para com os estranhos não reconhece, em geral, nem direitos nem deveres: o estranho para elle é apenas uma presa, que trata de aproveitar o melhor que pode, com a condição de o fazer o mais possivel a seu salvo<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Sobre o que separa a superstição da religião, vid. H. Steintal, *Ueber den Aberglauben* in *Zeitschrift für Völkerpsychologie*, II, (1862), pp. 83-101.

<sup>2</sup> Quando se diz que o tsigano não conhece auctoridade, regra, principio, preeito, dever (Colocci, p. 155) esquece-se que tal asserção só vale respectivamente ás relações externas da gente d'essa raça. Sem auctoridade, sem regra, sem principio, sem preeito, sem dever não é possivel a existencia de qualquer sociedade humana por mais rudimentar que seja. Os tsiganos em geral reconhecem chefes; isso basta para fazer ver que lhes não é estranho o principio da auctoridade. Diz-se que desconhecem um verbo significando *dever*; mas

Quatro são os sentimentos principais dos ciganos para com os da sua raça: o amor extremo dos filhos, a fidelidade conjugal, a fraternidade, o respeito dos velhos.

Os cuidados que principalmente as mães têm pela prole são numerosos, e quanto a educação physica que lhes dão com o fim de os endurecer, de os habituar aos incidentes de uma vida dura e aventureira, pareçam á primeira vista excluir o carinho. Mas vê-se, por exemplo, o cuidado que têm em evitar que, quando as suas forças não se acham desenvolvidas, elles se fatiguem nas longas marchas: a mãe transporta ás vezes tres filhos ao mesmo tempo, dois ás costas, mettidos numa especie de saeo, e um nos braços. Quando é possível levam-nos num burro, e quanto elles vão a pé. O melhor que arranjam de alimentos é para os filhos<sup>1</sup>.

A fidelidade reciproca dos conjuges era lei firme noutros tempos, segundo a tradição. Um proprietario e cegreiro de Barbaena diz: «A cigana casada com um cigano que é infiel a este é abandonada de todos»<sup>2</sup>.

A fraternidade é ainda hoje bastante notavel. São raras as rixas entre os ciganos, que se encontram bem unidos

têm uma palavra que significa honra (*pati, pachi*, etc.). A palavra *terar*, possuir, diz Colocci, p. 156 n., está quasi esquecida dos tsiganos da Asia. Os ciganos e os gitanos têm nesse sentido *terelar*, que se liga a *terar*; mas por certo nenhum tsigano ignora a distincção do meu e do teu, expressa nos seus pronomes possessivos. É mister não confundir a noção reflectida e abstracta do direito e do dever com as formas concretas e espontaneas com que surgem nas sociedades primitivas.

<sup>1</sup> Cf. Colocci, p. 229, que diz: «Gli Zingari hanno uno viscerato amore per la loro prole».

<sup>2</sup> Cf. Colocci, p. 227: «Per solito l'adulterio é raro fra le Zingare, tanto più che la loro beltà sparisce presto, non si tosto divengono madri...», e p. 228: «Secondo il dott. Solf gli Zingari tedeschi puniscono l'adulterio col taglio del naso alla donna e colle battiture sui gomiti o sui ginocchi per l'uomo.» O que Francisque Michel, *Le pays basque*, p. 140-141, diz das relações conjugações dos tsiganos d'esse país é muito desfavoravel.

em muitas occasiões<sup>1</sup>. Segundo Pires, protegem-se reciprocamente e, em caso de prisão, ministram os meios de subsistencia aos que estão prisioneiros, fazendo para isso até uso dos vales do correio.

Em verdade um cigano velho queixon-se na feira de Villa Viçosa (maio de 1883) a Pires da mudança dos costumes. Antigamente, disse elle, quando algum cigano era preso iam os amigos mais intimos pedir a todos os outros ciganos socorros para o desgraçado e obtinham de 15 a 16 libras que lhe entregavam; hoje é raro que o peditorio chegue a render 2 libras. As mulheres já não são tão rigorosas na fidelidade.

O proprietario de Barbacena dá noticia de ter sido assassinado numa feira por trinta ciganos um da sua raça.

Os ciganos do Alemtejo parece não reconhecerem chefes<sup>2</sup>.

Para com os estranhos os ciganos são aparentemente muito corteses, respeitosos e não pouparam lisonjas; mas a falta de veracidade, o intento de os lograr são a regra.

A espoliação do estranho faz-se por uma serie de processos, que vão num crecendo até ao attentado grave.

O meio mais suave e mais frequente é o peditorio. São sobretudo as mulheres e as creanças que pedem. A arte das ciganas no peditorio é perfeita. Ellas sabem commover principalmente com o espectáculo dos seus filhos nus, ou semi-nus, a descripção da sua vida de miseria, as mães portuguosas. Alcançando um primeiro objecto, pedem segundo, e depois terceiro, até que a caridade se canee. E não esquecerão jamais a casa das bemfeitoras.

Nos casaes isolados (montes, no Alemtejo), o peditorio adquire já o character de uma imposição. Aqui não pedem só as mulheres e as creanças; os homens pedem tambem, geralmente pão, carne, lenha e principalmente pallia para

---

<sup>1</sup> Cf. Colocci, p. 154: «Una fratellanza sincera regna fra tutti gli Zingari e li unisce. In nessun altro popolo anzi il vincolo di razza è più intenso e più rispettato.» Vid. Borrow, 1, 263-266, etc.

<sup>2</sup> Um informador falla todavia de chefes. Vid. p. 216.

sustento das suas cavalgadas<sup>1</sup>. É preciso satisfazê-los para que elles não recorram a outros processos mais violentos de espoliação.

O immediato na escala d'esses processos é o roubo. Os ciganos roubam principalmente aves, animaes domesticos, entre os quaes cavalgadas, e sustento para estas. O roubo á mão armada é muito raro, senão sem exemplo.

O assassinio é tambem perfeitamente excepcional, quer feito no intuito do roubo, quer de defesa ou por vingança.

Ha pouco os jornaes deram noticia de um assassinio praticado por ciganos em Chacim, comarca de Macedo de Cavalleiros (Trás-os-Montes) por um futilissimo motivo. Os ciganos andavam com as suas cavalgadas numa propriedade do parcho, cujo creado os intimou a saírem de lá. Então elles enfureceram-se e crivaram de facadas o rapaz<sup>2</sup>.

Mas de todos os processos o mais frequente que o cigano dos dois sexos emprega para arrancar dinheiro ou algum objecto de valor ao estranho, é o logro, a burla, que so opera por modos muito variados e para que elle revela um talento especial, como se mostrará mais abaixo.

Independentemente da necessidade que o impelle, junto com o seu desamor ao trabalho legitimo, a lograr o estranho, não pode deixar de reconhecer-se um espirito de mystificação, que o leva a comprazer-se não só no fructo do logro, mas até no proprio logro.

Diversos factos provam que o cigano é susceptivel do sentimento de gratidão para com o estranho que o protege, respeitando-lhe a propriedade e servindo-lhe até d'intermedio fiel em negocios, principalmente na compra e venda de cavalgadas<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Em geral não pedem dinheiro. Nas feiras, communica-me Pires, só os ciganos mais moços pedem apenas eigarros.

<sup>2</sup> Vid. *O Dia*, n.º 1511, 21 de julho de 1892.

<sup>3</sup> O modo por que o cigano considera o estranho é perfeitamente proprio de um povo que se conserva num estadio primitivo. Não são realmente os seus caracteres psychologicos e especialmente a natu-

Parecem ser muito limitadas as aptidões estheticas dos ciganos. Gostam de vestuarios ornados, (mas essa ornamentação é muito rudimentar), de collares de contas (as mulheres), de abotoaduras metallicas; mas deixam cair em farrapos com facilidade esses vestuarios que trazem até á ultima. Fallece-lhes o instincto do asseio.

Não têm musica instrumental propriamente dita<sup>1</sup>. Quando cantam acompanham-se de castanholas e pandeiretas. Os seus cantos parecem não ter originalidade, ser apenas os cantos populares do país ou cantos hispanhoes<sup>2</sup>.

---

reza das suas relações com os estranhos que o distinguem verdadeiramente, mas sim a persistencia d'esses caracteres no meio da civilização europea, através de alguns seculos. Considerar o roubo exercido na propriedade dos estranhos á raça ou á tribu como um acto perfeitamente permittido é um conceito corrente nos povos primitivos. O roubo a descobertô estava longe de ser considerado entre os barbaros como deshonoroso, ao contrario do furto a occultas. (Vid. J. Grimm, *Deutsche Rechtsalterthümer*, 2te Ausg. 634-635). Strabão (III, 3, 5) descreve-nos os lusitanos como ladrões. Dos germanos diz Tacito: «materia munificentiae per bella et raptus (*Germ.* 14)». Já Polybio (III, 98) e Tito Livio (XXII, 22) notaram que a perfidia era característico de todos os barbaros. O meio em que vivem os ciganos não lhes permite hoje o roubo á mão armada, as grandes violencias, os ataques das aldeias, de que na história de outros ramos da sua raça ha alguns exemplos; por isso elles se limitam ao furto, ao logro.

A preguiça para o trabalho regular, junto com a mobilidade constante, o odio ao repouso caracterizam tanto os ciganos como os povos barbaros em geral. Tacito refere dos germanos: «Fortissimus quisque ac bellicosissimus nihil agens, delegata domus et penatium et agrorum cura feminis senibusque et infirmissimo cuique ex familia: ipsi hebent, mira diversitate naturæ, quum idein homines sie ament inertiam et oderint quietem (*Germ.* 15)».

Poder-se-hiam multiplicar os parallelos ministrados pela ethnographia antiga e moderna.

<sup>1</sup> Outros ramos da raça tsigana revelam consideravel talento musical, principalmente os da Hungria. Vid. Colocci, p. 279 e seg.

<sup>2</sup> Ora se têm attribuido aos tsiganos talento poetico ora se lh'o tem negado. A verdade parece-me ter sido de perto attingida por Schuchardt no seu interessante estudo *Die Cantes flamencos*. Os

Os seus bailados são também reproduzidos dos populares do país ou da Hispanha, principalmente dos ultimos <sup>1</sup>.

Têm os ciganos contos tradicionaes e proverbios ?

Quando juntos, segundo um informador de Pires, fallam em valentias e negoeios de cavallos. São, em geral, muito falladores. Uma pequena discussão torna-se entre elles facilmente verdadeira algazarra.

---

tsiganos, diz elle, são certamente um povo de muito poucos dotes poeticos e os rudes vestigios de poesia que entre elles colhemos revelam a influencia dos povos entre os quaes vivem. Frederico Müller dissera que o valor artistico das poesias dos tsiganos hungaros, que elle colligiu, era nullo ou menos que nullo; a rima e o rythmo que apresentam provêm de modelos magyares. Nas poesias dos tsiganos da Bucovina publicadas por Miklosich ha influencia manifesta da poesia popular dos rumenos e pequenos russos. Esses factos tornam pouco crível que a poesia dos gitanos, os cantos flamencos, seja um producto original d'elles, couservado ou nascido no meio de um povo tão felizmente dotado com relação á poesia como o são os habitantes do sul da Hispanha, aos que os gitanos se assimilaram, principalmente na lingua, mais que os outros ramos tsiganos aos povos com que se achavam em contacto fora da peninsula. Infelizmente a musica gitana está mal estudada e falta assim o conhecimento de um importante dado da questão; todavia a exposição de Schuchardt leva á convicção de que os cantos flamencos «não são de modo algum modificação de uma antiga, genuina poesia dos gitanos, mas na essencia poesia andaluza, que em primeiro logar experimentou uma certa gitanisação na linguagem». Vid. no Appendix II algumas rapidas considerações sobre a poesia dos ciganos do Brasil.

<sup>1</sup> Um versejador do sec. xvii allude ás danças das ciganas, as quaes já vimos figurar em Gil Vicente :

Como se viu aqui nesta pendencia,  
Que se acendeo nas damas Toledauas,  
Sobre huma curiosa impertinencia,  
Acodirão da Sé com partazanas  
Seis conegos mancebos, e em chegando  
Fizerão nas dançar como ciganas.

Diogo Camacho, *Jornada ao Parnaso in Phenix renascida*, v, 12. Vid. outra allusão no extracto da *Miscellanea* de Miguel Leitão d'Andrada, no fim do Appendix 1.

As aptidões industriaes dos ciganos são menores que as de outros ramos da sua raça, visto terem perdido a industria dos metaes. As eiganas quando querem bordam com alguma perfeição. Os homens manifestam a sua habilidade sobretudo em eneobrir as mazellas do gado que querem vender por bom, e noutras artimanhas de que abaixo se eneontrará noticia. De todo o trabalho aquelle pelo qual tõem maior negação é a lavoura. Referiu-me o sr. Ferreira Deusdado, que é transmoutano, que ciganos esfaimados, aos quaes se offerecia em razoaveis condições trabalho agricola, tentaram manejar a enhada, mas vendo em breve as mãos callejadas, largaram-na, dizendo preferirem morrer de fome a tal trabalho.

A historia mostra-nos que o caracter dos povos se modifica sob a acção de diversos agentes. Os allenães, os francezes de hoje conservam, por certo, peculiaridades que nos fazem ver nelles os descendentes dos germanos de Tacito e dos celtas de Cesar; mas que modificações profundas ao lado d'essa limitada persistencia de velhos caracteres! O gitano, o eigano experimentaram já, nos quatro ou cinco seculos que passaram immergidos no meio peninsular, grandes modificações, algumas das quaes poueo proprias para os fazer seguir no caninho do progresso. Na Hispanha, a obra da assimilação tem progredido muito mais que em Portugal, para o que contribuiu sem duvida o interesse que lá tem inspirado o gitano e por ventura certos caracteristicos communs ao andaluz e ao eigano; emquanto nós, povo de indifferentes, nada queremos saber do gitano e só sabemos o que o acaso nos obriga a aprender.

Em diversos paizes grupos tsigãos, alguns dos quaes numericamente consideraveis, tõem abandonado a vida nomade, o latrocinio, para se tornarem sedentarios e se entregarem a misteres licitos <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> «La Ungheria, che li sa più artigiani che agricoltori, non li obbliga al lavoro della terra che per quel tanto, che giudica conve-

Completarei este esboço psychologico com algumas noticias relativas á lingua, industrias, costumes.

**Lingua.** Como já se disse os eiganos de Portugal fallam o portugûes e hispanhol, alem do rumanho ou romanó. No Alemejo fallam o portugûes com a pronuncia alemejana.

O rumanho é só fallado entre elles, especialmente quando bebem.

Affirma-se que todos fizeram o juramento de o não ensinarem a ninguem estranho á raça, e que é mais facil um cigano deixar-se matar que descobrir o segredo da sua lingua. Communicou-me o sr. conde de Ficalho que, tendo interrogado um cigano alemejano acêrea da sua lingua particular, este lhe dissera que hoje quasi ninguem a sabia, buseando assim desviar o interrogatorio sobre um assumpto para elle melindroso.

Uma senhora, mulher de um lavrador alemejano, conseguiu saber de creanças eiganas, a quem dava esmolos, alguns termos que communicou a Pires e formaram o ponto de partida de suas investigações. As creanças tinham revelado os termos a medo e pedido á dama que as não denunciasse, porque seus paes as matariam se o soubessem. Essa senhora habitava em 1883 em Penna Clara, mas havia já quarenta annos que tinha aprendido os termos em o monte (casal) da Defesa, perto de Villa Fernando.

Pires encontrou em dezembro de 1883 um cigano, menos eserupuloso, que lhe disse que o rumanho que fallam os eiganos alemejanos é o mesmo que o dos hispanhoes,

---

niente ai lori bisogni e non vi costringe generalmente altro che coloro, i quali non hanno stato fisso, professione o mestiere. — Continuano dunque ad esser ciò che sempre furono: calderaj e veterinarj, musicisti e ballerini, artigiani e cantori. — I battesimi si fanno regolarmente; i fanciulli frequentano la scuola e la chiesa. S'inciviliscono, taluni si arricchiscono e la loro natnra, abitualmente dolce, lascia sperare all'Ungheria i più felici risultati della sua iniziativa filantropica.» Colocci, p. 121; vid. todo o capitolo iv da sua obra.

e pretendeu que os hungaros (tsiganos caldeirciros, que tẽem vindo ao Alemtejo) fallam a mesma lingua. Esse cigano dietou o calendario impresso nos textos, mas não deu a sentença relativa a novembro, por mais que Pires teimasse com elle, declarando que muito tinha elle já dito, e que se os seus soubessem lhe cortavam a cabeça.

Todavia, os que conhecem alguma coisa do rumanho conseguem mais facilmente obter informações sobre elle dos ciganos. Foi o que aconteceu a L. de Vasconcellos.

«Os ciganos em estando juntos, só se entende o que elles querem; são como os cordoeiros da Galliza, que não se entende o que dizem em estando juntos e fallam em português». Informação do proprietario de Barbacena<sup>1</sup>.

Parece que os ciganos sedentarios de Lisboa conhecem em geral pouco do rumanho, ou romano, como elles dizem. Os de Evora não conservam vestigios d'essa linguagem, segundo informação do sr. Antonio Francisco Barata, conhecido escriptor e bibliothecario da Bibliotheca publica d'aquella cidade.

**Vestuario. Armas.** Pires enviou-me a seguinte descripção do vestuario dos ciganos alemtejanos.

Os homens usam jaqueta, usualmente de astracan ou fazenda semelhante, curta, muito justa ao corpo, com refego nos hombros, canhões com botões de alamares, que são de prata no vestuario dos ricos, de cordão entrançado ou de fita no dos pobres.

O collete é aberto, de tres ou quatro botões, com a golla voltada.

---

<sup>1</sup> O segredo da lingua é geral nos diversos ramos da raça tsigana: «..... non deve credersi che il raccogliere dalla viva voce di quei nomadi le parole del loro idioma sia cosa spicciativa ed agevole. Anzi ciascuno sa come essi siano tanto generalmente e stranamente gelosi custodi del segreto della loro lingua che di rado l'un d'essi volle iniare lo stranero nei misteri della propria favella.» Colocci, p. 247. Vid. a passagem de Paspatis por elle citada.

As calças, de casimira ou de cotim, alargam para baixo, tomando sobre o sapato essa forma de polaina a que se dá o nome de boea de sino, exactamente como as calças do fadista. É a forma preferida pelos ciganos abastados; os pobres usam calças direitas.

Os sapatos ou botas são brancas. O chapeu é de aba larga, preto ou côr de café com leite. A camisa é de tecido branco ou chita estampada; as meias brancas.

Os ciganos abastados usam lenço de seda ao pescoço, grandes botões de oiro na camisa e relógio com grossa corrente. Tanto esses como os pobres trazem sempre esporas.

Os pobres apparecem nas feiras com o vestuário roto, esfarrapado, sem meias, com o calçado arruinado e alguns com grandes tesouras de tosquia de gado, mettidas nos coses das calças, apparecendo as asas por cima das cintas.

Usam todos um varapau eurtos e poucos trazem navalha.

Se são atacados, defendem-se ou com as tesouras ou com o varapau. Alguns têm espingardas de caça.

As mulheres abastadas usam vestido de chita de côres vivas ou azul com pintas brancas, um pouco curto, com quatro ou cinco ordens de folhos, a partir da eintura; o corpete é justo o afogado; a manga eurtas, com franzidos ou lisa.

Trazem muitas saias (como as ovarinas), de modo que formam grandes ancas. Pende-lhe de uma fita, em regra de seda, que põem ao pescoço, uma cruz de oiro.

Da cintura desee-lhe um avental de chita com grandes enfeites de fitas.

As costas lançam um pequeno chaile de côr (azul, verde, etc.), com largas franjas.

Das orelhas pendem-lhes grandes brincos de oiro. A cabeça é coberta com lenço de seda ou algodão, de côres vivas.

Usam, emfim, sapatos ou botas brancas ou pretas.

As ciganas pobres usam vestido de cores vivas, mas ordinariamente sem folhos e um corpete largo; não usam collar ao pescoço e muitas andam descalças.

As ciganas, em geral, apartam o cabelo ao meio e dividem-no aos lados. Atrás fazem um grande *periquito*; pregam-no com ganchos e atam-no com fitas de côres, e aos lados arranjam grandes caracoés sobre as orelhas com o cabelo entrançado, pregando-o com ganchos. Outras trazem o cabelo entrançado e caído pelas costas abaixo, com laços de fita nas pontas. Untam-no com azeite d'oliveira <sup>1</sup>.

Ha uma quadra popular alemtejana, collida por Pires, relativa ao cabelo das ciganas :

Pentiê o mê cabelo  
P'ra trás com'ás ciganas !  
Agora poss' é dezer  
Qu'os trajos fazem as damas.

As creanças dos dois sexos não tẽem pela maior parte, até aos 7 ou 8 annos, outro vestuario além da camisa,

<sup>1</sup> Sobre o vestuario dos tsiganos em geral, vid. Colocci, p. 190-194. O vestuario dos ciganos deriva sem duvida, com modificações, do dos gitanos, que Mayo descreve, p. 41 :

«Cuando disfrutan de algunas comodidades, los hombres tienen especial afición á la ropa blanca, á la camisa limpia y bien almidonada, á la chorrera vistosa, á la pechera bordada.

«El traje en rigor es el mismo que gasta el pueblo bajo en Andalucía, más ó menos rico, de pana ó terciopelo, de paño ó algodón; chaqueta ó zamarra bordada, con alamares ó botonadura de plata; alpargatas ó zapatos, botines ó borceguies, todo de colores chillones, celeste ó encarnado; sombrero calañés, ancho en general, ó gorro encarnado en la costa de Cataluña.

«De las mujeres puede decirse otro tanto. Su traje es el que las andaluzas han llevado hasta hace pocos años, y que los gitanos non han cambiado. Así se las ve con su saya-corta y de poco vuelo, adornada de randas volantes, su manton más ó menos grande sobre los hombros, su pañuelo de puntas á la cabeza, hecho un nudo á la garganta, echado sobre la frente ó caído sobre la nuca á voluntad, flores y cintas por adornos, colores tambien chillones en todas sus prendas.»

Como nota Mayo, não pode saber-se qual era o antigo traje dos gitanos, prohibido pelas leis hispanholas, e que era sem duvida o mesmo dos antigos ciganos, prohibido pelas leis portuguezas.

muitas vezes esfarrapada, e trazem o cabello sujo e emmarranhado <sup>1</sup>. Os adolescentes solteiros, pobres, andam em geral descalços.

Todavia, segundo uma outra informação, algumas ciganas vestem os filhos, se por ventura obtem da caridade alguma roupa de creança.

**Domicilio. Estancias. Viajens.** Muitos ciganos abastados ou remediados acham-se domiciliados em Evora, Portel, Moura, Estremoz, Vidigneira, Villa Viçosa, em diversas terras da Extremadura e até alguns em Lisboa; d'ahi partem para as feiras e diversas excursões, como os que têm vida errante. Estes, no Alemtejo, estanceiam nos arredores dos montes (casaes) e ao ar livre. De inverno fazem grandes fogúeiras com lenha dada pelos lavradores, ou que elles apanham, e constroem alguns abrigos com piorno e tudo o que podem encontrar que lhes sirva para esse fim. Outros dormem junto das paredes, cobertos com mantas e cobertores sens, ou nos fornos e cabanas das herdades, ou em casas meio arruinadas e abandonadas. Têm enxergas em que se deitam e que nas jornadas servem de apparelho ás cavalgadas.

Vagueiam de monte em monte (casaes, no Alemtejo), estaciouando junto de cada um algumas semanas seguidas.

As comidas, durante essas estações, são feitas pelas mulheres e ao ar livre, e de ordinario pedem ao lavrador ou lavradora tudo o que precisam para seu sustento, de modo que os ciganos constituem, como observa Pires, uma verdadeira praga do lavrador alemtejano.

Com os seus habitos de cortesia, pedem previa licença ao lavrador, que não lh'a recusa de ordinario, porque os teme como roubadores de gado.

---

<sup>1</sup> «I fanciulli non rievono fino a dieci anni il vestito. — Ora però in quasi tutti i paesi sono stati costretti a smettere tale indecenza.» Colocci, p. 194.

Na villa de Barbaena, logar pobre, habitaram ha alguns annos, durante um inverno, umas casas derrubadas na rua do Forno nns ciganos, que, segundo o informador, já mais vezes referido, d'essa localidade, parecia que estavam bem, pelo luxo que rompiam.

Ninguem lhes pedia renda d'essas casas arruinadas.

Os ciganos do Alentejo, segundo as informações de Pires, não tõem tendas nem carros. Segundo uma informação do sr. Antonio Francisco Barata, os ciganos que vão á feira do S. João naquella cidade não levam carros, mas levantam pobres tendas fora da muralha, se não tõem casa na cidade.

Na Extremadura improvisam muitas vezes uma tenda com uma peça de linhagem ou outro tecido que fixam de um lado a uma parede a certa altura, de outro no chão e que assim lhes serve de abrigo.

Fazem longas marchas a pé, mas transportam-se tambem a cavallo, indo ás vezes dois e tres no mesmo animal. Pelo caminho alguns vão caçando, para o que tõem galgos. Os pobres nomades vão ás feiras com todos os individuos da familia.

Por occasião das feiras, pobres e abastados estacionam num campo ou outro logar proximo, ao ar livre, debaixo das arvores, se as ha.

Chegados a um logar novo para elles, tratam de se orientarem e conhecerem bem os arredores, pereorrendo-os, sob pretexto de caça, para saberem onde poderão ir roubar.

Para onde vão levam os seus gados, que deixam pastar em volta do seu acampamento, presos pelo pescoço uns aos outros ou peados. Quando não ha pasto, põem-lhes em frente golpelhas com palha.

Em Lisboa residem algumas familias eiganas, no bairro oriental, ha muitos annos; ontras vieram-se fixar aqui, recentemente, de diversos pontos da Extremadura.

Communica-me o sr. Antonio Francisco Barata que em Evora vivem e pousam ciganos no bairro de Cogulos, na rua de Santa Maria e travessas proximas d'essa rua; mas

só 4 familias tẽem residencia fixa alli; os demais ciganos tẽem casas arrendadas para residencia temporaria, entrando e saindo. Arraiolos (e Torrão, como me diz o sr. Gabriel Pereira) não admittem os ciganos, repellindo-os á força.

**Occupações, industrias.** Essas occupações e industrias reduzem-se quasi exclusivamente para os homens á venda, troca e preparação para a venda e troca de gado muar, cavallar e asinino, á venda de fazendas (principalmente na Extremadura), contrabando, á tosquia de gado, e ao roubo.

Não são creadores de gado, mas passam por bons conhecedores. São em geral bons cavalleiros. Alguns tẽem sido toureiros.

Algumas ciganas (e mais raramente ciganos) residentes em Lisboa são negociantes ambulantes de pannos.

Concorrem ás feiras (não ha nenhuma no Alemtejo e na Extremadura em que não appareçam) com seus gados e outras mercadorias. Nos negocios de troca de cavalgadas querem sempre receber dinheiro além de animacs. Enganam com grande astucia os compradores e trocadores, até os que se julgam muito finorios.

Um lavrador do Crato contou-me que um vizinho d'elle vendera uma burra viciosa aos ciganos; foi a uma feira e comprou-lhes uma burra que julgou ser bem differente da sua. De volta a casa, um vizinho disse-lhe que a burra parecia a mesma que vendera aos ciganos. O comprador em breve verificou que assim era, porque apenas o animal transpõz uma cancella, deitou a correr como era seu costume.

Pintam os animacs e disfarçam por todos os modos os seus defeitos.

Fazem erer que um animal velho e cançado é vivo e bravo, pondo-lhes em cima a palma da mão, em que escondem uma agulha, com que o picam, para que pinoteie.

Um *sportman* desejava um cavallo de determinada côr; um dia appareceu-lhe um á medida dos seus desejos, que

comprou; mas pouco depois reconheceu que fôra burlado por ciganos que tinham pintado o animal<sup>1</sup>.

Não consta que os ciganos se occupem nas industrias dos metaes<sup>2</sup>. O informador de Barbacena diz: «Só me lembro de apparecer aqui um que trabalhava de ferreiro e fez uma safra ao João Ferreiro, que é onde malha o ferro».

No Alemtejo e talvez nas outras provincias não ha differença de occupações entre os ciganos abastados e os pobres; mas os primeiros não esmolam e só vão aos montes para negocio; vivem nas povoações e trajam melhor.

**Occupações das ciganas.** Nenhuma ciganas em Portugal têm por profissão o canto e a dansa. Alem dos cuidados familiares, vemo-las commerciareem em fazendas, como os homens, lerem a buena dieha, serem curandeiras (o que parece raro), mendigarem com maior ou menor frequencia, sem viverem exclusivamente da mendicidade, fazerem bruxarias e sobretudo roubarem e burlarem os estranhos por diversos meios.

A buena dicha não gosa hoje entre o povo de tanto credito como noutros tempos; todavia nas terras de provincias, é principalmente para as raparigas, um divertimento,

---

<sup>1</sup> O negocio de cavalgadas pertence ao numero das mais antigas occupações dos ciganos. Vimo-lo já figurar na *Furça das ciganas*. Muitas das burlas que elles fazem nesse negocio são mais ou menos typicas. «Per far poi apparire il cavallo vivace e ardente, lo frustano terribilmente, gridando alcune parole di eccitamento: cosi, quando si tratta di venderlo, basta ripetere queste parole che la povera bestia, memore delle frustate, si anima, solta e caracolla; onde il compratore è persuaso che il cavallo è sensibile alla voce e di carattere vivaissimo. — Più forte sarebbe l'ingano che riferisce il Franz; e cioè che introduceano un'anguilla viva sotto la coda dei cavalli onde con sifatto stimolo acquistano maggior alacrità.» Colocci, p. 200.

<sup>2</sup> Os ciganos perderam cedo, ao que parece, a industria dos metaes (vid. p. 175), que conservam noutros paises. Vid. Colocci, p. 195-200. Na Hispanha ha ainda gitanos ferreiros. Borrow, 1, 64-65; Mayo, p. 37.

que se paga a troco de alguns vintens, chamar uma cigana (mais raramente um cigano: os homens também ás vezes lêem a buena dicha) e ouvir d'ellas a sina. A buena dicha lê-se nas linhas da palma da mão <sup>1</sup>.

As ciganas também deitam cartas, modo de divinação em que têm muitas rivaes pòrtuguesas, algumas das

<sup>1</sup> Sobre a chiromancia dos tsiganos em geral, vid. Colocci, p. 208-211; sobre a buenaventura dos gitanos, Borrow, 1, p. 167 e segs. Não tendo colligido nenhuma buena dicha, reproduzo aqui as seguintes buenaventuras de um artigo de Demófilo (Machado y Alvarez), publicado em *La Enciclopedia*, año v, n.º 31 (Sevilla, 1885), as quaes servirão de commentario á *Farça das Ciganas*, de Gil Vicente, na parte respectiva.

1. «En el nombre sea de Dios, que tu ventura sea buena, resalá. Eres hija e buenos pares y e buena mare y tierresita buena e por sí: jase pocos dia q'has tenio un disgustiyo con una presona que tu quieres en este mudo; tu me quieres á dos presonas una para pasá tiempo y otra para tu gosc, que vas a sé mare e cuatro churumbeliyos: pos jase dias que te presiguen males lenguas tan solamente per conversaciones que tu tienes con ciertas presonas.

Trin pa acá, trin pa ayá, catrafun catrafun y la santissima Trinia.»

2. En el nombre sea Dios, que tu ventura sea buena. Tu tienes los ojios de enamoraó que tu me las piya á tiento y me las matas cayando: tu tienes un poquito de mar génio pero te se pasa al instante; eres hombre e secretos y hombre que nunca miras los intereses pa ná: tu eres una presona que has querio á dos, á una ha sio lealmente y á otra pa gana e conversasion y á una le igiste, que ibas á gorvé y le gorviste... las espardas: tienes que sé pare e cuatro churumbeles: tu has estao eriaudo una cachigordita artita e pecho: cumple tu con la gitana de buena gana que te voy a esí lo mejó e la buena ventura.»

3. «En el nombre sea de Dios, que tu ventura sea buena, graciosa.

Tu tienes un disgusto con una presona que bien quieres y no es per comia ni per bebia que es per una presona que tu quieres que la tienes en tierra estraña, pues tu tas escubierto á una presona que ta pagao malamente pues tu tienes que recibí una carta de una presona que bien quieres y tiene que ser en na un dia señalao: tu tienes que ser en este mundo mare e cinco hijos y tienes que ser easá con un José; cumple tu con la gitana morena que t' ha dicho la buenaventura, graciosa.»

quaes tẽem feito fortuna. Uma cigana, segundo a informação de uma senhora que residiu no Algarve, onde a encontrou, fazia uso na cartomancia de um baralho de cartas muito pequeno e com desenhos não vulgares.

As bruxarias das ciganas tẽem por fim burlar os pobres de espirito, arrancaudo-lhes dinheiro e objectos de valor, já em paga dos seus serviços, já snbrepticamente. São sobretudo victimas as esposas que desejam reconciliar o amor do marido infiel, os namorados e particularmente as namoradas que aspiram a ter firme a affeição do objecto amado, os ambiciosos que cubiçam thesouros escondidos ou a prompta multiplicação dos seus haveres. Referi-me já ao processo inquisitorial de Garcia de Mira, que no seculo XVII nos apresenta exemplos das artes magicas das ciganas. Darei noticia de alguns casos modernos do mesmo genero, a que em Lisboa e proximidades se dá o nome de *bagatas* (vid. p. 153).

Ha annos em uma cidade do norte de Portugal uma esposa hospedara em casa umas ciganas que não tardaram em descobrir que o marido d'ella não era fiel aos deveres conjugaes; e, como se tivessem por effeito de suas artes mysteriosas penetrado no segredo, se propozeram quebrar o encanto que prendia o adultero á mulher illegitima. A pobre esposa, dominada pelas feiticeiras, prestou-se a ministrar os meios de fazer o grande feitiço, cujo resultado era asseverado infallivel. Era preciso passar ás mãos das ciganas o melhor objecto de oiro que houvesse em casa: a esposa entregou-lhes um valioso cordão de oiro, que não correria perigo, porque tudo seria feito á vista d'ella. O cordão foi pelas ciganas envolvido em panno com um pouco de cabello loiro, da côr do da bella, causa do crime; o panno foi cosido á linha, e no embrulho, formando como uma almofada, espetaram-se muitas agulhas. O feitiço devia ser posto durante oito noites debaixo do travesseiro do infiel, sem elle saber nem suspeitar tal coisa, porque se o soubesse ou se alguẽm lhe tocasse antes de findo o prazo, não só se teria mallogrado o feitiço, mas

ainda resultariam grandes males. Fez-se tudo como as ciganas indicaram. Ellas disseram que iriam dar umas voltas e viriauo ao fim dos oito dias para desfazêrem o feitiço. Mas os dias passaram e as feiticciras não voltaram. A esposa afflicta resolveu-se a abrir o embrulho enfeitado; mas o cordão não estava lá.

Com o titulo de *Bruzarias da actualidade*, lê-se no *Diario de Noticias*, de 31 de maio de 1884 (n.º 6:591):

«Deve ser julgado hoje, no 1.º districto criminal, um processo a respeito de crime cuja historia nos parece interessante, e que, se revela astucia da parte dos auctores, não é decerto um grande elogio á esperteza dos queixosos. Não antecipemos juizos, vamos aos factos.

«Em principios de abril do anno passado apresentou-se no commissariado da 1.ª divisão Gonçalo Antonio Rodrigues, morador na quinta Pequena do Valle Escuro, queixando-se de terem ido a sua casa duas ciganas, dizendo uma d'ellas á mulher do queixoso que a outra adivinhava, e por isso soubera que naquella casa havia um bahu escondido, desde o tempo dos francezes, completamente cheio de dobrões em ouro de cinco moedas cada um, e offerecendo-se para attrahirem o referido bahu. O queixoso e a mulher não acreditaram nem deixaram de acreditar, ficaram em duvida; mas, apesar d'isso, auctorisaram as mulheres a fazerem o que entendessem necessario para deseobrir o appetecido bahu. No dia seguinte appareceram novamente as duas ciganas e pediram uma bacia de mãos com agua e cinco pedras de sal, recommendando as ladras ao ingenho queixoso que deitasse na bacia todo a dinheiro e ouro que tivesse. Tudo lhes foi satisfcito. As milagreiras deitaram fogo ao sal e este ardeu!!! De roda da bacia estavam as duas ciganas, o queixoso e a mulher, cada um com cinco fosforos accesos na mão e rezando uma estação ao Santissimo, estando na casa, sobre uma mesa, um Santo Christo, tendo de cada lado uma vela accesa. O queixoso e a mulher vendo arder o sal acreditaram no poder das matronas. O caso era simples, — o que ardia eram umas

pedras de camphora, porque as de sal tinham sido substituidas por estas. Acabada a oração, pediram um ovo fresco que deitaram em uma talha juntamente com o ouro que estava na bacia, afirmando que, se o ovo apparecesse cozido, era signal certo de que o bahu queria que o tirassem do esconderijo. D'esta vez ainda se foram embora, pedindo duas garrafas para no dia seguinte levarem, uma cheia de agua de sete fontes e outra com agua benta de sete pias.

«Voltaram no dia seguinte, com as garrafas cheias; veiu novamente a bacia em que ellas deitaram o conteúdo das garrafas, juntando-lhe o ouro e dinheiro do queixoso; em seguida tiraram o ovo que realmente estava cozido (pudera, cozido estava elle antes de entrar na talha) e disseram ao queixoso que o picasse, e deitasse por sua mão na agua da bacia. A milagreira então esborrachou o ovo, misturou tudo e extraíndo a agua, deitou-a em um quarto aonde, diziam, deveria estar o bahu. Embrullhando o ouro em uma toalha, guardaram-na em uma commoda. Dois dias depois, ainda voltaram, tirando outra vez o ouro, mettendo-o em uma pueara de barro, que fecharam num bahu, cuja chave deram ao queixoso para que este a deitasse no poço afim de attrahir outro thesouro, recommendando-lhe que não tocasse no bahu, nem mesmo o fizesse estremecer, pois que observadas estas prescripções o bahu apparecia na noite de S. João ao eimo da agua do poço e ellas o puchariam com uma fita. Assim que o queixoso deitou a chave no poço, as santas mulheres despediram-se, dizendo que iam muito longe, buscar terra de sete cemiterios que era só o que faltava para os queixosos ficarem ricos, porque ellas por sua parte só aaceitariam o que elles dessem, porque não podiam pedir nada.

«Os objectos de valor que serviram a este estúpido manejo, foram cinco cordões, uma corrente com uma medalha, dois aneis, dois pares de botões, dois corações, uma medalha, um erucifixó, tudo de ouro, duas moedas de dez mil réis, duas de cinco mil reis, dez libras, e dinheiro em

prata quarenta mil e quinhentos, fazendo o total de réis 356\$000.

«Como era de esperar, os queixosos passaram o mês de maio a espreitar á borda do poço a chegada do bahu, porém, o teimoso não apparecia. Afinal, com a chegada de junho, os calores proprios da epocha, aqueceram-lhe o animo e resolveram arrombar o bahu. Encontraram a pucara tapada com a toalha que lhe tinham posto.

«Olharam um para o outro ainda na duvida de a destapar, porém, o queixoso, mais audaz, levantou um pedacinho e... grande foi a decepção! O mysterioso cofre não tinha dentro um só dos valores que lá deviam estar!

«Correram á policia, deram parte do facto e como consequencia instaurou-se o processo. Foram quatro as rés pronunciadas; duas, as ciganas, auctoras principaes do crime, ainda não foi possivel prendê-las; ha uma affiançada e a quarta que deve ser julgada hoje, chama-se Maria da Conceição, tambem cigana, é accusada como cumplice, por ser em sua casa que se concertou o plano do crime, e por se ter aproveitado de parte do furto, pois recebeu uma libra, apesar de lhe terem promettido quatro para se calar».

No periodico *O Dia*, de 6 de junho de 1892 (n.º 1:498), lê-se com o titulo de *A buena dicha*:

«Haverá uns dez meses appareceram em Mafra duas ciganas, que se entregavam ao patusco mister de lêr a *buena dicha* a quem quer que se lhes *explicasse* com dois vintens.

«Uma rapariga do sitio parece que declarou ás ciganas que vivia desgostosa e contrariada por Cupido a todo o transe.

«As ciganas, aproveitando a credulidade da pacovia amorosa *manquée*, disseram-lhe que no seu futuro haviam de dar-se factos de alta magnitude. Ellas encarregavam-se de lhe ler a *buena dicha*, mas em casa da rapariga e sem testemunhas, porque a mais ligeira indiscripção tiraria toda a virtude á operação.

«Concedido.

«As ciganas uma vez a sós com a rapariga, pediram-lhe oito libras em ouro, mas como ella não tinha aquelle dinheiro, contentaram-se com um bello cordão de ouro e tres moedas de 500 réis em prata.

«Esses objectos foram mettidos num pedaço de ramagem, o qual foi cosido em presença da rapariga e de um Christo (!) que as ciganas levavam. Depois foi tudo mettido dentro de um cofre, que foi fechado á chave.

«As ciganas voltaram no dia seguinte, repetiram a operação e disseram á rapariga que voltariam oito dias depois, afim de dizerem definitivamente o que o futuro lhe reservava; mas recommendaram-lho que não abrisse o cofre nem pessoa extranha o visse sequer, pois em caso de infidelidade não respondiam pela sua vida.

«A rapariga estove até agora esperando as ciganas, mas como ellas... *se demorassem* resolveu-se a abrir o cofre e a descoser a ramagem.

«Eneontrou uma cadeia de ferro e tres botões do latão.»

Os processos, como se vê d'esses e de outros casos, repetem-se como provas de um mesmo *cliché*. Os cordões de ouro, as moedas de ouro, os travesseiros e os embrulhos representam o papel principal. A impiedade dos ciganos não os faz hesitar em acondimentarem os manejos com orações christãs e em acondimentarem a credulidade com a presença de um Christo<sup>1</sup>.

Nos estabelecimentos commereiaes exercem muitas vezes as ciganas os seus instinctos de *gazze ladre*. Para comprarem

---

<sup>1</sup> O *jonjanó baró* (Mayo; Borrow escreve *hokkano baro*), *gran soca-liña*, grande furto ardiloso, pertence ás velhas artes gitanas. Na novella de Geronimo d'Alcalá, *Historia de Alonso, mozo de muchos amos*, escripta no see. xvii e citada por Borrow, refere-se uma historia muito semelhante á reproduzida do *Diario de Noticias* e em que uma viuva eubiciosa junta joias de ouro e prata para attrahir, segundo os preceitos de uma gitana, um grande thesouro escondido na adega; mas o dinheiro que serve de isca é escamoteado pela enganadora gitana. Borrow, I, 133-137. Vid. ainda o mesmo auctor, I, 310-315.

os preparos de uma refeição, por exemplo, toucinho, feijão, café, assucar, farinha em vez de entrarem numa só mercaderia, dirigem-se a muitas, onde compram uma só coisa, para assim ter maior numero de occasiões de tentarem furtos. Nas lojas de fazendas, cujos donos ou caixeiros ainda não conhecem as suas artes, fazem vir para cima do balcão muitas peças para escolherem, a fim de melhor poderem escamotear alguma ou algumas. São realmente eminentes na escamoteação.

Quando giravam libras esterlinas nos negocios, as ciganas costumavam dirigir-se aos commerciantes que achavam com cara de pobres de espirito e propunham-lhes trocar libras da rainha Victoria por libras de Jorge III, que têm cunhado um cavallo e a que o povo chama libras de cavallinho, dando um cambio e allegando fazerem negocio com essas libras por serem muito procuradas. Se um commerciante lhe apresentava um punhado d'essas libras, tratavam de escamotear alguma com a maxima perfeição e de convencê-lo de que se tinha enganado em o numero <sup>1</sup>.

Uma quadra alentejana (canto de natal), collida por Pires, allude aos habitos de ladroagem das ciganas :

Sô cigana do Egypto  
 Minha sina é rôbar,  
 Hé-de furtao o Dês-menino  
 P'ra minha alma se salvar.

**Superstições.** Pouquissimo pude colher ácerca das superstições ciganas. Crêem, por certo, no poder de alguns feitiços. Uma cigana recusou a Pires terminantemente dar-lhe um bocado do seu cabelo, sem duvida com receio de

---

<sup>1</sup> «Cada dia van siendo ménos frequentes las antiguas prácticas de las gitanas, quienes, mientras sus hombres chalancaban en las fèrias y mercados, ellas tenían especial habilidad de manos para hacer desaparecer las monedas en los cambios, *ustilar á bañe*, coger á la mano.» Mayo, p. 40. Vid. Borrow, 1, 315-317.

que fosse applicado a algum feitiço. Uma outra, observada no Algarve, parecia perfeitamente convencida da verdade da cartomancia que praticava, e dizia que ai d'ella, se o signal da morte lhe apparecesse naquellas cartas, porque infallivelmente morreria.

Segundo Pires, os eiganos alemtejanos consideram como mau agoiro :

1. Verter azeite ;
2. Quebrar vidros ;
3. Espalhar sal ;
4. Jogar as cartas. O eigano jogador tem *mala pajé*, má sorte ; ó infeliz nas trocas.

As tres primeiras superstições encontram-se no povo portuguez<sup>1</sup>.

**Jogos. Festas.** A inaptidão para o trabalho regular junto com o aamor do movimento levam os eiganos naturalmente aos jogos, como uma occupação sem finalidade. Parece que no Alemtejo e Trás-os-montes os jogos preferidos são o salto, o pulo e o jogo da barra. Vid. pp. 216 e 217.

Das festas eiganas pouco pude colher. No Alemtejo a principal, senão a unica, de epocha fixa é a do S. João. Mas essa festa não tem para elles nenhum caracter religioso, embora represente talvez uma muito obliterada tradição nacional, adaptada, exteriormente a uma festa christã. É então que se faz a maior feira do Alemtejo, em Evora, a 24 de junho. Alli coucorrem numerosos eiganos (ha quem diga que todos os da provincia e ainda alguns de outras partes do país) e alguns gitanos, e durante tres dias cantam, dançam, comem, bebem, celebram casamentos, fazem negocios.

---

<sup>1</sup> Sobre as superstições dos tsiganos em geral, vid. Colocci, p. 164, 215. Borrow I, 138-139, menciona o mau olhado como crença gitana, a qual existe talvez tambem entre os eiganos, como o uso dos amuletos, de que ouvi fallar, mas a pessoa que não estava muito certa a esse respeito. Colocci, p. 213-214.

Segundo me informa o sr. G. Pereira, lavam a cara em a noite de S. João á meia noite<sup>1</sup>. É essa a unica particularidade notavel da festa, que chegou ao meu conhecimento.

**Baptismo.** É voz constante no Alentejo e Trás-os-montes (provavelmente tambem nas outras provincias em que ha ciganos) que as ciganas quando tẽem um filho o baptisam, isto é, mergulham-no no primeiro ribeiro que encontram e dizem:

Eu te baptiso neste ribeiro  
P'ra que saias um ladrão bem ligeiro

ou:

Eu te baptiso neste ribeiro  
Para que sejas valente de pé leve e minha ligeiro.

Depois d'isso as creanças são baptisadas catholicamente, e tantas vezes quantas os paes podem arranjar para pa-

---

<sup>1</sup> Os tsiganos de outros paizes tẽem tambem festas de epocha fixa. Os da Turquia celebram a *kakkavá* ou festa das caldeiras, a começar no dia de S. Jorge, 23 abril (est. v.) nos paizes meridionaes da Rumelia e mais tarde no norte. A festa por vezes é collectiva, reunindo-se centenaes de tendas. Durante tres dias os tchingianés entregam-se a festas, a dansas e a jogos.

A festa de 28 de agosto (est. v.) é especial aos atsineani de Volo. As comidas, as bebidas, a gritaria, a musica, a dansa, formam a base do divertimento. Colocci, p. 169-170. Na Hispanha celebram tambem os gitanos uma festa pelo S. João.

À lavagem da cara dos ciganos do Alentejo, em a noite de S. João, corresponde o costume de banhar tres vezes as fontes da cabeça á beira do mar ou de um rio, no 1.º de maio, referido por Colocci, 164. Essa coincidência inclina-me a pensar, ao contrario d'esse escriptor italiano, que em taes festas ha vestigio muito oblitterado da tradição das festas naturalisticas dos aryas da Asia, reanimado pelas festas dos aryas europeus, que fundiram com dados christãos as velhas tradições naturalisticas do começo da primavera, do outomuo, do solsticio de verão.

drinhos lavradores ricos, em cada freguezia que percorrem, afim de so relacionarem com elles e receberem as *baetas*, (presentes de baptismo, Alentejo) e mais tardo protecção.

Pareco, porém, que os eiganos abastados e sedentarios só baptisam os filhos uma vez <sup>1</sup>.

**Casamento.** Uma senhora que residiu no Algarve observou alli um casamento de eiganos quo me descreveu da seguinte maneira.

Havia a pequena distancia dois acampamentos ao ar livre. Num d'elles estava a noiva, noutro o noivo. A noiva vestia saia côr de rosa com tiras escarlates e pretas, camisa de linho grosso branco, fazendo bolso, isto é, saindo para fora acima da cintura, por debaixo de um jaleco de côres vivas, bordado. Ao pescoço tinha muitos collares de contas de côres, e das orelhas pendiam-lhe grandes arrecadas de latão. O noivo bem vestido foi correndo do seu campo para o d'ella, tomou-a nos braços e levou-a para o seu campo. Alli a noiva tomou um pequeno cantaro de barro, levantou-o e deixou-o cair; reuniram enidadosamente os cacos, e guardaram-nos depois de os ter contado. Segundo a minha informadora elles tiravam agoiro, já do ruido produzido pela quebra do cantaro, já do numero dos cacos, que, talvez significasso o numero de annos quo viveriam casados.

Os eiganos, escreve L. de Vasconcellos, segundo a informação que um lhe deu, casam só entre si. Quando um casamento está justo, celebra-se um grande banquete. Nessa occasião vac o noivo saber se é da vontade da noiva o casamento: no caso affirmativo, pagam as duas familias a meias as despesas; no caso negativo estas são

---

<sup>1</sup> Cf. Colocci, p. 166. «Si lasciano battezare fra i cristiani, si lasciano circoncidere fra i turchi.» Dos tsiganos bascos diz Francisque Michel, *Le pays basque*, p. 141: «... ils sont tous baptisés, et même plus d'une fois; mais c'est calcul de leur part et un nouveau moyen de vivre au dépens d'autrui, etc.»

á custa do noivo. No dia do casamento ha uma corrida de gallos (vid. infra).

A informação é talvez inexacta: trata-se provavelmente, não da vontade da noiva, mas da da familia d'ella.

O informador de Barbacena diz: «Sendo eu pequeno, houve aqui um casamento de ciganos. Arrearam elles uns cavallos muito enfeitados; montaram os homens e algumas mulheres e depois foram correndo. O cigano que era o noivo corria atrás da noiva e os outros gritavam: «Pilhá que é tua<sup>1</sup>»; e depois furtaram-lh'a, sempre a cavallo, até que recolheram para a casa onde habitavam no logar, por aquelle tempo, e fizeram um grande banquetec, comendo, bebendo e bailando, e fazendo outros divertimentos. Não tornei a ver casamento de ciganos. Dizem que todos se casam assim e que não se recebem de matrimonio (isto é, catholicamente); mas parece-me que um Vicente, de um filho do qual F. foi ser padrinho, é casado (catholicamente)<sup>2</sup>».

Um informador de Villa Viçosa escreve: «Para attestar a virgindade da noiva, tres ciganos dos mais velhos, chefes da tribu, estendem sobre a cama um lençol muito arrendado, fazem entrar os noivos no quarto e esperam na casa contigua. Consummado o acto, vão os chefes buscar o lençol e mostram-no aos demais ciganos. Esse lençol é denominado *lençol de honra*».

Uma cigana velha ministrou os seguintes dados ácerca do casamento dos ciganos vagabundos.

«A noiva é pedida pelos paes do noivo. Ajustam então o dia do casamento. Nesse dia estendem no campo em que estão acantoados um sacco feito de estopa, a noiva despe-se, ficando apenas com a camisa, e deita-se de costas sobre o sacco. Reune-se em volta toda a tribu. O noivo, com um pequeno lenço branco de algodão enrolado na mão di-

<sup>1</sup> Variante, segundo outro informador: *Pilhá-lá qu' é tula! Pilhá-lá qu' é tula!*

<sup>2</sup> Esta informação como as duas seguintes foram obtidas por A. Thomaz Pircs.

reita e no dedo indicador, procede de joelhos e com esse dedo, ao rompimento do véo da que ha de ser sua companheira. Em seguida mostra o lenço; se está manchado de sangue, ha grande contentamento e vivorio em toda a tribu, ficam desde logo casados, a noiva é abraçada por todos, e começam os divertimentos. O divertimento favorito é o jogo dos gallos. Correndo em cavallos a toda a brida, com as mulheres á garupa e com lanças (*sic*) na mão, esforçam-se por espetar os gallos que estão dependurados de uma corda ligada a differentes arvores. Ha descantes, bailes, jantar da boda, etc.

«Se o lenço não apresenta vestigio algum de sangue, a noiva é estrangulada pelos paes do noivo (*sic*).

«É costume haver muitos casamentos no mesmo dia.

«As raparigas casam entre os 16 e 18 annos.

«O lenço é guardado pelos paes do noivo<sup>1</sup>.»

<sup>1</sup> A mesma cigana deu ainda a informação seguinte :

Em Hespanha, entre os ciganos abastados, o hymen é rasgado pelo *Peliche* — vellio da tribu a que as moças solteiras têm grande respeito, e que usa a unha do indicador da mão direita muito crescida. Recibe de ordinario meia onça (8 duros) pela operação, que é feita a occultas, vindo elle depois mostrar o lenço á gente dos noivos e aos convidados.

A existencia da prova da virgindado na Hispanha, entre os gitanos, era já conhecida. Eis o que a esse respeito diz P. Bataillard na sua nota *Les Gitanos d'Espagne et les Ciganos de Portugal (Extrait du Compte Rendu de la 9.<sup>e</sup> Session du Congrès intern. d'anthropol. et d'archéol. préhist.)*, p. 21 (501) :

«Il existe parmi les Gitanos une coutume qui, autant que j'ai pu le savoir, ne se retrouve point parmi les autres Tsiganes d'Europe, parmi ceux, du moins, qui n'ont pas eu des relations particulières avec leurs frères d'Espagne: Immédiatement avant sa première nuit de noces, la jeune fille est déflorée par des matrones qui attestent sa virginité, etc. C'est une coutume d'ailleurs répandue chez les Musulmans, mais qui est entourée chez les Gitanos de beaucoup de solennité: le mouchoir sanglant qui a servi à l'opération mystérieuse est montré à tous les gens de la noce et précieusement conservé dans la famille. Borrow, qui n'a guère pu ignorer cette coutume, mais qui, écrivant pour le grand public anglais, a évidem-

É rarissimo, mas não sem exemplo, casarem ciganos com mulheres estranhas á raça. O sr. Deusdado referiu-me o casamento catholico de um cigano trasmontano com a filha de um lavrador que delle se agradou e se deixou raptar por elle. O cigano não renunciou á sua vida pelas feiras, cquanto a mulher permanecia em casa.

---

ment e craint de blesser sa pudeur, ne fait qu'une allusion obscure (p. 239) à la défloration par les matrones, et supprime conséquemment les marques de sang sur le fameux mouchoir, qu'il mentionne pourtant en le distinguant de la ceinture de chasteté (dont je parlerai tout à l'heure). Ainsi Borrow ne nous renseigne pas sur le point essentiel: décrivant une noce gitana à laquelle il avait assisté, il parle même (p. 240) d'un mouchoir *sans tache* «sans lequel il n'y aurait pas eu de noce», et qu'on avait arboré, ainsi que la ceinture de chasteté elle-même, comme drapeau de la fête: ce qui serait tout à fait de nature à induire en erreur. Mais je puis affirmer que la coutume que j'ai tout d'abord indiquée est certaine: bien avant Borrow, un autre Anglais l'avait décrite avec des détails accessoires qui ont leur intérêt; et moi, j'ai rencontré bien des fois en France des Bohémiens plus ou moins affiliés à ceux d'Espagne, près desquels j'ai pu m'assurer de sa réalité; plusieurs me l'ont décrite en détail. J'ai appris ainsi que cette coutume, naturellement pratiquée aussi par la plupart des Bohémiens du sud-est de la France qui se rattachent étroitement à ceux d'Espagne, avait en quelque façon pénétré chez les Bohémiens du Piémont et même de la Suisse, mais avec des modifications importantes et qui lui ôtent une partie de son cachet oriental.»

Machado y Alvarez dá nos *Cantos flamencos*, p. 107 e 117, as seguintes seguidilhas gitanas :

Bendita la mare  
 Que tiene que dá  
 Como diñaba rosita y mosquetas  
 Po la madrugá.

En un praito berde  
 Tendí mi pañuelo;  
 Como salieron mare tres rositas  
 Como tres luseros.

E diz em nota: «Esta copla, como la que lleva el núm. 20 de las seguidillas gitanas de esta Coleccion, alude á la costumbre que tie-

Ha tambem casos de ciganas casadas com estranhos á raça.

Segundo informação do sr. A. F. Barata, os ciganos domiciliados em Evora casam catholicamente. O mesmo se dá, segundo apurci, com relação aos ciganos domiciliados em Lisboa.

Relativamente a divorcio nada pude apurar.

**Prostituição.** Como vimos as ciganas gosam de reputação de fidelidade, e os costumes dessa gente provam o apreço dado á honra feminina, á virgindade que se en-

nen los gitanos, de presentar, al dia siguiente de la boda, la camisa de la desposada para que las familias conocidas puedan cerciorar-se de la virginidad de la doncella de la vispera.»

A laceração do hymen anterior ao coito apparece em varios povos. As raparigas sakkalavas de Madagascar praticam em si proprias essa operação. Na Australia ella é brutalmente realisada pelos velhos, num lugar solitario, logo que os seios da virgem começam a dilatar-se. H. Ploss, *Das Weib in der Natur-und Völkerkunde*, 1<sup>2</sup>, 301. Mas nesses povos tal operação não tem por fim verificar o estado de virgindade, como succede no continente africano e na Asia. Na maior parte dos países d'essas duas partes do mundo, o homem deseja convencer se que a mulher com quem vae casar está virgem. No Egypto a prova é tirada com um lenço de musselina, o qual se mostra ensaguntado aos parentes. Na Nubia a operação faz-se simplesmente com o dedo e ante testemunhas. Uma matrona é quem entre os arabes e coptas proeece á prova com um lenço de linho que lhe envolve o index. Na Russia meridional mostram-se as manchas sanguineas, se as ha, da camisa da noiva, as quaes são recebidas com tanta alegria quanto é o desprezo que ella merece, se a prova falhou. Costume semelhante se encontra entre muitos povos orientaes. Os bulgaros exigem do noivo a prova de que a noiva estava virgem. Ob. cit., p. 303 e seg. A prova da virgindade apparece já na Biblia. Se o noivo punha em duvida caluniosamente a virgindade da noiva, o pae d'esta extendia o lençol com a prova á face dos anciãos da cidade. *Deuteronomio*, xxii, 13-21.

Machado y Alvarez, ob. cit., p. 117 n., traslada a respeito do mesmo costume no povo da Sicilia a seguinte passagem da obra de G. Pitré, *Usi Natalizi, Nuziali e Funebri del Popolo siciliano* (Palermo, 1879): «La dimane delle nozze, si mettea in mostra la cami-

trega ao esposo. Todavia como não ha regra sem excepção, algumas ciganas, ou solteiras ou casadas com ciganos, têm convivido com estranhos.

Pires colligiu a seguinte informação: «É rarissimo entregar-se uma cigana, e a que se entrega é desprezada, e expulsa da tribu. Um exemplo: Numa das ultimas feiras de Villa Viçosa, em um botequim, havia uma cigana prostituta (caso rarissimo); pois os ciganos solteiros, que costumam entrar a miudo em todos os botequins das feiras, nem ao pé d'esse botequim chegavam. Esse caso devia ter-se dado antes de 1879, pois por essa epocha appro-

---

cia della sposa, perchè i parenti e i vicini potessero scorgervi i segni suddetti. A questo fato pare che allude la frase popolare *La me cammisa 'un arristau bbianca*, che nelle loro zuffe le donne si rimandano per ventare l'onor loro.» Outra variante siciliana do costume consiste em a mãe fazer a cama no dia seguinte ao da boda, quando estão presentes os parentes do marido, as vizinhas e comadres do bairro, a fim do verem as provas da recente perda da virgindade da noiva e poderem attestá-la.

Mayo diz, p. 42: «Todavia se conserva entre muchas familias gitanas la costumbre antigua española que desapareció con la acesion de la casa de Austria al trono de España y á la que se sujetó Isabel de Castilla cuando se casó em Valladolid con Fernando de Aragon, esto es, la de mostrar á los convidados el dia de tornaboda el cendal de la desposada, la prueba justificativa...»

Referem-me que na cõrte portuguesa existia ainda neste seculo egual costume: a prova da virgindade de uma rainha e da consummação do casamento era apresentada aos ministros e grandes da cõrte.

Adoptaram gitanos e ciganos esse costume na Hispanha? Trouxeram-no de outra parte? É um problema que só pode ser discutido num estudo geral sobre as migrações dos tsiganos.

A simulação do rapto da noiva, ultimo vestigio do verdadeiro rapto primitivo, encontra-se entre tsiganos de outros paeses, assim como em muitos outros povos, e é até bem conhecida em diversos logares de Portugal.

«Fra gli Zingari turchi, diz Colocci, p. 226, la cerimonia (do matrimonio) consiste talvotta nel simulare una zuffa, durante la quale il giovane rapisce la sposa. Un viaggiatore cosi narra un matrimonio ziugaro a Costantinopoli: «Il y avait foule nombreuse à

ximadamente foi prohibido o estacionamento de prostitutas nos botequins das feiras de Villa Viçosa».

Segundo uma informação recebida de Evora, ainda alli vive uma cigana afamada, que foi amante do ultimo conde de Vimioso. Está na companhia de um filho que é alfaiate, mas que tem nome fidalgo, assim como outro que reside em Lisboa e dizem ser rico. «Esta cigana, diz o meu informador, como as demais que aberram dos principios da seita, foi desprezada de todos e vive isolada com o filho. . . Esta cigana é a cantada nos acompanhamentos de viola com o nome de Severa».

l'entrée de la prairie de Boyuk-Déré, où l'on célébrait un mariage bohémien. Les tentes des familles des futurs conjoints étaient à une distance d'une vingtaine de mètres environ, et l'on voyait aller et venir d'une tente à l'autre les parents des futurs époux ainsi que les invités, armés de bâtons et simulant une lutte, pendant laquelle les fiancés s'étaient rencontrés près d'une des tentes. Le jeune homme s'empara de sa future et l'ayant embrassée rentra avec elle dans sa tente. Après quoi ils partirent ensemble pour aller fêter la dive bouteille, accompagnés de leurs parents, suivant l'usage. Et ainsi finit cette noce patriarcale.»

Sobre a simulação do rapto nos casamentos populares em Portugal, vid. Z. Consiglieri Pedroso in *Compte rendu de la neuvième session du Congrès d'antropol. et d'archeol. préh.*, pp. 628 segs.

Relativamente á cerimonia do cantaro quebrado, vejamos Colocci, p. 225-226: «In Ispagna e in Moldavia (secondo Borrow e Cogalniceano) la cerimonia delle nozze consiste ancora nel rompere che fa la sposa di un vaso di terra davanti all'uomo del qual è per farsi compagna; ed essi son fatti legittimi coningi, come Gringoire ed Esmeralda. Ciaseuna delle parti raccoglie alcuni frammenti del vaso e li conserva presso di sè con molta cura. La convivenza loro è considerata obbligatoria, finchè sussiste presso di essi alcuni di quei frammenti. Questi smarriti, per qualunque causa, accidentale o volontaria, i coningi divengono perfettamente liberi, nè ponno più rinnovare la loro unione, se non colla rottura d'un secondo vaso, e poi d'un terzo, ecc.»

Essa explicação permite-nos interpretar a informação incompleta reproduzida acima; todavia o sentido da cerimonia pode ter-se alterado entre os ciganos.

O *Fado da Severa* foi colligido em Coimbra pelo sr. Theophilo Braga<sup>1</sup> e começa pelas quadras seguintes:

Chorae, fadistas, chorae,  
Que uma fadista morreu;  
Hoje mesmo faz um anno,  
Que a Severa falleceu.

O Conde de Vimioso  
Um duro golpe soffreu,  
Quando lhe foram dizer  
A tua Severa morreu.

Por isso e porque o nome da cigana de Evora não é Severa, pareço-me que esta seria amante de um conde de Vimioso mais antigo que o ultimo, que eu me lembro de ter visto tourcar na praça do Campo de Sant'Anna, em Lisboa. Era considerado nesse tempo como o primeiro cavalleiro e negociava em cavallos como os ciganos.

Os fidalgos foram muito *aficionados* ás ciganas, e d'ahi resultou mais que uma linha de bastardia. Hoje ellas estão evidentemente decalhidas d'esse antigo favor.

As ciganas são muito livres de lingua, não se pejando de dizerem as maiores obscenidades. Isso, junto com os seus modos facilmente provocadores, attrahiu-lhes por vezes uma reputação que geralmente não merecem, graças á sua obediencia aos costumes tradicionaes da raça<sup>2</sup>.

**Costumes funebres.** Segundo uma informação de Pires, quando morre um cigano é enterrado pelos da tribu em pleuo campo e sem mais formalidades, além do grande

<sup>1</sup> *Cancioneiro popular* (Porto, 1867), pp. 140-141.

<sup>2</sup> Sobre as desenecontradas opiniões relativamente á prostituição ou castidade das tsiganas, vid. Colocci, p. 220-224 e 227. Cf. supra p. 192. No que respeita ás gitanas, nesse ponto de vista, vid. Borrow, 1, 323-337 e Mayo, p. 39, que exaggeram sem duvida a virtude da gitana e das tsiganas em geral. O ultimo chega a dizer: En ningun lupanar de Europa se encuentra una prostituta gitana.»

chôro das mulheres e das creanças. Não mettem na sepultura nenhuns utensilios ou armas, mas simplesmente o corpo. Diversas pessoas diziam que os ciganos enterravam a occultas os cadaveres dos adultos, fora de sagrado.

As creanças (pelo menos algumas) são enterradas nos cemiterios christãos. O cadaver é acompanhado de homens e mulheres, soltando estas grandes alaridos. Mas não bailam nem cantam por essa occasião.

Nalguns pontos do Alemtejo, segundo outras informações, diz-se que se ignora onde os ciganos enterram os cadaveres dos adultos. Em Cuba pensava-se que eram enterrados nas propriedades de um lavrador rico e titular, protector d'elles.

Segundo uma informação, em tempo um cigano foi em Villa-Viçosa fallar ao parcho para lhe enterrar o pae, e como o padre lhe pedisse 2\$400 réis, aquelle cigano disse-lhe que vivo não valia o pae esse dinheiro, que não dava mais de 500 réis; e como o padre não se quiz satisfazer com tal offerta, o cigano marchou de noite com os seus, abandonando o cadaver insepulto na casa onde estavam.

Os ciganos deitam luto pelos mortos que é de côr preta (*callardó*).

As viúvas cortam o *troço* do cabello e não o deixam crescer enquanto viúvas, usando então de lenço amarrado á cabeça.

**Relações com os tsiganos dos outros paises.** Os ciganos acham-se muitas vezes em contacto com os gitanos, quer sejam elles que atravessem a fronteira para irem a Hispanha, quer sejam os gitanos que venham a Portugal. Já vimos que vinham alguns dos ultimos á feira de Evora. Nas terras portuguezas proximas da fronteira são vistos muitas vezes; parece que se entendem bem com os ciganos.

Portugal é por vezes percorrido por bandos de tsiganos d'além dos Pyrincus, principalmente por tsiganos calde-

reiros da Hungria e tsiganos conductores de ursos e macacos da Bucovina, os quaes, sem duvida, tem contacto com os ciganos; todavia parece que as relações não são muito intimas, para que se produza entre elles qualquer influencia nos costumes, lingua, etc.

Informa-me o meu amigo sr. Augusto Neuparth de que em Santa Combadão, estação do caminho de ferro da Beira-Alta, está estabelecido um individuo chamado José Duarte, que apresenta typo tsigano, mais fino que o dos ciganos, e a quem chamam o hungaro. Tem uma taberna e trens de aluguer. É, ao que parece, um tsigano hungaro ou filho de tsiganos húngaros a quem o país agradou. Duarte é casado com uma portuguesa.

Nestes ultimos annos vieram até ás proximidades de Lisboa dois bandos de tsiganos húngaros, parte dos quaes entraram varias vezes na cidade. Infelizmente foi-me impossivel então ir examiná-los de perto.

Reproduzo uma noticia ácerca de um d'esses bandos, visto ha annos em Elvas.

«Acamparam ha dias no rocio da Fonte Nova e levantaram hontem, quinta-feira, pelas 3 horas da tarde, suas tendas, uma caravana de ciganos húngaros que se compunha de uns 50 entre mulheres e creanças. Armaram as tendas, servindo-se, como é de uso entre elles, de seus carromatos, toldos, etc.

«Exerciam o mister de caldeireiros e com tal proficiencia que deixaram pasmados os artistas nopolitanos de egual profissão, estabelecidos nesta cidade.

«Levantaram o campo em consequencia de cento e tantos mil réis que a alfandega lhes exigia como fiança a 17 cavallos que traziam e puxavam os carros.

«O aspecto d'esta gente é hediondo: tez morena e afeiada pela habitual falta de limpeza, e barba longa e esqualida, cabellos compridos e immundos, o corpo mal coberto de farrapos e esses sordidos e fetidos. Entre a caravana vinham dois *duques*, miseraveis como os restantes; apenas os distinguíam os bastões com ponteira e maceta de metal branco,

e uns botões no collete do mesmo metal, em forma e tamanho de um ovo de gallinha. As mulheres não sabemos se usavam arceadas, porque tinham a cabeça atada com farrapos, mas viam-se-lhes ao pescoço collares de preço e contas de oiro, e algumas usavam de botas encarnadas.

«As creanças usavam igualmente botas até ao joelho, mas pretas, e quasi todas fúnavam de caehimbo. Havia algumas com feições regularissimas, e os olhos de todas, negros e rasgados, faiseavam de brilhantes.

«Apesar de sabermos que a caravana trazia objectos preciosos de prata e oiro, quando algum estranho se approximava, as creanças acercavam-se e, beijando-lhe as mãos, pés, etc., pediam-lhe de mãos postas alguns francos.

«Quando fizemos visita ao *campo*, tivemos occasião de ver como esta gente se alimenta: couve verde fervida simplesmente em agua, nabos crus salgados, sardinha feita em pedaços com as mãos e lançada numa certã de ferro immunda, e, mal cozida, tirada d'alli com as mãos e comida com uma voracidade canina.

«Soubemos agora por uns amigos que chegaram de Badajoz, que se aecha alli acampada (a caravana) ás margens do Guadiana. Como em Elvas, é alli a *spectactio gentium*. E a caravana não pasma de curiosidade, antes se ri surrateira ou se torna indifferente!»<sup>1</sup>

Em maio de 1883 viu Thomaz Pires na alameda de Borba, á entrada da villa, uma caravana de giganos húngaros, que tinham armado alli tres grandes barraeas. Os rapazes saíram á estrada a pedir esmola. Dois d'esses giganos disseram que eram caldeireiros, traziam objectos para vender e concertavam os que lhes confiassem. Vinham da Hispanha e dirigiam-se a Evora. Queixavam-se de ter feito pouco negocio em Portugal e teneionavam voltar para Hispanha, se não fossem mais felizes em Evora. Diziam-se

<sup>1</sup> A *Democracia pacifica*, 22 de outubro de 1869. Elvas, III anno, n.º 127.

naturaes da Hnngría. Traziam cavallo só para seu serviço, pois não faziam negocio de gado. Fallavam, diziam, uma lingua especial, que não era a dos ciganos hispanhoes. Não gostavam de ser comparados com estes. Os dois fallavam perfeitamente hispanhol e eram muito attenciosos e sympathicos. O typo era mais fino, como já foi referido, que o dos ciganos alemtejanos; usavam o cabello muito comprido. O seu vestuario era como o da caravana descripta no artigo anteriormente transcripto.

Os ciganos a que se refere esse artigo pediam que, nas transacções feitas com elles, lhes pagassem em pintos (moeda portuguesa de 480 réis, hoje fora do curso legal). Parecia que conheciam bem essa moeda.

Pires encontrou mais tarde, como já vimos, um cigano alemtejano que lhe affirmou que os ciganos húngaros fallavam o rumanho, como elle. Talvez esses tsiganos fallassem o hispanhol misturado com termos da sua lingua e ainda com termos gitanos, dando assim ao cigano alemtejano a impressão de que fallavam a linguagem peculiar deste, que não poderia entender o dialecto tsigano húngaro, com a sua grammatica distincta.

**Estatistica.** É impossivel saber, sequer approximativamente, qual o numero de ciganos que ha em Portugal ou em qualquer das suas provincias.

No Alemtejo ha quem calcule existirem ali 2:000 a 3:000. O informador de Barbacena, assim como o sr. Gabriel Pereira, acham muito exaggerado esse numero, concordando ambos em que naquella provincia não haverá mais ou muito mais de 400 a 500. O segundo informador baseia-se na estimativa a olho (sem contar) dos que concorrerem á feira de S. João em Evora, onde como se disse já, se julga reunirem-se todos os ciganos alemtejanos, ainda com alguns de outras provincias.

Pires diz que á feira de Villa Viçosa de 30 de maio de 1883 concorreram mais de 500 ciganos alemtejanos, homens, mulheres e creanças.

A uma feira das Caldas da Rainha ha quatro ou cinco annos não concorreram mais de 50 da Extremadura; todavia informam-me de que á feira annual de Sacavem, perto de Lisboa v̄em muitos centos d'elles. Nesta provincia, diz-se, tambem deve haver alguns milhares de gitanos. Esses dois ultimos computos são talvez exaggerados.

**Conclusão.** Os factos glottologicos, a historia e os costumes mostram que os gitanos de Portugal não se distinguem por nenhuma particularidade importante dos gitanos de Hispanha, abstrahindo das differenças resultantes de influencias locais, que principalmente se fazem sentir nos gitanos andaluzes.



## APPENDICE I

### DOCUMENTOS

---

Não me foi possível encontrar as integras dalguns documentos dados em extracto, nem os originaes ou copias coevas d'outros reproduzidos de collecções impressas, por faltarem os respectivos registos ou diplomas no Archivo Nacional.

Devo a copia dos documentos n.<sup>os</sup> 5 o 6 ao sr. P. Bartholomeu de Azevedo.

O sr. Antonio Francisco Barata, da Bibliotheca publica do Evora, communica-me o seguinte :

«Existem na Camara (de Evora) documentos ácerca de ciganos desde 1549, nos *Livros dos originaes* a fl. 137 do II; fl. 285 do XII; fl. 315 do VI; fl. 314 do *Livro de José Lopes de Mira* e a fl. 100 v., fl. 174 v., 175 e 176 do *Livro VI de Registo*, com datas de 8 de outubro de 1549; 17 de agosto de 1557; 16 de setembro de 1566; 20 de maio de 1587; 15 de julho de 1686; 15 do maio de 1694 (diversos); 22 de maio de 1694 e 23 de janeiro de 1699.

«Tratam da expulsão dos ciganos estrangeiros e da prohibição aos nacionaes de trajarem a seu uso e de não trabalharem; ordenam que os façam trabalhar e aprender officios. Citam o art. 24.<sup>o</sup> das cõrtes de Evora de 1535, feitas por D. João III.»

Reproduzo a orthographia dos documentos consoante se encontram nos originaes, registos ou collecções impressas, resolvendo em geral as abreviaturas; introduzo todavia alguns signaes de pontuação e faço algumas correccões.

## N.º 1

1526

«Alvará de 13 de Março de 1526, para que não entrem Ciganos no Reino, e se saião os que nelle estiverem; e diz quasi o mesmo que a lei 24. das chamadas das Cortes, e de 26 de Novembro de 1538, e a Ord. nov. (philippina), liv. v. tit. 69. no pr.».

[José Anastacio de Figueiredo, *Synopsis chronologica*. Lisboa, 1790, 1, 321, que cita o *Liv. rozo ou 8. da Supplicação*, fl. 244.]

## N.º 2

1538

No volume intitulado *Capitulos de cortes e leys que se sobre alguõs delles fezeram*. Com priuilegio real. (74 fol.; tem no fim: Forã impressos estes Capitulos e leys per mandado del rey nosso senhor na cidade de Lixboa: per Germã Galharde empremidor. E acabarã se aos iij dias do mes de Março. Anno de M. D. xxxix.), do qual tive presente um bello exemplar em pergaminho do Arcliivo Nacional, acham-se; «Capitulos geraes: que foram apresentados a el Rey dõ Johã: nosso senhor terceiro deste nome: xv Rey de Portugal: nas cortes de Torres nouas: do anno de mil e quinhêtos e vinte e cinco. E nas Deuora: do anno de mil e quinhêtos e triuta e cinco: com suas respostas. E leys que ho dito senhor fez sobre alguõs dos ditos capitulos. As quaes forã publicadas na Cidade de Lixboa: no ão xvii. de seu Reynado: e xxxvii de sua idade: xxix dias do mes de Nouembro. Anno do nacimêto de nosso senhor Jesu christo. De mil e quinhêtos e trinta e oyto ãnos» e entre eles se lê a fol. xxxvi:

*Capitulo CXXXVIII*

«Item, senhor, pedem a vossa alteza aja por bẽm que nunca em tempo alguõ entrẽ çiganos em vossos reynos; porque delles não resulta outro proueito se não muytos furtos que fazem: e muytas feytycarias que fingẽ saber: em que o pouo recebe muyta perda e fadiga.»

*Reposta*

«Ey por bem que não entrem ciganos em meus reynos daqui por diante como neste capitulo me pedis e disso farey ley.»

E a fol. LXVII:

*Ley XXVIII. Que os ciganos não entrem no reyno.*

«Vendo eu o prejuizo que se segue de virem a meus reynos e senhorios ciganos: e neles andarem vagando pelos furtos e outros maleficios que cometem e fazem em muyto dano dos moradores de meus reynos e senhorios. Mando que daqui em diante nenhuõs çiganos assi homẽs como molheres entrem em meus reynos e senhorios: e entraudo sejam presos e publicamẽte açoutados com baraço e pregam: e despoys de feita nelles a dita execuçam lhe sera assinado termo conveniente em que se sayã dos ditos reynos e senhorios. E se despoys de passado o dito termo for mais achada algũa das ditas pessoas por não se sayr dentro no dito termo; ou posto que se saisse tornar outra vez a entrar nos ditos reynos e senhorios: sera outra vez açoutado publicamente com baraço e pregam: e perdera todo o mouel que teuer e lhe for achado: a metade pera quem o accusar: e a outra metade pera a misericordia do lugar onde for preso. O que auera lugar assi nos ciganos como em quaesquer outras pessoas de qualquer naçam que forem que andarem como çiganos: posto que ho não sejam. Porem sendo alguõ natural de meus reynos não sera lançado fora delles: e sera degradado dous annos pera cada huõ dos lugares dafrica: alem das sobreditas penas.»

**N.º 3**

1557

«Lei de 17 de Agosto de 1557, que não entrem os Ciganos nestes Reinos, em que alem do que he maudado no Cap. 138. das Cortes de 1525, e 1535, se acrescentão as penas até galês, a cuja execução se procederá, como for de justiça, dando appellação, e aggravo.»

[Figueiredo, *Synopsis chronologica*, II, 22.]

**N.º 4**

1573

«Alvará de 14 de Março de 1573, publicado na Chancellaria mór em Evora a 28 do mesmo mes e anno...» (Vid. o alvará de 11 de abril de 1579, abaixo reproduzido doc. n.º 6).

«Na Apostilla de 15 de Abril do mesmo anno se declarou, que como nas mulheres não podia ter lugar a pena das galés, ficassem sugeitas ás penas da dita Lei 24. das (chamadas das) Cortes; e que tanto estas, como as mais impostas aos Ciganos fossem executadas pelos Corregedores e Juizes de Fora dos Lugares, e Comarcas, onde fossem achados sem appellação nem agravo, e pelos Ouvidores nas Terras, onde não entrão os Corregedores por via de Correição.»

[Figueiredo, *Synopsis chronologica*, II, 168-169.] -

## N.º 5

1574

Dom sebastiam etc. faço saber que Johão de torres, çiguanu preso no lymocyro, me ãjou diser per sua petição que estamdo na villa de montalluão morador e jmdo e vjmdo a castella fora preso he acusado pela justiça, dinzendo que sendo ley deste Reyno que toda geração de çiguanos não vjuessem neste Reyno e delle se sahysem em çerto tempo e por elle não ser sabedor da tall ley por jr he vyr ha castella, fora preso he acusado pela justiça, elle he sua molher amgylyna e condenado per sentença da mor allçada, elle em çinquo anos de degredo pera as gualles e açoutados publicamente, eõ baraço e preguão, e a dita sua molher se sahyrya do Reyno em dez dias, visto como se não mostraua certjdão de quando hally fora pobrycada em montalluão, homde forão presos, como todo se mostraua da sentença que oferecia. he por que dos haçoutes, baraço he preguão hera feita execuçam e a dita sua molher hera fora do Reyno e elle ser presente, estaua no lymociro, homde perecia ha mjmgoa, e hera fraquo he quebrado, e não hera pera serujr em eousa de mar e muito pobre, que não tjnha nada de seu, me pedy a que ouuese por bem que se sahyse loguo do Reyno ou que fose pera o brasyll pera sempre e podese leuar sua molher avemdo respeito a pena que já tinha Recebyda etc.; e eu vemdo o que me asy dise he pedir emvyou, querendo lhe fazer mercê visto lñ parece com o meu pase (?), ey por bem e me praz se asy he como dis, de lhe eumutar os eimquo anos em que foy condenado pera as gualles, pelo easo de que faz menção, visto ho que halegua e declara, em outros çinquo anos pera o brasyll, homde leuara sua molher e filhos, visto outrosy como he feyta execuçam dos haçoutes; por tanto vos mando etc. na forma dada em allmcyrim a vij dias dabrill. el Rey noso sr ho mandou pelos doutores paullo affonso e amtonjo vaaz eastello etc. dioguo fernandez a fez, ano do naçimento de noso sur Jhu xpo de m vº lxxiiijº anos. Roque vicira a fez escreuer.

[Archivo Nacional, *Lic. 16 de Legitim. D. Seb. e D. Henr.*, fl. 189.]

## N.º 6

1579

*Alluara sobre os çiganos*

Eu el Rey faço saber aos que este alluara uirẽ [que ho] que el Rey meu sobrinho que dens tem pasou lũa proujsão feita a eatorze dias do mez de março do ano de vº setãta e tres, da que o terrlado he o seguinte. Eu el Rey faço saber que eu são in formado que, posto que polla ley vinte e quatro dos capitollos das cortes que se fezerão no ano de trjnta e ojtõ e pello capitollo vinte e cinco do Regimento que mandey dar aos presj dentes das allçõdas que forão visitar meus Rejnos, está bastantemente proujdo pera que hos çiganos, nã has pessoas que amdão ã sua companhia amdem, nã estem nos lugares dos ditos meus Rejnos, os ditos çiganos e pessoas não deixão por jssõ de estar e andar nelles e fazer muitos furtos e outros insultos e delitos de que ho pouõ Reebe grande opressão, perda e trabalho. E querendo nisso prouer ey por bein e mando que ã todos hos lugares de meus Reynos se lançem loguo pregões publicios, nas praças e lugares acostumados, que os çiganos e çiganas e quaes quer outras pessoas que em sua companhia andarẽ se sayão dos ditos meus Reynos dentro de trjnta dias, que comẽçarão do dia ã que se derẽ os taes pregões, sã embarguo de allgũs delles terẽ proujsões del Rey meu senhor e avo, que santa gloria aja, ou minhas pera poderẽ estar nestes Rejnos, e acabados os ditos trjnta dias qualquer çigano que for achado nos ditos meus Reynos por esse mesmo feito sera loguo preso e açoutado publicamente no lugar omde for achado e degradado pera sempre pera as gallees posto que tenha proujsão do dito senhor Rey meu avo ou minha pãra poder estar ou andar nestes Rejnos, como aejma he dito; e mando a todos meus desembargadores, corregedores, oujdores, juizes de fora e ordjnarios e quaesquer outras justiças, hoficiaes e pessoas dos djos meus Rejnos que cada hũ ã sua jurdiçam eumprão, guardem e façam asj jnteiramente eomprir e guardar sendo os ditos corregedores, oujdores, juizes de fora, çertos que se ha de preguntar por este caso ã suas Resjdencias, e que achandose que não tenerã diso o eujdado que deujão se ha de proçeder cõtra elles como ouuer por meu seruiço; e asj mando ao chauceeler mor que pobrique esta proujsão na chancelaria e ãue loguo cartas cõ ho treslado della sob meu sello e seu sjnal aos ditos corregedores e asj aos oujdores das terras ã que elles não estão per uia de coreiçam; aos quaes corregedores e oujdores mando que ha pobriquem loguo nos lugnares homde estjucrẽ e fação pobricar ã todos os outros lugares de suas comarquas e oujedorias e Registrar uos liuros das camaras delles pera que a todos seja notorio e se

cumpra e de jnteiramente ha execuçam como nella se cõthem; e esta se Registara no Livro da mesa do despacho dos meus desembargos do paço e no das Rellações das casas de supplicação e do çiucl ã que se Registrarão as semelhantes proujsões; e ey por bem que valha e tenha força e vigore como se fose carta feita ã meu nome por m̃j asjnada e passada por minha chancelaria, sã embargo da ordenaçam do segundo livro, titulo xx, que diz que has cousas cujo efeito ouuer de durar mais de hũ ano passem per cartas e passando per alluaras não ualhão. Gaspar de souza a fiz em Evora a xiiij<sup>o</sup> de março de m<sup>o</sup>lxxiiij. Jorge da costa a fiz escreuer. E ora ey per bem e mando que ha proujsão do dito senhor Rey meu sobrinho, que deus tem, açima tresladada se cumpra e guarde jnteiramente como se nella conthem, com tal declaraçam que hos çiganos que tenerẽ leçenças del Rey dõ João, meu jrmão, que samta gloria aja, e do dito Rey meu sobrinho, as examinẽ perante hũ dos Corregedores de minha corte dos feitos ciuis, o qual se jnformara de como uiuẽ e de que mesteres usão e se sam casados e o modo e meneo de suas vjdas e costumes e parecẽdo lhe que uiuẽ bem e que trabalhão e não são prejudiciais, lhe poderã dar licença, não permitindo que uiuão juntamente ã hum bairro, senão ã bairros apartados, e que amdem vestidos ao modo portugues, e mando ao meu chanceler mor que pobrique este alluara na chancelaria e õuie o trelado delle sob meu sello e seu sinal aos corregedores e oujdores das comarquas de meus Rejnos, aos quais corregedores e oujdores mando que ho pobriquem nos loguares omde estiuere e o fação pobricar ã todos os lugares de suas comarquas e ouidorias, para que a todos seja notorio, e este se Registara na mesa do despacho dos meus desembargadores do paço e nos livros das Rellações das casas de supplicaçam e do ciuel ã que se Registrarão as semelhantes proujsões. pedro de souza ha fiz ã Lixboa a xi dabrill de m<sup>o</sup> setenta e noue. Johão de souza o fiz escreuer.

[Arquivo Nacional, Liv. 1.<sup>o</sup> de Leis, fl. 57 v.<sup>o</sup>]

## N.<sup>o</sup> 7

1592

«Lei de 28 de Agosto de 1592, em que se exasperão mais as penas contra os Ciganos, que dentro de quatro meses não sahisssem de Portugal, ou se não avizinhassem nos Lugares sem andarem vagabundos, não podendo andar, nem estar, ou viver mais em ranchos, ou Quadrilhas; tudo sob pena de morte natural, que se faria executar, fazendo-os para isso prender os Miuistros das terras, e procedendo contra elles até á execução sem appellação, nem agravo.»

[Figueiredo, *Synopsis chronologica*, II, 261.]

## N.º 8

1597

«Aos dezasete dias do mes de junho (de mil e quinhentos noventa e sete annos) fiserã Camara de veraçã os senhores Juiz e Veradores e procurador do concelho abaixo asinados. eu João Sirueira que ho eserei.

Llogo nesta Camara pello Juiz e Veradores e procurador do concelho foi acordado que comvinha ao bem publico e quietaçã desta cidade nã se consentirem nella os siganos que os dias pasados se vierã avisinar com preatorio do corregedor do crime da Sidade de Lisboa, por quanto desdo dito tempo pera ea se tinha feito muitos furtos de bestas e outras coizas e andaua a gente da sidade tã escandalizada que se temia hũ mutim comtra elles, maiormente depois que ouve algũs furtos que conhesidamente se soube serem feitos per elles; posto que as testemunhas nã sabem expesificadamente quais dos ditos siganos o fizesse (sic); e alem diso por esta cidade ser de gente belioza e da raia e acim de comtino acomtesem muitos crimes de diverças maneiras, os quais se emcobrem dibaicho desta capa de diserem que os fiserã os siganos, pello que detreminarã que fossem noteficados que dentro em tres dias se saicem desta cidade e seu termo para o que se lhe pasaria carta pera lugar certo, querendoa, e sendo achados pasado o dito termo se prosedera comtra elles com todo o rigor; e de tudo mandarã fazer este termo que todos asinarã. eu João Sirueira que ho eserei, e amtes de se asinar o dito termo mandarã requado ao sôr andre gonçalvez de Carnide Corregedor desta Comarea para lhe darem comta deste negocio amtes de se dar execuçã o qual dise que dipois de pasada a lei nas partes omde resedira nunca consentira avésinarem-se siganos dipois de serem escolhidos lugares na forma da lei e que lhe parezia muito bem nã se ametirem os ditos siganos nesta cidade pellos grandes emcomvenientes que quada dia podẽ soseder por ser tera belioza e da raia; por lhe asin parecer se asinaram todos. eu João Sirueira que ho eserei.

(a) Sigr.º Carnjde. N.º de Carualjall. Joam † Soarez. Luiz Ferz.

Por aqui oñuerã a Camara de Verasã por feita e acabada e se asinaram. eu João Sirueira que ho eserei. (a) Sigr.º N.º de Carualjall. Joam † Soarez.»

[*Livro das vereações da Camara Municipal de Elvas, do anno de 1597, fl. 54 a 55. Archivo da Camara de Elvas, armario n.º 21, maço n.º 1.*]

## N.º 9

1597

«Aos tres dias do mes de junho de mil e quinhentos e noventa e sete anos fiserã Camara deureação os sennõres Juiz e Veredores e procurador do Concelho e se asinarã. eu João Sirueira que ho escreui.

Ilogo nesta Camara foi praticado dos muitos furtus que os siganos faziã nesta cidade e mandarã os sennõres Veradores e procurador do coneelho apregoar que todo o sigano, tirado dois que estã avesinhados nesta cidade, que fosem achados nesta cidade e sen termo que fosem presos e que se prosederã comtra elles eomforme a lei; oje tres de iunho de mil e quinhento e noventa e sete auos. eu João Sirueira que ho escreui (a) J. alluez de Lemos. N.º de Carualjall. Luis Ferz.

por aqui onverã a Camara de uerasã por feita e acabada e se asinarã. eu João Sirueira que ho escreui.

(a) N.º de Carualjall. J. alluez de Lemos. Joam + Soarez. Luis Ferz.»

[*Livro das vereações da Camara Municipal de Elvas, do anno de 1597, fl. 50. Archivo da Camara de Elvas, armario n.º 21, maço n.º 1.*]

## N.º 10

1603

Mandamos, que os ciganos, assi homens, como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer Nação que sejaõ, que com elles andarem, não entrem em nossos Reinos e Senhorios. E entrando, sejaõ presos e açoutados com baraço e pregaõ. E feita nelles a dita execução, lhes seja assinado termo conveniente, em que se saiaõ fora delles. E naõ se saindo dentro do dito termo, ou tornando outra vez entrar nelles, sejam outra vez açoutados, e pereaõ o movei, que tiverem, e lhes for achado, ametade para quem os accusar, e a outra para a Misericordia do lugar, onde forem presos; e sendo algumas da ditas pessoas, que com os Ciganos andarem, naturacs destes Reinos, naõ seraõ lançados delles, mas seraõ além das sobreditas penas degradados dous annos para Africa.

[*Ordenações philippinas, liv. v, tit. 69. Que naõ entrem no Reino Ciganos, Armentos, Arabios, Persas, nem Mouriscos de Granada.*

*As Ordenações philippinas foram concluidas em 1595 o publicadas em 1603, data que fol posta no alto do extracto.*]

## N.º 11

1606

Alvará de 7 de janeiro de 1606, reproduzido na lei de 13 de setembro de 1613, em seguimento impressa.

## N.º 12

1613

Dom Philippe per graça de Deos, Rey de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'alem Mar em Africa, Senhor de Guiné, e da conquista, nauegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que esta minha Ley virem, que eu mandei passar hum Alvará feito em sete de Janeiro de mil seiscientos e seis, sobre os ciganos, que fossem achados neste Reyno vagando em quadrilhas, e nelle residissem, do qual o traslado he o seguinte.

Ev El Rey faço saber aos que este Alvará virem, que eu sou informado, que a Ley que fiz sobre os ciganos declarada na Ordenação do liuro 5 titulo 69 imprincipio, se não cumpre, e contra forma della os Corregedores do crime desta cidade de Lisboa, e outros julgadores lhes passam cartas de vizinhança, e os fauorecem per outros modos, que não cõuem: e porque tambem tiue informação, que as Ordenações, que tratão dos ditos ciganos se não guardão tão inteiramente, nem as penas que nellas se declarão são bastantes para elles se sahirem fora do Reyno, antes continuão em roubos, e danos, que fazem a meus vassallos com geral escandalo, sendo tudó em grande prejuizo seu, e dano do Reyno, querêdo nisso prouer. Ey por bem, que todos os ditos julgadores tenham grande vigilancia em cumprir inteiramente a dita Ordenação do livro 5. e não passem as ditas cartas de vizinhãça, nem vsem de outros modos: e fazendo o contrario se lhes darà em culpa, e eu mandarey perguntar por isso nas residencias. E assi ey por bem, que posto que pellas ditas Ordenações senão dee aos ditos ciganos mais penas que açoutes pella primeira vez que forem achados sejam degradados alem da dita pena, em tres annos para galês, e pella segunda vez sejão outra vez açoutados, e nas mais penas das ditas Ordenações, e no dito degredo de galês em dobro: e pella terceira vez serão açoutados, e encorrerão mais nas ditas penas, e em dez annos para galês: e em todas estas penas os poderão condenar os Corregedores, e Ouvidores das comarcas, e os Ouvidores das terras dos donatarios em que elles não entrão per via de correição: e as justiças lhes darão tẽpo conueniente (que não passará de hum mes) para que se sayão do Reyno: e pas-

sado o dito termo tornando a entrar no Reyno se fara nelles a execução pellas ditas penas na forma deste Aluarà. E por quanto a dita execução he de grande importancia, para bem, e quietação de meus vassallos, e do Reyno. Mando aos ditos julgadores e justicias, que assi o cumprão, e fação em todo cumprir: e ao Chãceller mór, que o publique na Chancellaria, e para vir a noticia de todos enuie logo cartas cõ o treslado delle sob meu sello e seu sinal aos Corregedores e Ouuidores das comarcas: e assi aos Ouuidores das terras em que os ditos Corregedores não entrão per via de correição. Aos quaes mândo que logo o publiquem nas cabeças das correições: e este Aluarà serà registado nos liuros da Mesa do Desembargo do Paço, e das casas da Supplicação, e do Porto: e quero que valha, tenha força e vigor, como se fosse carta começada em meu nome por mi assinada, e asellada com o meu sello pendente, sem embargo da Ordenação do liuro 2. titul. 40. em cõtrario. Pero de Seixas o fez em Lisboa a sete de Janeiro de mil seiseentos e seis.

E porque sou informado, que o dito Aluarà se não cumpre e executa, e que andão muitos eiganos por este Reyno vagando em quadrilhas cometêdo muitos excessos e desordêns, e quão perjudiciaes são, aos que viuem e residem nas cidades, villas e lugares delle: e querendo prouer de maneira, que de todo os não aja, nã residão neste Reyno. Ey por bem, e mândo per esta Ley que o Aluarà nesta incorporado se cumpra e execute com todo o rigor delle, sem deminiuição das penas que nelle se declarão. E mando aos Corregedores do crime desta cidade de Lisboa, e aos das comarcas deste Reyno, e aos Ouuidores dos mestrados, e aos das terras dos donatarios, em que os Corregedores não podem entrar per correição. E a todos os juizes de fora, que tanto que esta Ley eliegar a sua noticia a fação logo publicar em todos os lugares de suas jurisdições, limitando aos eiganos, que neste Reyno residem assi homêns, como molheres, que dêtro em quinze dias depois de esta publicada se sayão deste Reyno sem embargo de quaesquer lieções, que tenham para nelle residirem, posto que sejão por mi assinadas, ou que lhes fossem passadas cartas de vizinhança: as quaes todas annullo, e as ey por de nenhum effecto. E passado o dito termo de quinze dias se executará em quaesquer eiganos, que forem achados a pena de açoutes e galês, pella maneira que no dito Aluarà se declara: e nas molheres a pena de açoutes somête. E mando ao Docteur Damiam d'Aguiar do meu conselho Chancellier mór destes Reynos, que faça publicar esta Ley em minha Chancellaria, e enuiará logo o treslado della sob meu sello, e seu sinal, a todos os Corregedores, Ouuidores dos mestrados: e aos dos Donatarios das terras em que os Corregedores não entrão per correição para a fazerem logo publicar nos lugares publicos de suas comarcas e jurisdições, e se executar como

nella se contem: sendo certos os ditos Corregedores, Ouidores, e mais justiça a que a execução, e comprimento desta Ley pertencer, que se à de perguntar em suas residencias se a cumprião, e executaõ, como nelle se declara, e que achandose, que se desentendarão na execução della, alem de me auer d'elles por mal seruido, mandarei proceder contra elles com todo o rigor: e esta Ley se registará no liuro do registo da Mesa dos meus Desembargadores do Paço, e nos das casas da Supplicação, e Relação do Porto, e a propria se lançará na Torre do Tombo. Dada nesta cidade de Lisboa, aos treze dias do mes de Septêbro. Franeiseo Ferreira a fez. Anno do Nascimento do Seuhor Iesu Christo de mil seiseentos e treze. João Pereira de Castelbranco a fez esereuer. = REY. = *Damiam d'Aguiar*.

Foy publicada na Chancellaria a Ley del Rey N. Senhor atras eserita por mi Miguel Maldonado, que ora siruo de eseriuão da dita Chãcellaria, perâte os officiaes della, e de outra muyta gente que vinha requerer seu despacho. Em Lisboa, a 10. de Onetubro de 1613 Annos. = *Miguel Maldonado*.

Taxada a oyto reis.

[Reproduzido de uma folha impressa avulsa no *Correio Etreneae*, ann. 1, n.º 41, 9 de março de 1890. Nas *Ordenações e leys, confirmadas e estabelecidas pelo Senhor D. João IV. Lisboa, 1747*. III, 166-168. *Collecção chronologica de leis extravagantes*. Coimbra, 1819. I, 62-64. 217-218.]

---

## N.º 13

1614

Carta regia de 3 de dezembro de 1614, sobre um requerimento de G. Fernandes, C. Cortez e outros ciganos que pretendiam se dispensasse com elles a lei pela qual se mandavam sair do reino; «porque importa que ella se guarde cunpridamente, se excusará a sua petição.»

[G. Pereira de Castro, *De manu regia* (Ludguni, 1678), I, 10. João Pedro Ribeiro, *Indice chronologico remissivo da legislação portugueza* 1º, 41. J. J. de Andrade e Silva, *Collecção chronologica da legislação portugueza* (Lisboa 1854 e segs.), t. II, p. 105-106. O doc. achava-se no *Liv. IV do Desembargo do Paço*.]

---

## N.º 14

1639

•Capitulo de huma Carta regia de 30 de Junho de 1639, mandando condemnar para Galés os Ciganos, que se acharem, dando-se-lhe conta dos que já estavam nellas, e dos que se achavão presos.

Participada em portaria da princeza Margarida de 8 de Agosto do mesmo anno, para execução d'essa carta, devendo estar *chusmadas* as Galés até 17 d'este mez, e declarando que a qualidade de Cigano não he de natureza; mas do seu modo de vida, quanto a se condemnarem, segundo a Lei do Reino.»

[J. P. Ribeiro, *Indice chronologico* II<sup>o</sup>, 360-361; do Liv. IX da *Supplicação*, fl. 249.]

## N.º 15

1646

Senhor: — Vi o Alvara da Suplicante, que me deixou em grande admiração; porque nelle, (que he assinado pela mam de V. Magestade), se relata, que Jeronimo da Costa, seu Marido, servio a V. Magestade tres annos continuos nas Fronteiras do Alentejo, com suas armas, e cavallo, tudo á sua custa, sem levar soldo algum, franca, e fidalgamente: e relata-se mais em nome de V. Magestade, o valor e esforço, com que em o dito tempo se houve, relatando suas proezas, até que na Batalha do Campo de Montijo foi morto com muitas feridas, pelejando sempre mui esforçadamente. E quando eu estava com alvoroço para ler o grande premio e remuneração, que tiverão estes serviços, em sua mulher e filhos, senão quando eu leio, que se lhe faz meree, que sejam havidos por naturaes do Reino, e que o filho macho, herdeiro dos serviços, e grandeza do animo de seu Pay em despender a fazenda, sangue, e vida pela sua terra, sem ser sua Patria, o pozessem a um officio maeanico. Ao officio maeanico mandara eu por o Ministro que tal Despacho deu e sem V. Magestade o ver. . . . . despachos com tão humildes espiritos. Mande V. Magestade recolher este Alvara, ou tirar delle a narração de serviços, valor, e espiritos generosos deste homem, e proezas, e morte honrozosa, que nelle se relatão; porque se servio tres annos continuos com suas armas e cavallo á sua eusta, sendo um pobre Sigano; porque lhe não hade V. Magestade pagar seus soldos devidos a sua mulher e filhos? E mande V. Magestade passar-lhe Alvara de natural e Cavaleiro Fidalgo, que he o menos Foro, que merece, e que nunca teulha, nem seus descendentos officio maeanico, e sirvão sempre na guerra e milicia nos postos de Soldados e Presidios: E que se não leia, que em Alvara de V. Magestade filho de tal homem o pozerão a officio maeanico, por lhe não pagar seus soldos de hum esforçado Cavaleiro, que com seu cavallo e armas á sua custa, sem soldo, servio valerosamente no Campo, athe deixar a vida, aonde tantos infameamente fugirão, a vista dos que esforçadamente morrerão, ou pelejarão. E se nesta forma deste homem, que sem obrigação de sangue e natureza servio por honrra, o fizessem os Grandes e Capitaens

Generaes, Fronteiros e Governadores, servindo á sua custa em sua Patria e sem outro soldo, gastando o que tem em sua defenção, e de sua Patria, como elles mesmos, e seus famosos Pays e Avós fizeram em Africa, e India, e Armadas, com cavallos, e criados esforçada e generosamente, como quem são, bastara ametade das decimas, e depois de quieto o Reino, partira V. Magestade com elles o defendido, e conquistado, e as Comendas e copiosos bens do Reino que para si o defendem, e devem defender, imitando este Sigano humilde no nascimento, e nobre, e generozo no procedimento; porque hir as Fronteiras, como a Ormuz, Malaca, e Çofala a vencer soldos, e riquezas, e com tantas condições, e com pedir soldos atrazados, devidos, ou não devidos, neste tempo sem servir a sua custa, não he o Portugal para isso, que se não sustenta, nem com thesouros nem cavallos, nem gente em numero, em que nunea podem igualar as dilatadas terras e Reinos de Castella, e thesouros do Payz; se não no natural valor, e amor da Patria o Reys, e ponto de honrra. E isto não he hir enriqueecer, e ganhar dinheiro, em que alguns podem degenerar, não havendo rezão particular, que muntos terão, falo em geral. A esta mulher mande V. Magestade despachar, e seus filhos, não só no que pede; de fazer natural seu genirro que por seus serviços pessoaes tãobem o mercee; mas mande-lhe V. Magestade deferir a seus serviços em forma, como peço, ou ella, na Petição que lhe mando fazer a V. Magestade, que vae junta para proovear os meios. O que requireiro como Procurador da Coroa, pelo que cumpre ao Reino; pois mercee a Firma e Signal de V. Magestade, em verificação do seu procedimento. Isto se offerece e que vão a V. Magestade. &c. Lisboa 28 de julho de 1646. = *Thome Pinheiro da Veyga*.

[Arch. R. Corpo Chron., P. 1., maço 118. Docum 131. João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronológicas*, IV, pp. 215, 217.]

## N.º 16

1647

### *Tresllado da ordem dos siguanos*

Dom Joam per grasa de Deus Rej do Portugal e dos algarues, da quem e dalleim mar em afrjqua, snor de guiné e da conquista, navegasão, comersio, detiopia, arabia, persja e da indja etc., faço saber a uós orgedor da comarqua de eluas que eu passej ora hum aluara per mim asjnado e pasado per minha chancellaria, do qual o tresllado he o seguinte

Eu ell Rej faso saber aos que este aluara de lej virem que per quanto dos gitanos que mandej prender pello Rejno e se embarquarão pera as conquistas delle, fignarão ainda na cadeja do limocjro des velhos e encapazes de poderem seruir, com molheres e filhos,

de pouqua idade, e conuir a meu servisso que elles uiuão cõ suas familias em luguares afastados de esta corte e das fronteiras, hej per bem e me pras de lles seuallar pera este efeitõ os luguares seguintes tores uestras, lleirja, ourem, tomar, allanquer, monte mor o uello e coimbra; dos quais não poderão sahir sem licença dos juizes delles a qual se lles não consedera per tempo llargo e se lles poreboira juntamente que não fallem gregonsa, nem a ensinem a seus fillos, nem andem em traje de sjganos e serãõ obreguados a traballo em quanto puderem, como fazem os naturaes do Rejuo, e estando empesebeljtados por doensa ou muita idade se lles permittira poderem pedir esmolla nos mesnos luguares em que uiuerem, sem que fasão de suas trasas e embustes, a que chamãõ buenas djchas, e jogos de corjolla nem partidas de eavalgaduras; antes se lles poreboirá com todo o rjgor comprar a troquados (sic), com declarasão que quem o contrario fizer pella primeira ves sera logo condeñado em asoites e toda a uida pera gallés, e sendo moller, da prizão ira pera angolla degradada, ou Cabo uerde, per toda a uida sem leuar consigo fillo ou filla; e mando que na essieucão desta lei se proseda sumariamente e com seis testemunhas que pergunterá o juiz do loguar, onde o siguano for morador, e os autos que sobre a materia se fizerem serãõ logo remetidos a hum dos corgedores do crime da minha corte ou ministro a quem eu cometer a jurisdisão e supertendencia dos siguanos, os quaes os remeterãõ pelos loguares nomeados e não lles sera a nenhum dos condenados admetjda petjsão para perdão; antes se devarará pelos corgedores das comarquas dos juizes dos loguares de seus destritos se observãõ esta llej e o que ficar comprehendido paguara duzentos cruzados para as despezas da guera ou justiça; e os quais juizes não consentirão que os siguanos erjem seus fillos ou fillas pasauõ de noue anos de idade, e sendo capazes de seruir os porãõ a soldada na forma que se uza com os orfãos; e mando ao regedor da casa da sopljquação governador da rellasão do porto e aos dezenbarguadores das ditas rellasois e aos corgedores do crime de minha corte e aos de esta cidade e a todos os meus corgedores das comarquas, ouuidores, juizes de fora das cidades, villas e luguares onde os ditos siguanos uiuerem, que cumpram e guardem e fasão enteiramente cunprir e guardar todo conteudo neste aluara, como se nelle conteu e o chanceller mor destes Reinos o fara publicar na Chanchellaria e envjjar com meu sello e seu senal aos ditos corgedores das comarquas, ouuidores, juizes de fora, pera que a todos seja notorio o que per este ordeno e o fasão dar a esecusão, sem contradisão alguma, e da mesma maneira ás conquistadas de este Rejno, onde se poblíquara pera que senão consinta aos siguanos que forẽ degradados o elles uzarem desonestos tratos e embustes, de que de antes ueuiãõ; e se rezestara nos Liuros do dezenbargo do paço, caza de soplíquasão, rellasão, do porto oude

semelhantes leis se costumão rezistar. Antonio de *Moraes* o fes em Lisboa aos uinte quatro de outubro de mil e seis sentos e quarenta e sete. Pedro digenes(?) revello o fes escreuer. O Conde de Santa Crus. Rej. aluara de llei . . . . que se hade ter com os siguanos e fillos nelle declarados, Para Vossa Magestade uer. Estevão lleitão de revellos Foi publquado na Chanchelleria mor o aluara de ell Rej nosso snõr atras escrito por Miguel maldonado escriuão da dita chanchelleria perante os ofisiais della e de outra muita gente que uinha requerer seu despacho Lixboa . . . de outubro de 647 Miguel maldonado. Co a qual llei mandej passar esta carta para vos, pella qual vos mando que tanto que vos for mostrada a fasaís publquar e rezistar na cabeça de vosa comarqua e publquar brevemente nos mais luguares della pera vir a notisia de todos e se comprir e guardar como nelle se contem, e a despeza que se fizer em se publquar nos mais loguares de vosa comarqua será á custa das despesas dos auizos(?) e quando não ouuer sera a custa das rendas da Camara da cabeça de vosa comarqua. dada na sidade de Lixboa aos tres dias de novembro. el-rej noso Snõr pelo doutor estevão lleitão de revellos do seu conselho e chancheller mor destes Reynos e senhorios de Portugal Manoel antunes de sãpaio o fez. Ano do nascimento de noso snõr Jesus Xro de mil e sessentos e quarenta e sete eu Miguel maldonado o fis escreuer, estevão lleitão de revellos. E não dis mais a dita prouizão que bem e fielmente tresllei e rezistei do proprio que entreguei ao escriuão da coreisção que ora . . . . serue. Ao qual em todo me reporto e consertei bem e fielmente com otro ofisial abaxo asjnado e eu Baptista fang.<sup>ro</sup> da fonscea escriuão da camara o escrevi. Baptista fangr.<sup>ro</sup> da fonscea e comig taballiam Gomes Gallvam».

[Archivo da camara municipal de Elvas, t. 1, velho, do *Registo*, p. 11, fl. 552 v. *Ordenações e leys confirmadas e estabelecidas pelo Senhor D. João IV*. Lisboa, 1747. III, 168-169. *Collecção chronologica de leis extravagantes*. Coimbra, 1819. I, 515-517.]

## N.º 17

1648

*Decreto, em que se prohibio darem-se, ou alugarem-se casas a Ciganos*

Ao Desembargo do Paço hey por muy encarregado faça com põtualidade executar a Ley dos Ciganos, accrescentando a ella, que as pessoas, que lhes derem, ou alugarem casas incorrerão nas penas, que mandarei declarar. Lisboa, 30 de Julho de 1648.

Com Rubrica de Sua Magestade.

[Liv. I dos *Decretos do Desembargo do Paço*, fol. 215, in *Ordenações e leys confirmadas e estabelecidas pelo Senhor D. João IV*, etc. Lisboa, 1747, vol. III: *Collecção II dos Decretos e Cartas*, p. 273.]

## N.º 18

1649

Eu ElRey faço saber aos que este Alvara virem que por se ter entendido o grande prejuizo e inquietação que se padece no Reino com huma gente uaganiunda que cõ o nome de siganos andam em quadrilhas vivendo de roubos enganos e imbustes contra o serviço de Deus e meu, Demais das ordenações do Reino, por muitas leis e prouisões se precouro extinguir este nome e modo de gente uadia de siganos com prizocns e penas de asoutes, degredos e galés, sem acabar de conseguir; e ultimamente querendo Eu desterrar de todo o modo de uida e memoria desta gente uadia, sem asento, nem foro nem Parochia, sem uiuenda propria, nem officio mais que os latrociuios de que niuem, mandey que em todo Reiuo fossem prezos e trazidos a esta cidade, onde serão embarcados e leuados para seruirem nas conquistas diuididos; e porquanto ficarão ainda na cadea alguns velhos incapazes e outros escondidos neste Reino, cõ o mesmo intento mandey passar hum Alvara em vinte e quatro de outubro de seiscentos e quarenta e sete de que o treslado é o seguinte. . . [Vid. *Doc. n.º 16.*]

E porque no dito Aluara se trata somente dos ditos siganos prezos velhos e incapazes sem se declarar outra parte de minha ordem e decreto que passey sobre os mais que ficarão ainda no Regno capazes de seruiço nas conquistas, exceptuando os que assistem nas fronteiras e não andassem em companhia de outros, mandando que com os que fossem inhabeis se procedesse na forma do Aluara referido e nesta Corte se não consentissem em nenhum cazo nem sinco leguas ao redor sigano nenhum nem sigana, sou informado que nesta parte se não passou nem publicou em muitas partes como ordeney; e que pelos que estauão seruiudo nas fronteiras se me fes queixa que estando mais de duzentos e cincoenta em meu serviço desde o tempo de minha filice aclamação alistados com zelo e valor, com que já forão muitos apremeados; e que a dita Ley geral da prizão se não podia emtender nelles; e sem embargo disso se executava lançando-os fora da fronteira e sem paga de seus soldos, mandando os prezos ou que fossem uiuer as ditas vilas do sertão. E querendo eu em tudo prover, Hey por bem e mando que os ditos Corregedores das Comarcas executem com muita diligencia a dita primeira Ley da prizão, prendendo logo todos os siganos que acharem capazes de seruir excepto aqueles que actualmente assistem nas fronteiras e não andarem na companhia de outros e os remetão a esta Corte ao Corregedor della a que esta cometida a supritendencia (sic) deste negocio, e dos que forem velhos e inhabeis se proceda na forma de dito Aluara e os juizes das terras ondo os mando

recolher e abitar os obriguem a uzar como os mais uezinhos naturais. E mando que nesta corte e sinoo legoas ao redor della se não eonsinta sigano nem sigana algũa com cominação que o que nella se achar passado o tempo da publicação desta seja sem mais proua nem diligencia eondenado em asoutes e toda a vida para galés e a sigana degradada para Angola ou cabo Verde; e as pessoas que lhe derem ou alugarem casas e os recolherem sendo piães encorrerão em pena de tres annos de degredo para Castro Marim e trinta cruzados pera captiuos e aceusador; e sendo de mayor calidade em dois annos para Africa e sinoenta cruzados. E os fidalgos fora da Corte. E hey por bein declarar que esta ley da prizão senão emtende nos siganos alistados que seruem nas fronteiras actualmente nas companhias ou lugares em que por seus superiores seruirem, procedendo na forma trage e lugar dos naturais; e onde com licença dos Governadores das Armas a negocio e tempo limitado forem; e porque alguns por seruiços e rezões particulares estão naturalizados com eartas de naturaes e vezinhos de lugares e vilas do Reino se não entenda neles a dita Ley guardando elles em tudo as condições de suas cartas. Pello que mando ao dito meu ehançarel mór faça publicar na Chancellaria esta Ley e declaração e della enuiar copias sob meo selo e seu sinal aos ditos eorregedores das Comarcas e mais justiças destes Reinos para terem entendido o que ultimamente tenho resolutu sobre os ditos eiganos. E o executarem inteiramente sem duuida nem contradicção algũa e se registrará de nouo nas partes eostumadas em semelhantes leis. André de Moraes o fez em Lixboa a sinoo de fevereiro de mil e seis centos e quarenta e nove. Luiz de abren de Freitas a fez ecreuer. Rey.

[Arquivo Nacional. *Leis*, liv. v, fl. 1. *Ordenações e leys confirmadas e estabelecidas pelo Senhor D João IV*, etc. Lisboa, 1747. III, 169-170.]

## N.º 19

1649

### *Decreto em que se mandarão avisar os Corregedores do Crime da Corte, para que fizessem despejar os Ciganos*

Faça o Conde Regedor advertir da minha parte aos Corregedores do Crime da Corte, como nella me dizem andão actualmente algumas Ciganas; as quaes, posto que digão vem seguido seus maridos, visto uão terem ellas licenças para usarem do traje, lingua, ou giringonça, seria conveniente a meu serviço, e bem da Republica lança-las dellas, e alimpar a Terra. Lisboa em 20 de Setembro de 1649.— Com Rubrica de Sua Magestade.

[Liv. x da *Supplicação*, fl. 23 in *Ordenações e leys confirmadas e estabelecidas pelo Senhor D. João IV*, etc. Lisboa, 1747, vol. III: *Collecção II dos Decretos e Cartas*, p. 273.]

N.º 20

1655

*Carta de André d'Albuquerque*

«Sñor — A ordem, que Vossa Magestade foi servido mandar-me em carta de 12 de Setembro do anno passado para se prenderem os siganos, que se achassem nesta Provincia, encarreguei aos governadores e Capitães Mores das fronteiras, e Governadores, Corregedores e Ouvidores das Comarcas, para que a executassem em 25 do ditto, como Vossa Magestade o ordenava; e havendo concorrido todos nesta diligencia, se acharam somente alguns homens, que por me presentarem Provisões de Vossa Magestade, pelas quaes Vossa Magestade os ha por naturaes, e lhes dá permissão para viverem no Reino e me constar não andavão em quadrilhas daquella gente, nem tratavão com ella, os tornei a mandar soltar, e tambem algumas mulheres, que por velhas e miseraveis se não devia intender a ordem com ellas. Nesta fórma se procedeu neste particular, e ao diante se prenderão os siganos, que apparecerem, como Vossa Magestade tem mandado. — Deus Guarde a muito alta e poderosa pessoa de Vossa Magestade — Elvas, 2 de Fevereiro de 1655. — *André d'Albuquerque*».

[Esta carta foi copiada pelo dr. Francisco de Santa Clara de um livro pertencente ao Archivo do governo militar do Elvas intitulado *Livro II do Registo, que os Senhores Governadores das Armas escrevem a Sua Magestade que Deus guarde.*]

N.º 21

1682

*Processo inquisitorial da cigana Garcia de Mira*

Aos sette dias do mez de Dezembro de mil seiscentos e oitenta e dous annos em Lisboa nos Estaos e caza do despacho da Santa Inquisição, estando a ré em audiencia de manhaã, o Senhor Inquisidor Pedro de Atayde de Castro mandou vir perante si da salla a hum homem por pedir audiencia, e sendo presente disse a pedira para denunciar nesta meza couza a ella pertencente e logo lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos, em que pos a mão sob cargo do que lhe foi mandado dizer uerdade e ter segredo, o que prometteo cumprir. e disse chamar-se Manoel Alvares da Nobrega official de brincos de cera, natural do Lugar do Cabo Villa, freguezia de S. Salvador do Taboado, termo da Villa de Amarante, e morador nesta cidade, e ser de trinta annos de idade. E logo denunciando

Disse que haveria tres semanas pouco mais ou menos, não se lembra do dia ao certo, estando elle Denunciante em sua casa na rua de Quebra Costas, detraz da Igreja de Nossa Senhora da Palma, chegou á sua porta hũa Sigana, e lhe disse chamar-se Catherina, representa ter sessenta annos de idade, e anda em trage de viuva com sua saya de estamenha parda e mantilha de bacta negra com capello cozido debaixo da barba, e não tem parte notavel por que mais a haja de confrontar, e só que traz hũas contas brancas aconfeitadas, e mora nesta cidade em companhia de Siganos junto as cazas do Enviado de Castella, e lhe disse ter hũa Irmaã chamada Antonia Ramalha, a qual, fallando-lhe, lhe disse que elle tinha sua molher auzente, e muitos perigos que passar, se queria que lhes atalhasse, e dizendo-lhe elle Denunciante em que forma o havia de fazer, respondeo ella que por meyo dos ficis de Deos, e que por todo este mez saberia que sua molher era morta, para cujo effeito lhe pedio lhe havia de dar algum dinheiro que para os ingredientes lhe era necessario, e necessaria de hum cruzado que elle lhe deu, e pelo premio do que nisso obrasse lhe havia de dar duas moedas de ouro, que o Denunciante prometteo assim fazer, obrando ella por meyos licitos, e sem ofença de Deos, e tornando por outra uez a dita Sigana a sua caza, não se lembra do dia ao certo, mas haverá quinze, diante delle testemunha, e de Catherina da Costa, que uiue em sua companhia, lhe pegou na mão esquerda delle Denunciante na qual pos hum alfinete ou arame com duas bolinhas de cera em cada ponta sua, e dous alfinetes mais, pregado hum com o bico em hũa das dittas bólas, e o outro com a cabeça pregada na ditto bola, com as extremidades uiradas para o pulso sem estarem juntas, e logo o obrigou a que cuspiisse por tres nezes na ditto mão, na parte que ficaua cercada dos alfinetes, dizendo as palavras seguintes: em nome de Deos Padre, Deos fillo, Deos Spirito Santo, tres Pessoas e hum só Deos verdadeiro, que reynou e reynará para sempre jamais. Amen Jesus. = Santos Ficis de Deos,—obrigando-o a que repetisse estas, e as palavras seguintes e á ditto Catherina da Costa. | os dáquem e os dálem e os da nauegação, vós fostes como nós, nos seremos como vos, todos uos ajuntareis, e neste caso nos ajudareis. E logo os dous alfinetes das extremidades que estauão pregados nas bolas do arame ou alfinetes se uirarão, hum duas uezes e outro hua, ficando sempre pregados nas dittas bolas com os bicos, com as cabeças para as pontas dos dedos formando hua forea, tendo elle Denunciante sempre a mão quieta, e direita sem a mouer, hauendo-lhe a ditto Sigana primeiro ditto, que aquella sorte fazia para saber se sua molher era morta ou uiua, e que se os alfinetes se mouessem, era sem duuida ser morta, e logo tomou os dittos alfinetes, e os guardou, fazendo-lhe alimpar a mão dos cuspos com hum papel e que o deitasse na rua.

Disse mais que passados tres ou quatro dias, não se lembra tambem de qual ao certo, tornou a mesma Sigana a sua caza, e dizendo-lhe se queria uer a certeza de sua molher ser morta, lh'a mostraria facilmente, e para isso pedio hum alguidar com agoa e lançando nella meia folha de papel, que lhe pedio mandasse comprar, hauendo-o passado tres nezes por baixo do trauesseiro da cama, lhe pos a mão para que se molhasse, dizendo hãas palauras que elle não percebeo, e repetio tambem as palauras que atraz ficão dittas da Santissima Trindade e Fieis de Deos, obrigando-o a que rezasse o que quizesse pela alma que estiuesses mais nezinha a uer a Deos Senhor Nosso, que lhe mostrou no ditto papel, e era a figura de hum defunto com quatro castiçaes, dous á cabeccira, e, dous aos pées, o que tudo se figuraua na parte do papel que ficou enxuto, perfilado tudo como em debuxo, em premio do que lhe pedio cinco tostões, sendo que lhe havia dado mais meya moeda, e com outros tostões que lhe deu para a mortalha fez tudo soma de cinco mil réis, pouco mais ou menos. Do que tudo nem dar conta nesta Meza, entendendo que as obras da dita Sigana não são naturaes, como elle pretendia, e sem offença de Deos, e o faz por descargo de sua consciencia, e entender que he a isso obrigado. E mais não disse e ao costume disse nada. E sendo-lhe lida esta sua denunciação, e por elle ouuida, e entendida, disse estar escrita na uerdade e nella se affirmaua, ratificaua e tornaua a dizer de nouo sendo necessario, e nella não tinha que acrescentar, diminuir, mudar ou emmeudar, nem ao costume ter que dizer de nouo, sob cargo do juramento dos Santos Evangelhos que outra uez lhe foi dado. Ao que estiuereão presentes por honestas e religiosas pessoas os Licenciados João Cardoso de Andrade e Joseph Coelho, notarios desta Inquisição que tudo uirão e ouirão, e prometterão dizer uerdade e ter segredo no que lhes fosse perguntado sob cargo do juramento dos Santos Evangelhos que lhes foi dado, e assinarão com elle Denunciante, e com o ditto Senhor Inquisidor. Manoel Martins Cerqueira o escreui. *Pedro de Attaide de Castro. Manoel Aluares Nobrega. = João Cardoso. — Joseph Coelho.*

E ido o ditto Denunciante para fora, forão perguntados os dittos Licenciados se lhes parecia que elle fallaua uerdade, e merecia credito, e por elles foi ditto que sim lhes parecia que elle fallana uerdade e merecia credito, e tornarão a assinar com o ditto Senhor Inquisidor. Manoel Martins Cerqueira o escreui. *Pedro de Attaide de Castro. — João Cardoso. — Joseph Coelho.*

Seguem:

1.º O depoimento de Catherina da Costa, solteira, de 30 annos de idade, em tudo conforme ao de Manoel Alvares, com a particularidade a mais de que a cigana mandou comprar o papel dizendo «que era necessario não fosse a marca da que tivesse Crus».

2.º O requerimento do promotor para que a cigana seja presa e processada na forma do regimento, em o qual, tendo summariado os depoimentos, conclue: «do que tudo se colhe usar a delata de palavras divinas para couzas illicitas e ter pacto com o diabo para advinhar futuros».

3.º Despacho.

4.º A confissão da ré.

«Aos quinze dias do mez de Dezembro de mil seiscientos e oitenta e dous annos em Lisboa nos Estaos, estando alli em audiencia de manhã o Senhor Inquisidor Pedro de Attayde de Castro, mandou vir perante si a hũa molher que em onze deste presente mez foi preza nesta cidade, e recolhida nos carceres de penitencia, por pedir audiencia, e sendo prezente disse a pedira para confessar nesta meza o que entendia podia conuir ao descargo de sua consciencia, pelo que lhe foi dado juramento dos Santos Euangelhos, em que pos a mão, sob cargo do que lhe foi mandado dizer uerdade, e ter segredo, o que prometteo cumprir. E disse chamar-se Garcia de Mira, molher, digo, viuua de Antonio Soares, que foi Sigano, natural de Montemor o Novo, e moradora nesta cidade junto ao Enviado de Castella e ser de euuocenta annos de idade. E logo foi admoestada que, pois tomara tão bom conselho como era confessar uoluntariamente nesta meza suas culpas lhe conuinha muito dizer toda a uerdade dellas, não impondo sobre si, nem sobre outrem falço testemunho, porque fazendo assim porá sua alma em estado de saluação, e aleançará a mizericordia que pretende. E promettendo de assim o fazer

Disse que haverá tres semanas nesta cidade foi ella confitente a rua do Quebra-Costas a caza de Manoel Alvares de Nobrega, official de brineos de cera, e fallando com elle lhe dissera que lhe mostrasse a mão para lhe dizer a buena dieha, e que mostrando-lhe a o ditto Manoel Alvares, lhe dissera que tinha muitos trabalhos que passar; e que respondendo o ditto Manoel Alvares que já os tinha passado, lhe tornou ella confitente a dizer que não erão esses, senão outros que de nouo hauia de passar; e que entrando neste tempo hum Clerigo a fallar com o ditto Manoel Alvares, hũa molher moça que estana no quintal das mesmas cazas a chamou com as mãos, e indo ella confitente a fallar com a ditto moça, que lhe disse chamar-se Catherina da Sylva, esta lhe disse que o ditto Manoel Alvares não era seu marido, mas era casado com hua molher que hauia fugido, e tinha illicita amizade com ella ditto Catherina da Sylva, que quizesse fazer-lhe alguãs deuocões ou feitiços que o obrigassem a recebella por molher, e ella confitente lhe respondeo que sim faria, e porque a ditto Catherina da Sylva dezejasse fallar com ella mais deugar, e neste tempo se despedio o Clerigo que estaua fallando com o ditto Manoel Alvares, disse ella confitente á ditto Catherina da Sylva que tornaria a uer-se com ella, e sahio a fallar-lhe na mesma caza

o ditto Manoel Aluares de Nobrega, ao qual disse que o tornaria a buscar e lhe faria hũas sortes para saber se sua molher era uiua, ou morta, em premio do que lhe deu hum cruzado.

Disse mais que no dia seguinte, do qual não está lembrada ao certo, tornou a eaza do ditto Manoel Aluares da Nobrega, ao qual disse que queria lançar as sortes que lhe promettera para saber se a ditto sua molher, que estava auzente sem lhe dizer aonde, era uiua ou morta, e que para isso abrisse a mão direita, o que elle fez, e pondo-lhe no alvo della hua palhinha de balanco torsida e seca ao fogo, e em cada ponta da mesma palhinha hũa bolinha de cera, e em cada bolinha pregado hum alfinete com as cabeças para o pulso, dizendo-lhe que euspisse na mesma mão para que recebendo humidade a ditto pallinha destorceesse para a banda dos dedos, e trouxesse nira-dos os dittos alfinetes que com effeito nirão com a pallinha, e ficarão fazendo a forma de hũa forea, hauendo-lhe tambem ditto que se os dittos alfinetes uoltassem era sinal de ser morta a ditto sua molher, e não uoltando a ser uiua, sendo que não tinha duuida o hauer de destorcer a ditto palhinha, e em quanto fes as sobredittas couzas dizia as palavras seguintes: Em nome do Padre, Filho e Spirito Santo, que reynou e reynará para sempre jamais, amen. E em premio do que lhe deu o ditto Manoel Aluares meya moeda de ouro, e lhe prometteo fazer segunda sorte: a qual foi no (ao?) dia seguinte, mandando-lhe comprar hũa folha de papel, e que a mettesse debaixo da cabeceira, rezando cinco credos á hora das cinco Chagas de Christo Senhor Nosso, e tornando no dia seguinte tomou meya folha do ditto papel e a dobrou em muitas dobras asemelhando a outra meya folha que leuaua debuxada com pedra hume, em forma que fizesse a figura de hũa pessoa morta com dous castiçaes á cabe-cira e dous aos pés, e tendo-a na mão debaixo da mantilha, tomou ua outra mão a meya folha que se hauia comprado, e fazendo algũas ligeirezas de mãos as troucou, e lançou com a agoa que tinha prepara-da em hum alguidar a meya folha que hauia trazido, a qual bur-nida com a pedra hume molhou só aquella parte que não estaua burnida em a ditto pedra hume, e ficou enxuta e figurada a estampa de um corpo morto, e dos quatro castiçaes que fião dittos, e tornou a dizer que toda a meya folha de papel se ensopou na agoa, e que assim mostraua a figura sobreditta, do que os dittos Manoel Alua-res e Catherina da Sylua ficarão admirados e entendendo que erão feiticeirias o que uiam nesta sorte, como na que fes dos alfinetes; e pedindo-lhe dinheiro para hũa offerta, lhe dera o mesmo Manoel Aluares dez tostões; e que as sobredittas couzas fez obrigada da sua muita pobreza por ser viuua, e ter filhos que alimentar, uzando de cousas naturaes, que os mesmos Manoel Aluares e Catherina da Sylua poderão conhecer se forão aduertidos, dizendo as palauras sobredittas e mandando dizer as orações que a Igreja approva, sem

animo nenhum de offender a Deos Senhor a Nosso; mas de ainda assim não lhe ser licito está muito arrependida; pede perdão o que se uze com ella de misericordia.

Foi-lhe ditto que tomou bom conselho em declarar nesta meza as couzas de que tem dado conta nella, que se abstenha de as tornar a commetter, nem outras semelhantes que possão introduzir erros, o abuzos no povo Christão, porque tornando a reincidir nellas será castigada com todo o rigor. E por dizer que nem por pensamento tornará a commetter semelhantes culpas, e engano, foi outra uez admoestada em forma, e mandada a seu carcere, sendo-lhe primeiro lida esta sua confissão, que por ella ouvida e entendida, disse estar escripta na uerdade e assinei eu Notario por ella não saber escreuer de seu consentimento com o ditto Senhor Inquisidor. Manoel Martins Cerqueira o escreui. — *Pedro de Attaide de Castro.* — *Manuel Martins Cerqueira.*

Aos vinte e dous dias do mez de dezembro de mil seiscientos e oitenta dous annos em Lisboa nos Estaos, e caza de Despacho da Santa Inquisição estando aly em audiencia da manham senhores inquisidores, mandarão uir perante si a Gracia de Myra Sigana, Ré preza conhecida neste processo, e sendo presente foi reprehendida asperamente e aduertida que se tornar a cahir nas culpas porque foi preza será castigada com todo o rigor de justiça. E outro sy será condemnada em penas pecuniarias, e que restitua o dinheiro e pesas que acceitou a alguãs pessoas por meyo de seus embustes, o que tudo prometteo cumprir sob cargo de juramento dos Santos Euangelhos, que pera este effeito lhe foi dado e que lhe he dada licença pera se poder hir para onde bem lhe estiuesses e que goarde segredo em tudo o que vio, ouuiu e com ella nesta Meza se passou, o que tambem prometteo cumprir; de que fiz este termo de mandado dos Senhores Inquisidores que aqui assinarão e eu Notario, de consentimento da Rée por não saber escreuer. João de Mesquita que o escreni. — *Pedro de Attaide de Castro.* — *João de Mesquita de Macedo.*

[Archivo Nacional. *Processos inquisitoriaes*, n.º 1236.]

## N.º 22

1686

### *Registo de húa Provisão de Sua Magestade sobre os Siganos*

«Dom Pedro, por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, Senhor de Gniné &. Faço saber a vos corregedor da comarca da cidade de Elvas que, por ser informado de que de Castella se expulsavão os siganos e estes se passavão a este Reyno em tanta quantidade que aos Povos pequenos seria

muito defieultoso o poderem seportar esta quasi inundação de gente tão osioza e prejudicial por sua vida e costumes, andando armados para melhor cometerem seus asaltos, como a experiencia tẽ mostrado com as universaes quexas o que tudo se seguia de senão conservarem as Leis estabelecidas contra elles e se omittião por respeitos que a sua industria adqueria. E convir ao serviço de Deos e meo que de todo se extreminẽ, sem que se lhes premita habitação neste Reyno nem trato qualquer que seya. Hey por bem e vos mando não premitaes entrem neste Reyno nenhum destes siganos e os que de facto tiverem entrado os prendereis logo nas cadeas publicas e me dareis conta. E quanto aos que ja são naturaes, filhos e netos de Portuguezes (porem com habito genero e vida de siganos), os obrigareis a tomarem domisilio serto, donde não poderão sahir nem mudar sem minha especial licensa, nem possão andar vagabundos em quadrilhas pelo Reyno e achiando-os nesta forma (?) os prendereis e lhe não conseutireis uzem de trage particular, mas que se vistão do costume do Reyno e em aquelles que encontrarem a Ley sobre elles estabelecida a fareis executar na forma que nella se contem, com declaração que os annos que a dita Ley dá para Africa seyão para o Maranhão. E logo que esta receberdes mandareis pôr editaes publicos em que lhes assinareis tempo para lhes ir a noticia esta minha resolução, e aestindo no nosso destrito os mandareis notificar e fareis trasladar esta ordem nas camaras dessa comarca para que os juizes dellas a fação executar, como nella se contem, de que remeteréis as certidões, que serão entregues a Francisco Pereyra de Castello branco, escrivão da minha camara, advertindo que toda a omissão com que vós e os ditos Juizes vos ouverdes neste particular, não dando a execussão esta ordem, se vos hade dar em culpa que para este effeito mandey acrescentar esto capitulo aos mais do Regimento das rezidencias. ElRey nosso Senhor o mandou por seu especial mandado pelos Dezembargadores Diogo Marchão Themudo o Bras Ribeiro da fonseca, ambos do seu Conselho e seus Dezembargadores do Paço Miguel vieyra a fez em Lixboa aos 15 de julho de 1686. Francisco Pereyra de Castello branco a fez escrever. Bras ribeiro da Fouseca. Diogo Marchão Themudo. Por resolução de Sua Magestade de 10 de junho de 1686 em consulta do dezembargo do Passo. E não continha mais a dita provizão que eu Manoel da Silveyra de Azevedo escrivão da camara fiz tresladar neste tombo e a propia me reporto e por verdade me asiney do meu sinal de que uzo o a propia entreguey ao Corregedor da Comarca. Elvas aos vinte dias do mes de julho de mil seiscentos e outenta e seis annos. Manoel da Silveira de Azevedo, escrivão da Camara, o fis escrever e asinci. *Manuel da Silveira de Azevedo.*»

[Tombo 11 do *Registo dos Alvarás, Provisões, Cartas e mais ordens de Sua Magestade*, a fl. 12. Archivo da Camara de Elvas, armario n.º 8].

## N.º 23

1686

*Decreto, em que se mandou commutar o degredo  
de Africa para o Maranhão*

Tenho resolutó que com os Ciganos e Ciganas se pratique a Ley, assi nesta Corte, como nas mais Terras do Reyno; com declaração, que os annos que a mesma Ley lhes impõem para Africa, sejão para o Maranhão; e que os Ministros que assi o não executarem, lhes seja dado em culpa para serem castigados, conforme ao dolo, e omissão, que sobre este particular tiverem; para o que ordenci ao Desembargo do Paço se acrescentasse este Capitulo aos mais do Regimento das Residencias. O Regedor da Casa da Supplicação o tenha assi entendido, e nesta fórma o faça executar pela parte, que lhe toca, encarregando-o aos Ministros de Justiça, e que com todo o cuidado se empreguem nesta diligencia. Lisboa 27 de Agosto de 1686. — Com Rubrica de Sua Magestade.

[Liv. x do Supplicação, fl. 276, in *Ordenações e leys*, etc. Lisboa, 1747, vol. III: Collecção II dos *Decretos e Cartas*, p. 273].

## N.º 24

1694

*Registo de huma Prouizão de Sua Magestade pelo Dezembargo do  
Paço ao Corregedor desta Comarca para que os siganos nascidos  
neste Reyno tomem genero de vida ou o despejem dentro em dois  
mezes.*

Dom Pedro por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarues, daquem e dalem mar em Africa, senhor de Guine &. Faço saber a vós Corregedor da Comarca de Elvas, que por quanto sou informado que os siganos nascidos neste Reyno conthinuam em seus excessos e delitos, sem tomarem genero de vida nem officio de que possam sustentarse, vivendo arranhados e juntos em quadrilhas, trazendo os mesmos habittos e trages de ciganos, sem terem domicilio certo, tudo contra a minha rezolução que sobre esta materia mandey publicar no anno de 1689 (*sic*), e porque tem mostrado a experiencia que não seruiu thegora de remedio bastante e convem muito tratar da quietação e socego de meus vassallos, cuitandose todos os dias os delitos que se podem temer de gente tam licencioza na vida e costumes. Hey por bem e vos mando que tanto que esta receberdes mandeis logo por em todas as Villas e lugares dessa

Comarea edictais publicos que todos os eiganos nascidos neste Reyno que logo não tomarem genero de vida, de que possam sustentarse na forma da dita minha rezoluçam do anno de 1689. sayam deste Reyno dentro em dois mezes com pena de morte e passado o ditto terino serão hauidos por banidos, e se praticara com elles a pena do banimento na forma da ley. assi e do mesmo modo que tenho rezoluto com os siganos castelhanos que entrarão neste Reyno; e na execução desta deligencia que vos hey por muito reeomendada poreis todo o euidado advertindovos sercis seueramente castigado por qualquer descuido que nisto tiuerdes; e para que os vossos sucessores não possam alegar ignorancia, mandareis registrar esta minha rezolução nos Livros da Correição e nos das Cameras de cada hua das Villas dessa Comarea, de que me dareis conta, remetendo eertidão de como assy o tendes executado; e nas terras aoude não entrardes enviareis a coppia desta Ordem ao Provedor dessa Comarea e da mesma sorte aos Juizes de fora e ordinario della para que cada hum em sua jurisdicção a execute e a obserue assy como a vós volla enearrego, porque da mesma sorte mandarei proeeder contra elles pelo descuido que uisso tiuerem. El Rey Nosso Senhor o mandou por sen espeecial mandado pelos Doutores Diogo Marchão Themudo e Bras Ribeiro da Foneeca ambos do sen conceelho e seus Dezembargadores do Paço. Thomas da Sylva a fes em Lixboa a 15 de Mayo de 1694. Diogo Marchão Themudo. Braz Ribeiro de Affouseca. E não continha mais a dita Prouizão que bem e na verdade tresladey e a propria entreguey ao dito Corregedor e por verdade assiney em Elvas aos 17 de junho de 1694. João Bressane Leite escrivão da Camara o escrevi. *João Bressane Leite.*

[Tombo II do *Registo dos Alvarás, etc.*, fl. 63 v. Archivo da Camara do Elvas, armario n.º 8.]

---

N.º 25

1694

*Registo de huma Prouizão de Sua Magestade pelo Dezembargo do Paço para que o Corregedor desta Comarca faça despejar deste Reino dentro em dois meses os siganos castelhanos intruzos nelle.*

Dom Pedro por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarues, daquem e daleu mar em Africa, Senhor de Guiné &. Faço saber a vós Corregedor da Comarca de Elvas que, por quanto sou informado que pelas rayas deste Reino tem entrado muitos siganos castelhanos, os quais havião cometido muitos e varios erimes, e porque convem evitar o grande prejuizo que de homens tam licenciozos e eriminozos se pode seguir aos meus vassallos. Hey por bem e vos

mando que tanto que esta receberdes mandeis logo por em todas as Villas e lugares dessa Comarca edictais publicos em que se declare que todos os que tiverem entrado neste Reino sayão delle em termo de dois mezes, com pena de morte, e passado o dito termo serão havidos e bannidos e se praticara com elles a pena de bannimento na forma da ley; e na execução desta deligencia que vos hey por muito recommendada poreis todo o cuidado, advertindovos sereis seneramente castigado por qualquer deseuido que nisso tiuerdes; e para que vossos successores não possam alegar ignorancia, mandareis registrar esta minha resolução nos livros da correição e nos das camaras de cada lúá das villas dessa comarca, de que me dareis conta, remetendo certidão de como assi o tendeis executado, e nas terras aonde não entrardeis, inviareis a coppia desta ordem ao Provedor dessa comarca e da mesma sorte a todos os Juizes de fora e ordinarios d'ella. E que cada hum em sua jurisdicção a execute e observe e assim como a vós vollo encarrego porque do mesmo modo mandarey proceder contra elles pelo deseuido que nisto tiuerem. El Rey Nosso Senhor o mandou por seu especial mandado plos Doutores Diogo Marchão Themudo e Bras Ribeiro da Affonseea ambos do seu concelho e seus Dezembargadores do Paço. Thomas da Sylva a fez em Lixboa a 15 de Mayo 694. Francisco Pereira Castello branco a fes escreuer. Diogo Marchão Themudo. — Bras Ribeiro de Affonseea. — E não continha mais a dita Prouizão que eu bem e na verdade tresladey e a propria entreguei ao dito Corregedor em Elvas aos 17 de Junho de 1694. João Bressane Leite escrivão da Camara escrevi. *João Bressane Leite.*

[Tombo cit., fl. 64 v].

N.º 26

1696?

*Registo da carta do officio de Thezoureiro da Camara por que Sua magestade que Deus guarde fes merce da propriedade delle a Antonio Roiz de Pinna.*

Dom Pedro por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa snõr de Guine e da conquista & nauegaçam comercio de Ethiopia Arabia Persia e da India &. Faço saber aos que esta minha carta uirem que por parte de Antonio Roiz de Pinna me foy apresentado hum meu Alnara passado pla minha Chansellaria do theor seguinte &— Eu El Rey faço saber aos que este Aluara uirem que Antonio Roiz de Pinna escrivão seruentnario do officio das execuções da cidade de Elvas me representou que eu fui seruido ordenar a Lopo Tavares de Araujo estando seruido de

Corregedor daquelle Comarca em Abril de 694 que prendesse a hum cigano chamado Manuel Roiz Roza e hauendolhe por mi recomendado a dita prizão, a qual o dito Corregedor enarregeou ao meirinho da correição e a elle, que hindo ambos a villa de Oliuença, aonde viuia o sigauo, lhe entrarão em eaza na noite de 26 do dito mes, requerendolhe da minha parte por muitas vezes se desse a prizão, o que não quizera fazer, antes os investira com estoque de seis palmos e húa rodella, tirando-lhe muitas estocadas e pancadas, com lua das quais lhe quebrara a espada ao meirinho e ficara brigando com elle somente.....

[Não está concluido este registo, que se acha a fl. 80 do Tombo II do *Registo dos Alvarás, Provisões, Cartas e mais ordens de Sua Magestade*. — Archivo da Camara de Elvas, armario n.º 8].

---

N.º 27

1699

«Provisão Regia de 9 de julho de 1699 para serem remettidos presos ao Limociro os Ciganos».

[J. P. Ribello, *Indice chronologico*, I, 275.]

---

N.º 28

1708

Eu ElRei faço saber aos que esta minha Lei virem, que, por ter mostrado a experiencia não haverem sido bastantes as disposições da Ordenação do Reyno e outras Leis posteriores, e varias ordens, que em diversos tempos se passárão para os Ciganos não entrarem no Reyno, e se conservarem nas Terras delle, nem para que estes, e outros homens, e mulheres de ruim vida, que se lhes agregão, fação com elles escandalosa vida, que os Póvos sentem, e commettão, como frequentemente commettem, furtos, enganos, e outros muitos delietos e enormidades; e mandando considerar esta materia com toda a ponderação, por convir muito á Justiça e bein do Reyno dar-se lhe remedio: Hey por bem, e mando que não haja neste Reyno pessoa alguma de um, ou de outro sexo, que use de trage, lingua, ou Girigonça de Ciganos, nem de impostura das suas chamadas. *buenas dichas*: e outro-si, que os chamados Ciganos, ou pessoas, que como taes se tratarem, não morem juntos mais, que até dous casaes em cada rua, nem andarão juntos pelas estradas, nem pousaráõ juntos por ellas, ou pelos campos, nem tratarão em vendas, e compras, ou

trocas de bestas, senão que no trage, lingua, e modo de viver usem do costume da outra gente das Terras; e o que o contrario fizer, por este mesmo facto, ajuda que outro delicto não tenha, incorrerá na pena de açoutes, e será degradado por tempo de dez annos: o qual degredo para os homens será de galés, e para as mulheres, para o Brasil. E para que pontualmente se cumpra esta miuha Ley, mando aos Corregedores das Comarcas, e aos Juizes de Fóra, e Ordinarios, a executem em suas Jurisdicções, e contra os transgressores procedão a prisão, e a devassa, com a noticia, que dos casos tiverem; a qual devassa bastará ser de até oito testemunhas; e tiradas que forem, se por ellas tanto se provar, que contra os culpados se deve proceder, mandarão logo que os Reos summariamente respondão; e com suas respostas enviarão os autos ao Regedor da casa da Supplicação, ainda que seja de Terras do districto da Relação do Porto; e ao dito Regedor mando que com toda a brevidade, com os Desembargadores, que lhe parecer, faça em sua presença deferir, como parecer justiça, ou seja para sentenciar definitivamente, ou seja para interloutorias, e sempre com muita brevidade. Não he porém minha tenção, que se os ditos homens, ou mulheres tiverem outros delictos de maior pena, deixo de se proceder a execução della; e nenhum outro Tribunal, ou Ministro se intrometterá nesta materia; porque toda a superintendeucia della commetto ao dito Regedor, para proceder na forma desta Ley; o qual para este effeito poderá escrever e pedir conta aos Julgadores, e elles lha darão, e todas as informações necessarias, e elle ma dará, quando convenha. etc. Alvará de 10 de novembro de 1708.

[*Ordenações e leys*, etc. Lisboa, 1747. III, 170-171. *Collecção chronologica de leis extravagantes*. Coimbra, 1819, t. II, pp. 364-366.]

## N.º 29

1718

*Decreto, para que se passe ordem aos Governadores das Armas das Fronteiras, para que mandassem prender todos os Ciganos.*

Por convir á boa administração da Justiça exterminar deste Reyno todos os Ciganos pelos furtos, delictos graves, e excessos, que frequentemente commettem; Fui servido ordenar aos Governadores das Armas das Fronteiras, que pelos seus Officiaes os mandassem prender, para serem repartidos por diversas Conquistas; a saber, da India, Angola, S. Thomé, Ilha do Principe, Benguella, e Cabo Verde. E porque se me fez presente que em execução desta Ordem se achavão uas cadêas do Limociro muitos Ciganos, e Ciganas presos; Hey por bem que o Chancellér da Casa da Supplicação que

serve do Regedor ordene se embarquem para as ditas Conquistas os que se acharem presos, na forma, quo tenho resolutu. Lisboa Occidental 28 de Fevereiro de 1718.

Com Rubrica de Sua Magestade.

[Liv. XII da *Supplicação*, fol. 14, in *Ordenações e leys*, etc. Lisboa, 1747, vol. III: *Collecção II dos Decretos e Cartas*, p. 273.]

---

N.º 30

1745

*Decreto, em que se mandarão pôr em observancia as Leys da expulsão dos Ciganos.*

Por quanto tem mostrado a experiencia o grande prejuizo, que resulta aos Povos destes Reynos da assistencia dos Ciganos, não tendo produzido o seu devido effeito as Leys promulgadas para a expulsão delles, pelo deseuido, que tem havido na sua execução; Sou servido que a Mesa do Desembargo do Paço faça repetir com mayor aperto as ordens necessarias, dando providencia eficaz, para que iuviavelmente se executem as referidas Leys, e não admitta requerimento algum contrario a ellas. A mesma Mesa o tenha assi entendido, e o faça excentar. Lisboa 17 de Julho de 1745. Com Rubrica de Sua Magestade.

[Livro III dos *Registos do Desembargo do Paço*, fl. 131, in *Ordenações e leys*, etc. Lisboa, 1747, vol. III: *Collecção II dos Decretos e Cartas*, p. 274.]

---

N.º 31

1751

*Cópia de huma ordem que manou do Senhor Conde da Atalaja para o juizo da ovidoria e do ditto se enviou para o desta villa e se manda registrar.*

«Sendo apresentada a Sua Magestade que esta provincia se acha infestada de siganos, havendo-se introduzido nella contra as leis do Reyno e hordens reais expedidas sobre esta materia, e que nos giros que fazem tem cometido varios roubos e escandelosos insultos, foi servido ordenar-me que procurase que fosse presos todos os que se achassem e remetidos ás cadeias das cabeças das comarcas, de sorte que em toda estta Provincia se não tornem a ver hum só individuo daquella prejudicial gente, e para que possa ter a devida execusam, o que o ditto Senhor detremina logo que vosa merece resceber esta pasará as ordens nesarias sem demora alguma aos menistros das

terras da sua comarca para [o] que constando-lhes que nos seos des-  
 tritos se achão alguns siganos sáñão logo com os mesmos povos a  
 prendellos, de modo que possa ter effeito huma delegencia tam ro-  
 comendada por Sua Magestade; e se para segurança della fôr ne-  
 sesario que concorrão as tropas pagas, aonde as houver, poderão as  
 justiças requerer aos comandantes dellas o auxilio quo nesitarem  
 que prontamente se lhes dará tudo o que for preciso, e das ordens  
 que vosa merece expedir aos ministros da sua comarca mandará vosa  
 merece pedir recibos da sua entrega, que me remeterá todos junttos,  
 sem dilasam alguma, para que constando-me que algum delles, depois  
 de as reseber, as não observão com a devida exatidão, o farei presente  
 a Sua Magestade para que o mesmo Senhor possa ter com os trans-  
 gressores da sua Real ordem a severa demonstraçam que mereserem.  
 Deos Guarde a vosa merece munttos annos. Estreunos catorze de Ju-  
 llio de mil settecentos e sineoenta e hum. Conde da Atalajja. Cun-  
 pra e pase ordem geral na forma que se ordena. Villa Viçosa quinze  
 de Julho do mil sette centos e sineoenta e hum. Oliveira. E não  
 continha mais en a dita ordem, que bem e fielmente na verdade fis  
 tresladar e tresladei, a qual mo reporto, em fê do que me asignei em  
 raso. Villa Boim de agosto outo de mil settecentos e sineoenta e hum  
 annos. Sobreditto o eserevi. *Manoel Rodrigues Figueira*.

[Livro II do Copiador de alvarás e provisões da Camara (extincta) Municipal de Villa  
 Boim, a fl. 163 v. Archivo da Camara Municipal de Elvas].

---

N.º 32

1753

*Registo de huma carta precatoria de deligencia*

«O Doutor Joaquim Antonio de Azevedo Soares, Cavalleiro pro-  
 fesso na ordem de Christo, do Desembargo de El-Rey nosso Senhor  
 e seu Corregedor com alssada em esta munto nobro e sempre leal  
 sidade de Elvas e sua comarca pello dito Senhor que Deos gvarde,  
 que de presente na mesna sirvo de Provedor & Faço saber ao se-  
 nhor Doutor Juis de fora desta cidade, ou a quem em sua abzen-  
 cia ou impedimento seu nobillissimo cargo tiver e servir, em como  
 a mim hora me foy remetida huma ordem pello Tribunal do De-  
 zenbargo do Passo, feyta em nome de El-Rey noso Senhor, que  
 Deus guarde, e asinada pellos Doutores Dezenbargadores Jozc  
 Pedro Emaus e Antonio Velho da Costa, de cuja ordem o seu theor  
 e forma de verbo ad verbum he o seguinte — Dom Jozé por Graça  
 de Deos Rey de Portugal e dos Alguarves, daquem e dálem nar  
 em Africa, Senhor de Guiné & Fasso saber a vos corregedor da  
 comarca de Elvas quo Representaudo-me os Juizes de fora das

Villas de Souzel e Mertola a duvida que tiverão ao cumprimento das ordens que por meu servisso lhe remetera o Sargento mor de Batalha, que governa as Armas dessa Provincia, para effeito de tirar devasa exacta contra os siganos e quem os protegesse por ser o meio mais conveniente do socego dos Povos e Bem comum, e contra os que extrahirem trigo para o Reino de Castella e lavradores que o vendem aos Castelhanos e Portuguezes que o conduzirem ou em suas cazas o decharem albergar, dando-sc-lhe parte do que resultae desta diligencia para assim mo fazer presente, e sendo tudo visto na meza do Dezebargo do Passo, em que foi ouvido o procurador da minha Coroa, ele me fez presente em consulta da mesma meza, fuy servido rezolver e declarar que os ditos Juizes de fora fizerão o que devião em não executar as ordens do que governa as Armas, porque Devasas só por cazos de ley, rezoluções e decretos meos he que devem ser tiradas; quanto a extracção do trigo, tenho dado a providencia nesessaria, e pello que respeita aos siganos hey por bem e vos mando que, constando-vos por qualquer modo que algumas pessoas do voso districto, de qualquer qualidade ou condição que sejam, acoutão protegem ou recolhem siganos, os autoeis e prendais debacho da chave na cadeya da Cabeza da Comarea, de que me dareis conta pella meza do mesmo Dezebargo do Paso, tendo entendido que na vosa rezidencia se perguntará se cumpristes com esta obrigação, ficando assim adisionado este capitulo aos da rezidencia. E esta minha rezolução que mando participar a todos os corregedores ouvidores e provedores deste Reyno e do alguarve fareis tambem participar as justizas subalternas de vosso districto. Cumprio asim. El-Rey noso Senhor o mandou por seu especial mandado pellos menistros abaixo asinados de seo conselho e seus Dezebargadores do Paço. Francisco Varella de Asis a fez em Lisboa a tres de Novembro de mil setecentos e sineoenta e tres. Antonio Luis Signet de Cordes a fez eserever. José Pedro Ennaos. Antonio Velho da Costa. Por rezolução do Dezebargo do Paso, digo por rezolução de Sua Magestade de dois de outubro de mil setecentos e sineoenta e tres e despacho do dezebargo do Paso de doze do dito mez e anno. Por El-Rey noso Senhor ao Corregedor da Comarea de Elvas. E não se contem mais a dita em a dita prouizão por virtude da qual mandey pasar a presente para a vos ella ser dirigida dito Senhor Doutor Juiz de fora desta cidade de Elvas ou a quem em sua auzencia ou impedimento seu nobilissimo cargo tiver e servir a qual sendo-lhe apresentada indo primeiro por mim asinada e selada com sello deste dito meu Juizo(?) que ante mim serve ou com a minha rubrica, de que valha sem sello ex cauza, que tambem em semelhantes uzo e costuma servir, a cumpra e guarde, fasa munto inteiramente cumprir e guardar asim e da maneyra que em ella se conthem e declara, e em seu cumprimento e por virtude della, sa-

bendo Vossa merce que alguma pessoa, de qualquer qualidade que seja, desta dita cidade e seu termo, por algum modo acouta, protege ou recolhe siganos, os aetue e prenda logo na eadeya publica desta cidade, executando tudo na forma da Provizão de Sua Magestade, nesta incerta, que vos a merce mandarã cumprir tam inteiramente como nella se conthem, e vos a merce me mandarã pasar certidam de como esta lle foi entregue e a cumprio; como tambem mandarã dar e pagar o feitio e asynatura e sello desta, que no fim hirã declarado, sendo feita esta despeza á eusta dos bens do Conselho desta dita cidade; e de vos a merce asim o cumprir e mandar se cumpra e guarde, fara em tudo a justiça que costuma e he obrigado em rezão de seu nobelissimo cargo que occupa e admenistra, serviso a Sua Magestade que Deus guarde e a mim mersé, o que eu não menos farey por outras suas semelhantes, sendo-me apresentado da sua parte pedido e deprecado mediante Justiça etc. Dada e pasada em esta dita cidade de Elvas, feita em ella ao primeiro dia do mes de Dezebroy do Anno do Nascimento de Noso Senhor Jezus Christo de mil e setecentos e sineoenta e tres annos etc. Esta vai subescripta por Jozé Bernardes eserivão proprietario do officio da correição em esta cidade de Elvas e sua Comarca etc. Paguearse-ha de feitio desta ao todo contado na forma do Regimento duzentos e setenta reis e de asynar e sello noventa reis. E eu Jozé Bernardes eserivão da Correição o sobeserevy. Joachim Antonio de Azevedo Soares. Ao sello valha sem sello ex causa trinta reis. José Bernardes. Cumprace. Elvas cinco de dezembroy de mil e setesentos e sineoenta e tres. Faleato. E não se continha mais em a dita preatoria que fiz regystar bem e na verdade e não leva cousa que duvida fasa, em fêe do que a fiz eserever subeserevy e asynei de meus sinais costumado. Elvas dois de março de mil e setecentos e sineoenta e quatro annos. E eu João Pereyra Coelho, eserivam das execuções, que hora siruo de eserivam da Camara o subeserevi. *João Pereira Coelho*.

[Tombo III do *Registo* da Camara Municipal de Elvas, a fl. 203. — Archivo Municipal.]

### N.º 33

1756

*Aviso para o Duque Regedor, em que se lhe ordena, que os Siganos, que inquietavão os moradores do Termo desta Cidade, sejam applicados a servirem nas obras publicas da mesma Cidade.*

Ill.º e Ex.º Sr. Fazendo presente a Sua Magestade o Aviso, que V. Excellencia me dirigio na data de 13 do corrente sobre os Siganos, que inquietão os moradores do Termo desta Cidade: Foy

o mesmo Senhor servido mandar declarar a V. Excellencia, que não havendo presentemente navio para Angola, em que possam ser transportados os Siganos, que se condemnarem, sejam applicados a servirem nas obras publicas da Cidade. Deos guarde a V. Excellencia Paço de Belem, a 15 de Mayo de 1756. = *Sebastião Joseph de Carvalho e Mello.*

[*Memorias das principaes providencias que se derão no terremoto, que padeceu a Corte de Lisboa no anno de 1755. Lisboa, 1758, pag. 106.*]

## N.º 34

1760

Eu ElRey faço saber aos que este Alvara de Ley virem que sendome presente que os Siganos, que deste Reino tem sido degradados para o Estado do Brazil vivem tanto á disposição da sua vontade que uzando dos seus prejudiciaes costumes com total infracção das minhas Leis, causão intoleravel incomodo aos moradores, cometendo continuados furtos de cavalos, e Escravos, e fazendo-se formidaveis por andarem sempre encorporados, e carregados de armas de fogo pellas estradas, onde com declarada violencia praticão mais a seo salvo os seus perniciosissimos procedimentos; considerando que asim para socego publico, como para correccão de gente tão inutil e mal educada se faz preciso obriga-los pellos termos mais fortes e eficazes a tomar a vida civil: sou servido ordenar que os rapazes de pequena idade filhos dos ditos siganos se entreguem judicialmente a Mestres, que lhes ensinem os officios e artes mecanicas, aos adultos se lhes assente praça de soldados, e por algum tempo se repartão pellos Prezidios, de sorte que nunca estejam muitos juntos em hum mesmo Prezidio, ou se fação trabalhar nas obras publicas pagando-lhes o seo justo salario; prohibindo-se a todos poderm commerciar em bestas e Escravos e andarem em ranchos: Que não vivão em bairros separados, nem todos juntos, e lhes não seja permittido trazerem armas, não só as que pellas minhas Leis são prohibidas, que de nenhuma maneira se lhes consentirão, nem ainda nas viagens, mas tãobem aquellas, que lhes poderião servir de adorno: E que as mulheres vivão recolhidas e se ocupem naquelles mesmos exercicios de que uzão as do Pais; e Hey por bem que pella mais leve transgressão do que neste Alvara Ordeno, o que for comprehendido nella seja degradado por toda a vida para a Ilha de S. Thomé, ou do Principe sem mais ordem e figura de juizo, nem per meyo de Apellação, ou Aggravo do que o conhecimento sumario que resultar do juramento de tres testemunhas, que deponhão perante quaesquer dos Ministros criminaes respectivos aos districtos,

onde fizerem a transgressão, e provada quanto baste se execute logo a sentença do exterminio, sem que della possa ter mais recurso. Pelo que Mando ao Presidente o Concelheiros do meo Concelho Ultramarino, ao Vice-Rey e Cappitão General de mar e terra do Estado do Brazil, e a todos os Governadores, e Cappitães mores delle, aos Governadores das Rellações da Bahia e Rio de Janeiro, Dezebargadores dellas, e a todos os Ouvidores e mais Ministros, e Officiaes de Justiça do dito Estado executem e fação observar sem duvida este meo Alvara, como nelle se contem, o qual se publicará, e registará na minha Chancelaria mor do Reino, e para que venha á noticia de todos, e se não possa alegar ignorancia será tãobem publicado nos Cappitanias do Estado do Brazil e em cada humna das suas Camaras e se registará nas ditas Rellações, e nas mais partes, onde semelhantes se costumão registrar, lançando-se este proprio na Torre do Tombo. Lisboa vinte de Setembro de mil, setecentos e secenta. Rey . . . etc.

[Registado a fol. 351 do L.<sup>o</sup> x do *Registo do Real Archivo*. — Antonio Delgado da Silva, *Collecção da legislação portugueza*, 1750-1762, pp. 749-750.]

---

N.<sup>o</sup> 35

1761

Provisão de 8 de Fevereiro, relativa á lei de 20 de Setembro de 1760, a qual nada accrescenta de interesse.

[Antonio Delgado da Silva, *Supplemento á Collecção de legislação portugueza*, 1750-1762, p. 786.]

---

N.<sup>o</sup> 36

1800

*Rezisto de huma ordem do Entendente Garai (sic) da Policia da Corte e Reino para o Doutor Corregedor desta Comarca a qual Remeteo ao Doutor Juiz de Fora desta Cidade na forma seguinte.*

Vou munto Seriamente Recomendar a Vossa merce que espeça as ordens mais percizas a todos os magistrados da sua respectiva Comarca assim de vara Branca como ordinarios avivandos da execução da Lei de vinte e sinco de junho de mil e setesentos e secenta e com particularidade o paragrafo doze dela e a de viute e sinco de Dezembro de mil e seissentos e oito que fas parte da mesma Lei e a de quinze de janeiro de mil e setesentos e oitenta; pois os Repetidos fatos dos trangresores das edicadas Leis teem feito ver que os soberditos magistrados não cumprem o que nelas lhes he ordenado o que obrigou ao Genaral Dom Simmão Trazer a Representar ao

Príncipe Nosso Senhor a grande dezercão das Tropas auseliars que estão debaxo do seo comando neste Reino, que os masgestrados não cumprem as Leis e os dexão tranzitar para a Espanha, e neste Reino teem entrado outros muntos estrangeiros sem se legetimarem como ordenão as soberditas Leis que se citoaram; sempre foi nesceçariio huma grande circospeção a vegilancia de tão emportantes obgetos, mas munto mais, esineialmente em huma congetura que ofresem as critiquas sireconstancias e que são bem manifestas não se contentando Vossa merce em recomendar a exzeução destas diligencias aos soberditos magistrados mas vegiando se cumprem estes as quas obrigaçoins e asim continuar Vossa merce, enquanto estiver regendo essa correição, e Igualmente na confermidade da ordenação do Livro quinto Titolo secenta e nove e dos decretos e Alvaras que vão nas coleçoins numero primeiro e segundo ao dito Titolo e dese-sete de janeiro de mil e seissentos e seis e de treze de setembro de mil seissentos e treze de vinte e quatro de outubro de mil seissentos e quarenta e sete do decreto de vinte oito de Fevereiro de mil e setecentos e dezoito prendão todos os siganos de um e outro seço que vivão sem domeçilio e andem vagos no Reino, e os filhos destes de que falo de um e outro sesso remetermos vossa merce con toda a caridade e comedamente não lhes faltando ao nesceçario alimento conduzindos em carros e cavalgaduras aos portos do Mar mais prohiunos para delles virem para a Rial Caza pia desta Corte e nela serem instruidos na moral Christã e nas obrigaçoins suciais e aprenderem as Artes e manefaturas e aqueles que pelos seus talentos se recomendarer as mesmas sciencias pedindo Vossa merce ao Illustrissimo Ex.<sup>mo</sup> Governador das Armas dessa Provincia que o ausseli na prizão dos referidos siganos que por ela andarem vagando e nesta regra entrarão alguns engeitados e filhos familias que andão fugidos girando de terra em terra sem se asoldadarem nem proeorarem em que se ocopar vivendo de furtos que fazem e da mendacidade a que o ósio os condus em que depois ficão servindo de grave pezo ao estado consta finalmente nesta entendencia que muitos dos Ladroins que de novo teem aparecido são, huma especie de contrabandistas que andão vendendo pelas cazas e mascarandose e por este modo não só exzeminão as entradas e saidas delas mas tambem costumão ganhar alguns dos domesticos que sara mais a seo salvo porpetrarem os robos e furtos que intentão fazer, pois que digo os que tiverem pões nestas sireconstancias devem ser logo prezos e apreendidas tambem as fazendas que se lhe encontrarem sejam o não de contrabando e as aloará formando-lhes os seus porseços vendendo-lhes, se as fazendas forem de Lei o como contrabandistas se elas forem de contrabando e nestes casos: Lembro a Vossa merce o capitulo vinte sete da prematica de mil e setesentos e quarenta e nove como tambem a Lei de quatorze de Novembro de mil e sete

sentos e sineoenta e sete mas previno a Vossa merce que deve eseo-  
toar desta regra as fazendas que vão endiretura para espanha pois  
o que acabo de ordenar entendese a respeito das fazendas que se  
audão vendendo pelo entrior do Reino estas delegencias deverá  
Vossa merce ter sempre em vista e não só contentarasse em dar as  
ças ordens mas vegiar cuidadosamente nas ezeçuõins delas como  
já referi a Vossa merce, e munto particularmente estando Vossa merce  
adetrito como meo comiçario a comprir e fazer e exzeutar o que  
ordeno e tambem para de futuro recoimendo a Vossa merce que leia  
humna e muntas vezes o seo Regimento de Corregedores que litalal-  
mente deve observar em toda a sua Comarqua e que deve praticar  
como Corregedor e Prezidente dela e munto principalmente sobre as  
plantaçoins e rezalvas dos chaparros enxertos dos zambogeiros e  
abreturas de algumas terras proprias para as semanteiras dos pains  
de toda a especie soguudo a qualidade do terreno o pedir e lembro  
a exzeução dos officios que deregi a esse lugar nas datas de vinte  
sete de Maio e de treze de Julho de mil e sete sentos e oitenta  
exzeutando o que dis respeito a este officio nas terras de donatarios  
adonde não entrar a correição para nas mesmas terras fazer Vossa  
merce observar o que neste lhes ordeno e o que ultimamente ordenei  
no officio que deregi a essa Provedoria em sinco do presente mês  
relativo aos engeitados nas correiçãoins que fizer proguntara Vossa  
merce se tem litalalmente exzicutado o ordenado no dito officio para  
Vossa merce me dar conta da sua observancia e se hoyer alguma  
onição, da parte dos exzeutores, espero da atividade e luzes de  
Vossa merce eumpra e faça exzeutar o que tenho ordenado nos res-  
pectivos officios que estes fins tenho espedido a esse Lugar e avivar  
egualmente a exzeução das indieadas Leis para que de foturo os  
seçores desse Lugar assim o cumprão enteiramente e fação exzeu-  
tar. Vossa merce fará rezistar o presente officio nos Livros dessa  
Correição, remetendo-me certidão de assim se ter exzeutado. Deos  
Guarde a Vossa merce. Lisboa doze de Julho de mil oito sentos. Diogo  
Ignacio de Pina Manique. E não continha mais no dito inserto em  
humna depereada que veio do Juizo da Correição, para o Doutor  
Juis de Fora a quem entreguei e a mesma me reporto e eu Antonio  
Joaquim Pereira eserivão da canara a fiz escrever.— *Antonio Joa-  
quim Pereira.*

[Livro vi do Tombo do Registo da Camara Municipal de Elvas, a fl. 85 v.]

N.º 37

1848

«Deve cuidadosamente exigir-se passaporte aos bandos de ciga-  
nos que transitarem pelo reino, afim de se exercer contra os que o

não trouxeram a correção e repressão ordenadas na Lei de 20 de setembro de 1760. Portaria circular 18 abril 1848. Ined. (Codigo administrativo, 18 Março 1842, e de 1854, p. 181.)»

[Henrique da Gama Barros, *Repertório administrativo*. Lisboa, 1860. Tomo I, 151.]

## N.º 38

### *Miguel Leitão d'Andrada sobre os ciganos*<sup>1</sup>

*Crisp.* Rezão tinerão esses senhores, e os muytos que dizeis aqui se acharão nestas festas, porque forão ellas muito pera se ver. Porem ainda me parece vos ficou por contar, lha dança de Ciganas que eu encontrei no caminho.

*Gal.* Outras cousas fora dessa, deixei eu por serem miudas, como lha fonte de vinho, que o senhor deuoto mandou por a nossa porta, que de cima corria em lha bacia por lha pena, onde estaua lha taça de prata com guarda, e bebião quantos querião. E quanto às ciganas não as quis acceitar nesta festa o senhor deuoto antes as despedio, e elle dirá o porque.

*Deuot.* Tenho tamanho aborrecimento a essa gente, que nem esmolla à porta quero se lhes dê, por os ter por indinos della.

*Crisp.* Disso me marauilho eu muito, porque a esmolla dada por amor de Deos ainda que seja a indino não deixará de ter o seu merecimento, por donde se deue dar a todo o necessitado, ou que mostrar selo. E ainda que o não seja basta ser por amor de Deos.

*Deuot.* Bem sei que a esmolla conforme nella foy o intento, e charidade terá o seu merecimento. E quem a pudesse dar a todos por amor de Deos faria bem. quando isso não fosse occasião de pecar ou de não deixar o peccado, que o sol a todos allumia, porem quem não pode so não limitadamente, parece a deue antes de dar ao dino, que ao indigno, quais são quasi todos estes Ciganos, ladrões, salteadores, matadores, sem ley, nem temor della, e ellas ladras, feiticeiras inquietadoras da honestidade das molheres, e fazendoas mal parir. Embaidoras que por dous vintês, ou dois pães, não duuidarão trazer á vossa escraua, ou criada a peçonha, e o mesmo solimão pera matar seus senhores, e enganar a simplez donzella cõ nome de mesinha pera o outro casar com ella. E ainda à casada a titulo de o marido lhe querer bem, lhe dão com que os coitados vão ao outro mundo fazer experiencia da mesinha, ou ficão pera nunca mais

<sup>1</sup> Trecho da descripção dumas festas na villa de Pedrogão grande (Belra-Baixa) na obra de Miguel Leitão d'Andrada, *Miscellanea do sitio de Nossa Senhora da Luz do Pedrogão grande*, etc. Lisboa, 1629. (O prologo foi escrito em 1622.) Dial. XII, pg. 335-310.

prestar. Então a descarga disto he, que digão que o marido era hum amancebado, e andana toda a noite, e que disso morreo assi mal.

E sabe Deos, e suas proprias mulheres, o como, e aozadas, a quantos isto cada dia acontece. E seja verdade que todos somos peccadores, estes o são por officio, e por carta, e d'elle se mautem. E os que introduzirão em Portugal mil feitiçarias, e males que nelle não se sabião. Por onde eu aconselharia a todo o homẽ que euitasse o fallar qualquer cousa sua com esta gente, nem ainda zombando ou com achaque de bona dicha, muito mais cautelosamente, e com mais rigor que com hum ferido de peste, e falo de sciencia certa. E he de notar, que se hum nosso Portugues vai ser morador em outro Reyno, em poucos annos logo falla a lingua desse Reyno, e seus filhos ja nella e em tudo o mais como naturais mesmos da terra. E esta gente com auer tantos centos de annos que *Espanha* os agasalhon, que quasi elles mesmos não sabem de que nação ou Reyno procedem, porque sendo Gregos que se vierão fugindo dos Turcos, se fazem *Egipcios*, ou *Gitanos*. E pello contrario, e sendo Chaldeos, como diz *Iacobo Philipo Bergamate* no seu livro, *Supplementum chronicarum* que de certos pouos chamados *Zigaros*, se sahirão a encher toda Europa porem que nenhures os consentem mais de tres dias, pola sutileza de seus furtos, e que por essa causa os *Venezanos*, e os terem por sospeitos os lançarão de todas suas terras, e que nũa deixarão a sua lingua *Chaldea*, que deue ser a que lhe ouimos falar, e parece são estes de Portugal. Os quais de *Zigaros* se chamão *ciganos*, que he o mesmo. E o não perderem nunca a sua lingua não foy por certo, pera nella se lerein e vsarem de liuros *Catholicos*, ou de sciencias e artes que troxessem boas, senão pera melhor intelligencia de suas malas artes, latrocinios, e embelecocos, ou enganãos, porque vzando tudo isto como vzão por officio os não possamos entender. E nós tão cegos, e descuidados, que ninguem attenta nisto, falo dos que governão, que o puderão remediar, e vendoo, e palpan-doo cada dia e cada hora a nossas portas, e dentro de nossas proprias casas: paixão por isso. E não sci como os conselheiros dos Reys, e os que governão as Republicas desuelando-se tanto em novas prematias sobre ninharias, não buscão remedio a cousa tao importaute como fora não estar Portugal e *Espanha* toda criando em suas entranhas, estas lombrigas ou digo *Biboras* que o estão roendo de continuo por todas as partes de sen todo. Agasalhãdoos Portugal vindo perseguidos dos Turcos vzão tão mal desse gasalhado, e beneficio.

E pudera isso ter muyto bom remedio, embarcandoos diuididos pera o *Brazil* e *Angola* e outras nossas conquistas, e agora pera a noua pouoação do *Maranhão* poucos a poucos em cada nauio que fosse, e se lirião acabando de sair do Reyno, ou delles estes maos costumes, e quando isso não parecesse, fazendoos viuer dentro no meyo das cidades repartidos pello Reyno, vedandolhes o vzo do traje,

e da linguagem, e o sair fora das Cidades e villas. O que he muito importante, e mais essencial, e obrigandoos a officios com tenda sua, ou obreiros nas alheas. E que não fossem ferreiros, que só vção a fim de fazer gazuas, e instrumentos de roubar. E a ellas o mesmo a officios, ou vender em tendas, ou pollas ruas e outros exercicios, com o que ou outros remedios se lhes atalhasse o furtar, e outros maleficios. E o pedir esmola que aos pobres se deue necessitados (que ha muitos nossos naturais) e não a elles que podem bem com trabalhar remediar sua vida. Pois a verdadeira eharidade deue começar por nós mesmos, e pelos mais chegados nossos.

*Crisp.* Nem por isso deixaria de auer outros ciganos, como ha naturais que por se darem a boa vida se lanção a pedir.

*Deuot.* Tambem esse he hum grande deseuido dos que governão não atalharem a essa desordem com algum remedio.

*Crisp.* Não deue de o ter pois que tee gora se lhe não deu.

*Deuot.* Não he essa boa consequência que cada dia vemos darse, e acharse remedio a cousas que a nossos mayores não passou por pensamento. Quanto mais que leys ouue, e ordenações excellentes sobre isso, que ja não se praticão nem se goardão. E puderão as Republicas ou os Reys criar Magistrado, ou tribunal só pera isso, dandolhe leys, e regimento. Pondo se os coxos a officios que não hão mister pernas, como çapateiros, alfayates, ouriues, e outros, e os cegos nas casas dos ferreiros, tanger os folles, rodas de esparteiros, Cordoeiros, cirgueiros, lapidarios, e outras rodas, e na ribeira das naos a puxar por cordas, e o mais que aly ha. E os aleijados de mãos, conforme o aleijão, porteiros de coneelhos, e em portas de fidalgos, pastores, egoarizos e caminheiros. Aplicando a todos o exercicio, e trabalho de que se manter conforme sua sufficiencia, tirandoos das tauernas que destes de continuo estão cheas, obrigando alternadamente aos officiaes siruirem delles, e pagarlhes ou mantelos (como dizem o fazem na China, e mandando vir de lá essas leys que dizem são excellentissimas em muitas cousas) que as leys em todas as idades se busearão e passarão de huns Reynos a outros pera tomar dellas o mais conueniente). E goardandose cõ rigor não se cortarião muitos os braços a si mesmos cõ a cobiça de pedir, e nem cegarião muitos pays os filhos minimos acinte pelos lançar a pedir (como se diz por cousa certa o fazem em certos lugares) nem se farião outros a si mesmos outros aleijões, e chagas com este intento. Nem andarião tantas mulheres pera sustentarem o mau estado em que viuem, de dia, e de noite pedindo e lamentando-se com hũa voz muito lastimosa, e toada muito prolongada, como tudo, e outros mil excessos cada dia vemos. E passão com toda a liberdade, e a seu aluedrio de cada hum.

E da mesma maneira se puderão poer as mulheres a officios e exercicios conuenientes, e acõmodandoas por casas a servir onde

estiuesses recolhidas, que he vergonha ver isto, e ellas logo se darem a esta vida calaceira de pedir com seus capelos, e bordão, sem auer quem acuda a esta calaçaria, se quer por rezão de estado.

E desta ou de outras maneiras mandandose o primeiro com todo o rigor que ninguem pudesse pedir sem expressa licença do tal tribunal ou magistrado. E com trazer essa tal licença ao colo escrita em taboas, e com letras muyto grossas e de forma. Não aueria tantas desordens, e peccados mortais, como ha nem tantos males, e aueria bastante esmola pera quem direitamête pertence e não padecerião os necessitados nobres, e enuergonhados tantas necessidades. E muytas vezes extremas, por estes velhacos lha vsurparem, e tyranizarem e nas Igrejas mais quietação pera as pessoas se poderem encomendar a Deos, vedandolhes o pedir dentro e o dar a esmolla dentro, pois basta pediremna à porta.

*Crisp.* Deixemos os pobres Ciganos, e yr as cousas por onde vão, que nos não auemos de gouernar, nem emmendar o mundo. E pois o senhor Galacio me fes merce festejarme tanto esta tarde, e vos de me aueres de dar algumas, juntemonos aqui à manham, donde poderemos yr dar quatro passeyos por recreação refreandonos por essas fontes, e sombras.

*Deuot.* Assim seja, e a Deos.



## APPENDICE II

### OS CIGANOS DO BRASIL

---

Entre os documentos que reuni ha um<sup>1</sup> que nos mostra já em 1574 a pena de galés, imposta a um cigano, commutada em desterro para o Brasil. Não seria naquelle seculo tal caso o unico do genero; mas é só no fim do scenlo seguinte, em 1686 que vemos generalizado o desterro para uma parte do Brasil, o Maranhão<sup>2</sup>, conforme ao desejo que fôra expresso, mais de meio seculo, antes por Miguel Leitão d'Andrada<sup>3</sup>. Emfim o Alvará de 1760<sup>4</sup> mostra-nos que no Brasil persistia o modo particular de vida dos eiganos e que, graças ás condições particulares d'aquella nossa antiga colonia, elles se atreviam a praticar violencias, reunindo-se em numero e com armas.

No Brasil, como em Portugal, como nos outros países europens ou de civilisação de origem europea, as medidas legislativas não conseguiram fazer desaparecer os eiganos nem sequer os seus costnmes inveterados.

---

<sup>1</sup> Doc. n.º 5.

<sup>2</sup> Docs. n.ºs 22 e 23.

<sup>3</sup> Doc. n.º 38, p. 267.

<sup>4</sup> Doc. n.º 34.

Um viajante inglez que percorreu uma parte do Brasil, no começo d'este seculo, deu-nos a seguinte noticia que nos mostra bem a persistencia d'aquella gente:

«Resta-me ainda fallar de uma raça de homens; mas os individuos que a compõem não são em numero bastante grande para que a classifiquemos entre as grandes divisões da especie humana que formam a população do Brasil; esses homens excitam alem d'isso menos interesse que os outros: todavia não se pode passar em silencio os *ciganos*, (porque é assim que os chamam). Ouvi muitas vezes fallar d'elles, mas nunca tive occasião de ver um só. Bandos de *ciganos* tinham por costume mostrar-se noutros tempos, uma vez por anno, na aldeia de Pasmado e noutros sitios da provincia (de Pernambuco); mas o governador era inimigo d'elles, e como fossem feitas tentativas para prender alguns, as visitas acabaram. Pintam-nos como homens altos e bem feitos, de côr acastanhada com feições semelhantes ás dos brancos. Vagueiam em bando, homens, mulheres, creanças; trocando, comprando, vendendo cavallos e joias de ouro e de prata. As mulheres jornadeiam assentadas entre os cestos, em cavallos albardados; mettem os filhos nos cestos misturados com a bagagem. Os homens são excellentes cavalleiros; quando os seus cavallos de carga estão ajojados sob o peso, contentam-se com abrandar o passo das cavalgadas, sem pensar em se apearem e repar-tirem as cargas por todos os animaes. Diz-se que não observam nenhuma pratica religiosa, que não vão nunca á missa nem ao confesso; accrescenta-se que se casam só com pessoas da sua raça.<sup>1</sup>»

Ao que acabo de indicar se resumia o que apurara dos *ciganos* do Brasil quando me chegou á mão, por obsequio

---

<sup>1</sup> Henri Koster, *Voyages dans la partie septentrionale du Brésil depuis 1809 jusqu'en 1815*, trad. de l'anglais par M. A. Jay. Paris, 1818, vol. II.—Da curta noticia de Koster é extrahida a que com o titulo de *Zingaris au Brésil* se lê in *Nouvelles annales des voyages*, t. IV (Paris, 1820), p. 474.

do sr. L. do Vasconcellos, um volume quo se occupa do assumpto, mas com referencia quasi exclusiva aos ciganos do Rio de Janeiro <sup>4</sup>.

O auctor dessa obra começa por considerações de segunda mão sobre as primitivas migrações dos ciganos (tsiganos), com varias inexactidões; falla-nos depois da legislação portuguesa acêrea d'esse povo e cita um decreto de 11 de abril de 1718 segundo o qual «foram degradados os ciganos do reino para a praça da cidade da Bahia, ordenando-se ao governador que ponha cobro e cuidado na prohibição do uso de sua lingua e giria, não permittindo que se ensine a seus fillos, a fim de obter-se a sua extincção.» Não encontrei esse decreto, nas minhas investigações. «Foi por essa data, segundo o sr. Pinto Noites, estimavel e venerando *calon (caló)* de 89 annos, quo chegaram ao Rio de Janeiro os seus avós e parentes — nove familias para aqui degradadas, em razão de um roubo de quintos de ouro attribuido aos ciganos.» Segundo o auctor, esso velho, de prodigiosa memoria, deu-lhe noticia de familias importantes brasileiras cruzadas com os ciganos, e de outras particularidades muito interessantes. Os degradados de 1818 entregar-se-hiam ás industrias dos metaes: seriam caldeireiros, ferreiros, latoeiros e ourives; as mulheres rezariam de quebranto e leriam a buena dicha.

O auctor pretende que: «A reproducção entre si (entre os ciganos) deu-se em grande escala; o cruzamento com as tres raças existentes effectuou-se, sendo o cigano a solda que uniu as tres peças de fundição da mestiçagom actual do Brazil». Aqui ha um exaggero evidente. De um lado, suppondo rigorosamente historica a noticia da migração das

---

<sup>4</sup> Mello de Moraes Filho, *Os Ciganos no Brazil*. Rio de Janeiro, 1886. 18.º 204 pp. O mesmo auctor publicou um *Cancioneiro dos Ciganos*, que não vi. O volume que examinei contém de pp. 113 a 155: *Trovas ciganas e Novo Cancioneiro*. Ha excerptos de uma e outra colleção no *Parnaso brasileiro* (Rio de Janeiro, 1885) do mesmo auctor, o qual tenho á mão, t. II, de p. 609 a 624.

nove familias, não pode admittir-se que tenham sido as unicas desterradas para o Brasil no seculo XVIII, para onde já anteriormente teriam ido algumas; de outro lado não é facil de admittir, sem ontras provas, que no brasileiro haja tanto sangue eigano como o auctor parece estar disposto a aceitar.

O sr. Mello Moraes pretende, sem citar documento, que em 1803, com a traslação da côrte portuguesa para o Rio de Janeiro, passassem para alli mais eiganos, e falla-nos de um *caló* rico, Joaquim Antonio Rabello, sargento-mór do 3.<sup>o</sup> regimento de milicias da côrte «a quem a historia nacional talvez um dia considere como uma força nas agitações politicas da independencia».

O alvará de 1760 prohibia aos eiganos do Brasil com-mereirem em escravos. O sr. Mello Moraes falla-nos d'essa lucrativa occupação dos eiganos e allude a um M. . . , *caló* de raça, que alcançou immensa fortuna como medianeiro na compra de escravos e veiu a ser marquez de B. . . Adaptando-se assim, pelos peores lados, á civilisação brasileira, os eiganos não perdiam algumas das peculiariidades da sua raça. Elle elevava-se em verdade facilmente ao nivel do brasileiro, porque o nivel do brasileiro era geralmente baixo. Esse phenomeno é apenas mais uma exemplificação da lei em virtude da qual um povo de civilisação rudimentar se adapta tanto mais rapidamente á civilisação de outro, quanto ella é menos adeantada.

Num capitulo em que ha outras muitas coisas inconsideradas, attribue o auctor grande papel ao eigano como fonte de superstições brasileiras. Mas as superstições e os ensalmos que nos apresenta divergem muito pouco de superstições e ensalmos vulgarissimos entre o povo portugûes e aos quaes me é impossivel attribuir origem eigana, primeiro porque umas e outras são communs nos diversos povos da Europa, e segundo porque podemos seguir a sua historia, alguns seculos atrás em o nosso país e por mais largo espaço de tempo noutros países. Os ensalmos e pragas dos eiganos, demais, estão por tal forma cheios de elementos

christãos que logo á primeira vista se desconfia da sua originalidade. Sem duvida na India, de onde veiu esse povo, encontramos coisas do mesmo genero desde remota antiguidade, já no Rig-Veda, e sobretudo no Atharvaveda<sup>1</sup>; encontramos-las tambem nos documentos de outras velhas civilizações, por exemplo nos textos euneiformes de Babylonia, vulgarizados até nas obras de Fr. Lenormant; mas a comparação revela que o que dos ciganos do Brasil nos communica o sr. Mello Moraes se parece muito mais com os ensalmos das benzedeiras e feiticeiras portuguezas que com os exemplares indianos, assim como os ensalmos portuguezes se parecem mais com os dos outros povos europeus que com os asiaticos. A minha conclusão é que os ciganos se apropriaram em Portugal dos formularios das nossas benzedeiras e feiticeiras. A demonstração dessa these exige tempo e espaço de que agora não posso dispôr<sup>2</sup>.

As praticas de feiticeria, os ensalmos das ciganas, como os das suas collegas portuguezas, são, por via de regra, em extremo prosaicas; todavia concebe-se que não deixe

<sup>1</sup> A. Weber, *Indische Studien*, t. iv (1858), pp. 393-430.

<sup>2</sup> Contento-me com indicar alguns elementos para o estudo da questão: J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, cap. xxxvi, xxxvii e xxxviii; idem, *Ueber Marcellus Burdigalensis* in *Kleinere Schriften*, II, 114-151; Idem, *Ueber zwei entdeckte gedichte aus der Zeit des deutschen heidenthums*, *ibidem*, II, 1-29; A. Kuhn und W. Schwartz, *Norddeutsche Sage*, etc. p. 431-444; A. Kuhn, *Sagen, Märchen und Gebrauche aus Westfalen*, II, 119-215; Idem, *Indische und germanische Segensprüche in Zeitschrift für Vergleichende Sprachforschung*, XIII (1864), 49-74. 113-157; John Brand, *Observations on popular Antiquities*, ed. 1877, II, 255-319; William Henderson, *Notes on the Folk Lore of the Northern countries of England and the Borders*. London, 1866, pp. 108-142; L. F. Sauvé in *Revue celtique*, VI, 67-85; Fr. R. Marin, *Cantos populares españoles*, I, n.º 1054-1072; *Mélusine*; A. Birlinger, *Aus Schwaben*, I, 377, 4: 4, 405, 441-463; etc. F. Adolpho Coelho, *Romances, orações e ensalmos do Minho* in *Romania*, III (1874), pp. 269-278; Idem, *Costumes e crenças populares* in *Boletim da Sociedade de geographia de Lisboa*, 2.ª serie, pp. 633-668; Idem, *As superstições portuguezas* in *Revista scientifica*, (Porto, 1882), pp. 512-528, 560-578; e os outros trabalhos dos folkloristas portuguezes.

de produzir certo effeito a phrase seguinte do nosso auctor: «A eigana é a sacerdotiza da nossa theurgia popular!»

Na colonia eigana da Cidade Nova, diz o auctor, não poderá haver menos de quinhentos habitantes. Os homens empregam-se geralmente no foro e são honestos. Nenhum foi até ao presente processado por ladrão; nos dois ultimos décennios de sessão de jury apenas dois foram condemnados e por ferimentos leves.

Numa nota lemos que dois eiganos de Minas, aleunhado um o *Beijo*, parente de Pinto Noites, e outro o *Rola*, foram notaveis nos annaes do erime; o primeiro contava mais de vinte mortes.

«As mulheres não dão a mão a apertar aos homens, e estes, quando se encontram, trocam entre si como saudação as palavras: «Olé! olá! olô!» Os filhos não beijam as mãos aos pais, estendem o braço, e com um tom de voz plangente e vagaroso, dizem: *Abença...?*» Esse costume imitaram-no as creanças eiganas das portuguezas.

Tratam-se por alcunhas, como os fadistas: taes são, o *Beijo*, o *Rola*, já referidos, o *Catú*, o *Come-polvora* (eiganos de Minas), o *Migim-Migim*, o *Papagaio*, o *Pernas finas* (eiganos da Cidade Nova).

Apesar dos casamentos consanguineos, são raros os casos pathologicos congenitos, excepto os frequentes de surdi-mudez.

Os casamentos dos eiganos do Rio de Janeiro, informamos ainda o sr. Mello Moraes, até 1850, não tinham passado da phase primitiva, assim como ainda hoje nas *partidas* de Minas, Bahia e Maranhão, segundo o já referido Pinto Noites. O casamento era por via de regra o resultado de uma combinação dos paes e não a almejada consequencia do amor. Se a um pae euja filha não soubera conservar-se pura esta era pedida para noiva, elle não hesitava em revelar o segredo e tratava-se de a casar com um *querdapannin* (á letra: «faz agua», marinheiro, português, colono); e esse consorcio com o estranho importava a exclusão ignominiosa da tribu. Mas se a filha era virgem havia grande

satisfação e preparava-se a festa da boda, para que eram convidados até os inimigos e em que havia danças, des-cantes, banquete.

«Á meia noite retiravam-se todos para um lado da sala, adiantando-se os noivos e as duas madrinhas. . .

«Sobre um movel, cinco lençóes, alvos como uma hostia, aromatisados com alfazema e salpicados de flores, achavam-se superpostos.

«Quatro tochas acesas, encostadas a uma mesa, derramavam sobre o linho uma luz de ambar e ouro. As janellas fechavam-se, a inquietação transparecia em todos os semblantes: o rito sagrado do *Gade* ia cumprir-se.

«E os padrinhos, que tambem eram quatro, desdobravam os lençóes, os suspendiam da cabeça, juntando as extremidades, passando um ao outro os cirios que sustinham, alongando o braço opposto e formavam o quarto onde o sacrificio incruento (?) deveria celebrar-se.

«Então nelle entravam os desposados e as duas sacerdotizas. . .

«Uma das matronas despia a noiva, deitava-a sobre um leito, introduzia-lhe o dedo indicador no vestibulo da vagina, despedaçava a membrana hymen, enxugando na *camisa de cambráia* as gottas de sangue da virgindade.

«Vestida novamente, a um signal ajustado, os padrinhos largavam os lençóes, e o marido mostrava no *Gade* as *rosas da pureza* aos alaridos do festim. . .

«O *Gade*, solemnemente acondicionado numa caixinha de preço, embebido de aromas suaves, coberto de folhas de alecrim, ficava pertencendo ao esposo, que o guardava para sempre como penhor de sua alliança.»

O auctor do livro não consagra nenhuma observação particulares á religião dos eiganos; mas do que diz conclue-se que os do Rio de Janeiro adoptaram por completo o catholicismo na sua forma popular, de envolta com as superstições tradicionaes portuguesas.

«Logo que uma mulher grávida estava a termo, e que as dôres preparantes a arrojavam na cama, assistiam no

quarto á parturiente tres parentas mais chegadas e na sala cantavam os visitantes cantos sagrados a *Duvêl* (= git. *Debel*), para suavisar os soffrimentos da enferma e dar boa sorte ao *anjinho* que ia nascer.

«As comadres e tias, com talismans milagrosos, com rezas infalliveis, com figas e bentinhos que lhe deitavam ao peçoço, apoiavam nos braços a doente, encorajando-a, soprando-lhe no rosto, fazendo-a recordar do quanto padecera a Virgem por seu bemdito Filho, quando viera ao mundo. . .

«A creança era lavada com agua e vinho, numa bacia de prata; dentro deitavam collares e moedas de ouro, para que tivesse fortuna.

«Depois da ligadura e córte do cordão, enxuto em riquissima toalha de linho e crivo, defumada de alfazema, o pai a tomava no collo e a beijava com transporte.

«As parteiras faziam a *toilette* da parida, botavam juntinho o recém-nascido, o quarto se abria a meia porta, e os parentes entravam para vê-lo.

«Para que os visitantes não trouxessem *maus arcs* e não levassem a felicidade que tivesse trazido o pequeno, defumavam-se antes e depois de penetrarem no aposento.

«Joias e objectos de valor cada um lhe offertava, presentes estes que vendiam, servindo o dinheiro para a compra do enxoval.

«O nome que lhe punham era do santo do dia, dos padrinhos, e, no caso de divergencias, lançavam sortes, sancionando-se religiosamente a decisão do acaso.

«Na mesma noite ou na immediata havia cantoria e bailado.

«O baptisado não differia dos nossos.»

Quando morria algum cigano havia lamentações (em prosa); se era um marido o fallecido, «a viuva cortava os cabellos, deitava metade sobre a região precordial do finado e envolvia o rosto no vestido com que estava ao expirar o marido. Proferindo palavras cabalisticas, atirava tudo numa fogueira lustral preparada para este fim».

«O sahimento dirigia-se á igreja. . .

«O esquite, carregado pelos Tereceiros, ia coberto de flores e borrifado de lagrimas.

«A infeliz do pés descalços, vestida do eterno luto, os filhos e os parentes, acompanhavam-no...»

Sigo a ordem adoptada pelo auctor na sua exposição e não a que dei atrás ao meu estudo; por isso só agora chego a dois pontos que, segundo a minha disposição, deveriam ter precedido as observações sobre os costumes: os caracteres physicos e os psychicos.

Sobre o *typo physico* apenas nos diz o auctor que «presentemente o colorido da pelle varia e com elle a nuança dos cabellos e dos olhos». Numa familia ha «mulheres de adoravel belleza». A media da idade d'esse povo é de quarenta a cincoenta annos. Muito poucos chegam além, excepto na familia dos Cantanhedes, em que os fallecimentos não são vulgares antes dos setenta annos, tendo o auctor verificado no obituario um de cem.

Além do que a proposito dos costumes se colhe relativamente aos caracteres psychicos dos ciganos do Rio de Janeiro, eis o que de mais preciso nos diz o sr. Mello Moraes no cap. VII:

«Os desclassificados habitadores da Cidade Nova são na totalidade supersticiosos e desconfiados; fogem dos ontros homens, mas não lhe votam rancor, sentimentos hostis.

«Com o desalento aninhado na resignação, attribuem os acontecimentos mais mezquinhos a um destino de influencias inevitaveis e a cujos effeitos o individuo tem de ceder ou succumbir na luta.

«Qualquer lance menos bondoso da sorte os abate, considerando-os desde logo irremediavelmente perdidos, desgraçados.—Dahi a sua pusilanimidade, o abandono em que tãem cahido, a embriaguez a que se entregam para adormecer-lhes pesadumes innatos.

«As mulheres *calins*, no infortunio, são sublimes...

«Ligando-se em matrimonio *com corpo estranho* são infelizes, vivem descontentes, uma ou outra se prostitue, verificando-se que sempre com pessoa da mesma casta.

«Os ciganos não se separam, unem-se; não se divertem, aborrecem-se; não discutem, resmungam; queixam-se e monologam comsigo.

«Suas phrases são severas e concisas, os seus pensamentos melancolicos e aphorismaticos, a sua voz azaphica, desigual.

«Reconhecidos ao mais futil beneficio, as suas demonstrações revestem-se de apparatus declamatorio, de expansões largas.

«Entre si não se exploram, protegem-se; não se diffamam, exaltam-se; — são francos, bem intencionados, carinhosos.

«Se morre algum, as despesas do enterro e missa correm por conta dos *parentes*, que, como uma divida contrahida para com o morto, incumbem-se de socorrer a viuva e encarregam-se dos orphãos.

«As ciganas nunca separam-se de seus filhos pequenos, nem se descuidam dos desvalidos, aos quaes abrem coração materno. Conhecemos uma que é a Providencia de duas eriancinhas a quem estremece e ensina todas as noites a orar por aquelle que já está no céo.

Os ciganos da familia dos Costas são «notaveis como cantadores e tocadores de viola, francos e generosos».

«O velho tronco (cigano) Luiz Rabello de Aragão perpetuou-se nos *Rabellos* — poetas e litteratos, e entrelaçou-se com a familia Cabral (tambem cigana), que nos tem dado oradores parlamentares, officiaes do exercito, homens conceituados no magisterio, no fôro, nos cargos de secretaria e na tribuna sagrada.

«Dos *Catanas*, que nos persuadimos serem oriundos dos Laços, Antonio Curto e Fragas, ciganos destemidos e das tropilhas nomades, ha um medico que foi jornalista e a quem consideramos como collega distincto e intelligencia de relevo.»

Emquanto uma camada cigana se funde assim na nacionalidade brasileira, outra extingue-se lentamente na miseria, ao passo que uma terceira se mantem na vida errante.

A poesia dos eiganos do Brasil, a julgar pelas amostras que tenho presentes, é apenas poesia popular, semi-culta ou culta brasileira em boca cigana; não porque ella seja uma reprodução servil, uma pura repetição, mas porque é uma produção em moldes e em materia simplesmente apropriada pelos eiganos, cuja espirito se manifesta aqui apenas no caracter doloroso e pessimista predominante das composições, mas não de modo que, se a proveniencia d'ellas não nos fosse indicada, se nalgumas quadras não houvesse palavras eiganas, pudessemos suspeitar tal origem. Dolorosa, pessimista, é muitas vezes a poesia popular; é-o muitas vezes a poesia culta brasileira. Eis um exemplo cigano :

Eu sou estatua quebrada,  
Sou um quadro sem ter luz;  
Sou um phantasma que vaga  
Entre o eypreste e a cruz.

Não sou estatua nem quadro,  
Até não tenho figura;  
Sou espectro que vagueia  
Que até nem tem sepultura.

A seguinte composição, entre outras, não tem o menor característico cigano :

#### DESESPERANÇA E FÉ

«Ah! meu! filho os céos me parecem mais  
altos, pois já não chegam a elles as minhas  
preces.

(Da Ex.<sup>ma</sup> Mãe do Dr. M. Moraes Filho.)

«Meu filho, ou os ceos são outros,  
Ou tomaram mais alturas;  
Pois já não chegam a elles  
Os rogos das creaturas!

Já minhas preces não valem  
Como valeram outr'ora;  
Até do amor de Deus  
Pareço privada agora.»

«Ah! Mãe! não temais que um Deus  
Privo assim de sua graça  
A quem como vós o ama,  
A quem sua fé abraça!»

Leis immutaveis, eternas!  
Não penscis que um dia mude  
A face dos ceos... e deixe  
Deus de amparar a virtude.

Como o sol que ás solidões  
Manda seus raios, e aquece  
Até a florinha, humilde,  
Que nos abysmos floresce,

Assim Deus — Sol de grandeza,  
Pae de todos, Creator,  
Faz reflectir sobre tudo  
Os raios do seu amor.

Não pode negar-se que em geral nessas produções dos ciganos brasileiros haja sôpro poetico: como se concilia este facto com a opinião dos que negam dotes poeticos á raça tsigana? Essa falta de dotes poeticos não é absoluta (e nisto modifíco eu o modo de ver de Schuchardt, referido em a minha n. 2 a p. 195): os tsiganos têm talento poetico seeundario, não primario; isto é, por si sós não são capazes de produzir uma poesia sua; mas têm a capacidade de apropriação da technica poetica já desenvolvida por outro povo (e por technica não entendo aqui só o que respeita á metrificação propriamente dita, mas todos os processos poeticos) e de produzir com esses elementos estranhos combinações novas e de valor. A historia litteraria apresenta-nos exemplos muito consideraveis do mesmo genero, e a ethnographia dá-no-los similiares noutros dominios da actividade humana <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Vide, por exemplo, o que da capacidade de apropriação e incapacidade inventiva do negro diz O. Peschel, *Völkerkunde* <sup>1</sup>, p. 515-516. Cf. Fr. Ratzel, *Völkerkunde*, 1, 146, 219-220; etc.

O sr. Mello Moraes falla-nos de uma giria dos ciganos de que communica os termos *cabeça*, maldade, ruindade, imprestabilidade; *amaro*, covardia, fraqueza, impostura, mentira; *topê*, riqueza, luxo, asseio, felicidade; *caconda*, longitude, afastamento, escuro, deserto; *batuesa*, tudo que é triste, afflictivo, infeliz, pobre; e dá-nos no fim um vocabulario de 253 termos ciganos, que correspondem quasi todos a termos dos ciganos de Portugal ou dos gitanos de Hispanha; mas não nos diz como colheu esse vocabulario, de cuja authenticidade não ha aliás razão para duvidar.

As palavras tsiganas experimentaram no Brasil novas modificações, das quaes a mais geral é a nasalisação das vogaes accentuadas (e ainda dos diphthongos) finaes; exemplos: *aranin*, rainha, git. *erañi*; *acans*, olhos, git. *acais*, *sacais*; *aron*, farinha, git. *roi*; *brichindin*, chuva, git. *brichindia*; *buchardin*, espingarda, git. *bruchardi*, pieza de artilleria; *busnon*, negro, preto, escuro, git. *busnó*, extraño, bárbaro, gentil; *calon*, cigana; *calin*, cigano; *churin*, punhal, etc., git. *churi*, cuchillo. Os sons hispanhoes parecem ter desaparecido por completo. A base do fallar não é já o hispanhol, como em Portugal, mas sim o português.

O livro do dr. Mello Moraes tem por objecto quasi exclusivo, como já disse, os ciganos sedentarios, especialmente os do Rio de Janeiro; apenas de passagem allude no texto «às partidas ciganas, errantes pelos sertões», que teriam para nós muito mais interesse. Mas em as notas transcreve a seguinte noticia de um periodico (1885):

«Esteve acampado em Caçapava um bando de cento e tantos ciganos, que vinham de Minas e seguiam para o norte.

«A proposito escrevem d'aquella cidade ao *Pyrilampo* de Jacarehy:

«Essa gente, cujos costumes são bem differentes dos nossos, acampou-se á margem do Parahyba, onde assentou sua

morada, lovantando 26 barracas de panno, um dos mysteres de sua provisão do viagem.

«Era um acampamento de paz, para onde affluu esta população, movida da mais justa curiosidade. E, realmente, era de ver tudo a aquillo.

«Dividida a comitiva em familias, cada uma d'estas occupava uma barraca. Ahi utensilios domesticos, até alguns moveis e roupa, mostravam o capricho dos exquisitos viajantes.

«Uma tropa cercava a «povoação» dos ciganos, que parece, tẽem enriquecido com o negocio dos animaes.

«Viute e tantos captivos da comitiva lavavam, lenhavam e coziãam.

«Os ciganitos e ciganitas creanças, em brinquedos, ás vezes, reflectiam-se nos raios do sol, porque collares, bichas e anneis de ouro eram em abundancia nos seus corpos.

«Tambem nem um dos ciganos, de ambos os sexos, deixava de cobrir-se de ouro. Cordões antigos, de enorme grossura e em enorme quantidade, brincos e medalhas de tamanhos despropositaes, uma verdadeira riqueza «embellezava» aquella gento «mysteriosa, de barba e cabellos demasiadamente compridos».

«A usura de certo é que tem feito aquella riqueza ambulante; nem por isso, porém, alguns deixavam de mandar tirar os respectivos retratos «que parecem gente» e deixam de passar bem. A sua «mesa» é appetitosa, sendo exquisita.

«Naquellas moradias tudo é ordem, alegrias, «ouro».

«Mas... cousa «notavel». Entre esses ciganos ha uma moça de uma formosura admiravel e uma velha essencialmente feia, que «perserutam o futuro». Conhecem e contam a «sina» boa ou má dos que lhes fizerem um presente — uma bicha de ouro, prata, um bordado, 5\$000, 2\$000, 1\$000 réis, conforme dizem.

«Aqui deixa-se ver que muitas pessoas de Caçapava sabem o que hão de soffrer, sua felicidade postera e até quando passarão d'esta para melhor.

«Para finalizar: a comitiva vai de terra em terra negociando com animaes, escravos e com o «futuro» dos que não são ciganos, mas são incautos.<sup>1</sup>»

Não podemos, sem mais, julgar que essas quadrilhas errantes sejam sempre formadas, ou no todo ou em parte, de ciganos originarios de Portugal, porque para o Brasil emigram, desde alguns annos pelo meños, grupos de tsiganos europeus de diversas proveniencias, parte dos quaes tem até vindo embarcar ao Tejo. Na destrição d'esses elementos têm os ethnographos brasileiros materia para estudo.

Ultimamente os periodicos portugueses transcreveram dos brasileiros noticias acêrca d'uma quadrilha de tsiganos ladrões e narcotizadores. Eis duas d'essas noticias, cuja perfeita veracidade não discutirei:

«Em Nitheroy, Rio de Janeiro, acaba de ser presa uma quadrilha de bohemios que se dedicavam á pilhagem por um processo deveras curioso e cheio de novidade.

«Homens mulheres e creanças, sabendo todos manear habilmente varios narcoticos, utilisavam-se delles para adormecer as pessoas a quem queriam roubar.

«Uma das queixosas chama-se Gustava Maria da Conceição e conta que á sua porta foi bater uma mulher, acompanhada por uma creança, pedindo esmola. Gustava ia dar-lhe 100 réis em nickel, mas, subitamente, sentiu fugir-lhe a vista e caiu desmaiada. Quando tornou a si, a turca tinha desaparecido e com ella uma caixinha que a sr.<sup>a</sup> Gustava tinha sobre uma mesa contendo 84\$000 réis em dinheiro, um alfinete com tres brilhantes, etc.

---

<sup>1</sup> Como se vê dos dados que d'elle extrahimos, é interessante o livro do dr. Mello Moraes, e mais o fôra, se o auctor não preferisse os effeitos litterarios ao rigor scientifico e conhecesse um pouco mais de perto a litteratura ethnographica europea ou, na falta desse conhecimento, não se perdesse em theorias, contentando-se com um esboço puramente descriptivo. É de lastimar que, sendo elle medico, não aproveitasse os seus conhecimentos especiaes para nos dar um estudo anthropologico dos ciganos brasileiros.

«Outra queixosa é Maria José Nunes. Sentindo-se doente, alguém lhe inculcou uma curandeira, para a tratar. A mulher, para fazer os seus exorcismos, pediu a nota de maior valor que a sr.<sup>a</sup> Maria José Nunes tivesse em casa. Foi-lhe apresentada uma de 500\$000 réis, que a curandeira mettu dentro de um copo. Depois, a cigana deu-lhe a cheirar umas essencias e a sr.<sup>a</sup> Maria José adormeceu profundamente. Quando acordou, já não viu a cigana nem os 500\$000 réis.

«Ha tambem uma outra queixosa, Arcelina Maria da Conceição, rapariga pernambucana. Foi adormecida e levada em seguida pelos bohemios, sendo obrigada a casar com um dos chefes da *troupe*.

«É enorme o numero de crimes praticados pela quadrilha, que além de ciganos tem tambem individuos gregos, turcos, etc. Esta associação, porque o é, tem ramificações em todos os estados do Brazil, obedecendo a um chefe que recebe 40\$000 réis por mez. O producto dos roubos é reunido em um cofre e distribuido 20 p. c. pela quadrilha e o resto para os chefes.

«Os ciganos empregam-se durante o dia em varios misteres ambulantes, concertando lonças, etc.; as mulheres fazem sortilegios, magias, etc. Assim conseguem insinuar-se no espirito das pessoas que se aproveitam do seu mister para as ronbar. Além de objectos de valor e dinheiro, roubam tambem creanças e adultos, se isso lhes apraz.

«A policia prendeu em Nitheroy 10 homens, 10 mulheres e 17 creanças de ambos os sexos; foram todos photographados e os retratos expostos no salão do *Paiz*, onde muita gente tem ido vê-los.

«A policia apprehendeu muitos valores, pedrarias, adornos de mulher, etc.<sup>1</sup>

«Acêrea da quadrilha de bohemios que roubava as pessoas por meio de narcoticos, temos a accrescentar que chegaram ao Rio de Janeiro as bagagens dos larapios.

<sup>1</sup> O *Dia*, n.º 1489, 25 de junho de 1892.

«Diz o *Paiz*, referindo-se-lhes :

«Entre o acervo de trouxas fedorentas, cestos e amarrados de todas as formas e volumes, em que repugna até pôr as mãos, ha duas malas, que vieram lacradas e foram abertas na secretaria da policia, á vista do agente que as acompanhou, do thesoureiro da repartição e outros funcionarios.

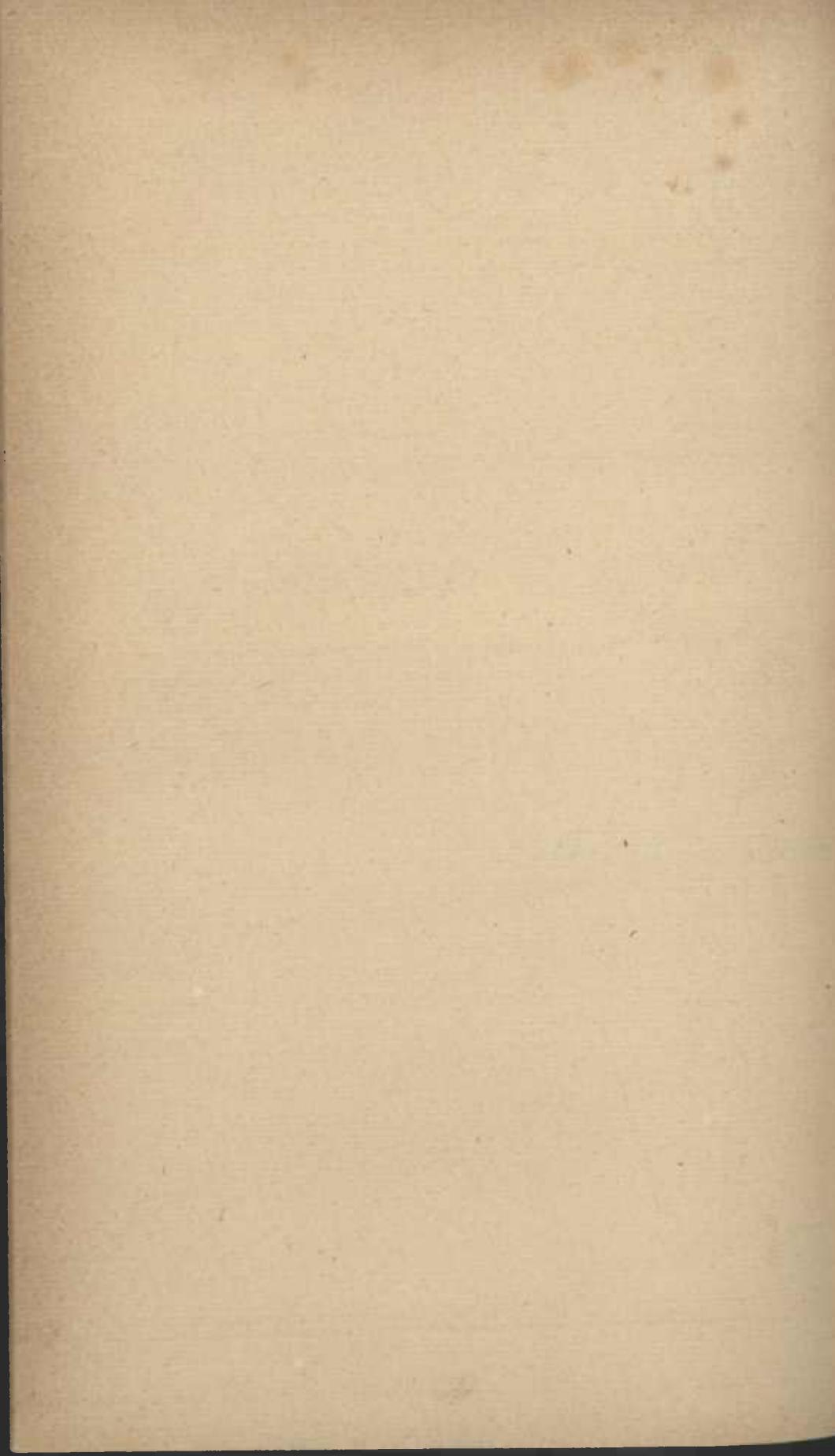
«Dentro d'essas malas foram encontrados 3:945\$500 réis em papel; 1:540 moedas de ouro, sendo libras esterlinas e de outros typos de diversos valores e nacionalidades; 939 moedas de prata, umas perfeitas, outras inutilisadas; um saeo pequeno contendo pó amarello; um pequeno envolvero laerado, com a declaração «este cordão pertence ao negociante Lazaro», 140 facas, garfos e colheres, grande quantidade de collares de coral com contas de metal amarello e cordões da mesma substancia; dois relógios e correntes de metal branco; tres grandes eachimbo, sendo dois de metal branco; um par de esporas de metal branco; 2\$100 réis em nickeis; um pequeno embrulho laerado, com a declaração «pertence ao marido da pernambucana»; 3 carteiros com papeis, 1 livro e muitas outras bugigangas.

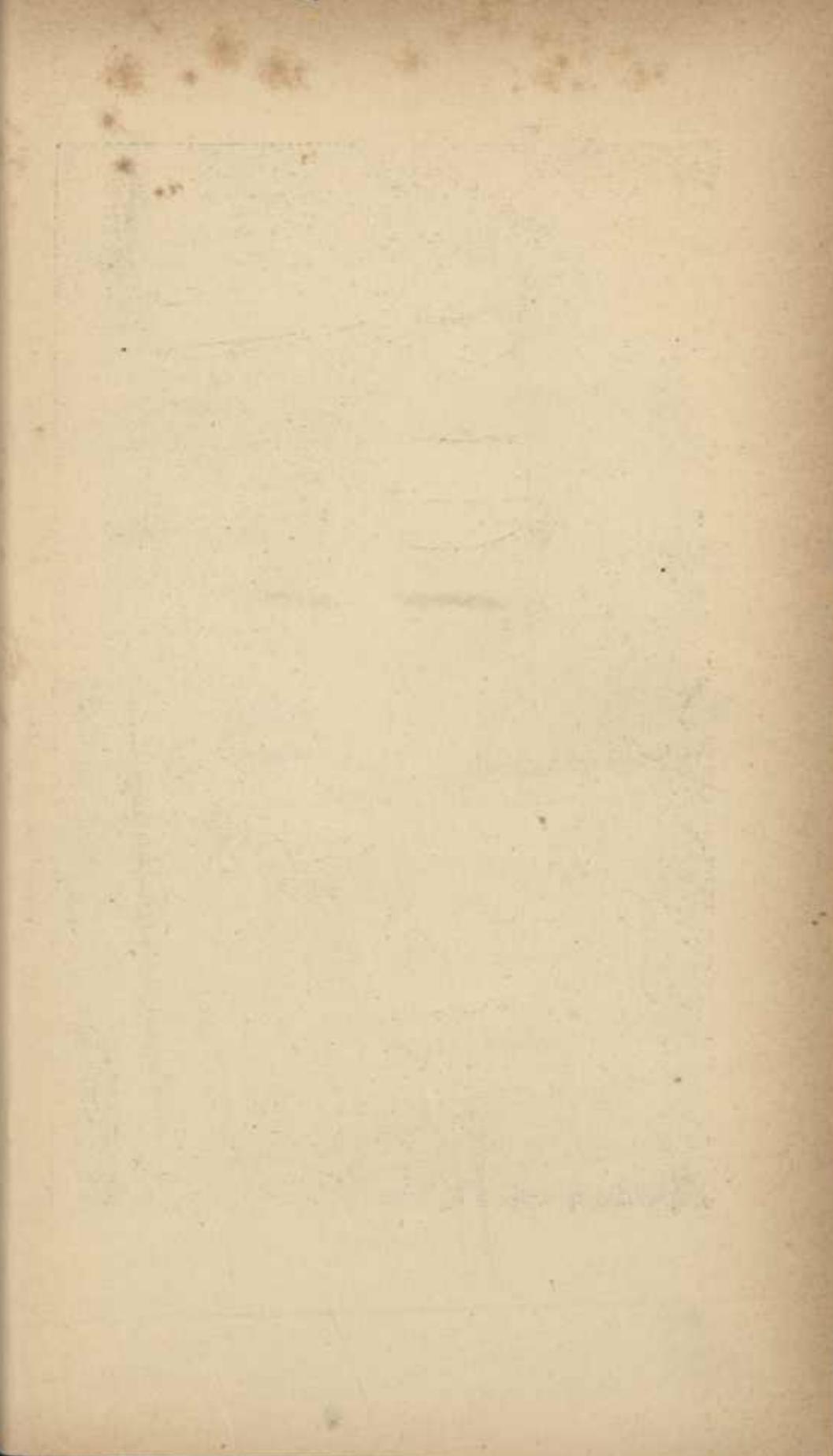
«Ficou tudo depositado na mesma repartição, na mão do respectivo thesoureiro.

«Antes d'essa remessa, já havia a repartição de policia d'esta capital recebido, de igual procedencia, uma letra aos mesmos gregos tomada e no valor de 12:000 drachmas, a vencer-se em 8 de fevereiro de 1895, quantia essa que fôra depositada em um banco da Grecia a 8 de fevereiro de 1889 e vencia o juro de 3  $\frac{1}{2}$  0/0 ao anno<sup>1</sup>.»

Sendo possivel que o auctor do presente livro venha a completá-lo mais tarde com um supplemento, agradecerá muito todas as noticias que lhe sejam enviadas acerca dos tsiganos do Brasil, tanto os de origem portuguesa, como os de outras proveniencias.

<sup>1</sup> *Ibidem*, n.º 1394, 1 de julho de 1892.







GRUPO DE CHACAROS ALEMTEJANOS IENDO PARA A FERMA DE ALTER DO CHÃO

Photographada no Alentejo por A. Scarparchy, phot. amateur

(O velho e a mulher e sempre são os mesmos, excepto da mulher e do velho, e os homens que está junto do velho)

### APPENDICE III

#### TYPO PHYSICO DOS CIGANOS

---

Desejoso de tornar menos imperfeitos, na medida de minhas forças, os dados sobre o typo physico dos eiganos, procurei e tive ultimamente occasião de examinar, ainda que em más condições e muito rapidamente, alguns eiganos domiciliados em Lisboa e de tomar até algumas medidas em seis d'elles — duas mulheres e quatro homens.

A mulher n.º 1 tem 38 annos; é regularmente nutrida, assim como outras sedentarias, no que se distinguem das nomades; bem conservada, de feições bastante grosseiras; a n.º 2, representada em as nossas estampas n.ºs 2 e 3, tem 47 annos, é magra, mas bem conservada, apesar de ter sido mãe aos 14 annos.

Os homens n.º 1 e 4 são bastante nutridos, ao contrario dos n.ºs 2 e 3, principalmente d'este ultimo, que é muito magro. O n.º 1 tem 22 annos, o n.º 2, representado nas estampas 4 e 5, tem 23 annos; o n.º 3 tem 28 annos; o n.º 4, representado nas estampas 6 e 7, tem 40 annos.

Esses individuos são considerados como eiganos no bairro em que habitam. As mulheres e os homens n.ºs 2 a 4 nasceram em Lisboa; o n.º 1 veio com gente sua de Allian-

dra para aqui, assim como outros ciganos domiciliados no mesmo bairro. Reconhecem-se a si proprios como ciganos, excepto o n.º 3, que se diz portuguez puro; todavia, apesar da coloração da pelle e do cabello, ha caracteres que permitem considerá-lo de sangue cigano.

A mullher n.º 2 pareceu-me de animo resolute e firme, os homens mais timoratos, com excepção do n.º 4, apesar d'este como os outros e a mulher n.º 1 serem muito nervosos. A mulher n.º 2 maldizia do nome de ciganos; emquanto o homem n.º 4, seu irmão, a reprehendia, e parecia ter certa vangloria de ser cigano.

A coloração da pelle é trigueiro-pallida nas mulheres (manchada na n.º 2); mais carregada nos homens, excepto em o. n.º 3, em que é bastante clara.

O cabello é castanho escuro na mulher n.º 1, castanho claro no homem n.º 3, preto nos outros. O homem n.º 3 tem o bigode alourado.

Os olhos castanhos em todos, excepto na mulher n.º 2 em que são esverdeados.

O nariz é em todos moderadamente saliente; o dorso do nariz de perfil é convexo no homem n.º 2, recto ou quasi recto nos outros homens e nas mulheres; mas em todos mais ou menos achatado, quasi nada na mulher n.º 1<sup>1</sup>. O plano inferior do nariz é horizontal (olha ligeiramente para deante em o homem n.º 4). Os nossos exemplares não apresentam, por tanto, apesar da convexidade do nariz do homem n.º 2, nariz do typo aquilino (n.º 2 do quadro de Topinard<sup>2</sup>), em que o plano inferior olha para baixo; todavia não se hesitaria em classificar vulgarmente o nariz do homem n.º 2 como aquilino.

O rosto nos 6 individuos é moderadamente comprido, mais comprido em a mulher n.º 2 que nos outros, não

<sup>1</sup> Não temos por tanto aqui o nariz de dorso agudo, nunca achatado, dos tsiganos de Blumenbach.

<sup>2</sup> *Eléments*, etc., p. 298.

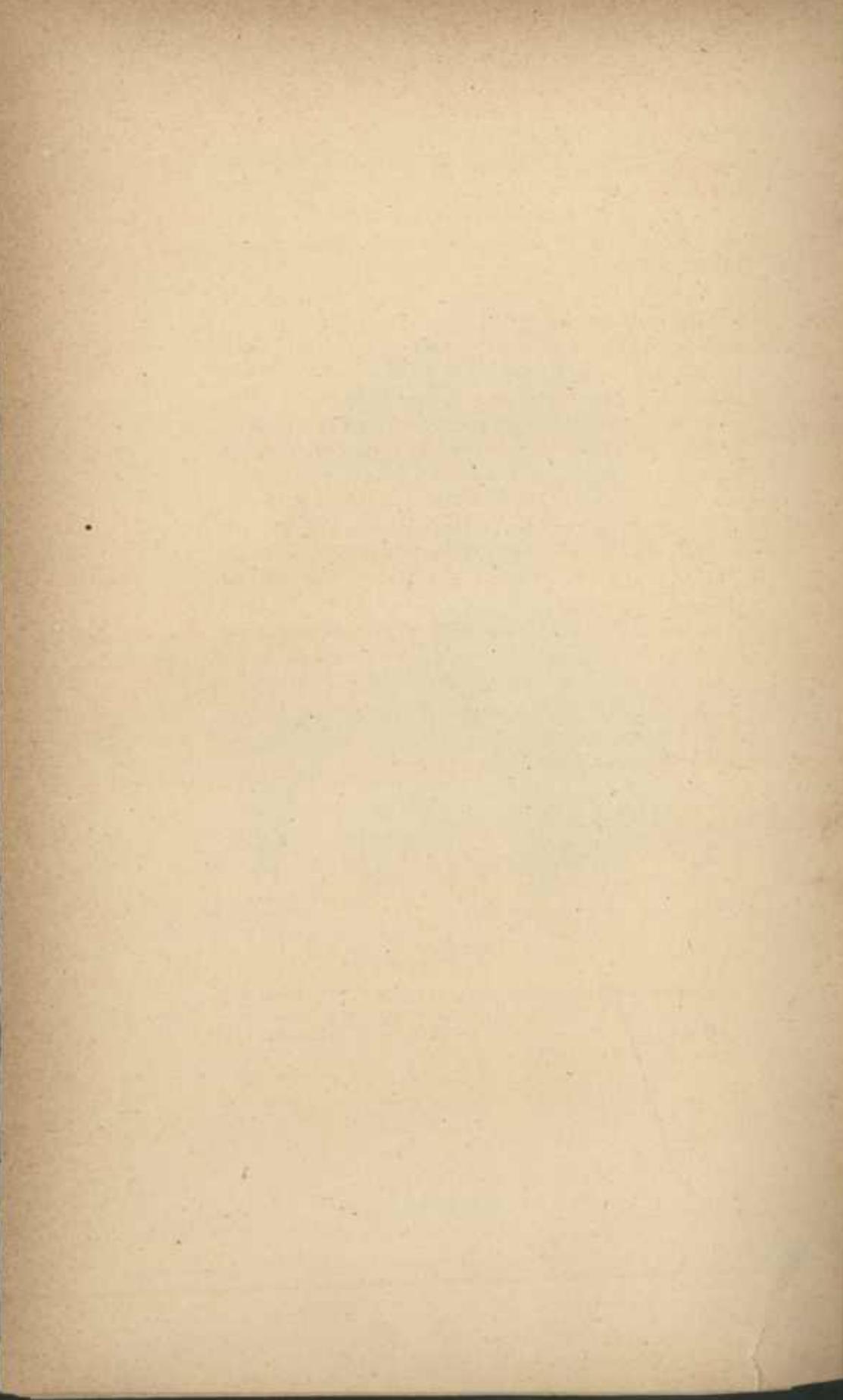




N.º 2



N.° 3



apertado á altura das mãos, ao contrario bastante salientes em os homens n.<sup>os</sup> 1 e 3<sup>1</sup>.

Os homens apresentam todos degenerações somáticas. Um tem um olho arruinado e padece talvez de lepra mutilante. A lepra tem um foco consideravel nas immedições da Alhandra. Outro tem um braço ankylosado e atrophiado (consequencia de tumor branco?) e ulceras nas pernas, tendo sido obrigado a deixar o officio de caldeireiro, a que se destinava, para se entregar á venda ambulante; outro padece do peito e é evidentemente muito fraco. No dynamometro de Collin marcou apenas a pressão de 30 kilogrammas com a mão direita e de 23 com a esquerda. O mais forte de todos (n.<sup>o</sup> 4) marcou a pressão de 64 com a mão direita e de 34 com a esquerda, differença explicada pelo facto de que padece de rheumatismo, que lhe tem aecommettido as articulações do braço esquerdo.

O homem n.<sup>o</sup> 3 apresenta uma notavel depressão ou obliquidade da fronte.

As gravuras 2 a 7 representam approximadamente um quarto do tamanho natural. Deve ter-se em vista que foram feitas sobre photographia em madeira, a que serviu de base um positivo sobre papel, apresentando as deformações irregulares desses positivos.

Eis agora os resultados das medições:

1. *Altura total (estatura):*

Mulheres	Homens	
1. <sup>a</sup> 1 <sup>m</sup> ,62	1. <sup>o</sup> 1 <sup>m</sup> ,73	} media 1 <sup>m</sup> ,715 <sup>2</sup>
2. <sup>a</sup> 1 <sup>m</sup> ,63	2. <sup>o</sup> 1 <sup>m</sup> ,69	
	3. <sup>o</sup> 1 <sup>m</sup> ,74	
	4. <sup>o</sup> 1 <sup>m</sup> ,70	

<sup>1</sup> Blumenbach dá o rosto dos tsiganos como estreito á altura das arcadas zygomáticas; ao contrario, G. Lagneau, fallando de bohemios dos Vosges, diz: «figure régulière maigre, mais assez courte, et large au niveau des pommettes». Art. cit., p. 21.

<sup>2</sup> Sobre a estatura dos tsiganos em geral, vid. p. 182 n. Os ciganos observados são de elevada estatura, assim como as mulheres.

2. *Indice cephalometrico:*

	Diam. ant.-post. max.	Diam. trans. max.	Indice
1.ª mulher	180 <sup>mm</sup>	144 <sup>mm</sup>	80
2.ª mulher	191	145	75,91
1.º homem	194	147	75,77
2.º homem	189	148	78,30*
3.º homem	186	150	80,65
4.º homem	201	150	74,62

Media dos indices cephalometricos: 77,54<sup>1</sup>

Eis a nomenclatura da estatura segundo Topinard (*Éléments*, p. 463-464):

	Homens	Mulheres
Estaturas elevadas	1 <sup>m</sup> ,70 e mais	1 <sup>m</sup> ,58 e mais
Estaturas acima da media	1 <sup>m</sup> ,69 a 1 <sup>m</sup> ,65	1 <sup>m</sup> ,57 a 1 <sup>m</sup> ,53 incl.
Estaturas abaixo da media	1 <sup>m</sup> ,65 a 1 <sup>m</sup> ,60	1 <sup>m</sup> ,52 a 1 <sup>m</sup> ,40
Estaturas baixas	1 <sup>m</sup> ,60 e menos	1 <sup>m</sup> ,39 e menos.

Tendo-me referido a p. 182, n. 1, ás variações da estatura sob acção das condições de vida, mencionarei um artigo recente, sobre o assumpto, de Zaborowski, *Les chemins de fer et l'accroissement de la taille in Revue scientifique*, t. I, pp. 302-306, 3 septembre 1892.

<sup>1</sup> A media dos indices cephalometricos (ou indice das medias cephalometricas?) de 13 tsiganos, dada por Topinard, *Éléments*, p. 409, é de 79,7.

Dois tsiganos da Alsacia medidos por Broca deram as seguintes cifras:

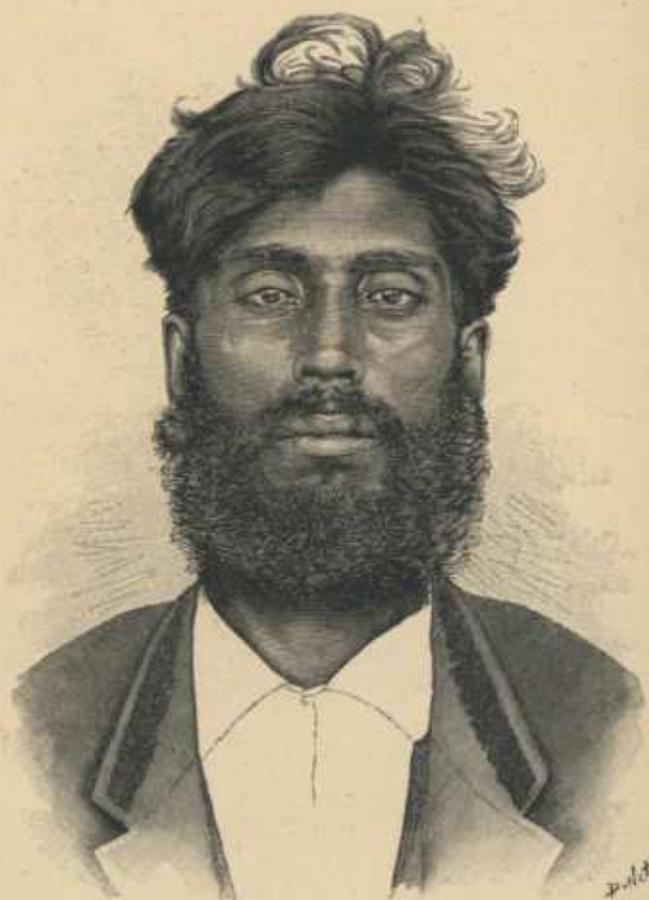
	Diam. ant.-post. max.	Diam. trans. max.	Indice
1 homem	191 <sup>mm</sup>	147 <sup>mm</sup>	78,96
1 mulher	177	146	82,48.

Segundo a nomenclatura dada por Topinard, *ob. cit.*, p. 371, o indice da dolichocephalia vae até 69, o da sub-dolichocephalia de 70 até 74, o da mesaticephalia de 75 a 79, o da brachycephalia de 80 a 90 e mais.

Os nossos 6 ciganos apresentam indices cephalometricos do limite da sub-dolichocephalia e mesaticephalia até ao minimo da brachycephalia.

Kopernicki achou o indice medio 77,40 em crancos tsiganos e de 80 em crancos de tsiganas. O indice cephalico medio de 10 crancos, medidos por Weleker, foi de 76,4; o de 9 crancos, medidos por A. Hovelaque, foi de 77,45.

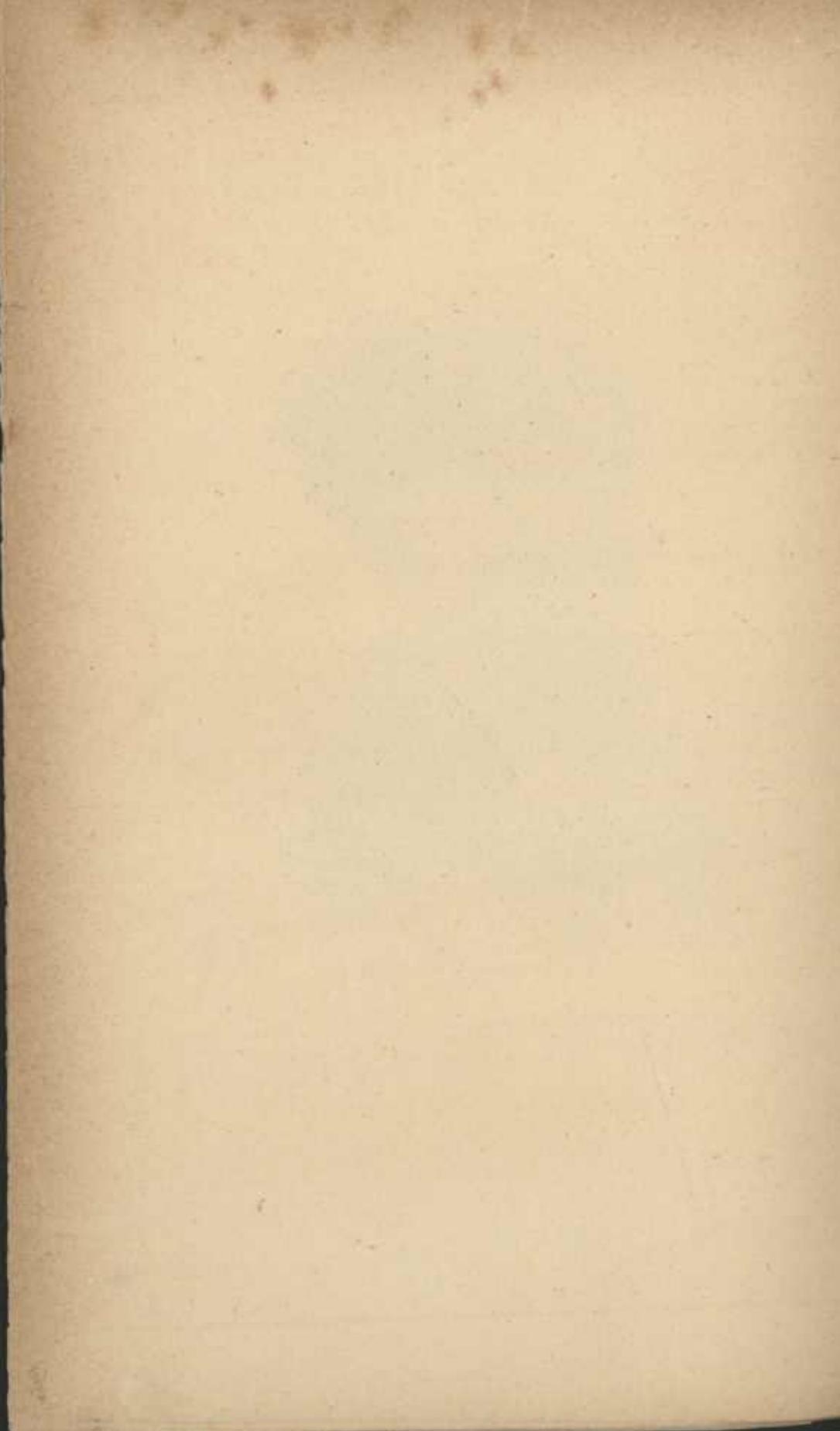




N° 4



N.º 5



3. *Indice nasal.* A altura do nariz é medida da espinha nasal á raiz do nariz. A largura é a maxima na base.

	Altura	Largura	Indice
1. <sup>a</sup> mulher	43 <sup>mm</sup>	35 <sup>mm</sup>	81,39
2. <sup>a</sup> mulher	50	29	58
1. <sup>o</sup> homem	49	39	79,59
2. <sup>o</sup> homem	48	29	60,41
3. <sup>o</sup> homem	50	29	58
4. <sup>o</sup> homem	47	36	76,59

Media dos indices nasacs 68,98.<sup>1</sup>

4. *Dimensões do rosto.*

	Distancia do mento á raiz do cabelo	Distancia zygonatica max.
1. <sup>o</sup> homem	188 <sup>mm</sup>	138 <sup>mm</sup>
3. <sup>o</sup> homem	180	135
4. <sup>o</sup> homem	189	126 <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Segundo os dados do indice nasal no vivo, distribue Topinard (*Eléments*, p. 303-304) as raças humanas em 3 grupos. O primeiro, o dos platyrhynios, com indice nasal medio de 108,9 a 89,1, comprehende todas as raças negras da Africa e da Oceania (incluindo os australianos); o segundo, o dos mesorhynios, com indice nasal medio de 81,4 a 69,3, comprehende as raças chamadas amarellas e vermelhas; o terceiro, o dos leptorhynios, com indice nasal medio de 69 a 63, comprehende só brancos. Os indices nasacs extremos notados por Topinard são 153 (um australiano) e 50 (um galtcha). Os nossos ciganos são pois individualmente mesorhynios (1.<sup>a</sup> mulher e homens n.<sup>os</sup> 1 e 4) ou leptorhynios (2.<sup>a</sup> mulher e homens n.<sup>os</sup> 2 e 3); mas pela media entram no quadro da leptorhynia. Topinard (*L'anthropologie*, 1877, p. 471) dá os tsiganos como leptorhynios; mas ao traçar a classificação referida (*Eléments*, p. 303) põe *hors cadre* 6 tsiganos com o indice nasal medio de 75,4, que os faz entrar na mesorhynia, conquanto theoreticamente devessem entrar na leptorhynia.

<sup>2</sup> Nos dois bohemios da Alsacia medidos por Broca a «largueur des pommettes» era no homem 133<sup>mm</sup>, na mulher 121<sup>mm</sup>; a distancia do mento á raiz do cabelo no homem, 178<sup>mm</sup>, na mulher 159<sup>mm</sup>.

5. *Distancia dos olhos. Abertura palpebral.*

	Distancia entre os angulos internos das palpebras.	Distancia entre os angulos externos das palpebras.	Abertura palpebral
1. <sup>a</sup> mulher	34 <sup>mm</sup>	94 <sup>mm</sup>	30 <sup>mm</sup>
2. <sup>a</sup> mulher	30	89	29
1. <sup>o</sup> homem	32	91	31
2. <sup>o</sup> homem	30	86	28
3. <sup>o</sup> homem	34	84	25
4. <sup>o</sup> homem	34	88	27 <sup>1</sup>

Ao redigir o esboço anthropologico dos ciganos estampado a pp. 181-185, servindo-me de notas tomadas por mim ou enviadas por meus amaveis collaboradores, surgiram-me duvidas que a urgencia do tempo não me permittiu desfazer com a rapidez necessaria para modificar o texto escripto. Escrevi de novo ao sr. A. Thomaz Pires, o qual com a sua habitual dedicação se poz de novo em campo e por si e por seu amigo o sr. Fr. Lobão Rasquilha obteve alguns dados que corrigem ou completam os que me tinha enviado relativamente ao typo physico dos ciganos.

Com respeito á estatura diz-me elle: «A minha altura é de 1<sup>m</sup>,65 e classificando-a de menos que regular<sup>2</sup>, entendia que os ciganos, mais altos do que eu, se podiam classificar de estatura regular. Mas não. Geralmente (ha excepções, encontram-se ciganos pouco mais ou menos da minha altura) são de estatura mais que regular, de 1<sup>m</sup>,70 para cima».

<sup>1</sup> Blumenbach achou estreito o intervallo das orbitas dos tsiganos que observou.

<sup>2</sup> Este modo de ver é que não é regular. Em geral os homens d'essa estatura consideram-se e são considerados de estatura regular, como já foi dito. Os homens muito altos só é que estarão dispostos a ver as coisas de modo diverso. Um correspondente de Evora, que não é baixo, diz nos tambem que a «estatura dos ciganos é a regular».





N. 6



164 & 165  
174 & 175  
255 & 256  
246a 251

N.º 7



Eis ainda outros esclarecimentos do meu infatigavel collaborador.

Ha excepcionalmente ciganos de cabellos loiros, sobraucelhas e barbas da mesma coloração. O meu amigo sr. Augusto Neuparth colheu tambem a noticia de ter sido vista no Alentejo nma rapariga de cabelo loiro e olhos azues, que fazia parte de um bando de ciganos, e nota-me que o adolescente do grupo de ciganos da nossa estampa n.º 1 tem olhos esverdeados.

Em muitos ciganos nota-se certo prognathismo ou saliencia do queixo inferior (vid. na estampa n.º 1 as raparigas tereira e quarta á direita).

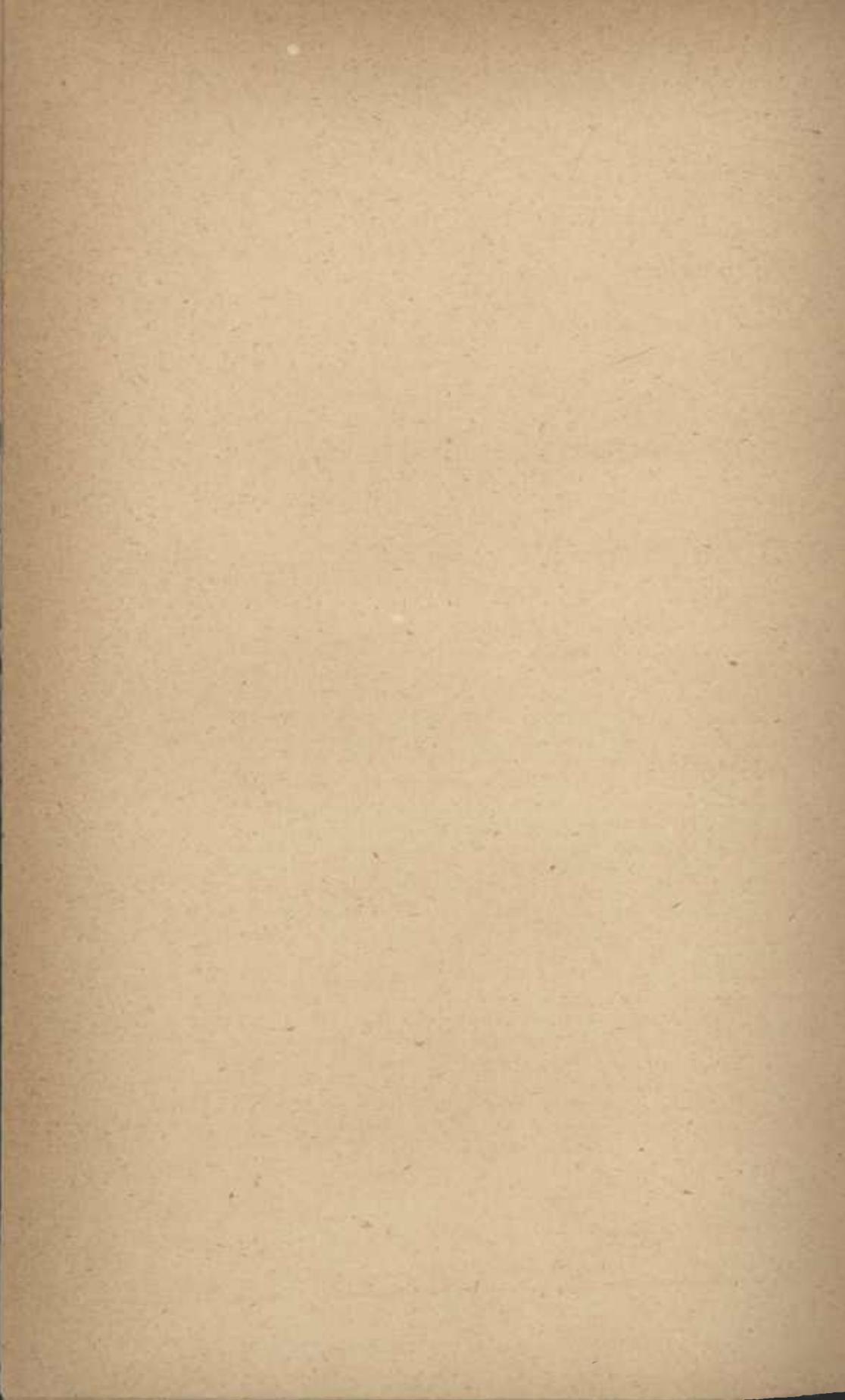
Não se encontram ciganos de cabelo naturalmente eucacolado ou frisado. Apenas as ciganas solteiras usam do caracoaes artificiaes feitos á mão na testa. Nunca o cabelo do cigano é encarapinhado<sup>1</sup>.

Os dados, por certo insufficientissimos, que reuui, permitem affirmar que os ciganos portuguezes não apresentam um typo perfectamente unitario; mas não deixam por isso de offerecer dentro de certos limites de variação caracteres raciaes importantes que se reproduzem nontros grupos tsiganos. Naturalmente os ciganos sedentarios, mais sujeitos a mestiçagem ou modificações resultantes do modo diverso de vida, sobretudo da influencia das cidades, não são os melhores exemplares para estudo, ainda que o proprio estudo d'essas modificações interesse. O exame dos ciganos nomades recommenda-se muito e a existencia de individuos loiros e de olhos azues entre elles excita deveras a nossa curiosidade. Trata-se do resultado de cruzamentos recentes ou ha aqui um phenomeno atavico cujas causas remontam muito alto, isto é, a cruzamentos já no proprio solo indico?

Todas as informações que sirvam para o estudo d'esse problema serão bemvindas.

---

<sup>1</sup> Alguns auctores attribuem aos tsiganos cabelo frisado; p. ex. Groom in *The Encyclopædia britannica*, t. x (1879), p. 617.



## ADDIÇÕES E CORRECÇÕES

Pag. 3, lin. 31. Em vez de—justifica—leia-se—justificam.

Pag. 4, lin. 15 e 16. Em verdade além das referencias nos documentos legislativos acréca da *geringonça* dos eiganos, ha uma allusão á lingua dos mesmos na passagem que transcrevi de Leitão de Andrada; mas nenhum auctor portugês que eu conheça colligiu anteriormente ao meu collaborador sr. Thomaz Pires termos d'essa lingua. O sr. P. Bartholomeu de Azevedo achou no cod. 840 do Archivo Nacional, do seculo xvii, a fl. 28, numa serie de anedotas insulsas, uma secção com o titulo: «Parvoisses Deluas tiradas por Ant.º Demendonça C.ºr nos 3 ou 4 annos que esteve em Eluas tomou por lembransa estas E da sua letra as terey», e entre ellas o seguinte:

«O Avou de fernão Roiz do amaral sendo Vreador foi lû Conde dos siguanos a Cam.ª Dar As graças aos Vreadores pelo auerẽ deixado Estar na cidade e despedrise e o tal Vreador lhe falou por senhoria e lhe pediu que se detinesse para se achar em hûas festas que a cidade fazia e lhe quis falar em siguano dizendo-lhe: não saia V. S. que temos hûas festas em que hade auer muito mufo Mufo lililao bandeira no grimpo pape amarela.—Convem a saber: touros gente de cavallo com guiões e lû comer que chamão entricla.»

Tanto quanto posso julgar, nenhum d'esses termos singulares *mufo*, *lililao*, *entricla*, é eiganos ou gitano. Ou a anedota é pura invenção ou o vreador se serviu de termos de alguma giria ou os forjou por sua conta e risco; sendo historica, tem a anedocta o merecimento de nos dar a conhecer um *aficionado* dos eiganos no seculo xvii.

Pag. 60, lin. 6. Uma nova leitura de Gil Vicente e Jorge Ferreira permittir-me-hia talvez ligar alguns dos termos populares d'esses auctores aos da giria posterior, sem tódavia se poder affirmar a existencia, aliás muito provavel, de uma giria portuguesa no seculo xvi. Assim o termo *galga*, dado como de giria por Monte Carmelo (vid. pag. 81) no sentido de fome, encontra-se já em Jorge Ferreira: «Porque? tamanha *galga* trazcis vos? não ha tanto daqui à cea.» *Ulysippo*, act. 1, sc. 3.

Pag. 61, lin. 27. *Moscovia* (coiro da Russia) não é termo de giria.

Pag. 73, col. 1, lin. 36. *Gabinardo*, termo antigo na lingua, não está talvez reduzido a novo termo de giria, apesar de *gabão* ser mais usado pelo povo.

Pag. 75, col. 2, lin. 28. Leia-se — s. m. — antes de — Homem alto.

Pag. 80, col. 1, lin. 3. *Basaruco* é, como se sabe, o nome de uma moeda asiatica de cobre; no seculo xviii era provavelmente já empregado como termo de giria, como hoje o é, e por isso incluído na lista de Paiva.

Pag. 80, col. 2, linha 9. *Chelpa* occorre já no seculo xvii:

Hora veja se presta;  
Os capotes de grã bem guarnecidos,  
Os rendados vestidos,  
Carapuças de felpa,  
Que custão bem de *chelpa*.

*Academia dos Singulares*, II, (1698), p. 413.

Pag. 82, col. 2, lin. 1. *Galfarro* encontra-se com a significação de rapacissimus no *Thesouro*, junto á *Prosodia* de Bento Pereira, p. 93 (3.<sup>a</sup> ed. 1661).

Pag. 81, col. 2.<sup>a</sup>, lin. 9. O verbo derivado *galrejar*, de *galrar*, encontra-se no *Dictionnarium latino-lusitanum* de Jeronymo Cardoso.

Pag. 83, lin. 28 e 31. Em vez de — *maribando* — leia-se — *marimbando*.

Pag. 84, col. 1, lin. 5. *Ugar* encontra-se como alteração popular de *egualar*. O povo diz: «Não é da minha *ugualha*», para significar — não é da minha condição social, meu igual. É provavel que em Paiva *ugar* seja essa alteração popular e não termo de giria.

Pag. 105, lin. 21. Em vez de — cogito — leia-se — cojito.

Pag. 116, lin. 17. Em vez de *sautoir* leia-se *sauterelle* (fausse équerre).

Pag. 132, lin. 35 (nota). Sobre a mudança de significação, vid. tambem G. von der Gabelentz, *Die Sprachwissenschaft, ihre Aufgaben, Methoden und bisherigen Ergebnisse* (Leipzig, 1891), p. 225-247.

Pag. 136, lin. 23. O enigma do gallo encontra-se na traducção franceza das *Piacevole notte* de Straparole (ed. Jannet, t. 1, p. 292 seg.) Aqui o jogo de palavras da versão portuguesa era impossivel; mas elle falta tambem na versão napolitana publicada no periodico *Giambattista Basile*, iv, 21, apesar das formas napolitanas o gallo tornarem aqui possivel esse jogo de palavras, que falta ainda noutras versões italianas citadas no mesmo periodico.

Pag. 140, lin. 34 (nota). Chegou-me recentemente ás mãos o escripto de Raoul de la Grasserie, *De la possibilité et des conditions d'une langue internationale*. Paris, 1892. O auctor critica o Volapük e o systema proposto pelo hispanhol Bonifacio Sotos Ochando no seu *Diccionario de lengua universal*, Madrid, 1860; a lingua que elle proprio propõe é fundada lexicologicamente sobre o grego.

Pag. 145, lin. 36 (nota). Sobre a *vis minima* na linguagem, vejã-se tambem as valiosas observações de G. Gröber, *Grundriss der romanischen Philologie*, I, 231 e segs. e de G. von der Gabelentz, *Die Sprachwissenschaft*, p. 191-195.

Pag. 157, lin. 1. *Ganiços* liga-se talvez a *ganizes*, peças (ordinariamente ossos, astragalos) de que se faz n<sup>o</sup> no jogo do cucarne.

Pag. 167, lin. 10, em vez de — *dos ciganos* — leia-se — *das Ciganas*.

Pag. 190, lin. 12. Em o n.º 1213 do *Elvense* (20 de setembro de 1892), fallando-se dos quadros (ex-votos), representando suppostos milagres, que se acham na igreja da Piedade em Elvas, diz-se: «Alli se vê a cigana — que passa por não ter religião — acurvada e de mãos postas ante o Senhor Jesus, agradecendo-lhe o te-lá livrado, e a uma sua irmã, de nnas sezões, que as assaltaram por occasião de virem de Evora assistir ás festas da Piedade. Lá está representada com o seu vestido de folhos, o seu chaile de cadilhos

e o seu cabello negro como asa de corvo; vendo-se, a distancia, a arvore, sob a qual, em pleno campo, a irnã deitada sobre mantas listadas, curte as maleitas.»

Este facto mostra, assim como outros, que não pode negar-se absolutamente a religiosidade aos ciganos, comquanto sejam naturalmente as formas inferiores da religião que elles attingem. Para o nosso povo, como para as ciganas que offerecem os seus ex votos, a Virgem e os santos são pouco mais de fetiches.

Só no momento em que mando para a imprensa a ultima prova desta folha é que me chega ás mãos a publicação do dr. H. von Wlislocki, *Volksglaube und religiöser Brauch der Zigeuner* (Münster, 1891), que sinto não poder já aproveitar.

Pag. 193, lin. 15. No Alentejo diz-se que o rei (o chefe superior) dos ciganos reside em Evora; mas nesta cidade mesma parece nada correr a tal respeito.

Pag. 223, lin. 26. Lê-se no *Diario de Noticias* de hoje, 8 de outubro de 1892 (n.º 9:619):

«Enterrou-se hontem no cemiterio dos Remedios, em Evora, o corpo de uma formosa cigana que falleceu naquella cidade.

«O cadaver foi conduzido e acompanhado por numeroso cortejo de ciganos.

«Antes de sair de casa houve as despedidas do costume entre aquella colonia, abraçando todos o cadaver e beijando-o, com uma musica de gemidos e gritos de dôr. Depois as mulheres da tribu fiaram saudando com os lenços até o cortejo desapparecer.»

Pag. 287, lin. 28. Chegou ha alguns dias a Lisboa, vinda do Brasil, uma quadrilha de tsiganos, gregos ou turecos, que parece serem parte dos pretendidos narcotisadores, e terem sido expulsos d'aquella republica. Eram treze mulheres, sete homens e vinte creanças. Dois dos homens traziam assás consideraveis quantias em oiro. Acamparam na Porealhota, a alguns kilometros de Lisboa, onde, diz-se, não commetteram nenhum roubo. Parece ser a mesma quadrilha que depois appareceu no Estoril, proximo de Cascaes, com mais uns dez individuos e que, mal recebida alli, se internou na direcção de Cintra.

## POST-SCRIPTUM

«In der Beschärkung zeigt sich der Meister.» Não foi na pretensão de ser mestre, mas no desejo de imitar os mestres no que esteja ao meu alcance, que tentei conformar-me ao aphorismo de Goethe.

Alguns leitores portuguezes (se os tiver) acharão no meu livro uma lacuna, de que aliás os preveni logo no começo: não me occupo do problema da migração ou migrações dos tsiganos. Apenas por um erro de methodo é que eu poderia num livro que tem apenas por objecto um ramo minimo d'essa raça occupar-me de semelhante problema, que só deve ser estudado á luz dos documentos que respeitam a todos os ramos d'ella e para que falta um elemento capital — o conhecimento da historia dos dialectos neo-hindus.

Ante os homens da sciencia não careço de me desculpar d'essa lacuna; careceria ao contrario de fazê-lo, se por ventura me abalançasse ao exame d'aquelle problema. Teuho, porém, de pedir indulgencia para a imperfeição da obra, resultante em primeiro logar da difficuldade das investigações d'esto genero em toda a parte e em especial neste país, em segundo da rapidez com que fui obrigado a prepará-la para a impressão e rever as provas, a fim de aproveitar uma occasião que não voltará provavelmente tão breve de a dar a lume, graças á auctorisação do estado para que a expensas suas fossem publicados os trabalhos destinados á X Sessão do Congresso dos Orientalistas.

Agradeço a todos os meus collaboradores já referidos o auxilio que tornou possível o meu estudo; aos srs. directores da Bibliotheca Nacional e do Archivo Nacional facilitarem-me as investigações nesses dois estabelecimentos por elles administrados com rara boa vontade; e ao meu amigo sr. A. Neuparth as suas excellentes photographias dos ciganos, que tornaram possível adornar o meu livro com uma parte graphica, que por certo honra os artistas a que foi confiada.

Não me despeço dos ciganos. Espero poder cedo ou tarde publicar um supplemento que preencha pelo menos parte das lacunas da presente obra, ao fechar a qual me acodem ao espirito, como ao abrir este *post-scriptum*, palavras do grande poeta philosopho:

Sch' ich die Werke der Meister an,  
Se sch' ich das, was sie gethan;  
Betracht' ich meine Siebensachen,  
So sch' ich, was ich hätt' sollen machen.

## INDICE

Introdução .....	1
I. — A lingua dos ciganos .....	7
II. — O calão e a lingua dos ciganos .....	55
III. — Esboço historico e ethnographico ...	163
Appendice I. — Documentos .....	229
Appendice II. — Os ciganos do Brasil .....	271
Appendice III. — Typo physico dos ciganos .....	289
Adições e correções .....	297
Post-scriptum .....	301

azul  
R.